



DANIEL ESTULIN

***A VERDADEIRA HISTÓRIA
DO CLUBE BILDERBERG***

A VERDADEIRA HISTORIA DO CLUBE BILDERBERG

Tradução de Ignacio Tofino e Marta-Ingrid Rebon

Daniel Estulin

Todos os direitos reservados

© Daniel Estulin, 2005

© pela tradução, Ignacio Tofino e Marta-Ingrid Rebon, 2005

© Editorial Planeta, S. A., 2005

Diagonal, 662-664, 08034 Barcelona (Espanha)

Primeira edição: setembro de 2005

Segunda impressão: setembro de 2005

Terceira impressão: outubro de 2005

Quarta impressão: outubro de 2005

Deposito Legal: B. 44.050-20050

ISBN 84-8453-157-0

Composição: Ormograf, S. A.

Impressão: Hurope, S. L.

Encadernação: Lorac Port, S. L.

Impresso na Espanha

Índice

Prólogo	5

Introdução	6

O ALVORECER DE UMA NOVA ERA: ESCRAVIDÃO TOTAL	6

1. O CLUBE BILDERBERG	13

2. O COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS (CFR)	49

3. A CONSPIRAÇÃO DOS ROCKEFELLER E A COMISSÃO TRILATERAL	89

4. PARA UMA SOCIEDADE SEM DINHEIRO EM EFETIVO	110

CHAMADA PARA A AÇÃO	148

Apêndice 1.	
CONVERSACÕES DAS REUNIÕES DO BILDERBERG	151

Apêndice 2	
A SOMBRA DO GOVERNO MUNDIAL	158

Apêndice 3.	
LISTA DOS PARTICIPANTES NA REUNIÃO DO CLUBE BILDERBERG EM 2005	173

Notas	177

Uma camarilha formada por alguns dos homens mais ricos, poderosos e influentes do Ocidente que se reúnem secretamente para planejar eventos que depois, simplesmente, acontecem.

The Time (Londres, 1977)

E difícil reeducar a pessoa que foi educada no nacionalismo. E muito difícil convencê-los de que renunciem a parte de sua soberania em favor de uma instituição supranacional.

Príncipe Bernardo, fundador do *Clube Bilderberg*

Prólogo

Todo aquele que esteja interessado em saber mais sobre os poderes factuais que governam o mundo e influenciam na vida de todos os seus habitantes ficará impressionado com este livro de Daniel Estulin.

Daniel e eu colaboramos durante anos perseguindo a Bilderberg, a organização secreta internacional integrada por líderes políticos, financeiros e corporações multinacionais.

Em muito do que tenho escrito sobre Bilderberg durante os últimos anos usei informação obtida pelo Danny. Sem sua ajuda, a American Free Press não poderia saber onde se celebraria a reunião do Clube Bilderberg em 2005.

O trabalho do Daniel é mais acadêmico que o meu. Cita os fatos em toda sua crueldade e credita suas fontes em notas. Eu improviso com o que sei diretamente de fontes procedentes de Bilderberg e confio-me ao julgamento da História que, até agora, tem sido amável comigo.

Aprendi muito sobre o Bilderberg lendo partes do manuscrito do Daniel antes de sua publicação. Se, depois de perseguir o Clube Bilderberg por toda a Europa e América do Norte durante trinta anos, o livro do Daniel ainda tem coisas a me ensinar, pode apostar que todo mundo aprenderá coisas nele e, além disso, achará essa aprendizagem fascinante.

Este livro lhe produzirá reações que irão da fascinação ao ultraje. E, assim que virar esta página, começará uma emocionante viagem pelos intestinos do Governo Mundial na sombra.

JIM TUCKER

INTRODUÇÃO

O alvorecer de uma nova era: Escravidão Total.

Neste livro pretendo contar parte da verdade de nosso presente e futuro próximo que ninguém traz a luz. A verdadeira história do Clube Bilderberg documenta a história desumana da subjugação da população por parte de seus governantes. O leitor assistirá ao nascimento de um Estado Policial Global que ultrapassa o pior pesadelo do Orwell, com um governo invisível, onipotente, que toma os fios da sombra, que controla o governo dos Estados Unidos, a União Européia, a OMS, as Nações Unidas, o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e a qualquer outra instituição similar. Tudo está aqui: a história do terrorismo promovido pelos governos, o atual controle da população através da manipulação e do medo e, do mais espantoso de tudo, os projetos futuros da Nova Ordem Mundial.

Sei que é certo que as pessoas e as organizações não são, nem absolutamente “más”, nem absolutamente “boas”. Sei que dentro delas, igual ocorre com cada um de nós, existem necessidades de sobrevivência, domínio e poder lutando contra as necessidades de filantropia e de amor para dominar seu comportamento. Mas, parece que no Clube Bilderberg prevalecem (embora não seja de forma absoluta) as necessidades de poder. Estes matizes de nenhuma maneira subtraem importância da terrível situação de alienação a que nos estão levando.

Sou consciente de que “os senhores do mundo” também farão coisas construtivas em sua vida (uns mais e outros menos); embora, como já se encarregam eles de fazer pública esta informação através dos meios de comunicação, evitei-a em meu livro: hei-me centrado nesse outro “lado obscuro” irreconhecível, secreto e perverso dos membros do Clube.

Também é evidente que algumas das pessoas que estão no poder têm ideais mais elevados e consistentes que as pessoas das quais falo neste livro. Muitos grandes empresários, políticos e, inclusive alguns de seus colaboradores, estão lutando para por limites a depravação do Bilderberg, alguns de fora, outros de dentro, embora, isso sim, todos de forma encoberta. Meu agradecimento para eles (pois supõem para mim uma grande fonte de informação e de animo) e a preocupação por sua segurança me impedem de desvelar seus nomes neste livro.

Tampouco este interesse por dominar o resto do mundo é uma novidade na história da Humanidade. Já antes outros o tentaram. Em antigas civilizações de nosso planeta houve escravidão e abusos por parte da elite dominante. Em épocas anteriores da História vimos medidas draconianas impostas sobre as nações, mas o que nunca se viu, foi um ataque como este aos direitos das pessoas e à democracia. O lado obscuro do Clube Bilderberg - a pior maldade a qual nunca enfrentou a Humanidade - esta entre nós, usa os novos e amplos poderes de coação e terror que a ditadura militar-industrial global requer, para acabar com a resistência e governar aquela parte do mundo que resiste a suas intenções.

O desenvolvimento das comunicações e da tecnologia, unido ao profundo conhecimento atual sobre engenharia (manipulação) da conduta, está favorecendo

que, o que em outras épocas foram só intenções sem consumação, hoje se estejam convertendo em realidade. Cada nova medida, por si só, pode parecer uma aberração, embora o conjunto de mudanças que formam parte do processo contínuo em curso constituem um movimento para a Escravidão Total.

Durante as últimas décadas os grandes psicólogos (Freud, Skinner, Jung...) foram utilizados, para os fins do governo mundial, através de institutos como Tavistock, ou Stanford, organismos colaboradores do Clube Bilderberg, embora não saibamos até que ponto foram estes informados dos objetivos de dominação mundial do Clube. As investigações e os ensaios sobre o comportamento humano foram demonstrando que a dominação deste não pode provir do castigo, nem dos reforços negativos, mas sim dos reforços positivos. Os reforços negativos, embora produzam, em certa medida, o comportamento desejado por quem o induz, vão inevitavelmente acompanhados de sentimentos de raiva, frustração e rebeldia nas pessoas a quem lhes aplica e por isso, esse tipo de técnicas caíram em desuso. Os poderosos têm descoberto que o reforço positivo é a única maneira de provocar nas pessoas, a quem lhes aplica, o comportamento desejado sem ressentimentos, nem rebeldia e de maneira estável.

O reforço positivo se está aplicando ao estilo dos conhecidos livros Admirável mundo novo, do Aldous Huxley, e Walden Dois, do B. E. Skinner: dar algo positivo às pessoas quando cumprem as normas impostas pelo Clube, mas fechando qualquer possibilidade de que estas normas se analisem ou se questionem.

Os senhores do mundo tentam fazer que a gente se sinta “bem” e “responsável” quando faz o que eles dispõem; durante os últimos trinta anos a população se tornou cada vez mais obediente e submissa (por exemplo, vemos ultimamente como se está promovendo o voluntariado, elogiando e “heroificando” aos que se unem a ele, embora seu fim último seja reduzir o mal-estar provocado na sociedade pelo desemprego e assim prevenir os “distúrbios sociais”).

Para saber até onde podem chegar, sem que a população se revolte, estão realizando múltiplos experimentos, como a atual campanha contra o tabaco. Que a gente fume ou não, não é algo tão importante para os governos como parece. Muito mais nefasto para a saúde da população são os gases que soltam os carros, contra os quais não se faz nada. Embora os técnicos que aplicam as campanhas antitabaco acreditem, fervorosamente, em sua necessidade; acima é só um experimento a mais, sobre a submissão da população, e sobre o qual devem estar bastante contentes com os resultados: observem o que ocorre no Metrô, ou no AVE, se a algum “louco” lhe ocorre acender um cigarro. Em seguida será observado como se se tratasse de um leproso e alguém lhe aproximará para lhe dizer, educadamente, que é proibido fumar. Observem também a cara de satisfação de quem faz o comentário: a mesma de quando tirava uma boa nota no colégio, ou quando ajuda alguém: a satisfação de ter concluído o seu dever e de sentir-se “apropriado” por formar parte do sistema.

Vocês podem recordar se esta atitude era habitual há vinte ou trinta anos? Em um nível muito mais profundo, dentro da sociedade civil, há um pacto, um pacto de silêncio e passividade. Talvez muitos se dêem conta de que não se pode defender a “democracia” destruindo-a, mas decidem calar e seguir com suas

cômodas rotinas cotidianas: o que ocorre não os afeta. O problema é que sim, os afeta. A batalha está se liberando neste preciso instante e a ditadura global - o Governo Mundial Único - vai ganhando.

O objetivo desta batalha é defender nossa intimidade pessoal e nossos direitos individuais, a pedra angular da liberdade. Implica ao Congresso dos Estados Unidos, a União Européia; os tribunais, as redes de comunicação, as câmaras de vigilância, a militarização da polícia, os campos de concentração, as tropas estrangeiras estacionadas em solo americano, os mecanismos de controle de uma sociedade sem dinheiro efetivo, os microchips implantáveis, o rastreamento por satélite GPS, as etiquetas de identificação por radiofrequência (RFID), o controle da mente, sua conta bancária, os cartões inteligentes e outros dispositivos de identificação que o Grande Irmão nos impõe e que conectam os detalhes de nossa vida a enormes bases de dados secretas do governo.

Consciência de Informação Total. Escravidão Total.

Estamos ante uma encruzilhada. Os caminhos que tomarmos agora determinarão o futuro da Humanidade e se entraremos no próximo século que vem como um Estado policial eletrônico global, ou como seres humanos livres, como consequência de uma conscientização maciça, que tenha lugar nos Estados Unidos, e no resto do mundo livre frente as atividades criminosas da elite global.

Bilderberg, o olho que tudo vê, o Governo Mundial à sombra, decide em uma reunião anual, completamente secreta, como devem levar-se a cabo seus diabólicos projetos. Quando se celebram estas reuniões, indevidamente, seguem-lhes a guerra, a fome, a pobreza, a derrocada dos governos, abruptos; surpreendentes mudanças políticas, sociais e monetárias. Tal regime depende absolutamente da capacidade do Clube para manter a informação silenciada e reprimida. Esse é seu tendão de Aquiles. Enquanto a gente descobre o jogo, o transe coletivo sobre o qual se baseia começa a vir abaixo. O capítulo sobre o Grande Irmão explica como o Grupo Bilderberg pretende nos manter submetidos, mediante o controle que exercem sobre a CE, as Nações Unidas e o governo dos Estados Unidos.

Para controlar nossa reação ante os acontecimentos criados, o Grupo Bilderberg conta com nossas respostas passivas e submissas e não se verá decepcionado enquanto nós, como mundo livre, sigamos respondendo como temos feito até agora.

Skinner, colaborador do Instituto Tavistock, organismo, por sua vez, colaborador do Clube Bilderberg, considera incompetente a população geral para educar seus filhos e propõe como sociedade ideal aquela em que os filhos são separados da família depois do nascimento e educados pelo Estado em centros nos quais vivem. Seus familiares só podem passar alguns momentos com eles (nunca em privado) e no caso, por exemplo, de querer comprar um presente, tem que comprar outros para os companheiros de seu grupo, de maneira que os pais acabam por sentir-se desvinculados de seus filhos. O Estado paga aos pais por seus filhos uma quantia estipulada. A Unesco foi criada com o objetivo expresso de

destruir o sistema educativo. Nossa resposta inadequada à crise e o que esperavam os engenheiros sociais do Tavistock.

Outra forma de manipulação da conduta, que utiliza o Clube Bilderberg, é conseguir que a gente obtenha algo que quer, em troca de renunciar outra coisa (principalmente a liberdade). Mais adiante explico como vai surgir uma onda de seqüestros infantis, promovidos por eles, para levar os pais a uma situação de insegurança e ansiedade tão terríveis, que eles mesmos solicitarão a implantação de microchips nas crianças, para tê-los permanentemente localizados. Este é um passo a mais para a Escravidão Total. A manipulação da população se levará a cabo através de um fluxo estável de notícias nos meios de comunicação sobre microchips e globalização. Os meios de comunicação do mundo são os veículos simbólicos mediante os quais o jogo de oferta e demanda de bens controla a população.

Entretanto, não terá que esperar que a “imprensa livre” dê a voz de alarme. Os meios de comunicação mundiais formam parte da elite globalizadora, como demonstro no capítulo “A verdadeira história do Clube Bilderberg”, uma organização ultra-secreta que segue sendo graças à cumplicidade da imprensa mundial.

Em um mundo materialista, no qual os exibicionistas se dedicam ao jornalismo e ao espetáculo (acaso há alguma diferença?), estes se auto censurarão e satisfarão os supostos interesses de seus amos e, frequentemente, com a astúcia do escravo, conseguirão agradá-los. Há poucas, ou nenhuma vantagem material na honestidade, ou nos princípios. As vantagens materiais dominam tudo, ponto.

Neste contexto, as palavras se usam não como argumentos em um debate, a não ser para acabar com a discussão. E falando da natureza humana, o poder corrompe.

Corrompe aos que o tem. E corrompe aos que procuram influenciar sobre os que o tem. Os meios de comunicação há muito que formam parte do mundo das elites. A imprensa livre é um mito porque é propriedade dos poderosos. Só quando for propriedade de muitos cidadãos anônimos será possível a existência de uma imprensa realmente livre, apoiada em nosso “direito a saber”. Esta é outra questão oculta: o pacto de silêncio, ativa ou passivamente. Os periódicos importantes, as rádios nacionais e as cadeias de TV se negam a cobrir o tema e não se atrevem a falar dele!

Essa é a principal justificação da existência de uma imprensa livre, apesar de todas as suas imperfeições manifestas. Essa é precisamente a razão pela qual ditadores, oligarcas, juntas militares, imperadores e tiranos, ao longo da História procuraram censurar o debate e sufocar a livre disseminação de opiniões e informação. Por isso o Grupo Bilderberg, a Comissão Trilateral, a Mesa Redonda, o Conselho de Relações Exteriores, a Comissão Européia, as Nações Unidas, o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Clube de Roma e centenas de organizações preferem levar a cabo suas gestões a favor do público em privado. Os gerifaltes não querem que saibamos o que planejam fazer conosco.

O totalitarismo é uma solução patológica a uma vida insegura e atomizada, de maneira que permite vender a vontade imagens demagógicas à populações

desmoralizadas. Este fato geral foi facilmente entendido pela força diretriz onipresente em organismos multinacionais como a Comissão Trilateral, o FMI, o secreto Conselho de Relações Exteriores e outras entidades corporativas-financeiras-estatais, que formam parte de uma “rede universal” junto com o Grupo Bilderberg, que é o tumor dominante do sistema entrelaçado (que funcionava antes do retorno a um futuro “sem alternativa”).

Manter a maioria da população em um estado contínuo de ansiedade interior funciona, porque a gente está muito ocupada, assegurando nossa própria sobrevivência, ou lutando por ela, assim como, para colaborar na constituição de uma resposta eficaz. A técnica do Clube Bilderberg, repetidamente utilizada, consiste em submeter a população e levar a sociedade a uma forte situação de insegurança, angústia e terror, de maneira que a gente chegue a sentir-se tão transbordada, que peça aos gritos, uma solução, seja qual for. Explicarei detalhadamente neste livro como aplicaram esta técnica com as faixas nas ruas, as crises financeiras, as drogas e o atual sistema educacional.

Não esperemos, pois, castigos, nem agressões claras e explícitas por parte dos senhores do mundo sobre a população em geral (sim sobre pessoas concretas), pelo menos até que consigam reduzir a população até o nível que eles consideram “maneável” e estejam seguros de não perder o controle sobre ela. Sua tática, por hora, é muito mais sutil e matreira; estão utilizando o conhecimento de todos os “grandes cérebros” do último século para conseguir seus objetivos: a submissão absoluta da população.

O Clube Bilderberg está lutando por romper a fortaleza psicológica do indivíduo e deixá-lo sem defesas. Um dos muitos meios para conseguir este propósito está sendo a insistência atual em potencializar o trabalho em equipe na educação e no âmbito trabalhista, de maneira que nos acostumemos a renunciar as próprias idéias em benefício do grupo. Cada vez são menos os que defendem o pensamento individualista e crítico. Estamos chegando a uma situação em que os “lobos solitários” começam a sentir-se envergonhados de sua existência. Com respeito ao âmbito educativo, também é imprescindível dar a conhecer que os estudos realizados pelo Clube Bilderberg demonstram que conseguiram baixar o Coeficiente Intelectual da população, obrigando principalmente a redução da qualidade do ensino planejado e executado faz anos pelo Clube; embora, é óbvio, publicamente se lança periodicamente a notícia de que o Coeficiente Intelectual médio esta subindo. Eles sabem que, quanto menor o nível intelectual dos indivíduos, menor é a sua capacidade de resistência ao sistema imposto. Para conseguir isto, não só manipularam os colégios e as empresas, mas sim se apoiaram em sua arma mais letal: a televisão e seus “programas sem qualidade” para afastar a população de situações estimulantes e conseguir assim adormecê-la.

O objetivo final deste pesadelo é um futuro que transformará a Terra em um planeta-prisão mediante um Mercado Único Globalizado, controlado por um Governo Mundial Único, vigiado por um Exército Unido Mundial, regulado economicamente por um Banco Mundial e habitado por uma população controlada mediante microchips, cujas necessidades vitais se reduziram ao materialismo e a

sobrevivência: trabalhar, comprar, procriar, dormir, tudo conectado a um ordenador global que fiscalizará cada um de nossos movimentos.

Porque quando você compreender o que ocorre, começará a entender que muita gente importante - gente na qual acredita, que admira, a que busca para que o guie e a qual tenta apoiar —, gente que você acreditava, que trabalhava para nós, a favor da liberdade (os líderes escolhidos democraticamente, os delegados europeus não escolhidos pelo povo, os líderes da sociedade civil, a imprensa), todos os que deveriam proteger zelosamente nossa liberdade, na realidade trabalham para eles, a favor de interesses que pouco tem a ver com a liberdade.

Sivanandan, diretor do Instituto de Relações Raciais, disse: “A globalização estabeleceu um sistema econômico monolítico; o 11 de setembro ameaça, engendrando uma cultura política monolítica. Juntos, supõem o fim da sociedade civil.” É o nascimento da Escravidão Total.

A UE não é imune a esta nova ideologia, mas sim ajuda a formá-la. Os governos europeus conspiraram para obter o que cinicamente se chama “luta contra o terrorismo”, com o vergonhoso bombardeio e posteriores sequelas no Afeganistão e Iraque, acontecimentos que se venderam a uma população desmoralizada e abatida como sendo atos patrióticos cheios de entusiasmo.

Como ocorre com todos os valentões, a maior ameaça à vida provém do próprio sistema de terror que se supõe que protege aos cidadãos do mesmo. Ou seguimos acreditando nas mentiras propagadas pelos políticos e pelos meios de comunicação, que dizem que a guerra do Afeganistão se tem feito para defender a liberdade, acabar com o talibã, capturar ao Bin Laden e estabelecer a democracia e a igualdade de direitos? Benjamim Disraeli, primeiro-ministro da Inglaterra, apontou que “o mundo é governado por personagens muito distintos do que pensam os que não estão entre bastidores”.

Desde 1994, quando David Rockefeller exigiu que se acelerassem os planos para o impulso final da conquista global, toda a população do planeta se viu afligida com uma crise financeira e ambiental, uma após outra; paralisada por um terror de baixa intensidade; uma técnica, conforme demonstro neste livro, usada com frequência pelos engenheiros sociais, como condição necessária, para manter seus sujeitos em um desequilíbrio perpétuo. A Nova Ordem Mundial se alimenta de guerras e sofrimento; de descabros financeiros e crises políticas, para manter a expansão de seu esmagador movimento. Apóia-se no medo da gente à liberdade.

Por isso, no caso do Afeganistão e Iraque, logo que pareça que terminou a guerra já se ouvem vozes que perguntam: “Quem será o seguinte?” Irã, Síria, China, Rússia.

As armas são nosso pão de cada dia. Obtêm-se benefícios das guerras grandes e das pequenas. Ordem Mundial Única. Escravidão Total. “O terror armado”, nas palavras do professor John McMurtry da Universidade Guelph do Canadá, “não é o essencial, a não ser o acessório do significado do novo totalitarismo. É uma forma de governo muito mais eficaz que o terror apoiado na força militar que é mais direto, mas, expõe o sistema a outra forma de resistência”.

A História nos ensina por analogia, não por identidade. A experiência histórica não implica estar no presente e olhar para trás. Mais bem implica olhar ao

passado e voltar para o presente com um conhecimento mais amplo e mais intenso das restrições de nossa perspectiva anterior.

A placa 79 dos Desastres da guerra, de Francisco de Goya, mostra a donzela Liberdade tombada de barriga para cima, com o peito descoberto. Umas figuras fantasmagóricas jogam com o cadáver, enquanto uns monges cavam sua tumba. A verdade morreu. Morreu a verdade. Como soa esta perspectiva? Não depende de Deus libertarmo-nos da “Nova Era Obscura” prevista para nós. Depende de nós. Temos que levar a cabo as ações necessárias. A pessoa precavida vale por duas. Nunca encontraremos as respostas adequadas se não formos capazes de formular as perguntas apropriadas.

CAPÍTULO 1

O Clube Bilderberg

— Eu gostaria de falar com você - disse alguém.

Girei-me instintivamente para a direita, embora não visse ninguém. O cavalheiro que requeria minha companhia estava atrás de mim, e diria, usava meu ombro direito como refugio.

— Fique sentado, por favor - sussurrou-me sua sombra.

— Perdoe-me, mas não estou acostumado a que me dêem ordens, especialmente alguém a quem não conheço - respondi com resolução.

— Senhor Estulin, sentimos invadir seu espaço, é que nos gostaríamos muito de falar-lhe - disse o primeiro cavalheiro, estendendo uma flácida mão com a esperança de que decidisse estreitá-la. Devo dizer que lhe pedimos a máxima discrição.

Por suas piruetas lingüísticas deduzi que esse inglês tinha sido aprendido em um desses colégios elitistas britânicos ou, possivelmente, com um tutor privado.

— Como sabe meu nome? Não recordo haver-lhe dito.

— Sabemos bastante de você, senhor Estulin.

Podia perceber que o misterioso cavalheiro começava a sentir-se mais relaxado em minha companhia.

— Por favor, sente-se - disse em um tom mais cálido, aceitando também a distensão do momento.

O homem baixou o olhar, tirou uma cigareira de um dos bolsos de sua elegante americana e começou a examinar. Eu me recostei em meu tamborete esperando que um dos dois rompesse o silêncio.

— Por exemplo, sabemos que está aqui para cobrir a conferência Bilderberg.

Que estive nos seguindo durante muitos anos. Que de algum jeito parece conhecer com muita antecipação a localização exata de cada encontro, quando a maioria dos participantes não sabe até uma semana antes. Que, com toda a confidencialidade com a qual nos movemos, você parece saber do que falamos e quais são nossos planos futuros. Você, senhor Estulin, chegou a condicionar a eleição de alguns de nossos participantes. Em um momento dado, pensamos que já o tínhamos; presumimos que tínhamos detectado seu contato no interior. Se você tivesse falhado em suas predições sobre nós, esse participante teria graves problemas pessoais. Felizmente para ele, você acertou.

“Acerto do Kent, pensei”.

— Como se inteira de tudo isso? - perguntou o acompanhante de meu interlocutor.

— Isso é um segredo profissional - repliquei laconicamente.

Nesse momento, aproveitei para me fixar nos dois tipos. O segundo tinha os ombros largos; o cabelo loiro; grosso bigode; enormes sobrancelhas arqueadas; uma diminuta boca, que se dobrava geometricamente para formar um sorriso aceitável e um temperamento nervoso. Seu grosso bigode e seu gordo nariz se esticavam cada vez que falava.

Detrás de nós, formando parte de uma incompreensível horda de turistas galeses, sentava-se um homem barbudo e chateado que levava luvas de pele e um chapéu de viagem. Parecia ser todo um amante da música, ou ao menos isso, e o que dizia a todo mundo, uma mulher gorda, com um enorme lunar no queixo.

— É você todo um enigma.

Meu misterioso interlocutor trocou a posição de suas roliças pernas, introduziu sua mão direita no bolso da calça, deixando entrever uma corrente de relógio, que percorria parte de seu colete e disse em um tom profissional:

— Então, me diga, por que segue à todas as partes? Você não trabalha para nenhum periódico conhecido. Seus artigos incomodam nossos membros. Vários congressistas americanos e alguns membros do Parlamento do Canadá tiveram que cancelar sua assistência ao nosso encontro anual, porque você tirou à luz sua participação.

“Você não vai nos vencer. Não é capaz de fazê-lo - sussurrou o segundo tipo. O Clube Bilderberg, senhor Estulin, é um foro privado, no qual participam alguns membros influentes de nossa comunidade empresarial. Também convidamos alguns políticos a que compartilhem conosco suas experiências pessoais e profissionais. Tudo isso fazemos com a esperança de conjuntar as necessidades dos povos do mundo e a política de altos vôos. De nenhuma maneira tentamos influir nos governos, em sua política ou em sua tomada de decisões.

— Não me escangalhe! - respondi bruscamente. Podia sentir como esticavam os músculos do pescoço e da mão - E eu acredito que Kennedy foi assassinado por extraterrestres; que Nixon foi defenestrado por sua avó; e que a crise do petróleo de 1973, foi provocada pela Cinderela! Se não tivesse sido por nós, o Canadá formaria agora parte do Grande País dos Estados Unidos. Diga-me, por que assassinaram ao Aldo Moro?

— Sabe que não lhe podemos dizer nada, senhor Estulin. Não vim aqui para discutir com você.

Em uma mesa redonda perto da janela, dois turistas alemães, um encostado com os olhos chorosos e o primo do barman jogavam cartas muito entretidos.

Em uma mesa adjacente, sentava-se um homem maior, míope, calvo e gordo que usava um traje cinza, muito grande para sua envergadura. Levava uns enormes óculos de concha; sua cara corada se achava escondida atrás da sombra da que foi, em outro tempo, uma grossa barba negra. Um bigode cinzento, um tanto descuidado, rematava sua face. Pediu rum, preencheu seu cachimbo e ficou a observar distraído o jogo.

Pontualmente, às onze e quarenta e cinco, esvaziou o cachimbo, meteu-o no bolso da calça, pagou o rum e partiu em silêncio.

— Seria muito lhe pedir que mantivesse esta conversação na mais estrita confidencialidade?

— Não estou acostumado a fazer esse tipo de promessas, especialmente em relação ao Clube Bilderberg.

Surpreendi a mim mesmo desfrutando do enfrentamento, com a esperança de que o primeiro tipo perdesse os nervos.

O primeiro tipo soltou uma argumentação de vários minutos sobre as virtudes da colaboração entre as nações, as crianças famintas da África e outras comeduras de coco pelo estilo.

Tentei me concentrar no que dizia, mas logo me vi observando a cara do segundo tipo. Sorria com expressão ausente ou lambia o bigode.

Quando a voz do primeiro tipo cresceu até alcançar a ressonância de um trovão, voltei para a realidade.

—... e podemos lhe compensar por seu tempo perdido, senhor Estulin. Que condições põe?

Uma enorme lua iluminou as árvores da rua. Os semáforos se uniram-lhe com seu brilho. Podia-se ouvir o apagado rumor dos restaurantes das cercanias e os latidos de alguns cães. Permanecemos, os três, em silêncio durante alguns minutos.

Notei que o segundo tipo, apoiado na borda de seu tamborete, custava manter-se em silêncio. Sem dúvida estava tentando compor uma pergunta ou comentário inteligente. O primeiro homem brincava com seu cigarro, em atitude reflexiva. Seus olhos pareciam olhando o cigarro, mas estavam absortos no vazio.

— Meu silêncio tem as seguintes condições: quereria que os futuros encontros Bilderberg se anunciassem publicamente com livre acesso a qualquer jornalista que quera assistir. O conteúdo de todas as conferências deveria ser público, assim como a lista de participantes. E, por último, prescindam da CIA, as armas, os cães, a segurança privada e, o mais importante, de seu secretismo!

— Sabe perfeitamente, senhor Estulin, que não podemos fazer isso. Há muito em jogo e já é muito tarde para esse tipo de câmbio.

— Então, meu senhor - repliquei —, terão que me aguentar até o final.

No salão vizinho um piano emitiu uma rápida sucessão de notas misturadas com o surdo som de vozes e risadas de uns meninos.

Um grande espelho refletiu por um momento os brilhantes botões do colete do primeiro homem.

— Então, boa noite, senhor Estulin.

O primeiro tipo não perdeu, nem por um instante, suas boas maneiras. Na realidade, era esquisito no trato. “Por isso terão enviado a ele”, supus.

Possivelmente, em outras circunstâncias, pudéssemos chegar a ser bons amigos. O segundo tipo respirou profundamente e, com seu chapéu entre as mãos, seguiu os passos de seu chefe.

Só ficaram no vestíbulo do hotel duas mulheres com cara sonolenta e um viajante com a barba tingida e um colete de veludo negro, sobre uma camisa branca estampada.

“É estranho que se preocupem comigo”, pensei. Tinha sido uma experiência tremenda. Só então me dava conta de quanto se achava em jogo. Não tinha sido uma mera conversação entre seu emissário e eu. Os dois homens cruzaram a praça e desapareceram na noite. Sentia que meu corpo ficava mal, embora minha determinação fosse a de sempre. Agora sabia que, desde aquele momento, minha vida estaria permanentemente em perigo.

Imagine um clube onde os mais importantes presidentes, primeiros ministros e banqueiros do mundo se mesclam entre si; onde a realeza está presente para

assegurar-se de que todo mundo vai bem; onde a gente poderosa, responsável por iniciar as guerras, influir nos mercados e ditar suas ordens, diz à Europa inteira o que nunca se atreveu a dizer em público.

O livro que tem entre as mãos pretende demonstrar que existe uma rede de sociedades secretas que planeja por a soberania das nações livres sob o jugo de uma legislação internacional administrada pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Esta rede está dirigida pelo mais secreto dos grupos: o Clube Bilderberg. A razão de que ninguém queira descobrir esta conspiração e opor-se a ela é, nas palavras do jornalista francês Thierry de Segonzac, co-presidente da Federação da Indústria do Cinema, dos Meios Áudio-visuais e Multimídia, muito simples: “Os membros do Clube Bilderberg são muito poderosos e onipresentes para desejar ver-se expostos dessa forma.”

Qualquer mudança de regime no mundo; qualquer intervenção sobre o fluxo de capitais; qualquer modificação no estado do bem-estar é plausível, se em um desses encontros seus participantes o incluem em sua agenda. [1] Segundo Denis Healy, ex-ministro da Defesa britânico: “O que passa no mundo não acontece por acidente: há quem se encarregue de que ocorra. A maior parte das questões nacionais ou relativas ao comércio estão estreitamente dirigidas pelos que tem o dinheiro.”

Os sócios do Clube Bilderberg decidem quando devem começar as guerras (não em vão, ganham dinheiro com todas elas); quanto devem durar (Nixon e Ford foram defenestrados por acabar a guerra do Vietnã demasiado cedo); quando devem acabar (o Grupo havia planejado o fim das hostilidades para 1978); e quem deve participar. Eles decidem as mudanças fronteiriças posteriores, e também quem deve se beneficiar da reconstrução. [2] Os membros do Bilderberg “possuem” os bancos centrais e, portanto, estão em posição de determinar os tipos de interesse, a disponibilidade do dinheiro, o preço do ouro e que países devem receber quais empréstimos. Simplesmente movimentando dinheiro, os sócios do Bilderberg, ganham bilhões de dólares. Sua única ideologia é a do dólar e sua maior paixão, o poder!

Desde 1954, os sócios do Clube Bilderberg representam a elite de todas as nações ocidentais - financeiros, industriais, banqueiros, políticos, líderes de corporações multinacionais, presidentes, primeiros ministros, ministros de Finanças, secretários de estado, representantes do Banco Mundial, da OMC e do FMI; executivos dos meios de comunicação e líderes militares —, um governo na sombra, que se reúne em segredo, para debater e alcançar um consenso sobre a estratégia global. Todos os presidentes americanos, desde Eisenhower, pertenceram ao Clube. Também, Tony Blair, assim como a maioria dos membros principais dos governos ingleses; Lionel Jospin; Romano Prodi, ex-presidente da Comissão Européia; Mario Monti, comissário europeu da Competência; Pascoal Lamy, comissário de Comércio; Jose Durão Barroso; Alan Greenspan, chefe da Reserva Federal; Hillary Clinton; John Kerry; a assassinada ministra de Assuntos Exteriores da Suécia, Anna Lindh; Melinda e Bill Gates; Henry Kissinger; a dinastia Rothschild; Jean Claude Trichet, o cabeça visível do Banco Central Europeu; James Wolfenson, presidente do Banco Mundial; Javier Solana, secretário geral do

Conselho da Comunidade Européia; o financista George Soros, especulador capaz de fazer cair moedas nacionais em seu proveito; e todas as famílias reais da Europa.

Junto a eles sentam-se os proprietários dos grandes meios de comunicação.

Sim, também pertencem ao Grupo as pessoas que controlam tudo o que lê e vê, os barões dos meios de comunicação: David Rockefeller; Conrad Black, o agora caído em desgraça, ex-proprietário de 440 meios de comunicação de todo o mundo, desde o *Jesuralém Post*, ao principal jornal do Canadá, *The National Post*, Edgar Bronfman, Rupert Murdoch e Sumner Redstone, diretor do Viacom, um conglomerado mediático internacional que aglutina virtualmente todos os grandes segmentos da indústria da comunicação. Por essa razão nunca ouviu falar antes do Clube Bilderberg.

Para onde olhar - governos, grandes negócios, ou qualquer outra instituição que exerça o poder - verá uma constante: o secretismo. As reuniões da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), do G-8, da Organização Mundial do Comércio (OMC), do Fórum Econômico Mundial, dos bancos centrais, dos ministros da União Européia e da Comissão Européia, tem sempre lugar à porta fechada. A única razão que pode existir para isso é que não querem que você, nem eu, saibamos o que trazem entre as mãos. A já clássica desculpa, “não é do interesse geral”, significa realmente que “não lhes interessa” que o grande público se informe devidamente. Mas, além desses encontros supostamente públicos, existe toda uma rede de cúpulas privadas que desconhecemos por completo. [3]

Em fevereiro tem lugar o Foro Econômico Mundial de Davos; o G-8 e o Bilderberg, em abril/maio; a conferência anual do Banco Mundial/FMI, em setembro. De tudo isso emerge um curioso consenso internacional que, na aparência, ninguém dirige. Este consenso é a base dos comunicados econômicos do G-8, a plasmação prática dos programas de ajuste da Argentina e tudo o que o presidente americano propõe ao Congresso. [4]

Em 2004 se cumpre o 50º aniversário do Grupo, que se constituiu de 29 aos 31 de maio de 1954, em um hotel da localidade holandesa de Oosterbeek, o Bilderberg, que acabaria dando seu nome à sociedade. O organizador do evento foi o príncipe Bernardo de Holanda. O rascunho das atas de Bilderberg de 1989 diz: “Esse Encontro pioneiro pôs de manifesto a crescente preocupação de muitos insígnis cidadãos de ambos os lados do Atlântico, de que Europa Ocidental e EE.UU. não estavam trabalhando coordenadamente em assuntos de importância crítica.

Chegou-se a conclusão de que uns debates regulares e confidenciais ajudariam a um maior entendimento das complexas forças que dirigiam o futuro do Ocidente no difícil período do pós-guerra.”

Segundo o fundador, o príncipe Bernardo de Holanda, cada participante é “magicamente despojado de seus cargos” ao entrar na reunião para ser “um simples cidadão de seu país durante toda a duração do congresso”.

Por outra parte, um dos membros mais importantes do Clube Bilderberg foi Joseph Rettinger, um sacerdote jesuíta e maçom de grau 33. Dele se diz que foi o autêntico fundador e organizador do Clube. Por estranho que pareça, muito poucas

agências de inteligência ouviram falar do próprio Clube Bilderberg até faz bem pouco.

Lorde Rothschild e Laurance Rockefeller, membros chave de duas das mais poderosas famílias do mundo, escolheram pessoalmente a 100 participantes procedentes da elite mundial com o propósito secreto de mudar a Europa. Em palavras do Giovanni Agnelli, o agora falecido presidente da Fiat: “Nosso objetivo é a integração da Europa; onde os políticos fracassaram, nós, os industriais, vamos ter êxito.”

“Não se faz nenhuma política, só se mantém conversações banais e de obviedade - disse o editor do London Observer, Will Hutton, que participou do encontro em 1997 -, mas o consenso ao qual se chega é a cortina de fundo da política que se faz em todo o mundo.”

O príncipe Bernardo de Holanda, pai da rainha Beatriz e íntimo do príncipe Felipe de Grã-Bretanha, acrescenta que “quando os representantes das instituições ocidentais abandonam a reunião levam consigo o consenso do grupo.

Estes debates limam diferenças e conseguem chegar a posições comuns, por isso tem uma grande influência sobre seus participantes”. O que costuma ocorrer, “quase por acaso”, é que a partir desse consenso os onipotentes interesses comerciais e políticos, através dos meios de comunicação, conseguem que a política dos governos seja a mesma, mesmo que seus interesses particulares sejam ostensivamente diferentes.

A lista de convidados

Ninguém pode comprar um convite para um dos encontros Bilderberg, embora muitas multinacionais tentassem. [5] É o comitê diretor quem decide a quem convida. O que o periódico londrino *The Guardian* denomina “um bilderberger” não mudou nos últimos cinquenta anos: um socialista fabiano*, partidário entusiasta de uma ordem mundial única.

[* O socialismo Fabiano é um movimento de socialismo utópico de corte elitista que toma seu nome do Fabio, o general romano que enfrentou ao Aníbal e o conteve sem enfrentar-se a ele, à espera de que chegasse o momento oportuno. Os socialistas fabianos propunham a expansão das idéias socialistas através de uma paciente e progressiva instilação da ideologia socialista entre os círculos intelectuais e de poder.]

Segundo uma fonte do comitê diretor do Grupo, «os convidados devem vir sozinhos, sem esposas, amantes, maridos ou noivos. Os "assistentes pessoais" (quer dizer, guarda-costas fortemente armados, normalmente ex-membros da CIA, do MI6 e do Mossad) não podem assistir às conferências e devem comer em um aposento à parte. Nem sequer o "assistente pessoal" do David Rockefeller pode acompanhá-lo durante o almoço. Fica explicitamente proibido que os convidados concedam entrevistas aos jornalistas».

Para manter sua aura de hermetismo, os participantes alugam um hotel completo durante toda a duração do congresso, normalmente de três a quatro dias.

Agentes da CIA e do Mossad encarregam-se de limpar até a última dependência.

Revisam-se os planos do estabelecimento, investiga-se ao pessoal e manda-se à casa a qualquer um que levante a mínima suspeita.

«Agentes de polícia com uniformes negros inspecionam com cães cada um dos veículos de fornecimentos. Não fica nada para remover e depois escoltam aos transportadores até a entrada. Guardas armados patrulham os bosques colimitados e gorilas com microfones vigiam todos os acessos. Qualquer que se aproxime do hotel sem possuir uma parte do globo terrestre é devolvido por onde veio.» [6]

O governo nacional anfitrião se responsabiliza pela segurança dos assistentes e de seu entorno. Isso inclui um generoso desdobramento de militares, membros dos serviços secretos, agentes da polícia local e nacional e guardas privados. Nada é muito para proteger a intimidade e a segurança dos todopoderosos membros da elite mundial. Os assistentes não estão obrigados a seguir as normas e regulações que qualquer outro cidadão mundial teria que cumprir tais como, por exemplo, passar pelas alfândegas ou apresentar vistos. Quando se reúnem, ninguém de «fora» tem permissão de aproximar-se do hotel. A elite leva seus próprios cozinheiros, garçons, teleoperadoras, secretárias, faxineiras e pessoal de segurança, que os atendem junto ao molde do hotel que superou o processo de investigação prévio.

A conferência de 2004, por exemplo, teve lugar no Grand Hotel des lies Borromées na Stresa, Itália, com «174 impressionantes habitações decoradas ao estilo belle époque, impero ou maggiolini. Esplêndidos tecidos e magníficas lamparinas de Murano em qualquer parte. A maior parte das habitações dispõem de um balcão privado, os banheiros estão forrados de mármore italiano e contam com uma luxuosa banheira de hidromassagem. Tratam-se de suítes esplêndidas, nas quais não faltam quadros, estátuas e tudo o que a arte possa oferecer». [7] As habitações são pagas pela organização, o Grupo Bilderberg, ao modesto preço de 1.200 € por suíte. A refeição corre a cargo de um chef, agraciado com três estrelas, da guia Michelin. Um dos critérios na hora de escolher o hotel é a disponibilidade dos melhores cozinheiros do mundo. Outro é o tamanho da cidade (deve tratar-se de núcleos urbanos pequenos, que permitam afugentar-se de olhares curiosos dos habitantes das grandes urbes). As pequenas cidades têm a vantagem adicional de permitirem a presença de «assistentes pessoais» armados até os dentes sem recato. Ninguém pergunta. Todos os serviços, telefone, lavanderia, cozinha, estão pagos. Um membro do pessoal do Trianon Palace de Versalles explicou-me que em 2003 a fatura de telefone do David Rockefeller subiu para 14.000 € em três dias. Segundo uma fonte que também participou da conferência, não seria nada exagerado dizer que um desses «festivais globalizadores», de quatro dias, custam 10 milhões de euros, mais do que custa proteger o presidente dos Estados Unidos, ou o Papa, em uma de suas muitas viagens internacionais. É óbvio, nem o presidente nem o Papa são tão importantes quanto o governo na sombra que dirige o planeta.

O Grupo Bilderberg organiza quatro sessões diárias de trabalho, duas pela manhã e duas pela tarde, exceto aos sábados, quando só há uma reunião vespertina.

No sábado pela manhã, entre às 12 e às 15 horas, os membros do Grupo jogam golfe ou nadam, acompanhados por seus «assistentes pessoais», fazem excursões em seus helicópteros.

A presidência da mesa de trabalho segue uma ordem alfabética rotatória. Um ano, Umberto Agnelli, ex-presidente da Fiat, senta-se à frente. No ano seguinte, Klaus Zumwinkel, presidente do Deutsche Post Worldnet AG e Deutsche Telekom, ocupa seu lugar. Os Estados Unidos é o país com mais participantes devido a seu tamanho.

Cada país envia, normalmente, uma delegação de três representantes: um industrial, um ministro, ou um senador; e um intelectual, ou editor. Países pequenos como a Grécia e Dinamarca dispõem, no máximo, de dois assentos. As conferências reúnem normalmente a um máximo de 130 delegados. Dois terços dos presentes são europeus, o resto procede dos Estados Unidos e Canadá. Os participantes mexicanos pertencem a uma organização irmã menos poderosa, a Comissão Trilateral. Um terço dos delegados são políticos e os dois terços restantes, representantes da indústria, das finanças, da educação, dos sindicatos e dos meios de comunicação. A maior parte dos delegados falam inglês, embora a segunda língua de trabalho seja o francês.

A regra do Chatham House, O Royal Institute of International Affairs foi fundado em 1919, depois dos Acordos de Paz de Versalles, e tem sua sede na Chatham House de Londres. Na atualidade se usa o nome «Chatham House» para referir-se a todo o instituto. O Royal Institute of International Affairs é o braço executivo da política da Monarquia britânica.

«A Regra do Chatham House consiste em que os participantes de uma reunião podem divulgar a informação que se gerou nela, mas devem guardar silêncio a respeito da identidade, ou filiação, de quem a tem facilitado; tampouco se pode mencionar que tais deles procedem de um dos encontros do Instituto.» Tradução: os globalizadores não só querem evitar que saibamos o que é que estão planejando, mas sim, também pretendem passar despercebidos.

«A Regra do Chatham House permite que a gente fale a título individual, sem representar às instituições nas quais trabalha; isto facilita o livre debate. Estamos acostumados a sentir-se mais relaxados se não se menciona e deixa de preocupar-se de sua reputação, ou das implicações de suas palavras».

Em 2002 se clarificou e reforçou a aplicação da norma: «Os encontros da Chatham House podem levar-se a cabo de forma aberta, ou sob a Regra do Chatham House. Neste último caso se acordará, explicitamente, com os participantes que o exposto em tal reunião é estritamente privado e se garante o anonimato de quem falar entre estes muros; tudo isto serve para assegurar melhores relações internacionais. Chatham House se reserva o direito de levar a cabo ações disciplinadoras sobre qualquer membro que rompa essa regra». Tradução: Se der com a língua, arrisca-se a um destino mais dramático.

Os participantes Os participantes afirmam que assistem às reuniões na qualidade de cidadãos privados e não como representantes oficiais; embora, esta afirmação é bastante questionável: nos Estados Unidos (por meio da Lei Logan) e

no Canadá é ilegal, que um funcionário eleito pelo povo, se reúna em privado com empresários, para debater e desenhar a política pública.

A Lei Logan foi criada para evitar que cidadãos sem representatividade pública interferissem nas relações entre Estados Unidos e os diferentes governos estrangeiros. Não deixa de ser curioso que, em seus duzentos anos de história, não se tenha acusado a ninguém de vulnerar a Lei. Entretanto, sim houve um bom número de referências a sua vulneração em diferentes julgamentos e se costuma usar como arma política. Com isto, não quero dizer que uma pessoa comum possa vender ilegalmente arma, ou drogas, a um estado estrangeiro, porque não é assim.

Mas os que podem fazê-lo são os membros do super-secreto Clube Bilderberg, em cujo caso ademais, anima-os a que interfiram nos assuntos privados de estados independentes.

Algumas das pessoas que participaram destes encontros são: Alien Dulles (CIA); William J. Fulbright (senador de Arkansas e receptor de uma das primeiras bolsas de estudo Rhodes); Dean Acheson (secretário de estado do Truman); Henry A. Kissinger (presidente da Kissinger Associates); David Rockefeller (Chase Bank, JP Morgan International Council); Nelson Rockefeller; Laurance Rockefeller; Gerald Ford (ex-presidente dos Estados Unidos); Henry J. Heinz II (presidente do H. J. Heinz CO.); o príncipe Felipe de Grã-Bretanha; Robert S. McNamara (secretário de Defesa do Kennedy e ex-presidente do Banco Mundial); Margaret Thatcher (ex-primeira ministra de Grã-Bretanha); Valéry Giscard d'Estaing (ex-presidente de França); Harold Wilson (ex-primeiro ministro da Grã-Bretanha); Edward Heath (ex-primeiro ministro da Grã-Bretanha); Donald H. Rumsfeld (secretário de Defesa dos presidentes Ford e George W. Bush); Helmut Schmidt (ex-chanceler da Alemanha Ocidental); Henry Ford III (presidente da Ford Motor CO.); James Rockefeller (presidente do First National City Bank); e Giovanni Agnelli (presidente da Fiat na Itália). [8]

Bilderberg, desde o começo, foi administrado por um núcleo reduzido de pessoas, nomeadas desde 1954, por um comitê de sábios, constituído pela cadeira permanente, a cadeira americana, as Secretarias e tesoureiros da Europa e Estados Unidos. Os convites unicamente mandam-se à pessoas «importantes e respeitadas quem, através de seu conhecimento especial, seus contatos pessoais e sua influência em círculos nacionais e internacionais, podem ampliar os objetivos e recursos do Clube Bilderberg».

Os encontros são sempre abertos e sinceros e nem sempre se chega, a um consenso. Durante os últimos três anos, franceses, britânicos e americanos estiveram à grenha quase constantemente; o tema de disputa, Iraque. Faz dois anos o ministro dos Assuntos Exteriores francês, Dominique de Villepin, disse abertamente à Henry Kissinger que «se os americanos houvessem dito a verdade a respeito do Iraque, quer dizer, que a autêntica razão para a invasão era o controle e a gratuidade do petróleo e do gás natural, possivelmente, eles, os franceses, não tivessem vetado suas "estúpidas" resoluções na ONU. «Seu presidente é um completo idiota», acrescentou [entrevista exata transcrita por três assistentes à conferência e confirmada independentemente].

«Isso não significa que o resto do mundo seja estúpido», replicou a um malhumorado Kissinger ao sair da sala. O nacionalismo britânico é outra causa de preocupação. Em Tumbony, Scotland, Tony Blair, primeiro-ministro britânico, foi tratado como um menino travesso ante ao resto dos participantes quando lhe jogou na cara, em um tom bastante hostil, não ter feito o suficiente para incluir a Grã-Bretanha na moeda única. Segundo fontes de Jim Tucker, um legendário jornalista, reconhecido entre os profissionais mais honestos, por haver açoitado aos membros do Clube, durante mais de trinta anos, com um grande custo pessoal (perdeu vários amigos pessoais, em misteriosos acidentes e a um membro de sua família que supostamente se suicidou), «Blair assegurou no Bilderberg que a Grã-Bretanha aceitaria o euro, mas que antes tinha que resolver certos "problemas políticos" devido a "um ressurgimento do nacionalismo em casa"».

Em 29 de maio de 1989 a revista Spotlight publicava numa de suas reportagens a seguinte frase que disse um funcionário alemão à Blair: «Não é mais que uma Maggie Thatcher com calças.» Tratava-se de uma dura referência ao fato de que lady Thatcher fora defenestrada por seu próprio Partido Conservador, seguindo as ordens do Clube Bilderberg. Depois, o mesmo foro colocaria no posto ao John Major, um personagem mais manipulável.

Como explica John Williams, [9] alguns membros da elite ocidental vão às reuniões Bilderberg «para reforçar um consenso virtual, uma ilusão de globalização, definida sob seus próprios termos: o que é bom para os bancos e os grandes empresários, é bom para todo mundo. É inevitável e reverte em benefício da humanidade».

O Clube Bilderberg, visto de perto Otto Wolff von Amerongen, presidente e diretor do Otto Wolff GmbH na Alemanha e um dos membros fundadores do Clube, explicou que os encontros se estruturavam da seguinte maneira: começava-se com umas introduções curtas sobre um tema determinado, ao que seguia o debate geral. Wolff von Amerongen, ao qual lhe reconhece o mérito de cercar relações comerciais entre a Alemanha e o antigo bloco soviético, fez as vezes de embaixador na sombra de Bonn na Rússia. Entretanto, não se podem ocultar seus vínculos com o governo nazista, já que se sabe que interveio no roubo de ações aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Werner Ruegemer codirigiu em 2001 um documentário sobre a família Amerongen no qual se dizia que Wolff tinha sido espião nazista em Portugal; seu trabalho consistia em vender o ouro saqueado dos bancos centrais europeus e as ações dos judeus. Wolff também comercializava com tungstênio, um metal chave para a fabricação de rifles e artilharia. Naquela época, Portugal era a única nação que exportava tungstênio a Alemanha.

Dois delegados que preferem manter o anonimato, embora se acredite que são britânicos, explicaram que se trabalha em grupos consistentes, com um moderador e duas ou três pessoas mais. Têm cinco minutos cada um para falar do tema do dia e há «perguntas de debate, que duram cinco, três ou dois minutos».

Não há documentos introdutórios, nem gravações, embora se anima aos delegados a que preparem suas intervenções com antecipação. A lista inicial de participantes propostos começa a circular em janeiro, e a seleção final se faz em março. Para evitar filtrações, o comitê diretor do Grupo estabelece a data do

encontro com quatro meses de antecipação, mas o nome do hotel só se anuncia uma semana antes. Na abertura do encontro, o presidente recorda as regras do Clube e abre o primeiro tema de debate do dia. Bilderberg marca todos os documentos que distribui a seus membros com a frase «Pessoal e estritamente confidencial. Proibida sua publicação».

Recrutados pelo Clube. É importante distinguir entre os membros ativos que acodem todos os anos e outras pessoas que são convidadas ocasionalmente. São umas oitenta pessoas que acodem regularmente e um número muito variável os que visitam o Clube, principalmente para informar sobre matérias relacionadas com seu conhecimento e experiência. Estes têm escassa idéia de que há um grupo formal constituído e nada sabem a respeito da agenda secreta. Também há alguns convidados seletos que o comitê considera úteis em seus planos de globalização e aos quais se ajuda a conseguir importantíssimos cargos. Entre eles, Esperanza Aguirre. Em alguns casos, estes convidados ocasionais não são aceitos na organização e são definitivamente afastados. Um exemplo, Jordi Pujol, em 1989, em La Toja, Galícia.

O exemplo mais claro de «recrutamento útil» foi o daquele obscuro governador de Arkansas, Bill Clinton, que foi a seu primeiro encontro Bilderberg em Baden Baden, Alemanha, em 1991. Ali, David Rockefeller explicou a um jovem Clinton no que consistia o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (TLCAN) e deu-lhe indicações para apoiá-lo. No ano seguinte, o governador se converteu em presidente.

A associação com o Clube Bilderberg sempre arrojou magníficos benefícios:

1. Bill Clinton. Assistiu à reunião do Bilderberg de 1991. Ganha a nomeação do Partido Democrata e é eleito presidente em 1992.
2. Tony Blair. Assistiu à reunião do Bilderberg de 1993. Sobe à presidência do partido em julho de 1994 e à presidência nacional em maio de 1997.
3. Romano Prodi. Assistiu à reunião do Bilderberg de 1999. É renomado presidente da União Européia em setembro de 1999.
4. George Robertson. Assistiu à reunião do Bilderberg de 1998. Consegue a secretaria geral da OTAN em agosto de 1999.

François Mitterrand

Em 10 de dezembro de 1980, François Mitterrand, um homem que reiteradamente tinha fracassado em seu intento de conseguir o poder na França, foi ressuscitado por ordem do Comitê dos 300, o irmão maior do Clube Bilderberg.

Segundo a fonte de inteligência de John Coleman, autor do *Conspirators Hierarchy: The Story Of the Committee Of 300*, «Escolheram ao Mitterrand e lhe lavaram a imagem para devolvê-lo ao poder». O próprio político francês em seu discurso de volta à política disse: «O desenvolvimento do capitalismo industrial se opõe à liberdade. Devemos pôr fim a isso. Os sistemas econômicos do século XX e XXI usarão máquinas para esmagar ao homem, primeiro no domínio da energia nuclear, que já está produzindo resultados admiráveis.»

As observações do Coleman fazem qualquer um estremecer. «O retorno do Mitterrand ao Palácio do Eliseu foi um grande triunfo para o socialismo.

Demonstrou que o Comitê dos 300 era suficientemente poderoso para prever acontecimentos ou, melhor dizendo, para fazer com que sucedessem pela força, ou por qualquer outro meio. No caso do Mitterrand, demonstrou sua capacidade de vencer qualquer oposição, pois, poucos dias antes, tinha sido totalmente rejeitado por um grupo de poder político de Paris», quer dizer, pela Frente Nacional de Lê Pen e um grande segmento de seu próprio Partido Socialista.

Queda do Governo turco. Bilderberg 1996

Quatro dias depois da volta à casa de dois participantes turcos, depois do encontro do Clube de 1996, em Toronto, caiu o governo Turco por completo.

Tratava-se do Gazi Ercel, governador do Banco Central da Turquia, e Emre Gonensay, ministro dos Assuntos Exteriores.

Em um movimento surpresa, o primeiro-ministro turco, Mesut Yilmaz, demitiu de seu cargo, dissolvendo a coalizão entre o Partido do Caminho Verdadeiro, dirigido pela ex-primeira-ministra Conservadora Tansu Ciller, e o seu próprio, o Partido da Pátria. Isto permitiu ao Necmettin Erbakan, líder do Partido do Bem-estar Social, formar um novo governo. Seu partido é claramente próislâmico.

Bilderberg 2004, Stresa, Itália

Segundo uma fonte bem informada, que participou do encontro de 2004, os membros portugueses do Clube usaram com habilidade o que se chamou a «tática portuguesa», quer dizer, sua promoção em alto nível.

A associação com o Grupo Bilderberg reportou os seguintes benefícios ao grupo português: Pedro M. Lopes Santana, o pouco conhecido prefeito de Lisboa, foi renomado primeiro-ministro da República.

José M. Durão Barroso, ex-primeiro ministro, passou a ser novo presidente da Comissão Européia.

José Sócrates, membro do parlamento, foi eleito líder do Partido Socialista depois da demissão do Eduardo Ferro Rodrigues, por causa de uma crise político-social e obscuras acusações de pedofilia.

Fontes próximas à investigação confirmam que a crise foi provocada por membros do Clube Bilderberg.

Outro exemplo da influência que o Clube exerce sobre a política americana se evidenciou durante a campanha eleitoral no EE. UU., quando o candidato democrata à presidência, John Kerry, escolheu a John Edwards como vice-presidente.

Este último tinha sido convidado pela primeira vez à reunião do Bilderberg um mês antes. Várias fontes, cujos nomes não posso revelar porque poria suas vidas em perigo, confirmaram de forma independente, que depois de ouvir o discurso do Edwards durante o segundo dia da conferência, Henry Kissinger telefonou ao John Kerry com o seguinte comentário: «John, já lhe encontramos o vice-presidente.» Uma extraordinária série de coincidências.

Líderes da OTAN controlados pelo Clube Bilderberg

Para entender quem controla o mandato da OTAN, a operação militar maior do mundo, e agora o Exército Mundial, só temos que olhar os estreitos vínculos que existem entre seus secretários gerais e o Clube Bilderberg: Joseph Luns (1971-1984), lorde Carrington (1984-1988), Manfred Wornier (1988-1994), Willy Claes (1994-1995), Javier Solana (1995-1999), lorde Robertson (1999-2004) e Jaap G. de Hoop Scheffer (2004). A OTAN foi criada pelo Instituto Tavistock quando o Governo Mundial na sombra decidiu criar uma super-instituição que controlasse a política europeia. Por sua vez, foi o Royal Institute for International Affairs (RIIA), que só responde ante a rainha da Inglaterra, que fundou o Tavistock. O RIIA, controla a política externa britânica e é o braço executor da política externa da monarquia britânica.

Como consequência, faz-se muito mais fácil aplicar a política do Bilderberg no Golfo, Iraque, Sérvia, Bosnia, Kosovo, Síria, Coreia do Norte, Afeganistão, para mencionar só os casos mais conhecidos. Tanto Donald Rumsfeld como o general Peter Sutherland, da Irlanda, são membros do Clube Bilderberg. Sutherland é ex-comissário europeu e presidente do Goldman, Sachs e British Petroleum. Rumsfeld e Sutherland ganharam um bom montão de dinheiro em 2000 trabalhando juntos no conselho da companhia energética suíça ABB. Sua aliança secreta se fez pública quando se descobriu que ABB tinha vendido dois reatores nucleares a um membro ativo do «eixo do mal», concretamente a Coreia do Norte. Não é preciso dizer que British Petroleum não faz publicidade do assunto quando anuncia uma de suas iniciativas públicas nas quais «a segurança é a primeira».

Todo primeiro-ministro britânico sentiu-se obrigado a assistir aos encontros Bilderberg durante os últimos trinta anos. Como anedota para contar aos amigos, pode-se dizer que o Clube foi uma criação do MI6 sob a direção do RIIA.

Concretamente, foi idéia de Alastair Buchan (filho do lorde Tweedsmuir, membro do RIIA e da Mesa Redonda) e do Duncan Sandys (um importante político, genro do Winston Churchill, quem por sua vez era amigo do Rettinger, um jesuíta e maçom de grau 33). O MI6 necessitava um membro da realeza, que desse apoio público ao Clube e pensou em Bernardo de Holanda, conhecido por seus numerosos vínculos com a realeza europeia e os mais importantes industriais. A conferência Bilderberg de 1957 foi o início da carreira do líder do Partido Trabalhista, Dennis Healey. Pouco depois do encontro, Healey foi «estranhamente» renomado ministro da Fazenda.

Tony Blair acudiu à reunião de 23 aos 25 de abril de 1993, em Vouliagmeni, na Grécia, quando era ministro do Interior na sombra.

Meretrizes do jornalismo

«Nosso trabalho é dar às pessoas não o que eles querem, a não ser o que nós decidimos que devem ter.» Dito pelo Richard Salant, ex-presidente da CBS News.

Um dos segredos, melhor guardado, é até que ponto um punhado de conglomerados pertencentes ao Clube Bilderberg, como o Council on Foreign Relations, OTAN, Clube de Roma, Comissão Trilateral, maçons, Skull and Bones, (Mesa Redonda, Sociedade Milner) e a Sociedade Jesuíta-Aristotélica, controlam o

fluxo de informação no mundo e determinam o que vemos na televisão, ouvimos no rádio e lemos nos periódicos, revistas, livros e Internet.

«Ser testemunha da conferência anual do Grupo Bilderberg é entender como os senhores do Novo Mundo se reúnem em segredo e conspiram com a convivência dos meios de comunicação», lamentava-se meu amigo Jim Tucker, inimigo número um do Clube. Tucker sabe do que fala. Foi atrás das reuniões do Bilderberg há mais de trinta anos.

O Clube Bilderberg também representa a elite dos meios de comunicação de ambos os lados do Atlântico. Os empresários desses meios assistem às reuniões prometendo de antemão que nunca e sob nenhuma condição falarão do Clube. Os editores se fazem responsáveis por qualquer notícia relacionada com ele em seus meios de comunicação. E, desta maneira, os membros do Clube Bilderberg garantem silêncio total e absoluto e uma identidade invisível, tanto nos Estados Unidos, como na Europa.

Se fizermos uma busca nos principais meios de comunicação do mundo, não encontraremos nenhuma notícia sobre um grupo que reúne aos mais importantes políticos, empresários e financistas do planeta, para não mencionar informações sobre o início das hostilidades contra o Iraque, nem sequer pela imprensa que assistiu ao encontro Bilderberg de 2002. Uma das maiores desavenças entre distintos grupos dentro do Bilderberg se produziu na reunião de 2002. Os bilderbergers europeus exigiram a presença imediata do secretário de Defesa americano, Donald Rumsfeld, para explicar os planos da guerra. Rumsfeld, mudando bruscamente sua agenda política, veio à reunião para prometer, sob ameaças e pressões, aos assistentes que, de nenhuma forma, começariam a guerra até fevereiro, ou março de 2003. Agora, se eu, por muito que disponha de contatos privilegiados, soube quando começaria a guerra, como é possível que os peixes gordos do mundo, dos meios de comunicação, que foram à reunião, não soubessem algo tão básico? [10]

O American Free Press, [11] o periódico do Jim Tucker, informou em junho de 2002 de que, segundo fontes da reunião do Clube Bilderberg, a guerra do Iraque fora adiada até março de 2003, quando todos os periódicos do mundo anunciavam o ataque para o verão de 2002. Tradução: O encontro do Bilderberg 2002 teve lugar entre em 30 de maio e em 2 de junho. Rumsfeld, o secretário de Defesa do Bush, foi em 31 de maio. Os membros do Clube lhe arrancaram a promessa de que a administração Bush não começaria a guerra até o ano seguinte. Esta notícia não é suficiente para que saia na primeira página de todos os periódicos do mundo? Entretanto, os principais meios, como o New York Time e o Washington Post, cujos diretores são membros do Clube, tinham ordens de não informar sobre o que tinha sido a história do verão. O correspondente do American Free Press para as Nações Unidas, Christopher Bollen, perguntou numa ocasião a um grupo de jornalistas, que esperavam o início de uma conferência de imprensa, a razão pela qual as notícias sobre o Clube são censuradas sistematicamente pelos editores mais «respeitáveis». Tudo o que obtive como resposta foi algumas risadas irônicas.

«Faz muitos anos nos chegou uma ordem de cima dizendo que não teria que informar sobre o Clube Bilderberg», declarou numa ocasião Anthony Holder, ex-

jornalista do Economist de Londres, especializado em temas relacionados com a ONU. E recordemos que esta publicação é uma referência mundial no campo dos meios que tratam sobre economia. Outro experiente jornalista, William Glasgow, que trabalha para o Business Week afirma: «A única coisa que sabemos é que o Clube existe, mas a verdade é que não informamos de suas atividades.» Como disse outro jornalista: «É inevitável suspeitar de uma organização que planeja o futuro da humanidade absolutamente secreto.» [12]

«A implicação dos Rockefeller nos meios de comunicação é múltipla. Assim se asseguram de que os meios de desinformação de massas nunca falem de seus planos para dominar um futuro governo mundial. Os meios sempre decidem quais são os temas que vão estar na atualidade num determinado país. Por exemplo, às vezes, põem em primeiro plano o tema da pobreza e, outras vezes, fazem-no desaparecer. O mesmo sobre a poluição, os problemas demográficos, a paz, ou o que quer que seja. [13]

«Os meios podem tomar a um homem como Ralph Nader e convertê-lo em um herói imediatamente. Ou podem tomar a um inimigo dos Rockefeller e criar a imagem de que é um cretino, um bufão, ou um paranóico perigoso» (Gary Allen, O Expediente Rockefeller). Ralph Nader, perene candidato presidencial «independente», «muito admirado por sua postura contrária à classe dirigente», é financiado pela rede Rockefeller com a intenção de destruir o sistema de livre mercado. Os principais protetores do Nader são a Ford Foundation e a Field Foundation, ambos conectados através do Council on Foreign Relations (em diante, CFR). Segundo um artigo do Business Week, reimpresso no Boletim do Congresso de 10 de março de 1971, «John D. Rockefeller IV é conselheiro de Naden».

«Com todo o seu dinheiro, os Rockefeller conseguiram o controle dos meios de comunicação. A opinião pública já não é um problema para eles. Com o controle da opinião pública, por sua vez, conseguiram as rédeas da política. Controlando a política, têm a seus pés à nação inteira.» [14]

«Durante quase quarenta anos - segundo David Rockefeller - o Washington Post, o New York Time, o Time Magazine e outros prestigiosos meios corporativos foram à nossos encontros, respeitando sua promessa de discrição.» «Seria impossível para nós desenvolver um plano para o mundo se tivéssemos estado submetidos à luz da opinião pública durante todos estes anos», acrescentou. «Mas, graças a isso, agora o mundo é mais sofisticado e está mais preparado para um Governo Mundial. A soberania supranacional de uma elite intelectual, junto com os principais banqueiros, é preferível às ânsias de autodeterminação nacional dos séculos passados.»

Alguns dos jornalistas convidados às reuniões do Clube são: Juan Luis Cebrián do Grupo PRISA (participante habitual); Arthur Sulzberger, editor do New York Time e membro do CFR; Peter Jennings, apresentador e editor do programa da ABC, «World News Tonight»; e Thomas L. Friedman, colunista do New York Time, ganhador do Prêmio Pulitzer e membro do CFR e da Comissão Trilateral. [15]

O Clube Bilderberg usa os principais grupos de comunicação para criar uma opinião que respalde seus objetivos. Assim, difunde as notícias que influenciam tanto no mundo político, como no cidadão. A indústria dos meios de comunicação, totalmente controlada, difunde a propaganda.

As corporações públicas tentam manter em segredo a lista de participantes nas reuniões do Clube e a imprensa privada quase não informa do evento. Microsoft, AT&T, Bechtel, Cisco, COMPAQ e Price Waterhouse Coopers não têm nada que temer da imprensa. Não importa que a Microsoft e a NBC co-dirijam a cadeia de cabo MSNBC. De fato, entre os convidados mais frequentes às reuniões Bilderberg encontra-se Anthony Ridder do KnightRidder, Inc., a segunda cadeia de periódicos mais importante dos Estados Unidos, que controla publicações como o Detroit Free Press, o Miami Herald e o Philadelphia Inquirer.

Em sua edição de agosto/setembro de 1993, a prestigiosa revista holandesa Exposure publicou um artigo sobre o férreo controle existente, sobre certo tipo de informação, que estabelecem as três e mais prestigiosas cadeias de televisão dos Estados Unidos, a NBC, a CBS e a ABC. As três surgiram a partir da RCA. O que quer dizer que a política social decidida pelo Tavistock parte da idéia de que as massas podem ser manipuladas.

Estas organizações e instituições que, teoricamente, competem umas com as outras, e que têm uma «independência»; que asseguram que os americanos recebam informações não enviesadas, estão na realidade ligadas através de incontáveis empresas e entidades financeiras. Trata-se de um emaranhado quase impossível de desenredar. O que aconteceria se o povo americano soubesse que as três televisões mais importantes do país transmitem uma lavagem cerebral desenhada pelo Instituto Tavistock de Relações Humanas, e irradiado pelo MI6, o instituto de inteligência mais sofisticado do mundo? O artigo da revista Exposure se apóia no trabalho de Eustace Mullins, tenaz investigador do que se veio a chamar Nova Ordem Mundial (New World Order).

A NBC é propriedade da General Electric (G), «uma das maiores corporações do mundo», com uma longa história de atividade anti-sindical. G é, por sua vez, um dos mais importantes doadores de recursos ao Partido Republicano e tem imensos interesses financeiros na indústria armamentista e nuclear. O ex-diretor geral da empresa, Jack Welch, foi um dos principais impulsores do traslado das plantas americanas a países de baixo custo como a China e o México. [16] A NBC é uma empresa subsidiária da RCA, um conglomerado de empresas de comunicação. No comitê diretor da RCA se acha Thornloll Bradshaw, presidente do Atlantic Richfield e membro da OTAN, do World Wildlife Fund, do Clube de Roma, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos e do CFR.

Bradshaw é também presidente da NBC. A função mais importante da RCA é o serviço que proporciona à inteligência britânica. É importante saber que a direção da RCA está composta por importantes personalidades do poder anglo-americano que pertencem a outras organizações como a OTAN, o Clube de Roma, o CFR, a Comissão Trilateral, a maçonaria, a Mesa Redonda, o Clube Bilderberg, etc. Cabe destacar que David Sarnoff foi à Londres ao mesmo tempo que sir

William Stephenson se trasladava ao edifício da RCA de Nova Cork. Entre os diretores da NBC nomeados no artigo Exposure do Mullins estavam John Brademas (CFR, Clube Bilderberg), um diretor da Fundação Rockefeller; Peter G. Peterson (CFR), ex-executivo do Kuhn, Loeb & CO (Rothschild) e ex-secretário de comércio do EE. UU.; Robert Cizik, diretor da RCA e do First City Bancorp, identificado em um comparecimento ante o Congresso de EE. UU. como banco pertencente ao Rothschild; Thomas O. Paine, presidente do Northrup CO. (o grande empreiteiro do Ministério de Defesa americana) e diretor do Instituto de Estudos Estratégicos de Londres; Donald Smiley, diretor de duas companhias Morgan, Metropolitan Life e US Steel; Thorton Bradshaw, diretor da RCA, diretor da Rockefeller Brothers Fund, Atlantic Richfield Oil e o Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (estes últimos dirigidos por um membro do Clube, Robeli O. Anderson). Claramente, o comitê executivo da NBC tem uma considerável influência dos Rockefeller-Rothschild-Morgan, principal eixo e promotor do plano da Nova Ordem Mundial.

A ABC é propriedade da Disney Corp., «que fabrica produtos em países do Terceiro Mundo pagando salários de miséria, em condições de trabalho atroz». [17] Possui 152 canais de televisão. O Chase Manhattan Bank controla 6,7 % da ABC, suficiente para exercer seu controle. Embora se trate de uma percentagem menor, é mais que suficiente para censurar e pressionar sobre os conteúdos da cadeia. O Chase, através de seu departamento de crédito, controla 14 % da CBS e 4,5 % da RCA. Em vez de três cadeias de televisão chamadas BC, CBS e ABC, o que na realidade temos é a Rockefeller Broadcasting Company, o Rockefeller Broadcasting System e o Rockefeller Broadcasting Consortium.

A CBS é propriedade do Viacom, tem 200 canais de televisão e 255 emissoras de rádio filiadas. Este «enorme conglomerado de empresas de comunicação possui entre outros, à MTV, Show Time, Nickelodeon, VHI, TNN, CMT, Paramount Pictures e Blockbuster Inc., 39 canais de televisão e 184 emissoras de rádio». [18] William Paley foi formado em técnicas de lavagem cerebral de massas pelo Instituto Tavistock na Inglaterra antes de conceder-se o mandato da CBS.

A expansão financeira da terceira cadeia de televisão, a CBS, foi fiscalizada durante muito tempo pelo Brown Brothers Harriman e seu sócio senior, Prescott Bush, diretor da CBS. O comitê executivo da CBS incluía o presidente William S. Paley (Comitê dos 300); Harold Brown (CFR), diretor executivo da Comissão Trilateral e ex-secretário de Defesa dos Estados Unidos e do Exército do Ar; Michel CE. Bergerac, presidente da Revlon e diretor do Manufacturers Hanover Bank (Rothschild); Newton D. Minow (CFR), diretor da Corporação Rand e, entre outras, a Fundação Ditchley, estreitamente vinculada ao Instituto Tavistock (especialistas em lavagem cerebral) e ao Clube Bilderberg. O último ex-presidente da CBS foi o doutor Frank Stanton (CFR), que também é membro do conselho de administração da Fundação Rockefeller e da Instituição Carnegie. [19] Convém saber que as famílias Rothschild e Rockefeller são as famílias líderes no férreo controle sobre as comunicações e respondem diretamente ante o Bilderberg.

Segundo James Tucker, «os bilderberger estão convencidos de que a opinião pública sempre segue os passos dos indivíduos influentes. Os membros do Grupo preferem trabalhar através de um número reduzido de pessoas de confiança e não através de grandes campanhas de publicidade».

A Fox News Channel (uma das cinco grandes) é propriedade de Rupert Murdoch, «proprietário de uma parte significativa» dos principais meios de comunicação do mundo. Sua rede tem «vínculos estreitos» com o Partido Republicano e entre seus «equilibrados e justos» analistas encontra-se Newt Gingrich, ex-porta-voz do Partido Republicano americano.

É evidente que as cinco redes de meios de comunicação estão estreitamente relacionadas com o Bilderbergs, o CFR e a Comissão Trilateral. Como se pode afirmar então que as cinco grandes televisões da América do Norte, de onde a maioria dos cidadãos obtêm a informação, são independentes?

Objetivos do Clube Bilderberg

«O Clube Bilderberg anda em busca de uma era do pós-nacionalismo: no momento em que já não haja países, só regiões e valores universais, quer dizer, só uma economia universal, um Governo Universal (designado, não eleito) e uma religião universal. Para assegurar-se desses objetivos, os membros do Clube Bilderberg advogam por um enfoque mais técnico e menos conhecimento por parte do público. Isto reduz as probabilidades de que a população se inteire do plano global dos anos mundiais e organize uma resistência organizada.» [20] Seu objetivo final é o controle de absolutamente tudo no mundo, em todos os sentidos da palavra.

Atuam como se fossem Deus na Terra. Entre seus planos figura estabelecer:

- Um só governo planetário com um único mercado globalizado, com um só exército e uma única moeda regulada por um Banco Mundial.
- Uma Igreja universal que canalizará às pessoas para os desejos da Nova Ordem Mundial. O resto das religiões serão destruídas.
- Uns serviços internacionais que completarão a destruição de qualquer identidade nacional através de sua subversão do interior. Só se permitirá que floresçam os valores universais.
- O controle de toda a humanidade através de meios de manipulação mental. Este plano está descrito no livro *Technotronic Era* (Era tecnocrônica) do Zbigniew Brzezinski, membro do Clube. Na Nova Ordem Mundial não haverá classe média, só serventes e governantes.
- Uma sociedade pós-industrial de crescimento zero, que acabará com a industrialização e a produção de energia elétrica nuclear (exceto para as indústrias dos ordenadores e serviços). As indústrias canadenses e americanas que ficarem serão exportadas a países pobres como a Bolívia, Peru, Equador, Nicarágua, etc., nos quais existe mão de obra barata. Far-se-á realidade, então, um dos principais objetivos do TLCAN (Tratado de Livre Comércio da América do Norte).

- O crescimento zero é necessário para destruir os vestígios de prosperidade e dividir a sociedade em proprietários e escravos. Quando há prosperidade, há progresso, o qual torna muito mais difícil a repressão.
- Cabe incluir nisso o despovoamento das grandes cidades, segundo o experimento levado a cabo no Camboja pelo Pol Pot. Os planos genocidas do Pot foram desenhados nos Estados Unidos por uma das instituições irmãs do Bilderberg, o Clube de Roma.
- A morte de quatro bilhões de pessoas, às quais Henry Kissinger e David Rockefeller chamam brincando «estômagos imprestáveis» por meio das guerras, da fome e das enfermidades. Isto acontecerá por volta do ano 2050. «Dos dois bilhões de pessoas restantes, 500 milhões pertencerão às raças chinesa e japonesa, que se salvarão graças a sua característica capacidade para obedecer à autoridade» é o que afirma John Coleman em seu livro *Conspirators Hierarchy: The Story of the Committee of 300*. O doutor Coleman é um funcionário de inteligência afastado, que descobriu um relatório encarregado pelo Comitê dos 300 ao Cyrus Vance «sobre como levar a cabo o genocídio». Segundo a investigação do Coleman, o relatório foi intitulado «Global 2000 Report», «aprovado pelo presidente Carter, em nome do governo de Estados Unidos e referendado pelo Edwin Muskie, secretário de estado». Segundo este relatório, «a população dos Estados Unidos ver-se-á reduzida a 100 milhões por volta do ano 2050».
- Crises artificiais para manter as pessoas em um perpétuo estado de desequilíbrio físico, mental e emocional. Confundirão e desmoralizarão a população para evitar que decidam seu próprio destino, até o extremo de que a gente «terá muitas possibilidades de escolha, o que dará lugar a uma grande apatia em escala massiva». [21]
- Um férreo controle sobre a educação com o propósito de destruí-la. Uma das razões da existência da UE (e da futura União Americana e Asiática) é o controle da educação para «aborregar» às pessoas. Embora nos resulte incrível, estes esforços já estão dando «bons frutos». A juventude de hoje ignora por completo a história, as liberdades individuais e o significado mesmo do conceito de liberdade. Para os globalizadores é muito mais fácil lutar contra uns oponentes sem princípios.
- O controle da política externa e interna dos Estados Unidos (coisa já conseguida através do Governo do Bush), Canadá (controlada pela Inglaterra) e
- Europa (através da União Européia).
- Uma ONU mais poderosa que se converta finalmente em um Governo Mundial. Uma de quão medidas conduzirão a isso é a criação do imposto direto sobre o «cidadão mundial».
- A expansão do TLCAN (Tratado de Livre Comércio da América do Norte) por todo o hemisfério ocidental como prelúdio da criação de uma União Americana similar à União Européia.
- Uma Corte Internacional de Justiça com um só sistema legal.

- Um estado do bem-estar socialista onde se recompensará aos escravos obedientes e se exterminará aos inconformistas.

Bilderberg e a guerra das Malvinas

O Clube Bilderberg tem já o poder e a influência necessários para impor sua política em qualquer nação do planeta. Quer dizer, controla ao presidente dos Estados Unidos, ao primeiro-ministro do Canadá, aos principais meios de comunicação do mundo livre, aos políticos, financeiros e jornalistas mais importantes, aos bancos centrais dos principais países, à Reserva Federal dos Estados Unidos e seu fornecimento de dinheiro, ao FMI, ao Banco Mundial e às Nações Unidas e destroem a qualquer, grande ou pequeno, que se oponha a seus planos de construir uma Nova Ordem Mundial, como demonstrei com numerosos exemplos que arrepiam.

Jan Ronson escreveu um livro intitulado *Adventures with Extremists* (Picador, 2001), no qual descreve como durante a guerra das Malvinas o governo britânico pediu que se aplicassem sanções internacionais contra Argentina, mas encontrou-se «com uma dura oposição. Em um encontro Bilderberg em Sandefjord, Noruega, David Owen, membro do Parlamento britânico, pronunciou um inflamado discurso a favor das mesmas.

Esse discurso torceu muitas vontades. Estou seguro de que muitos ministros de Assuntos Exteriores voltaram para seus países para transmitir a mensagem do Owen. É óbvio, as sanções chegaram». A formosa história da cooperação internacional entre países é simplesmente uma falsidade.

A realidade é muito mais macabra, com muitos mortos «esparrramados no caminho dos universalistas».

A guerra das Malvinas, um conflito totalmente manufaturado entre uma «nação agressora», a ditadura da Argentina, e um país «amante da liberdade», Grã-Bretanha, deu à Nova Ordem Mundial a oportunidade de mostrar seu impressionante arsenal e assim advertir a qualquer nação das conseqüências de não se submeter totalmente. «A submissão do Governo argentino, seguido do caos econômico e político da nação, esteve planejado pelo Kissinger Associates, em associação com lorde Carrington, [22]» conforme confirmam minhas próprias fontes de investigação, neste caso um dos principais agentes do MI6 convertido agora em um cruzado anti Nova Ordem Mundial.

A operação argentina foi desenhada pelo Instituto Aspen de Colorado que, por sua vez, está controlado pelos Rockefeller. Se a queda do xá do Irã teve a ver com o comércio de drogas, na guerra das Malvinas o assunto tinha a ver com a energia nuclear e o necessário objetivo dos bilderbergs de conseguir o crescimento zero. O objetivo do Clube é desindustrializar o mundo mediante a supressão do desenvolvimento científico, começando pelos Estados Unidos. Por isso, não lhe convêm os experimentos sobre fusão como possível fonte de energia nuclear.

Como diz outra vez John Coleman em *Committee of 300*, «o desenvolvimento de uma fonte de energia como a fusão nuclear não interessa, já que jogaria pela amurada o argumento dos "recursos naturais limitados". Esta fonte de energia, devidamente empregada, poderia criar recursos naturais ilimitados a

partir de substâncias ordinárias. O benefício para a humanidade transborda a compreensão do público». [23]

Por que os pseudos-defensores do meio ambiente financiados pelas multinacionais odeiam tanto a energia nuclear? Porque as centrais de energia nuclear poderiam produzir eletricidade abundante e barata, «o qual é a chave para tirar os países do Terceiro Mundo da pobreza». Coleman explica que «os países do Terceiro Mundo se independentizariam gradualmente dos Estados Unidos, já que não necessitariam ajuda externa. Isto lhes permitiria afirmar sua soberania». Menor ajuda externa significa menor controle externo dos recursos naturais de um país e maior independência de seu povo. A idéia de que os países se dirijam por si mesmos, simplesmente revolve o estômago de todos os membros do Clube e a seus assistentes.

Os bilderbergs viram que seus planos de crescimento zero pós-industrial não deram certo, e decidiram «dar uma lição exemplar a Argentina e outros países latino-americanos. Devem ter esquecido de qualquer idéia de nacionalismo, independência e integridade soberana». [24] A eleição da Argentina não foi casual.

Tratava-se do país mais rico da América do Sul e proporcionava tecnologia nuclear ao México, o que desgostava os membros do Clube. A guerra das Malvinas acabou com essa colaboração. Sem dúvida, é muito melhor ter o México como fonte de mão de obra barata que como um interlocutor comercial ao mesmo nível.

Devido ao constante bombardeio de propaganda negativa, poucos americanos se dão conta de que a América Latina é um mercado potencial muito importante para os Estados Unidos. Ali podem vender de tudo, desde tecnologia a bens industriais pesados. Como John Coleman afirma indignado, «atividades que dão trabalho a milhares de americanos e que injetam dólares a todo tipo de empresas» [25]

Outras intervenções do Clube sobre política internacional:

- Bilderberg propôs e decidiu estabelecer relações formais com a China, antes de que Nixon o fizesse.
- Num encontro em Saltsjobaden, Suécia, em 1973, o Clube aceitou a incrementar o preço do petróleo em 12 dólares o barril, 350 % de aumento sobre seu preço anterior. A idéia era criar o caos econômico nos Estados Unidos e na Europa Ocidental para tornar mais receptivos esses países.
- Em 1983, o Clube conseguiu o compromisso secreto por parte do ultraconservador presidente Reagan de transferir 50 bilhões de dólares em dinheiro dos contribuintes americanos aos países comunistas e do Terceiro Mundo através de seus condutos preferidos, o FMI e o BM. Esse compromisso foi levado a cabo e conhecido como o Plano Brady*

*[O Plano Brady pôs-se em marcha em 1987 como resultado da reunião celebrada em Paris para tratar o problema da crise da dívida externa dos países latino-americanos. Em tal reunião decidiu-se comutar uma percentagem importante da quantidade endividada e estabelecer novos prazos e tipos de interesse mais favoráveis para que os países latino-americanos pudessem cumprir com os compromissos adquiridos. A crise, desencadeada em 1985, foi o resultado das

políticas econômicas empreendidas pelas ditaduras militares latino-americanas nas décadas anteriores. Estas políticas se apoiaram na Industrialização Substitutiva de Importações (ISI), uma estratégia em que trataram de promover empresas nacionais apoiadas em elevadas tarifas, créditos vantajosos para adquirir tecnologia e matérias primas no exterior (quando não as compravam diretamente dos próprios governos) e demais. Tudo isso deu lugar à indústrias nacionais pouco eficientes, muito endividadas e incapazes de exportar para pagar suas dívidas, o que criou um círculo vicioso e mais e mais endividamento em dólares que quebrou quando começaram a subir os tipos de interesse nos Estados Unidos. O Plano Brady foi a solução para evitar a quebra real da América Latina com todas as suas conseqüências. Como corolário de tudo isso, os bancos americanos abandonaram a região e não voltaram até mais de dez anos depois, após constatar que os bancos espanhóis, assumindo muitos riscos, começavam a fazer negócio na zona. A economia e a política latinoamericanas estavam normalizando-se.]

- Bilderberg decidiu também lançar Margaret Thatcher como primeira ministra britânica porque se opôs a entregar a soberania da Inglaterra ao supra-estado europeu desenhado pelo Clube. E, com incredulidade, vimos como seu próprio partido aniquilou-a a favor de um de seus cães mulherengos, John Major.
- Em 1985 ordenou aos membros do Clube Bilderberg que apoiassem por alto a Iniciativa Estratégica de Defesa (Guerra das Galáxias), antes inclusive de que chegasse a ser a política oficial do Governo americano, com o fundamento de que proporcionaria aos senhores do mundo um potencial de lucros sem limite.
- Em seu encontro de 1990 em Glen Cave, Nova Iorque, decidiram que deviam subir os impostos para pagar a dívida aos banqueiros internacionais. Bilderberg ordenou ao presidente George Bush que incrementasse os impostos em 1990 e contemplou como este assinava o acordo orçamentário de ascensão de impostos que lhe faria perder as eleições.
- Na reunião de 1992, o Grupo debateu a possibilidade de «condicionar ao público para aceitar a idéia do exército da ONU que poderia, utilizando a força, impor sua vontade nas questões internas de qualquer Estado».
- A venda multimilionária da elétrica Ontario Hydro, cujo proprietário era o Governo canadense, debateu-se pela primeira vez na reunião do Bilderberg em King City, Toronto, em 1996. Pouco tempo depois, Ontario Hydro dividiu-se em cinco empresas independentes e privatizou-se.
- Durante e depois da conferência de Bilderberg de 1996, decidiu-se reeleger ao Bill Clinton, como presidente dos Estados Unidos, porque era uma marionete mais útil que Bob Dolle. Este último foi além disso investigado por financiamento ilegal de sua campanha eleitoral.
- Em relação à Kosovo, os membros do Clube Bilderberg decidiram a formação de um Estado albanês independente e o desmembramento da Yugoslavia (com a entrega de sua província mais setentrional a Hungria) para criar um novo mapa que assegurasse a continuidade do conflito. A

reconstrução, valorada em bilhões de dólares, correria a cargo dos impostos ocidentais.

- Filtrações sobre o encontro do ano 2004 revelam que a guerra no Iraque foi posposta até março de 2003. Todos os periódicos do mundo esperavam o ataque para o verão de 2002.
- A OTAN deu carta branca à Rússia para bombardear Chechenia em 1999, tal e como informado em 1998.
- Em 1999, Kelmeth Clarke, membro do Parlamento; Martin S. Feldstein, presidente do Conselho Nacional de Investigação Económica; Stanley Fisher, subdiretor do Fundo Monetário Internacional (FMI); Ottmar Issing, membro do comitê executivo do Banco Central Europeu; e Jean-Claude Trichet, governador do Banco da França, debateram sobre a «dolarização», como passo posterior à moeda única europeia.
- Planejou-se a formação de um bloco asiático baixo liderado pelo Japão. Estabelecer-se-ia uma moeda única, livre comércio e uma união política parecida com a da UE. Planejou-se a formação de uma União Americana similar à União Europeia.
- Planejou-se a divisão do Canadá para 1997, mas a inesperada investigação do periódico Toronto Star, o rotativo mais importante do Canadá, durante o encontro de 1996 no King City, obrigou aos globalizadores a pospor seu plano para 2007.

O Clube sancionou economicamente a Áustria para organizar umas eleições democráticas nas quais resultava ganhador o Partido Nacionalista do Jórg Haider.

Humilhação de Ronald Reagan por parte do Clube Bilderberg

Os que pensaram que a América conservadora e tradicional tinha ganho as eleições de 1980 não podiam imaginar quão equivocados estavam. Todos os cargos de importância na Administração Reagan estavam ocupados por fabianistas, recomendados pela Heritage Foundation de Bilderberg/Rockefeller.

Em 1981, Peter Vickers Hall, o principal fabianista dos Estados Unidos e membro do Instituto Tavistock, pronunciou um ilustrador discurso, em Washington, que exponho com detalhe no capítulo 2. Nele «prediz» o afundamento da economia e da indústria norte-americanas:

«Existem duas Américas do Norte. Uma é a sociedade industrial que procede do século XIX e a outra, uma sociedade pós-industrial em crescimento que, em alguns casos, está construída com os fragmentos da antiga América do Norte. A crise entre estes dois mundos produzirá, na próxima década, uma catástrofe económica e social. Estes dois mundos se acham em oposição e não podem coexistir. Ao final, a sociedade pós-industrial apagará do mapa à outra».

A gente não pode deixar de perguntar-se como é possível que uma pessoa como Vickers possa ter estado tão próxima da presidência dos Estados Unidos.

A única resposta é que alguém pôs na Casa Branca um «obediente» Reagan, com a expectativa de que seguisse suas ordens.

Anthony Wedgewood Benn, membro do Parlamento britânico e do Comitê dos 300, disse aos participantes na Internacional Socialista de Washington, em 8 de dezembro de 1980: «Podem prosperar com o desabamento do sistema de empréstimos do Volcker (diretor da Reserva Federal) se informarem (tradução: "lavagem do cérebro") ao Reagan sobre o tema.» Como anedota, Ronald Reagan prometeu destituir ao Volcker se fosse reeleito. Depois, obrigaram-no a engolir suas palavras, para surpresa dos conservadores. Bilderberg impôs, uma vez mais, a seu homem. Em seu livro, *Conspirators Hierarchy: The Story of the Committee of 300*, o doutor John Coleman escreve que «os conselhos do Vickers, aplicados à administração Reagan, foram os responsáveis pelo desmoroamento das indústrias bancárias e prestadoras». Coleman acrescenta que Milton Friedman, um economista americano defensor do *laissez-faire* capitalista, sinônimo da economia de mercado mais estrita, reviu os planos do Clube para desindustrializar a América do Norte, «usando a presidência do Reagan para acelerar a queda da indústria do aço e depois, a da construção e do automóvel».

Assim, pois, os cacarejados princípios do Reagan pertencem aos que lhe pagam. Quando em 1966 conseguiu, pela primeira vez, a nomeação republicana como candidato a governador da Califórnia, Ronald Reagan, o mais conservador entre os conservadores, distanciou-se da ala dura e colocou as pessoas do Rockefeller como seus conselheiros.

É totalmente aterrador pensar que os membros do Clube Bilderberg são uma força onipotente já que não têm oposição. Depois de ser destronada, lady Thatcher confessou ao Jim Tucker, da revista *The Spotlight*, que ela considerava que ser denunciada pelo Clube era todo um «tributo», porque nem a Grã-Bretanha, nem nenhum outro país, deveriam entregar sua soberania. Entretanto, pode-se dizer que lady Thatcher tem sorte de seguir com vida. Não se pode dizer o mesmo do destino do Aldo Moro, primeiro-ministro italiano, ou do Ali Bhutto, presidente do Paquistão, como veremos a seguir.

O assassinato de Aldo Moro

Em 1982, John Coleman, um ex-funcionário de Inteligência com acesso às mais altas esferas do poder, demonstrou que o primeiro ministro italiano Aldo Moro, «um membro leal do Partido Democrata Cristão que se opunha ao crescimento zero e às reduções de população planejadas para seu país», foi assassinado por ordens do Grupo Maçon P2, com o objetivo de alinhar a Itália ao Clube de Roma e ao Bilderberg. O país transalpino devia ser desindustrializado e ver reduzida sua população. Coleman afirma em seu livro que os globalizadores queriam usar a Itália para desestabilizar o Oriente Médio, seu principal objetivo: «Os planos de Moro para estabilizar a Itália através do pleno emprego, da paz industrial e política, haveriam reforçado a oposição católica ao comunismo e feito muito mais difícil a desestabilização do Oriente Médio.»

Coleman descreve em seu livro, com muito detalhe, aquela seqüência de eventos que paralisaram a nação italiana; quando Moro foi seqüestrado pelas Brigadas Vermelhas, na primavera de 1978, em plena luz do dia, para depois ser brutalmente baleado junto a seus guarda-costas. Em 10 de novembro de 1982,

Corrado Guerzoni, um bom amigo do primeiro-ministro assassinado, declarou no julgamento que Moro tinha sido «ameaçado por um agente do Royal Institute for International Affairs (RIIA)», membro também do Clube, «enquanto essa pessoa ainda era secretário de estado dos Estados Unidos».

Coleman explica também como no julgamento dos membros das Brigadas Vermelhas, «vários deles declararam que sabiam que importantes personalidades dos Estados Unidos se achavam implicadas no complô para matar Moro».

Em junho e julho de 1982, a viúva do Aldo Moro declarou que o assassinato de seu marido se produziu depois de umas ameaças levadas a cabo por "uma figura da política americana de alta classe". Quando o juiz lhe perguntou no que consistia a ameaça, a senhora Eleanora Moro repetiu a mesma frase que Guerzoni atribui ao Kissinger em seu testemunho: "Ou abandona sua linha política, ou pagará com sua vida."

Em uma das páginas mais impressionantes de seu livro, Coleman escreve o seguinte: "O juiz perguntou ao Guerzoni se podia identificar à pessoa da qual falava a senhora Moro. Guerzoni respondeu que se tratava do Henry Kissinger, como já tinha declarado". Por que queria um diplomático americano de alta classe ameaçar um político de uma nação independente europeia? A resposta é que, obviamente, Kissinger não estava representando os interesses dos Estados Unidos, mas sim «atuava seguindo instruções» recebidas por parte do Grupo Bilderberg.

— O testemunho do Guerzoni, potencialmente daninho para as relações entre os Estados Unidos e a Itália, foi instantaneamente emitido em toda a Europa Ocidental no mesmo 10 de novembro de 1982. Katherine Graham, diretora do Washington Post e C. L. Sulzberger, do New York Time, receberam instruções da Fundação Rockefeller para suprimir essa informação em todo os Estados Unidos. Nenhuma televisão estimou que a notícia merecesse a atenção do público, mesmo que Kissinger fosse acusado de crimes gravíssimos. Como veremos no capítulo 2 sobre o CFR, tudo isto não deve nos surpreender. As notícias que os americanos obtêm da televisão, dos periódicos e do rádio estão controlados pelo estruturado Bilderberg/CFR.

Em 17 de dezembro de 1981, o general do exército dos Estados Unidos, James L. Dozier, o oficial da mais alta fila do quartel general da OTAN em Verona, Itália, foi seqüestrado por terroristas das Brigadas Vermelhas. Em 28 de janeiro de 1982 foi liberado por uma equipe de carabinieri de elite de uma «prisão popular» de Pádua. Dozier tem ordens de não revelar o que aconteceu. Se se decidisse a falar, sem dúvida sofreria o mesmo destino do primeiro-ministro.

Assassinato do Ali Bhutto (Paquistão)

Aldo Moro não foi o único líder que sofreu em suas carnes a ira dos bilderbergers. Segundo John Coleman, Kissinger também ameaçou ao Ali Bhutto, presidente do Paquistão. Por isso respeita à Ordem Mundial, o «crime» do Bhutto era muito mais sério que o de Moro. Bhutto queria desenvolver armas nucleares como arma dissuasiva contra «as contínuas agressões israelenses no Oriente Médio».

«Bhutto foi assassinado judicialmente em 1979 - escreve Coleman - pelo representante do CFR no país, do general Zia ul Haq.» Bhutto foi condenado por juízes de um Alto Tribunal formado majoritariamente por punjabis abertamente hostis a ele, especialmente o responsável pela Justiça, Maulvi Mushtaq. Bhutto foi condenado à força mesmo quando o veredicto da Corte Suprema foi de quatro a favor da força e três a favor da absolvição imediata. Mais ainda, foi a primeira vez que se efetivou uma sentença de morte com um veredicto dividido e, menos ainda, um como este, que ganhou por uma justíssima maioria.

Mohammad Asghar Khan, antigo comandante em chefe das Forças do Ar do Paquistão, escreveu em 4 de abril de 2002 em um periódico paquistanês chamado Dawn: «Foi improcedente que apesar das apelações da prática totalidade dos chefes de Estado dos países islâmicos, fosse executado. A quem deveria haver-se pendurado é ao presidente atual da Conferência Islâmica. Sem dúvida, deve haver alguma compulsão irrefreável que o levou a dar esse passo sem precedentes. Pergunto-me qual foi essa compulsão.»

A investigação do doutor Coleman mostrou anos mais tarde que «Ul Haq pagou com sua vida por intervir na guerra com o Afeganistão. Seu Hércules CE-130 foi golpeado por ondas elétricas de baixa frequência (ELF) pouco depois de separar, o que produziu sua colisão mortal».

O Serviço Secreto turco advertiu ao general Ul Haq que não viajasse em avião. O general convidou um grupo de funcionários americanos entre os quais se encontrava o general brigadeiro Herber Wassom para que lhe acompanhassem como «seguro de vida».

No livro do Coleman *Terror in the skies* (1989) explica-se graficamente o que ocorreu nos fatais segundos que precederam ao acidente. «Pouco antes de que o CE-130 do Ul Haq se afastasse de uma base militar do Paquistão, viu-se um suspeito caminhão nas imediações do hangar do CE-130. A torre de controle advertiu à base, mas já era tarde: o avião já estava no ar e o caminhão havia desaparecido.»

«Uns minutos mais tarde, o avião fez um círculo vertical no ar, até que deu no chão, para explodir em seguida numa imensa bola de fogo. Não se explica que possa acontecer algo assim a um avião com essas características. A investigação conjunta levada a cabo pelo Paquistão e Estados Unidos revelou que não tinha havido nenhum engano mecânico, ou de estrutura, nem tampouco falha humana. “Frisar o círculo vertical no ar” é uma manobra comum nos casos de ataque pelo ELF.»

Bhutto foi assassinado porque se seu programa de energia nuclear tivesse êxito, o Paquistão se teria convertido, em poucos anos, em um estado industrializado moderno. As ambições nacionalistas de Bhutto eram uma ameaça direta à política de crescimento zero propugnada pelo Bilderberg.

O xá do Irã

Outro caso que necessita uma análise em perspectiva é a queda do xá do Irã, o advento do ayatolá Khomeini e seus estudantes do Islã e o seqüestro dos cidadãos americanos na embaixada do EE.UU. em Teerã. A realidade é muito

diferente da ficção que nos contou a imprensa americana controlada pelo CFR/Bilderberg. De fato, Khomeini foi uma criação da VI Divisão de Inteligência Militar britânica, popularmente conhecida como MI6.

As fontes do Coleman foram de inestimável ajuda para desvelar a seqüência dos acontecimentos que conduziram a que o xá fosse primeiro deposto e depois eliminado pelo governo de Estados Unidos. Quando finalizou a investigação, a resposta foi a mais previsível: foi tudo por causa das drogas. O xá havia restringido o lucrativo comércio britânico de ópio iraniano. Segundo Coleman, «quando o xá se fez com o poder no Irã, a cifra de viciados em ópio/heroína no país era de um milhão».

No curso de sua investigação, Coleman descobriu que, depois que Khomeini ocupou a embaixada americana no Teerã, «o presidente Reagan não interrompeu a venda de armas ao Irã, até quando os reféns americanos se consumiam em cativeiro». Por que? A resposta é toda lógica: pelo comércio de drogas, mais concretamente, de ópio. «Se os Estados Unidos tivesse fechado o grifo das armas, Khomeini acabaria com o monopólio britânico do comércio de ópio em seu país.»

Segundo as estatísticas das Nações Unidas e da Organização Mundial da Saúde, a produção de ópio do Irã em 1984 excedia de 650 toneladas ao ano; como resultado da ambivalente atitude de Khomeini, a produção e o consumo de ópio se elevaram de maneira exponencial até chegar aos dois milhões de viciados.

Em seu livro, *What Really Happened in o Irã* (O que aconteceu realmente no Irã), Coleman detalha como «o comércio de armas com o Irã foi acordado pelo Cyrus Vane, empregado do Clube Bilderberg, e o doutor Hashemi, estreitamente vinculado ao Serviço Secreto dos Estados Unidos. A força aérea americana começou um imediato fornecimento de armas que não cessou, nem sequer durante a parte gélida da crise dos reféns. O exército americano enviava a mercadoria desde seus armazéns na Alemanha, embora também houvesse envios dos Estados Unidos, que repunham nos Açores».

Este é um bom exemplo do poder do Governo na sombra. Uma entidade que transcende fronteiras, regiões, culturas e leis. A única lei é a da Nova Ordem Mundial. O presidente Carter, democrata, e o presidente Reagan, conservador, seguiram os ditames do poderoso Clube Bilderberg. Se houvessem desobedecido, teriam sofrido, como veremos a seguir, conseqüências similares às que se abateram sobre dois presidentes: Kennedy, democrata, e Nixon, conservador.

Em relação à política e às finanças, o jornalista Jim Tucker é categórico sobre o fato de que «Bilderberg se acha no mais alto da pirâmide. É o olho que tudo vê, encarregado de construir uma Nova Ordem Mundial». Este sistema de governo único, que se move nas sombras, emprega uma linguagem florida, que fala da aldeia global», mas só pretende pôr nas mãos de uns poucos, todo o poder político e econômico do mundo.

Deve surpreender-nos então que a Nova Ordem Mundial tente, com tanto afínco, eliminar todas e cada uma das constituições existentes sobre a Terra?

A Nova Ordem Mundial e o Watergate

Como veremos a seguir, no caso Watergate há uma Tremenda confusão de identidades e a justiça brilha por sua ausência. A verdade por trás do assunto nunca foi revelada porque os culpados são quão mesmos causaram a queda do xá, a guerra das Malvinas, a morte do Aldo Moro e a do Ali Bhutto. Nixon não fez uso ilegítimo de seus poderes como presidente. Ao contrário do que sempre afirmou o *Washington Post*, não houve nenhuma «evidência» de que Nixon abusasse de seu poder. Se cometeu algum crime foi não defender a Constituição dos Estados Unidos da América, tal e como jurou na cerimônia de posse de seu cargo. Para isto teria que proceder contra Katherine Meyer Graham, diretora do *Washington Post*, e contra Ben Bradley, editor chefe, por conspiração e insurreição. Em seu livro, *Conspirators Hierarchy: The Story of the Committee of 300*, John Coleman, funcionário de inteligência com acesso aos documentos mais confidenciais do mundo, como já disse, afirma que Katherine Graham assassinou a seu marido Philip L. Graham, um acontecimento classificado oficialmente como «suicídio» pelo FBI. O fato de que uma acusação tão grave como essa não fosse jamais respondida nos tribunais, especialmente em um país tão litigante como os Estados Unidos, é prova suficiente de que Katherine Graham (membro do Clube Bilderberg, do CFR e da Comissão Trilateral, além de multimilionária), era consciente de que não poderia convencer nunca a um jurado, composto pela «suja massa» que tanto despreza os globalizadores, de que John Coleman a havia difamado.

Segundo fontes presentes nas reuniões do Bilderberg durante a década de 1970, o papel do *Washington Post* era manter a atenção sobre o Nixon com uma «revelação» após outra, e engendrar um clima de desconfiança pública para o presidente, até quando «não houvesse nenhum ápice de evidência que apoiasse tais acusações».

O caso Watergate mostra o imenso poder que tem a imprensa, ou os que controlam os meios de comunicação americanos, quer dizer, o CFR, de que falaremos amplamente no capítulo 2. A fabricada crise do Watergate feriu de morte ao Escritório da Presidência e assaltou as instituições sobre as que se levanta a República dos Estados Unidos. Tudo isso, devidamente planejado pelos membros do Clube e da Nova Ordem Mundial. Uma América do Norte forte e independente, com um chefe de Estado incorruptível, que fizesse irrealizáveis os planos da Nova Ordem Mundial de conquistar tudo. Outros traidores foram Morton H. Halperin, membro senior do CFR, Brookings Institution e diretor do Conselho de Planejamento Político para a Segurança Nacional, instituição a favor da Ordem Mundial; Daniel Ellsberg, autor dos papéis do Pentágono (veja-se mais adiante para mais detalhe); e David Young, chefe dos famosos «encanadores» do Governo, agentes que trabalhavam para a Unidade de Investigações Especiais da Casa Branca, criada pelo Nixon, isto é, pelo Kissinger com dinheiro de Pennzoil e outros sócios do George Bush. Depois de fazer-se público o escândalo, Nixon foi obrigado a demitir-se por causa de umas gravações nas quais falava de frustrar as investigações do Watergate. Foi David Young, que trabalhou para os Rockefeller e foi designado pelo Kissinger, quem fez as gravações, que foram reveladas pelo

Butterworth, o vínculo da Casa Branca com o serviço secreto dirigido pelo Kissinger.

Assim mesmo terá que incluir a James McCord, ex-agente da CIA e do FBI, diretor de Segurança do Comitê para a Reeleição do presidente Nixon, responsável por deixar, acidentalmente, a tristemente famosa fita magneto-fônica em uma porta do edifício Watergate que alertou um guarda de segurança. McCord foi detido na noite do roubo, junto com outros tantos homens. Foi condenado por seis cargos. Mais tarde, escreveria uma carta ao John J. Sirica, o juiz do caso Watergate, afirmando que cometeu perjúrio. As alegações do McCord de que a Casa Branca sabia do planejamento e que tentou escondê-lo foram cruciais para que as investigações seguissem adiante. Também Joseph Califano, conselheiro legal da Convenção Nacional Democrata e um dos lacaios da rainha da Inglaterra de maior poder nos Estados Unidos, assim como também o célebre professor Noam Chomsky do IPS, Instituto de Estudos Políticos, pois um dos principais objetivos do IPS, desenvolvido pelo Instituto Tavistock, era estender os «ideais» do socialismo nãilista de esquerda como movimento apoiado no EE.UU., a fim de criar caos e mal-estar; e os funcionários da CIA que foram à moradia do McCord, espião do Watergate, para queimar todos os seus documentos.

O Watergate demonstra, uma vez mais, que o Clube Bilderberg exerce um controle total sobre os Estados Unidos.

Os dois nomes que faltam na lista são os mais vis traidores dos Estados Unidos, culpados da mais alta rebelião. Um deles é o general Alexander Haig. Este militar, arrivista e trepador, que não dirigiu um só soldado no campo de batalha, teve «a carreira mais meteórica de toda a história militar dos Estados Unidos», deixando para trás a mais de 400 generais de diferentes países da OTAN e Estados Unidos. Tudo graças aos serviços prestados a um governo paralelo e invisível que o converteu em general de quatro estrelas.

Haig é o produto da Mesa Redonda, um grupo paralelo ao de Bilderberg. Em seu Tavistock Institute: Sinister and Deadly, o primeiro livro a falar sobre os sinistros planos do principal instituto de lavagem cerebral do mundo, John Coleman desvela os acordos secretos entre o governo invisível, os políticos americanos e a Imprensa submetida. Coleman escreve: «Haig foi encontrado pelo membro da Mesa Redonda.

Joseph Califano, um dos americanos em quem mais confia sua majestade (a rainha da Inglaterra). Califano, conselheiro legal da Convenção Nacional Democrata, tinha entrevistado na realidade ao Alfred Baldwin, um dos espiões do Watergate um mês antes de que o aplainamento dos escritórios democratas no hotel Watergate tivesse lugar. Califano foi suficientemente estúpido para escrever um memorando sobre sua entrevista com o Baldwin, em que proporcionava informação sobre McCord, outro dos espiões, e por que este tinha selecionado a Baldwin para entrar na "equipe".»

«Ainda mais daninho, o memorando do Califano continha todos os detalhes sobre as transcrições das gravações entre o Nixon e o comitê de reeleição, tudo isso antes de que ocorresse o aplainamento.» Coleman conclui que «Califano deveria ter

sido acusado por crimes federais mas, em vez disso, saiu ileso de toda a sua atividade criminosa».

Em 1983 chegaram ao Coleman uns manuais secretos do Instituto Tavistock nos quais se detalhava a metodologia usada para destruir ao presidente Richard Nixon. Daí saiu o livro *The Tavistock Institute: Britain's Control of US. Policy*.

Coleman explica que «a maneira em que o presidente Nixon foi primeiro isolado, rodeado de traidores e depois, confundido, seguia ao pé da letra o método Tavistock de obter o controle de uma pessoa, desenvolvido pelo doutor Kurt Lewin, o principal teórico do Instituto». A queda do presidente Richard Nixon é um caso do manual da metodologia do Lewin. A descrição desse processo que Coleman encontrou nestes manuais secretos dizia: «Uma das principais técnicas para romper a moral, através de uma estratégia de terror, consiste em manter à pessoa confusa a respeito do que quer e do que pode esperar das circunstâncias. Além disso, se se aplicam medidas disciplinadoras severas e promessas de bom trato ao mesmo tempo, junto com notícias contraditórias, a estrutura cognitiva da situação torna-se ainda mais confusa. O sujeito já não sabe que plano o leva para seu objetivo ou o afasta dele. Sob estas condições inclusive as pessoas com uns objetivos muito definidos e dispostas a correr riscos se paralisam pelos conflitos internos que sofrem a respeito do que se deve fazer.»

Assim de bem-sucedidas que eram as táticas de terror e a lavagem cerebral do Tavistock e assim se pôde eliminar a todo um presidente dos Estados Unidos. Além disso, os americanos começaram a acreditar em todas as mentiras, distorções e provas falsas dos conspiradores quando, de fato, «o Watergate foi uma mentira diabólica do princípio ao fim».

Nixon e seus dois ajudantes mais próximos, Haldeman e Ehrlichman, ignoravam absolutamente o que estava acontecendo. Não eram rivais à altura da força combinada do Clube Bilderberg, do RIIA e do Instituto Tavistock, sob a direção da Inteligência britânica, do MI6 e, portanto, da família real britânica (o MI6 é o aparelho de Inteligência que protege a Coroa britânica. Seu orçamento anual é secreto e se move em torno dos 350-500 milhões de dólares. É significativo que o Parlamento britânico não tenha jurisdição sobre o MI6). Haldeman e Ehrlichman estavam completamente superados. Por exemplo, nem sequer sabiam que «David Young, graduado em Oxford e empregado do Kissinger através de organizações como o Milbank Tweed, estava trabalhando nos porões da Casa Branca, fiscalizando "infiltrações"».

A «confissão» do James McCord ao juiz John Sirica deveria ter advertido ao Nixon de que o estavam golpeando de dentro. Mas um confuso e paralisado Nixon respondeu perfeitamente ao plano esboçado pelo Instituto Tavistock para romper a moral de uma pessoa seguindo uma estratégia de terror.

O general Haig, ao que lhe deu um curso rápido no Tavistock, «jogou um papel fundamental na estratégia de confusão e lavagem cerebral do presidente Nixon, e, com efeito, foi Kissinger quem dirigiu a Casa Branca durante esse período». A «valente» reportagem do Washington Post não foi mais que uma completa mentira preparada pelas forças da Nova Ordem Mundial.

A legendária fonte «Garganta Profunda» não era senão o mesmo Haig.* À equipe de jornalistas, Woodward e Bernstein, ambos os membros do CFR, eles foram dando toda a informação que publicavam. Não houve nenhuma investigação, nem nenhum encontro secreto. O Washington Post, um importante membro do comitê diretor do Clube Bilderberg, o próprio Clube e o Comitê dos 300, pressionaram ao Nixon seguindo a pés juntinhos o manual do Instituto Tavistock.

*[Em junho de 2005, o antigo funcionário do FBI Mark Felt, de 91 anos e mentor do jornalista Bob Woodward, revelou ser o verdadeiro «Garganta Profunda». Trata-se, entretanto, de uma montagem.]

Coleman escreve que «pela insistência do RIIA, Haig se fez com o controle do governo dos Estados Unidos, a Casa Branca, depois do golpe de estado de abril de 1973». Haig colocou nos cem postos mais importantes de Washington a homens do Instituto Brookings, do Institute of Policy Studies e do CFR, quem, «como ele mesmo, estavam às ordens de um poder estrangeiro», quer dizer, às ordens daqueles que tinham imposto os interesses da ordem mundial global sobre os Estados Unidos da América.

«A humilhação do Nixon foi uma lição e uma advertência para o futuro presidente dos Estados Unidos», para que lhe tirasse da cabeça que podia desafiar ao Governo Mundial na sombra. Kennedy foi brutalmente assassinado «pela mesma razão, à vista de todo o povo americano».

Todavia, John Coleman e Lyndon La Rouché (este último candidato democrata à presidência no passado e editor da excelente Executive Intelligence Review [EIR]) levaram a cabo sua própria investigação sobre o Watergate e os Papéis do Pentágono e chegaram à mesma conclusão; o propósito da humilhação ficou muito mais claro no episódio dos Papéis do Pentágono e a subsequente «designação do Schlesinger (na comissão da energia atômica) dentro da Administração Nixon, cujo objetivo era deter o desenvolvimento da energia atômica». O leitor já haverá deduzido que tudo isso eram fatores graves para a desindustrialização dos Estados Unidos, tal e como planejavam o Clube Bilderberg, o Clube de Roma e o Comitê dos 300. John Coleman acrescenta em *Conspirators Hierarchy: The Story of the Committee of 300* que «neste ponto se acha o início gerador da recessão/depressão de 1991 que [...] desempregou trinta milhões de americanos».

Segundo as fontes de Inteligência do Coleman, na primavera de 1970, William McDennott, do FBI, foi ver o principal encarregado da segurança do Rand (o instituto de lavagem cerebral dos Estados Unidos), Richard Best, para lhe advertir que Daniel Ellsberg havia aparentemente «tirado do Rand estudos sobre o Vietnã que esta instituição tinha levado a cabo».

Em posteriores encontros com o doutor Henry Rowan, diretor do Rand - e melhor amigo do Ellsberg, coisa que não sabia o FBI -, este disse ao Best e McDennott que estava em marcha uma investigação do Departamento de Defesa e que «por isso recomendava que o FBI deixasse de investigar a Ellsberg». De fato, Coleman tinha descoberto que «não havia nenhuma investigação em marcha.

Ellsberg seguiu mantendo sua capacidade operativa no Rand e continuou copiando documentos sobre a guerra do Vietnã até que estourou todo o assunto dos Papéis do Pentágono, o qual golpeou duramente os alicerces da Administração Nixon».

O segundo traidor era, como os leitores mais ardilosos haverão imaginado já, o próprio conselheiro de Segurança Nacional do Nixon, Henry Kissinger. Em meados da década de 1970, o Clube havia colocado ao Kissinger na direção de um pequeno grupo composto pelo James Schlesinger, Alexander Haig e Daniel Ellsberg. «Cooperava com este grupo o Instituto de Estudos Políticos (IPS), com o Noam Chomsky como principal teórico.» Os objetivos do IPS vêm ditados pela Mesa Redonda britânica e pelo Instituto Tavistock. Coleman explica em seu livro *IPS Revisited* que a principal agenda era «criar a Nova Esquerda, um movimento de base para engendrar conflitos e estender o caos, expandir os "ideais" do socialismo niilista... e converter-se no grande "açoite" da ordem governamental e política dos Estados Unidos», como fatores chaves na desindustrialização desse país através da estratégia de crescimento zero pós-industrial. Quando Kissinger foi colocado como conselheiro de Segurança Nacional, «Ellsberg, Haig e Kissinger puseram em marcha o plano do RIIA do Watergate para derrocar ao presidente Nixon, pois tinha desobedecido instruções diretas», o que quer dizer que Nixon tinha declarado publicamente que não aprovava o GATT, ou Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio, uma afirmação que tinha enfurecido ao David Rockefeller.

O GATT mostrar-se-ia mais tarde como uma autêntica erosão da soberania nacional dos Estados Unidos e achava-se em processo de criar uma destruição total, social, econômica e cultural, tal e como o Senado dos Estados Unidos tinha advertido em 1994, através do milionário e membro do Parlamento Europeu, sir James Goldsmith (que morreu repentinamente - e não sabemos se por casualidade - depois de atestar ante o Comitê do Senado dos Estados Unidos).

De fato, por ordens do Andrew Schoenberg, presidente da RIIA, a sociedade secreta que controla a política externa britânica, Kissinger e seu pessoal recebiam «toda a informação de inteligência do interior e exterior do país antes que o próprio presidente; inclusive a informação da Quinta Divisão do FBI, a mais secreta». Não há dúvida de que os dois homens aos quais Nixon confiava sua vida, Haldeman e Ehrlichman, não entendiam o que estava passando a seu redor: o MI6 (o Instituto de Inteligência britânico), tinha o controle sobre toda a informação que podia chegar ao presidente Nixon.

Coleman conclui que «com estes métodos, Kissinger se impôs à presidência do Nixon, e depois de que Nixon foi desonrado e defenestrado pelo grupo do Kissinger, este emergiu com poderes enormes, como nunca se viu antes, ou depois do Watergate».

Com a demissão do Nixon, o Clube Bilderberg conseguiu por fim ter a seu «presidente» no cargo, Gerald Ford (pertencente ao Bilderberg e ao CFR), a nova marionete da Nova Ordem Mundial movida pelo Henry Kissinger, agente do David Rockefeller, que por sua vez estava a serviço do Clube e do Comitê dos 300.

Pouco depois da queda do Nixon, o novo presidente Gerald Ford pôs seu selo de aprovação à política externa do Kissinger. Gary Alien, em seu livro *O expediente Rockefeller* escreve: «O presidente Ford deu sua aprovação à política

externa que havia projetado o secretário de estado Henry Kissinger. Seu objetivo era estabelecer uma sorte de Governo mundial antes do final da década de 1970. Mediante a demanda de uma estratégia global sobre os alimentos e o petróleo dentro da estrutura das Nações Unidas, o presidente assinou sua aceitação da "nova ordem internacional" que tinha estado perseguindo Kissinger.»

A criação do Bill Clinton

Como anedota final, cabe dizer que o presidente Bill Clinton foi «ungido» como candidato à presidência na conferência de Bilderberg de 1991, em Baden-Baden, a qual assistiu. O que é completamente desconhecido para a maior parte dos Estados Unidos e dos meios de comunicação do mundo é que Clinton fez uma inesperada viagem à Moscou diretamente do encontro Bilderberg.

Na terça-feira 9 de junho entrevistou-se, durante uma hora e meia, com o ministro do Interior soviético, Vadim Bakatin. O senhor Bakatin, ministro no condenado gabinete do presidente Mikail Gorbachov, achava-se imerso na campanha da inflamada eleição presidencial que teria lugar só seis dias depois. Mas, mesmo assim, dedicou uma hora e meia de sua apertada agenda ao desconhecido governador de Arkansas. Por que?

A carreira posterior do senhor Bakatin pode nos dar uma pista. Embora Gorbachov perdesse as eleições, Bakatin, considerado um «reformador», foi recompensado pelo presidente Yeltsin com um cargo preferencial na KGB.

Poderia ser que o presidente Clinton fosse enviado diretamente à Moscou, pelo Clube Bilderberg, para conseguir que «enterrassem» os informes da KGB sobre a juventude do próprio Clinton e suas atividades contra a guerra do Vietnã dois meses e meio antes de anunciar sua candidatura à presidência.

Um dos poucos periódicos americanos que cobriu esta história foi o Arkansas Democrat, que a intitulou «Clinton tem um poderoso amigo na URSS: o novo chefe da KGB». Não surpreenderá, portanto, que, segundo fontes da Inteligência, o presidente Clinton, acobertado pelos bilderbergers, promettesse ao presidente Yeltsin que, depois de ter ganho as eleições dos Estados Unidos, os navios de guerra russos obteriam combustível e outros privilégios portuários em todas as zonas navais americanas.

Segundo Rick Lacey, «os planos dos bilderbergers não se limitam ao estabelecimento de uma Nova Ordem Mundial e do controle semi-secreto, entre bastidores, de toda a humanidade. Seus planos incluem o domínio total do planeta, incluída sua atmosfera, oceanos, continentes e todas as criaturas, sejam grandes ou pequenas e já existentes ou por criar».

Samuel Berger, ex-conselheiro de Segurança Nacional do Bill Clinton, disse recentemente no Instituto Brookings que «a globalização econômica, cultural, tecnológica e política, não é uma escolha. É um fato que já está acontecendo. É uma realidade que avançará inexoravelmente, com ou sem nossa aprovação. É um fato que às vezes ignoramos com o consequente perigo para nós».

Isso é certo. Como me disse uma vez Jim Tucker, «Deus pode ter criado o universo mas, no que diz respeito ao planeta Terra, a mensagem do Clube

Bilderberg à Deus é simplesmente esta: "Obrigado, mas a partir de agora nos encarregaremos de nós"».

O Clube Bilderberg, desmascarado

Por outro lado, Thomas Jefferson, um dos pais fundadores da democracia dos Estados Unidos, definia-o da seguinte maneira: «Certos atos de tirania podem atribuir-se à opinião acidental de um dia; mas toda série de opressões que começaram em um período concreto e que se mantiveram inalteráveis com todos os ministros [presidentes] existentes, demonstram muito claramente que existe um plano sistemático e deliberado para nos reduzir à escravidão.»

Esta estratégia corporativa em sua forma global é, em palavras que pronunciou David Rockefeller no encontro Bilderberg de junho de 1991 em Baden-Baden, Alemanha «A soberania supranacional de uma elite intelectual e banqueira é absolutamente preferível à auto-determinação nacional praticada durante os séculos passados.» [26]

«Tal estrutura funciona mediante os mesmos mecanismos financeiros e comunicativos que puseram ao Tony Blair e George Bush Jr. no poder, dando-lhes a maioria dos votos. As corporações transnacionais levaram a cabo uma publicidade muito potente e hão financiado a estes líderes políticos, para assegurar o cativo dos Estados. Os Governos já não podem governar para o interesse comum sem infringir as novas leis de comércio e investimento que só beneficiam às corporações transnacionais», como se lê em *Why is there a war in Afghanistan?*, do John McMurtry, no Fórum, sobre como deveria responder o Canadá, ao terrorismo e à guerra, 9 de dezembro de 2001.

O que me surpreende mais é por que os outros não vêem este perigo? Deve-se a que o conhecimento suporta uma responsabilidade e clama por uma resposta decisiva? Se formos conscientes de que, de fato, existe um poder muito mais potente que a presidência escolhida democraticamente; uma autoridade «moral» mais poderosa que o Papa; mais onipotente que Deus; um poder invisível que controla o aparelho militar mundial e o sistema de inteligência; que controla o sistema bancário internacional; que controla o sistema propagandístico, mais eficiente da história; devemos concluir, forçosamente, que a democracia é, no melhor dos casos, uma ilusão, e, no pior, o prelúdio de uma ditadura que se conhecerá como a Nova Ordem Mundial que conduzirá a uma escravidão total.

Michael Thomas, um banqueiro de investimentos da Wall Street, que alcançou fama mundial como escritor e como o analista mais incisivo da etapa Reagan-Bush disse numa ocasião: «Se os bilderbergs parecem agora mais discretos que nunca é, entre outras razões, porque suas propostas, levadas a cabo por seus servís agentes, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, causaram mais devastação nos últimos anos que todos os desastres da Segunda Guerra Mundial juntos.»

«O funesto resultado - escreve o ex-jornalista da BBC, Tony Gosling - é uma visão da democracia ocidental subvertida, na qual as pessoas que tomam as decisões ficam de acordo, não para coisas que são importantes para a gente ordinária - justiça social, interesse comum e qualidade de vida - a não ser para

reforçar a austeridade econômica e conseguir ainda maiores lucros para a elite empresarial e política.»

Com toda a evidência em suas mãos, a maioria ainda acredita que «tem muitos problemas pessoais para incomodar-se com teorias conspirativas é exatamente o que o Tavistock perseguia. Encurralados pelo caos, reagimos como o fez Nixon quando foi isolado, confundido e depois destruído pelos planejadores da globalização. Desmoralizados e confusos, com pouca auto-estima, com um futuro incerto, a gente é muito mais propenso a aceitar a aparição repentina de um «messias», uma Nova Ordem que promete a eliminação das drogas, da pornografia, da prostituição infantil, do crime, das guerras, da fome e do sofrimento, e que garante uma sociedade bem ordenada na qual a gente viva em harmonia.

O problema é que essa nova «harmonia» devorará nossas liberdades, os direitos humanos, nosso pensamento independente e sua mera existência. «Harmonia» significará uma sociedade do bem-estar que nos converterá em números dentro do enorme sistema burocrático da Nova Ordem Mundial. Os não conformistas, como eu mesmo, seremos varridos com a simples pulsação de uma tecla de computador, internados num dos mais de 600 campos de concentração que já estão em pleno funcionamento na atualidade nos Estados Unidos, a não ser que a gente do mundo livre (ou o que resta dele), a «resistência leal», levante-se para defender os ideais nacionais, em vez de deixá-los nas mãos dos governos, dos representantes da Comissão Européia, das Nações Unidas e da realza, que já nos traíram.

Esses elegantes e sempre corretos membros das famílias reais européias, suas educadas damas e galhardos cavalheiros que hão permutado suas reais vestimentas por trajes de três peças são, na realidade, completamente desumanos. Usarão o sofrimento das nações e sua riqueza para proteger sua privilegiada forma de vida.

Estas fortunas da aristocracia estão «inextricavelmente relacionadas e entretecidas com o tráfico de drogas, ouro, diamantes e armas, com os bancos, o comércio e a indústria, com o petróleo, os meios de comunicação e a indústria do entretenimento».

Como podemos verificar estes fatos? É virtualmente impossível penetrar no Clube Bilderberg. Algumas das provas não estão a nosso alcance porque a informação sai diretamente dos arquivos de inteligência e só uma minoria privilegiada pode vê-los.

Não espere nunca que os meios de comunicação mencionem a conspiração nos telejornais da noite. A imprensa está totalmente sob o controle das formosas damas e cavalheiros que dedicam a maior parte de seu tempo à empresas filantrópicas. A maioria da gente acredita que, como não pode ver uma motivação detrás das coisas que descrevi, como tudo isto não aparece nas notícias, deve tratar-se de uma mais das muitas teorias da conspiração a que desprezar, freqüentemente ridicularizar e finalmente rechaçar. A gente quer provas definitivas e isso é o mais difícil de conseguir. Isso é o que o Instituto Tavistock fez com a raça humana. A Nova Ordem Mundial neutralizou a única ameaça real que as «suas massas», quer dizer, nós, pudemos opor a seus planos. Este livro pode ser uma exceção. Seu objetivo é tirar máscara da Nova Ordem Mundial para mostrá-la como realmente é.

Neste livro há muitos documentos e fontes que podem verificar, ao menos, parte dos fatos e que deixarão ao leitor inteligente perguntando-se se aí detrás há mais do que alcança a simples vista.

A seguinte informação é fruto de muitos anos de investigação, de milhares de documentos e fontes consultadas. Algumas pessoas incrivelmente valentes arriscaram suas vidas (e outros morreram tentando) para ter acesso a parte do material no qual se detalha o terrível futuro que nos espera.

CAPÍTULO 2

O Council on Foreign Relations (CFR)

A Comissão Trilateral não dirige secretamente o mundo. Isso o faz o CFR.

Sir WINSTON LORDE, presidente do CFR (1978) e assistente do secretário de estado dos Estados Unidos Durante muito tempo, o Clube e eu estivemos brincando de escondeesconde.

Habitualmente, realizo minhas investigações sobre este grupo de maneira absolutamente discreta. Entretanto, uma vez ao ano, saio de meu esconderijo e penetrou na boca do lobo. A reunião internacional dos senhores do mundo, em que os únicos jornalistas convidados são os adeptos, é muito tentador para mim.

Assim Stresa, Itália, era meu próximo destino.

Para acessar a este tranqüilo povo turístico, que vive de aposentados alemães de peles bronzeadas pelo sol; britânicos e irlandeses incapazes de falar outra coisa que não seja seu idioma; deve-se voar até o Aeroporto Internacional da Malpensa, em Milão.

Eu gosto de Milão. Posso imaginar no vazio da vogal que separa a M da L, uma réplica em miniatura de sua famosa catedral: a umidade de suas postas de sol na primavera, os ecos das pisadas marcando um ritmo staccato em seus lugares pavimentados.

Assim que me sentia feliz de voltar para essa cidade, de caminhar em direção oposta às hordas de turistas que já retornavam a seus lares. Turistas incapazes de apreciar a elegância da cidade e seu esplendor oculto.

Enquanto percorria o terminal do aeroporto, minha mente perambulou sonolenta sobre algo que tinha lido na revista do avião, um singelo artigo sobre o Novodevichy ou «o Convento das Novas Donzelas», o cemitério mais reverenciado de Moscou. O artigo se via forçado a compartilhar o espaço da página com uma mulher fatal com um decote do vestido vermelho, que levava uma garrafa de licor celestial a seus úmidos e carnudos lábios, e uma útil lista de visitas imprescindíveis elaborada pelo Departamento russo de Turismo. Entre o mais destacável, o mausoléu do Lenin, o quartel geral do KGB na Lubianka e o GUM, «o centro comercial maior do mundo».

Novodevichy! Alguns dos escritores e poetas russos mais venerados estão enterrados ali. Chejov foi um dos primeiros em residir no lugar, em 1904, e os restos do Gógol foram trasladados ali do monastério de Danilov pouco depois.

Os escritores do século XX, Mayakovsky e Bulgakov, estão sepultados nele, assim como os reconhecidos diretores e fundadores do Teatro da Arte de Moscou, Nemírovich-Danchenko e Stanislavsky.

Pensei na ulterior imprevisibilidade do futuro. O passado era para mim não uma rígida sucessão de fatos, a não ser, algo assim como um armazém de imagens recordadas e com pautas ocultas, que contêm a chave do misterioso desenho de nossa vida.

Visitei em minha imaginação a tumba do Gógol, simbolicamente vinculada a de outro famoso escritor, Bulgakov, autor do O Mestre e Margarida. A tumba do Gógol foi, em um momento dado, trasladada dentro do mesmo cemitério do

Novodevichy. No traslado se renovou parte da pedra original, ficando uma grande laje armazenada durante anos, até que a esposa do Bulgakov a viu e a incorporou à última morada de seu marido. Mais tarde descobriu que aquela pedra tinha pertencido à sepultura do Gógol.

Beleza e luminosidade, por um lado; meditação filosófica, por outro...

— Buona sera. Seria tão amável de nos acompanhar, por favor? Uma voz aguda e penetrante dispersou meus pensamentos que fluíam, placidamente e sem propósito, pelos limites de minha imaginação.

Levantei os olhos.

Um tipo, embutido em uma gabardina se dirigia para mim. Surpreendeu-me seu traje, considerando que o céu era de um azul muito intenso. Entre as dobras de sua gabardina pude ver o brilho de uma arma automática.

Como a estrela convidada de um espetáculo de feira, rodeado de corcundas, anões e mulheres barbudas, este insignificante homem, bloco perfeito em qualquer carnaval, invadiu meu espaço pessoal, estalou os dedos e levou dois dedos à frente apresentando-se a si mesmo.

— Sou o detetive fulano de tal - disse em um perfeito tetrâmetro iâmbico.

— Faça o favor de nos acompanhar, se não se importar.

Uma intensa sensação de tragédia anunciada ou, mais exatamente, uma sombra pesada, abateu-se sobre minha mente, recordando-me o perigo que envolvia a minha forma de ganhar a vida.

O detetive e eu, flanqueados por dois guardas locais e um agente de narcóticos com um doberman, entramos em uma diminuta sala de detenção onde agentes de alfândegas e guardas de segurança costumavam sacudir a pequenos e grandes delinqüentes esperando a recompensa de seus rivais de vadiagem. A sala albergava um escritório, absurdamente largo, e perto dele uma mesa baixa com um abajur. Tudo parecia assombrosamente tranqüilo. Podia-se ouvir o vento contra o cristal, o som metralhante de uma série de soluços, seguido de rítmicos gemidos e pesados passos percorrendo o corredor.

— Pode tirar o casaco - disse um dos guardas movendo a cabeça em direção a um cabide cravado à parede.

Desabotoei, mecanicamente, o agasalho impermeável que levava.

Em retrospectiva, envergonho-me de como me deixei abandonar e intimidar, pela ansiedade que senti.

Estirei-me para pendurar o para ventos no cabide mas, como estava mal posta, caiu lançando duas jaquetas e uma americana ao chão. Os quatro objetos desabaram fazendo um ruído embaraçoso.

— Lei come si chiama? (Como se chama?)

Respondi com meu nome.

— Qual é sua nacionalidade?

Disse-a.

— Di che parte di Canadá e lei? (De que parte do Canadá você é?) Lei dove abita? (Onde vive?) Qual e il suo numero di telefono? (Qual é seu número de telefone?) É la prima volta che vem in Itália? (É a primeira vez que visita Itália?)

Durante todos estes anos que estive cobrindo as reuniões do Clube Bilderberg aprendi a evitar o desnecessário enfrentamento com os intimidantes guardas de fronteiras e policiais. Conheci a vários jornalistas que foram devolvidos à casa só por irritar à autoridade.

— Nós gostaríamos de examinar sua bagagem. Temos razões para acreditar que pode estar transportando drogas - disse o detetive.

— Se tiver drogas, é melhor que nos diga, antes de abriremos a mala. - acrescentou o agente de narcóticos.

Não estava preocupado pelas drogas, porque simplesmente não tomo drogas, não fumo e muito menos as transporto a outro país em uma mala.

Entretanto, estava cobrindo o encontro anual do Clube Bilderberg e meu nome era conhecido por todas as divisões do serviço secreto, do Mossad ao KGB, do MI6 à Cia. Todos os jornalistas que cobrem estes encontros secretos anuais são fotografados, registram-se seus dados pessoais e toda essa informação passa da Interpol, controlada pelos Rockefeller, a todas as agências de proteção internacional.

Não seria a primeira vez que alguém tentava comprometer minha segurança. Em Toronto, em 1996, um agente encoberto tentou me vender uma arma roubada. Em Sintra, em 1999, enviaram-me à habitação do hotel uma mulher que tinha sido programada, mediante técnicas de hipnose e lavagem cerebral, com o mandato de despir-se e atirar-se imediatamente pela janela, depois de receber uma certa chamada telefônica. Sua intenção era acusar-me de assassinato (é uma técnica mais habitual do que pensamos nas lutas de poder dos grandes). Para sorte de todos, rechacei suas insinuações. Não me perguntem por que. Uma das habilidades que desenvolvi seguindo aos bilderbergs por todo mundo é o sexto sentido. Sons estranhos no carro, ruídos repetitivos, caras que me soam familiares, amigos repentinos que se oferecem para ajudar... A gente aprende a ir com cuidado. Havia algo fora do normal na conduta dessa mulher. Muito voluntariosa, muito forçada.

Sua linguagem corporal não coincidia com sua linguagem verbal. Pensei, é isso! O que me chamou a atenção foi sua aparente falta de coordenação entre seu corpo e seu discurso. Quando ouvi os golpes na porta, pensei que era o serviço de habitações, com o frango com amêndoas e o bolo de maçãs que tinha pedido para jantar. Em vez disso, ao abrir a porta me encontrei com uma mulher escultural, com o cabelo comprido, negro e encaracolado e uns olhos verdes que pareciam engarrafar raios de lua.

— Daniel, por fim lhe encontro - disse-me enquanto se deslizava dentro da habitação -, confia em mim... precisava vê-lo... estou obcecada consigo... - e apoiando-se ligeiramente sobre a mesa de madeira que estava agora em frente de mim, foi deslizando brandamente as mãos por seus curvilíneos quadris, enquanto fazia subir e baixar a seda de seu vestido vermelho, para me deixar ver suas coxas envoltas em encaixe negro -. Sinto que sem ti não há nada... desejo-lhe... quero que deixe seus rastros em minha pele... preciso de você... sou sua e você é meu. Subia as mãos para acariciar os peitos e ia desabotoando os botões do decote, deixando-me entrever uns mamilos pequenos e escuros.

— Morro de desejo... usa-me como não usou ninguém... disse avançando para mim devagar. Seu olhar era muito estranho. Quando não me olhava, deixava os olhos fixos, absortos na lembrança; poderia ficar diante dela mesmo o Satanás e não perceberia sua presença. Não sei como, veio a minha mente nesse momento a mulher fatal da garrafa de líquido celestial. Marketing, publicidade, mentira, manipulação.

Voltando à Milão, àquela habitação da delegacia de polícia do aeroporto e aos olhares dos policiais sobre mim, perguntei-me, é possível que me tenham metido drogas na mala?

Cobrando os bilderbergs, sempre tomo todas as precauções. Nunca embarco a bagagem. Só levo uma mala de mão, que nunca perco de vista. Voltando da Escócia em 1998 (que constituiu uma de minhas investigações sobre o Clube Bilderberg mais proveitosa, pois Jim Tucker, do American Free Press, e eu descobrimos os planos de guerra do Clube Bilderberg em Kosovo. Primeiro, despertaram as hostilidades entre a Grécia e Turquia pelo Chipre, para depois estendê-las aos Balcãs) tive a sensação de que alguém tinha estado revolvendo em minha bagagem: deixei-a no aeroporto com toda minha roupa e documentos da conferência de Turnbeny...

Assim, movendo-me para um lado da sala, encontrei-me na parte sombria do largo escritório.

O detetive que estava sentado na ponta do banco observava, atento, a todos os meus movimentos, com as mãos apoiadas no canhão de sua arma. De repente, ficou de pé e com a ponta de sua bota passou sobre o grosso pelo que enrugava doberman.

Um dos guardas desapareceu dentro de minha mala. Tudo o que podia ver eram os agudos ângulos de seus cotovelos movendo-se acima e abaixo.

Notei um peso em meu coração. Procurava algo positivo em minha mente, mas não pude encontrar uma fibra de alegria. O melhor que me podia acontecer era que me metessem num avião de volta para a casa.

De repente, o guarda me olhou, deu um grito misturado de curiosidade e incerteza, tirou da mala um fino e gasto volume em russo do Fet, grande escritor russo do século XIX. Todo mundo começou a falar de uma vez.

Um jovem guarda com óculos agarrou o livro dizendo que havia estado na Rússia e sabia falar um pouco o idioma. Por exemplo, sabia dizer borsch (sopa de beterraba), raduga (arco íris) e privet (olá). Ao menos, a atitude desse guarda para comigo mudou completamente.

Registrando os mais profundos rincões de sua memória, tentou em vão unir aqueles retalhos idiomáticos em uma frase coerente. Resultou-me impossível entender o que dizia. Escutei com atenção e a boca meio aberta: seu conhecimento de russo me recordava a vasta estepe, uma palavra, uma casa, essa ilha de esperança entre a enormidade do vazio. O paradoxal processo de tentar entender minha dócil linguagem causava-me dor.

O detetive, que se tinha aproximado do guarda, sentou-se a meu lado. Eu estava ainda de pé, apoiado contra a parede, e senti sua desagradável calidez.

Colocou um caramelo de hortelã na boca e arrebatou o livro do guarda.

Passou os dedos pela lombada do livro, abriu-o e começou a farejar entre as páginas. Como todo aquele que lê pouco, sussurrava seguindo com os lábios a leitura.

Aproveitando a calma da conversação, fiz um estudo detalhado do homem: corpulento, moreno, não muito jovem, nariz fino, bem penteado, pálpebras proeminentes e unhas mordidas.

Na sala ao lado, alguém ria sonoramente. Uma cadeira atravessou violentamente o aposento na sala da frente. O homem com o doberman usava umas calças estreitas e apertadas que cobriam umas pernas desengonçadas. Murmurou algo ao guarda, embora as palavras se perderam no conjunto das vozes.

A porta, cuja existência tinha passado por cima, abriu-se de repente com força. Um homem vestido a paisana entrou de repente com uma arma. O guarda viu-o primeiro, soltou um grito e levantou as mãos com seus dez dedos dançando no ar. Ele e o detetive, que já se tinha cansado de folhear meu livro, pois não tinha fotos, saudaram-se efusivamente, com palmadas e apertões de mãos fervorosos.

Começou uma breve conversação. Nesse momento, o detetive, o homem a paisana, os dois guardas e o manifestadamente passivo agente de narcóticos formavam uma pina. O doberman dormia sobre o felpudo.

A conversação transcorria num tom discreto, o que supunha uma monumental façanha para qualquer italiano, e dela pude captar fragmentos isolados de frases: «Cosa vuol dire...? (O que quer dizer...?)», «Non capisco nulla (Não entendo nada!)» «Chi cerca (A quem busca?)».

Depois de um breve intercâmbio, todo mundo acomodou-se. O detetive sentou-se em frente a mim, os guardas recuperaram seus postos na porta e o policial de narcóticos sentou-se sobre a escrivaninha. O homem a paisana apoiava-se contra a parede.

— Deixe-me ver de onde lhe conheço - começou.

A voz aveludada do detetive acrescentava uma sensação dramática a essa peça teatral cujos mal desenhados protagonistas não acertavam a animar-se.

— Dove siete alloggiati? (Onde se aloja?)

Pedi-me os bilhetes de avião e a reserva do hotel. Entreguei-os rebuscando entre a habitual desordem de minha bagagem.

— Que razão você poderia ter para vir à Stresa nesta época do ano?

Sopesava todas e cada uma das palavras que dizia para lhes dar todo o sentido comum que podia. Eu não respondi. Nesse momento, meus nervos estavam inusitadamente receptivos depois de uma inacabável hora de interrogatório.

Mecanicamente, alcancei meu Fet, minha única fonte de calidez e segurança. Imediatamente, o detetive pediu-me que deixasse o livro e prestasse atenção. O detetive tirou uma fotografia da pasta vermelha que sustentava com a mão direita. Não podia acreditar. Em frente, tinha uma cópia em preto e branco da fotografia de minha carteira de identidade espanhola.

— O que veio fazer em Stresa? - repetiu em um perfeito inglês.

Tinham-me descoberto. Não havia outra possibilidade. Alguém do Ministério do Interior espanhol tinha facilitado minha fotografia às forças de

segurança italianas. Os italianos sabiam de minha vinda e estavam me esperando. E o que era pior, o Ministério do Interior espanhol estava colaborando com o Clube Bilderberg para deter minha investigação. Quem podia ter sido? Como sabiam onde me esperar? Foi a companhia aérea quem lhes tinha facilitado meus dados (que eram confidenciais) aos italianos? Quem os havia pedido? O que tinham obtido em troca?

Olhei intensamente um pedaço de papel de alumínio que havia no chão.

De repente, entendi algo que estivera intuído sem ser consciente: a razão de que me tivessem detido, de que me estivessem interrogando, de que me fizessem perder tempo. Não me podiam deter porque não tinha feito nada. Tampouco, podiam me deixar ir, porque tinham ordens de me deixar na mão. Os guardas de fronteiras, sem sabê-lo, formavam parte da invisível da maquinaria do Clube Bilderberg.

Levantei-me.

— Senhores - disse -, têm duas opções. Ou me detêm e me imputam algum encargo, ou me deixam ir. Acabou-se esta mascarada. Vocês sabem perfeitamente por que estou aqui e eu sei que vocês sabem que conheço seu jogo.

Fixei-me na sombra que projetava a parte do papel alumínio no chão.

Enfasiado de tudo aquilo, zangado de mim, do mundo, de que a gente não soubesse nada, de que não queria saber nada, de que não lhes importasse nada.

Tentei fundir aquele objeto insignificante na ordenada existência do momento.

De novo, discutiram entre todos o próximo movimento. Sem dúvida, agora, já sabia que em alguns minutos um carro me estaria levando às bordas do lago Maggijre, à Stresa e à conferência anual do Clube Bilderberg; ali me encontraria com um grupo de investigadores indomáveis, meus amigos. Pessoas que, contra todo o prognóstico, tinham arrumado para chegar a essa perdida cidade. Poucos sabiam as adversidades que tiveram de superar para conhecer o plano mestre para o Governo Mundial do Clube Bilderberg.

— Você fica livre para ir, senhor Estulin - disse o detetive - Porém, lembrese, sabemos onde encontrá-lo. Agora está na Itália. Se se mete em algum problema, irá parar no cárcere. Isso, prometo-o.

Recolhi minha mala, coloquei meu livro em um dos bolsos laterais e disse «Da svidania, daragoy» (Adeus, amigo). A cara do guarda se iluminou momentaneamente e olhou com receio ao detetive. Sem me deter olhando, segui meu caminho. Por fim, livre.

Enquanto caminhava pelo terminal do aeroporto, pensei na veleidade da fortuna e nas exigências da amizade. Uma e outra vez, o perigo e a morte chamavam a minha porta, embora minha missão seguia inalterada. Um jovem de cabelo loiro, com roupas orientais e o nariz enfaixado entrou em um café. Perto, um garçom limpava as mesas com um pano úmido.

Na cristaleira de uma loja de lembranças, um desgastado poster anunciava a visita de um circo. Uma das pontas do papel estava solta. Havia uma mosca morta no batente da janela.

Saí à rua. Não havia vento, embora o ar fosse quente e cheirasse ligeiramente a gasolina.

Um homem, brandindo o periódico local, sentou-se num banco em frente a mim. Por alguma inexplicável razão, tirou os sapatos e as meias três-quartos.

— Qual é il prezzo a Stresa? (Quanto custa ir à Stresa?) Possono portarmi il bagaglio? (Você pode levar minha mala?)

O taxista, que possuía um enorme nariz, acessou a me levar e carregou meus pertences em sua Mercedes Benz.

Eu adoro o processo de viajar e os meios de transporte: o cômodo assento de pele, a antecipação de novos descobrimentos, o lento desfilar das luzes do aeroporto.

O taxista, que tinha uma pequena e pálida cara e, pela forma de seu nariz, dir-se-ia que era aficionado à bebida, começou uma conversação.

Explicou-me que seu genro trabalhava em uma próspera seguradora de Roma. No painel se podia ver uma gasta fotografia de uma mulher maior e corpulenta, de nariz vermelho e olhos fechados. A mulher do taxista. O homem se queixava de ser pobre; ter que trabalhar muitas horas e não ver o suficiente para sua família.

Essa era a história de sua vida, uma vida com pouco sentido, a precária e insossa existência da terceira geração de imigrantes napolitanos.

Em algum recôndito compartimento de minha mente podia ouvir o intrincado som de seu falatório; entretanto, o resto por minha consciência tinha passado a outro mundo, meu tão prezado universo privado...

Alguém disse uma vez que escrever não é estar ausente, a não ser adquirir a ausência; ser alguém para depois ir-se, deixando só traçados.

(C., meu amor e minha vida. Você é meu céu e meu inferno. Só poderia ser ambos. Você é minha felicidade, minha vida inteira, embora também o encontro violento entre duas linguagens. Porque a linguagem, inclusive a mais brilhante língua, é uma espécie de injustiça, o gemido ao que aspira a mais perfeita felicidade.

Não porque nossa felicidade esteja condenada, ou porque o destino seja injusto, mas sim porque a felicidade é inteligível só sob a ameaça; tão inteligível como sua própria ameaça.)

Tentei me concentrar no que estava esperando em Stresa.

Dias de vinte e duas horas de trabalho, chamadas para comprovar fontes, ser continuamente seguido pelo Serviço Secreto, ameaças, registros não autorizados, reuniões e mais reuniões, com aqueles poucos valentes que ameaçavam revelar os preciosos segredos do Clube Bilderberg e seu diabólico plano. Mas, simplesmente, não podia me concentrar. Vinham-me à mente incoerentes imagens da mais intensa honra moral. Escravidão Total. Fomes provocadas pelo ser humano que levavam milhões de vistas a tumba. Sofrimento, mais sofrimento. Um sacrifício desumano indescritível. Por que? É possível que alguém possa infligir tanto mal só em seu próprio benefício? Lutava para não derramar lágrimas, enquanto recordava que a busca da verdade é uma reivindicação da decência às custas da crueldade.

Pensei num final feliz para um conto, ainda por escrever, sobre o paraíso perdido: nosso aflito mundo. Como seria caso se dissipasse a felicidade para

sempre? O paraíso e sua perda se complementam. Não só é certo que os paraísos são sempre paraísos malogrados, mas, também é indubitável que não há éden sem sua perda. Se não pode perdê-lo, não se trata de um paraíso.

Bilderberges uma metáfora do medo, a imagem mesma da loucura. Além de tudo, está a compreensão, é óbvio, de que o tempo e o espaço, como o amor e a morte, alteram-nos e afirmam-nos; pegam-nos e exploram-nos; implicam o irrevogável e convertem-nos no que somos.

O que é o tempo a não ser uma passagem brutal, uma decadência e uma forma de consciência. O nascimento da consciência que se sabe temporário. E menos ainda entendo qual é o propósito de um destino que se empenha em unir minha vida a do Clube Bilderberg.

* * *

Não deveria nos surpreender o fato de que exista, em nível internacional, uma organização equivalente ao Clube Bilderberg. Este grupo se chama a si mesmo CFR, quer dizer, Council on Foreign Relations (Conselho de Relações Exteriores). O CFR forma parte de um grupo internacional já citado e que se chama Round Table ou Mesa Redonda. Outras de suas sucursais são o Royal Institute of International Affairs do Reino Unido e os Institute of International Affairs do Canadá, Austrália, África do Sul, Índia e Holanda, e os Institute of Pacific Relations da China, Rússia e Japão.

O CFR tem seu quartel general na cidade de Nova Iorque, no edifício Harold Pratt House, uma mansão de quatro pisos na esquina de Park Avenue e a rua 68, que foi doada pela viúva do senhor Pratt, herdeira da fortuna da Standard Oil Rockefeller.

O CFR se compõe de aproximadamente 3.000 membros da elite de poder americano. Embora o CFR tenha muita influência no Governo, são muito poucos os americanos médios que conhecem sua existência, na realidade menos de um em cada dez mil, e muitos menos ainda são conscientes de seu propósito real.

Durante seus primeiros cinqüenta anos de existência, o CFR virtualmente não apareceu nos meios de comunicação. E se temos em conta que entre os membros do CFR figuram os mais importantes executivos do New York Time, o Washington Post, Los Angeles Time, o Wall Street Journal, a NBC, a CBS, a ABC, a FOX, Time, Fortune, Business Week, US News & World Report, e muitos outros, não há dúvida de que tal anonimato não é acidental; é deliberado.

Para valorar as dimensões do poder que dirigem as organizações secretas mais importantes do mundo, quer dizer, o Clube Bilderberg, o CFR e a CT, basta recordar que controlam a todos os candidatos à presidência de ambos os partidos; a maior parte dos senadores e congressistas dos Estados Unidos; a maioria dos postos relevantes para a política do país (especialmente no campo dos Assuntos Exteriores); a maior parte da imprensa; a todos os componentes da CIA, do FBI e do IRS (Fazenda Pública); e a maioria do resto de organizações governamentais de Washington. Quase todos os postos de trabalho do gabinete da Casa Branca estão

ocupados por membros do CFR. Todos estes dados provêm de um relatório de 1987, publicado pelo próprio CFR, disponível para o público em seu site Web.

Obviamente um se pergunta, ante a atual proliferação de livros sobre sociedades secretas, como é possível que uma organização secreta tão poderosa, que controla a política exterior do EE. UU., publique abertamente seus informes. Mas, o leitor deve ser consciente de que essa informação é a que eles querem que você veja, para tirar importância ao assunto. As decisões realmente diabólicas se tomam em esferas internas da organização, como veremos ao longo deste capítulo, em que podemos imaginar a imensidão da infiltração do CFR na sociedade. Conforme se diz nesse relatório, 262 de seus membros são «jornalistas, correspondentes e diretores de empresas de comunicação».

Pergunte a qualquer uma destas pessoas o que aconteceu no último encontro social do CFR e, provavelmente, encontre que sua preocupação pela liberdade de imprensa se evaporou. Katherine Graham, a legendária editora do Washington Post, por exemplo, afirmou em um encontro da CIA, uma organização que esteve sob o controle virtual do CFR desde sua criação: «Há algumas coisas sobre nós que o público não necessita, nem deveria saber.»

Todos os diretores da CIA foram membros do CFR, a exceção do James R. Schlesinger, que ocupou brevemente o cargo em 1973. Schlesinger, entretanto, era um protegido do Daniel Ellsberg, membro do CFR, famoso por ter feito públicos os «Papéis do Pentágono» sobre o Vietnã. Portanto, sua nomeação também estava manipulada pelo homem chave do CFR, Henry Kissinger.

Cada quatro anos, os americanos têm o privilégio de escolher a seu presidente. Em 1952 e 1956, Adlai Stevenson (membro do CFR) enfrentou ao Eisenhower (também membro do CFR). Em 1960, a batalha a liberaram Nixon (membro do CFR) e Kennedy (também membro do CFR). Em 1964, a ala conservadora do Partido Republicano «deixou aturdida ao estamento do poder» nomeando como candidato ao Barry Goldwater adiante de Nelson Rockefeller.

Rockefeller e a ala CFR de seu partido, pintaram ao Barry Goldwater como um perigoso radical, que queria abolir a segurança social, atirar bombas atômicas sobre o Hanoi e converter-se em uma reencarnação de Mussolini» (Gary Alien, O expediente Rockefeller). Nas eleições seguintes, Lyndon Johnson conseguiu uma vitória esmagadora sobre um humilhado Goldwater. Em 1968 se enfrentaram uma vez mais dois membros do CFR, Nixon frente ao democrata Hubert Humphrey. Em 1972, o presidente Nixon se impôs sobre o candidato democrata George McGovern (também membro do CFR). Em 1976, o presidente republicano, Gerald Ford, do CFR, enfrentou Carter (membro do CFR e CT) e saiu derrotado. Em 1980, o presidente Carter foi derrotado pelo Ronald Reagan que, embora não fosse membro do CFR, tinha ao George Bush como vice-presidente, que era. A primeira coisa que fez Reagan, ao estrear o cargo, foi nomear rapidamente em seu gabinete a 313 membros do CFR. O terceiro candidato independente nas eleições de 1980 foi John Anderson, também membro do CFR. Em 1984, o presidente Reagan derrotou ao candidato democrata do CFR, Walter Mondale. Em 1988, o opositor republicano George Bush, ex-chefe da CIA e membro do CFR ganhou de Michael Dukakis, governador pouco conhecido de Massachussets e, por suposto, membro

do CFR. Em 1992, o presidente Bush teve como competidor a um obscuro governador de um estado pouco importante, Arkansas, de nome Bill Clinton, membro do Clube Bilderberg e do CFR. Em 1996, Clinton teve um duro competidor em Robert Dolle, veterano republicano e membro do CFR.

Em 2000, o democrata Al Gore (também membro do CFR) enfrentou ao governador do Texas, o republicano George W. Bush. Bush filho não é membro do CFR mas, como foi sempre o caso, está bem representado pelo estamento do poder. Toda a equipe do Bush, Condoleezza Rice, Dick Cheney, Richard Perle, Paul Wolfowitz, Lewis Libby, Colin Powell e Robert Zoellick, são membros do CFR. Em 2004, como já mencionei anteriormente, o presidente em exercício Bush derrotou ao democrata John Kerry, membro do CFR e do Clube Bilderberg.

De fato, desde 1928 a 1972, sempre ganhou as eleições presidenciais um membro do CFR (exceto no caso do Lyndon Johnson que compensou com acréscimo ao estamento do poder colocando em postos chave do Governo a membros do CFR).

O engano público é completo, porque embora troquem as administrações, que passam sucessivamente de republicanos à democratas, os postos são ocupados sempre por membros do CFR. Como escreveu, em julho de 1958, o conhecido jornalista Joseph Kraft na revista Harper: «O Council desempenha um papel fundamental na aproximação dos dois grandes partidos, contribuindo, de forma extra-oficial, um elemento de continuidade cada vez que se dá uma mudança de guarda em Washington.» Não é nada surpreendente.

O presidente Clinton, também membro do CFR, do Clube Bilderberg e da Comissão Trilateral, empregou quase cem membros do CFR em sua administração.

George Bush pai tinha 387 membros do CFR e da CT em sua administração.

Ronald Reagan, 313. Nixon, no início de sua administração, colocou 115 membros do CFR nas posições chaves de sua equipe executiva. Dos 82 primeiros nomes que formaram parte do gabinete do presidente Kennedy, 63 pertenciam ao CFR, segundo um relatório, de 1 de setembro de 1961, do Arnold Beichman para o Christian Science Monitor, intitulado simplesmente «CFR». O CFR foi uma autêntica agência de emprego para os governos democratas e republicanos.

Como verá o leitor uma e outra vez ao longo deste capítulo, a maior parte dos postos na administração americana, seja sob presidente republicano ou democrata, estão ocupados por membros do CFR. A equipe de Clinton e Gore foi financiada e apoiada também pelo CFR.

O presidente do CFR é David Rockefeller. Os presidentes dos governos vão e vêm, mas o poder do CFR, e seus objetivos, permanecem. George Wallace, candidato presidencial democrata, por quatro ocasiões na década de 1960-1970, fez famoso o slogan de que não há um grama de diferença entre os partidos democrata e republicano. Não se perguntou nunca por que não mudam as políticas governamentais, apesar de que se produziram mudanças na «filosofia» de governo?

Independentemente de que se trate de um democrata, um republicano, um conservador, ou um liberal, que esteja no poder, a diferente retórica que empregam os candidatos parece ter muito pouca influência em quem ganha realmente as eleições, que é sempre a mesma gente que move os fios das marionetes. A razão

disto, afirma Gary Alien em seu brilhante e esgotado êxito de vendas O expediente Rockefeller, é «que enquanto democratas e republicanos de base, geralmente, têm diferentes visões sobre economia, atividades federais e demais ações políticas, a medida que sobe a pirâmide política, os dois partidos se parecem mais e mais».

O que estão tentando conseguir os Rockefeller com seu CFR? De fato, como veremos a seguir, o objetivo do círculo de poder do CFR não mudou desde sua fundação em 1921 no Hotel Majestic de Paris.

No número de celebração do 50 aniversário do Foreign Affairs, a publicação trimestre oficial do CFR, Kingman Brewster Jr., embaixador americano no Reino Unido e presidente da Universidade de Yale, escreveu o artigo principal intitulado «Refleta sobre nosso propósito nacional». E não se conteve na hora de definir esse propósito: «Nosso propósito nacional deveria ser abolir a nacionalidade americana e, ao mesmo tempo, arriscamos convidando outros países a compartilhar sua soberania conosco...» Tais «riscos» incluem o desarmamento, até o ponto de que o Estados Unidos não poderia fazer nada contra a «Força de Paz» do Governo Global da ONU. Estados Unidos deveria entregar felizmente sua soberania ao Governo Mundial em interesse do que ele chama a «Comunidade Mundial», sinônimo do que os meios de comunicação gostam de denominar agora «a Comunidade Internacional». Estas propostas secretas refletem o trabalho de dúzias de diferentes agências e comissões, que descreveremos detalhadamente mais adiante neste capítulo, embora, por hora, podemos encontrar um avanço de tudo isso no relatório Nossa Vizinhança Global da Comissão do Governo Global, um projeto que desenha o futuro papel da ONU como Super-governo Global (o *itálico* é meu).

Richard N. Gardner, ex-assistente do secretário de estado, escreveu em abril de 1974, na revista Foreign Affairs, que «em breve, "a Casa da Ordem Mundial" terá que se construir de cima a baixo e não ao inverso... uma erosão paulatina da soberania nacional dará muito mais frutos que o típico assalto à antiga». James Warburg, filho do fundador do CFR, Paul Warburg, e membro da Equipe de Pensadores de Franklin D. Roosevelt (formado por pessoas externas ao Governo, entre os quais se incluíam professores, advogados e outros, que foram à Washington aconselhá-lo sobre questões econômicas), declarou ante o Comitê de Assuntos Exteriores do Senado, em 17 de fevereiro de 1950, que «teremos um Governo Mundial queiramos ou não, com nosso consentimento, ou sem ele». E ainda o diz mais claramente o mesmo Henry Kissinger, em um discurso pronunciado na reunião do Clube Bilderberg de Evian, França, em 21 de maio de 1992, transcrito de uma gravação levada a cabo por um dos delegados suíços cujo nome não pode ser revelado pelas terríveis represálias que se tomariam contra ele: «Os americanos de hoje se indignariam se tropas da ONU entrassem em Los Angeles para restaurar a ordem, mas que dúvida cabe que no dia seguinte, essas mesmas pessoas, nos agradeceriam disso!; e mais ainda, se lhes dissesse que há uma ameaça externa em algum lugar, real ou inventada, que põe em perigo a existência de todos. As pessoas suplicariam então a intervenção dos líderes mundiais para as liberar de tal ameaça. Todo ser humano teme ao desconhecido. Se lhes

apresentarmos esse cenário, estarão mais que dispostos a cederem seus direitos individuais para que um Governo Mundial lhes garanta o bem-estar.» [1]

Em seu livro, *The Future of Federalism*, Nelson Rockefeller proclamou: «Nenhuma nação pode defender hoje sua liberdade, ou satisfazer as necessidades e aspirações de seu próprio povo desde dentro de suas próprias fronteiras, ou através de seus únicos recursos... E assim, a nação-estado, sozinha, ameaçada de tantas formas, parece-nos tão anacrônica agora como as cidades-estado gregas nos tempos antigos.»

De fato, o CFR esteve planejando a Nova Ordem Mundial desde antes de 1942. Um editorial publicado na página 2 do *Baltimore News-Post* de 7 de dezembro de 1941, no dia do ataque a Pearl Harbour, mostra como os pensamentos do CFR insinuam-se nas mentes das massas, às vezes, muito antes de que se fale explicitamente dos temas em questão.

Segundo o número de 7 de dezembro deste periódico, Wright crê que a nova liga mundial formulará uma «declaração básica dos direitos humanos» e, efetivamente, essa declaração foi mais tarde adotada pelas Nações Unidas. Assim é como trabalha a insinuação. Wright explica no artigo, escrito em 1941, que «para proteger esses direitos, o sistema se reservará o poder de castigar as pessoas em determinados casos». Até agora, a lei internacional tratava casos relativos à nações, deixando a regulação das pessoas individuais às autoridades nacionais. Agora, a ONU tem o direito de seqüestrar determinados indivíduos e levá-los a julgamento ante o Tribunal de La Haya. Ante tal travestimento da justiça, não há protestos internacionais, isso se, até que um dos membros de nossa família é seqüestrado e assassinado por comentar algo que a Nova Ordem Mundial acha ofensivo a seus interesses mais remotos.

O doutor Quincy Wright, professor de Direito Internacional na Universidade de Chicago, fez a mais clara e remota declaração sobre a Nova Ordem Mundial, quando em 1941 descreveu a Nova Ordem Mundial como contrária à Nova Ordem de Hitler. Wright deixou claro que a soberania nacional e a independência das nações individuais estariam limitadas por um Governo Mundial. Terry Boardman, em seu bate-papo sobre a Nova Ordem Mundial, na Rudolf Steiner House de Londres, em 25 de outubro de 1998, explicou a um auditório de 1500 pessoas que o doutor Wright se referia em seu tempo aos três sistemas continentais, uns «Estados Unidos da Europa», um Sistema Asiático e uma União Pan-americana. Wright também predisse que cada sistema continental teria uma força militar comum e que os exércitos nacionais seriam drasticamente reduzidos, ou diretamente proibidos.

A escritora americana J. Miriam Reback (1900-1985), que escreveu sob os pseudônimos Taylor Caldwell, Marcus Holland e Max Reiner, foi uma combativa patriota, que lutou vigorosamente por liberdade e justiça, portanto, contra o Clube Bilderberg e o CFR. Esta autora escreveu durante muitos anos na única publicação norte-americana livre e independente, *Liberty Lobby* (antigos proprietários da agora difunta revista *Spotlight*, que renasceu de suas cinzas para assumir um nome inclusive melhor, *American Free Press*, onde trabalha meu amigo James Tucker Jr., autêntico sabujo do Clube Bilderberg). Em um de seus últimos artigos no *The*

Review of the News (predecessor do The New American), em 29 de maio de 1974, pouco antes de sofrer a embolia que a deixou surda e incapaz de falar em 1980, disse: «Muitos de nós ainda nos atrevemos a protestar e continuaremos fazendo-o enquanto Deus nos dê fôlego. Para sermos eficazes, sabemos que devemos dirigir nossos ataques aos autênticos criminosos, aos ricos e poderosos, à essa elite secreta que conspira, dia e noite, para nos escravizar. Inclusive nosso próprio Governo é agora sua vítima, já que são eles quem escolhem nossos governantes, os nomeiam e os defenestram, mediante o assassinato, ou a calúnia. Lutei contra esses inimigos da liberdade em todos os livros que escrevi. Mas poucos são os que me escutaram, ou os que falaram desta conspiração. E já começa a ser tarde. Os americanos devem escutar e atuar, ou assumir a escura noite de escravidão, que nos espreita e que será pior que a morte.»

O plano, conforme disse a escritora, é gradual e ardiloso: «Os conspiradores do CFR sabem bem que os americanos armam a liberdade e que nunca aceitarão voluntariamente o jugo da escravidão de um Superestado Mundial. Essa é a razão de que hajam desenvolvido um plano tão matreiro e arrevesado durante todos estes anos. A liberdade não é gratuita. Custa tempo, dinheiro e esforço. A escravidão sim o é.»

De toda maneira, com o advento de um Governo Mundial, um Exército Mundial, uma Religião Universal e Moeda Única, por que quereria a família Rockefeller submeter uma soberania, um poder governamental e uma riqueza americana que já controla em altares de um Governo Mundial? Esse Governo Mundial não ameaçaria seu poder financeiro? Não é essa possibilidade, portanto, a última coisa que desejariam? A não ser, é óbvio, que os Rockefeller, o Clube Bilderberg e o CFR esperem controlar também o Governo Mundial! Poderia ser que o último objetivo do Governo Mundial fosse criar um só Mercado Globalizado, controlado por um Governo Mundial, que controlasse, por sua vez, os tribunais, as escolas, os hábitos de leitura e os pensamentos das pessoas, vigiado por um Exército Mundial, regulado financeiramente por um Banco Mundial, através de uma só moeda global e povoado por uma população conectada a um Ordenador Global através de micro-chips? Poderia ser que Taylor Caldwell estivesse certa quando afirmava que somente a escravidão é grátis? [2]

É importante entender que as conferências e encontros do CFR, o Conselho das Américas, o RIIA, o Instituto de Relações Pacíficas, a Comissão Trilateral, a Fundação Gorbachov, a Fundação Bill Gates, etc, não são os lugares onde se tomam as decisões mais importantes, ou se definem as novas estratégias.

Esses encontros sociais capitalizam o trabalho dos grupos de discussão e o estudo do CFR. Segundo o capítulo «How The Power Elite Make Foreign Policy» do livro *The Higer Circles* (1970), do G. William Domhoff, um escritor e investigador dos métodos usados pelas organizações elitistas para conseguir o consenso, o CFR opera historicamente da seguinte maneira: «Pequenos grupos de 25 líderes procedentes das seis categorias confabuladas (industriais, financeiros, ideólogos, militares, especialistas profissionais (advogados, médicos, sindicatos...) reúnem-se para falar de diferentes temas de assuntos exteriores. Estes grupos de debate exploram os temas de uma maneira geral, tentando definir problemas e

alternativas. Tais grupos, freqüentemente, conduzem à ulterior criação de um grupo de estudo. Os grupos de estudo trabalham sob os auspícios de uma Beca do Council (financiada por Carnegie, Ford e Rockefeller) ou um membro do pessoal.»

G. William Domhoff cita ao politólogo Lester Milbrath em seu livro, segundo o qual o CFR, financiado pela Fundação Ford, funciona historicamente da seguinte forma: «O CFR, embora não esteja financiado pelo Governo, trabalha tão estreitamente com ele que é difícil distinguir o que faz autonomamente, do que faz estimulado pelo Governo... A fonte de ganhos do CFR constituem-na as empresas e fundações mais importantes do país.» Enquanto que às fundações, o maior financiamento procedeu da Fundação Rockefeller, da Corporação Carnegie e da Fundação Ford.

G. William Domhoff conclui dizendo que «todas as fundações que apóiam ao CFR estão, a sua vez, dirigidas por homens da Bechtel Construction, do Chase Manhattan, do Kimberly-Clark, da Monsanto Chemical e dúzias de outras empresas. E, mais ainda, para completar o círculo, a maior parte dos diretores dessas fundações são membros do CFR. No início da década de 1960, Dan Smoot achou que doze dos vinte membros do Conselho da Fundação Rockefeller, dez dos quinze membros da Fundação Ford e dez dos quatorze membros da Corporação Carnegie eram membros do CFR». [3]

Em 1968, o ex-diretor da Fundação Ford e ex-agente da CIA, Bissell, disse ao grupo de discussão do CFR o seguinte: «Para que a agência seja eficaz, terá que fazer uso crescente das instituições privadas, embora as relações, já muito deterioradas, não possam ressuscitar-se. Precisamos trabalhar com um maior nível de secretismo e prestar mais atenção ao uso de intermediários. A cara exterior da CIA, seu contato com o mundo exterior, precisa ser protegida. Se os diferentes grupos não tivessem conhecido a fonte de seus ganhos, o prejuízo subsequente das revelações seria muito menor. Portanto, deve melhorar o ponto de contato entre a CIA e os grupos privados, incluídas associações de estudantes e empresários.» A CIA relaciona-se com vários grupos privados, como explica Richard Cummings em seu livro *The Pied Piper* sobre «o Allard K. Lowenstein e o sonho liberal», um congressista dos EE.UU. que se destacou nas décadas de 1960 e 1970 por recrutar a brancos no Movimento dos Direitos Civis e por liderar ao grupo opositor à reeleição do presidente Johnson.

Escravidão global

A seguinte parte trata do compromisso secreto do Governo dos EE.UU., apadrinhado pelo CFR, para ceder irrevogavelmente, os meios de proteção de sua soberania nacional às Nações Unidas e, em última instância, confiscar todas as armas, propriedade de seus próprios cidadãos, como parte de um programa futuro de desarme global. O problema é que o «futuro», em relação a este programa em particular, parece estar muito perto!

Embora, oficialmente elaborados em setembro de 1961, é extremamente difícil seguir a pista destes documentos, devido a sua delicada natureza, ou a suas amplas implicações.

Por exemplo, tomemos a Publicação 72-77 do Departamento de Estado, publicada em sua versão integral, de 35 páginas, com o título «Programa para a carreira para a paz» pela Agência para o controle das Armas e o Desarmamento (Publicação N° 4, Série Geral N° 3, maio de 1962). Desde sua publicação em 1962 o documento esteve «indisponível», segundo numerosas investigações que efetuei na CIA, na Marinha, no Exército dos EE.UU., etc. Finalmente, o capitão de uma divisão da Contra-inteligência dos EE.UU. ensinou-me, arriscando assim seu emprego e sua vida nisso.

Seu título completo: «Liberar-se da guerra: programa dos Estados Unidos para o desarmamento geral e completo em um mundo de paz, publicação 72-77 do Departamento de Estado», elaborado em setembro de 1961:

INTRODUÇÃO

Este novo programa expõe a redução progressiva da capacidade das nações para cercar guerras e o desenvolvimento simultâneo das instituições internacionais, para dirimir disputas e manter a paz. Apóia-se em três princípios considerados essenciais para a consecução de um progresso prático no terreno do desarmamento:

Primeiro: Deve produzir uma imediata ação de desarmamento.

Deve levar-se a cabo um esforço ininterrupto e tenaz para o objetivo do desarmamento geral e completo; ao mesmo tempo, é importante pôr em marcha medidas específicas logo que seja possível.

Segundo: Todo compromisso de desarmamento deve estar sujeito a controles internacionais eficazes.

A organização de controle tem que dispor dos meios humanos e materiais necessários para assegurar as reduções ou limitações que se acordem.

Terceiro: Deve estabelecer uma adequada maquinaria para a manutenção da paz.

Existe uma relação inseparável entre a redução progressiva do armamento das nações e o desenvolvimento de uns mecanismos internacionais para a manutenção da paz. Provavelmente, as nações não cederão seus meios de autoproteção se faltarem vias alternativas de salvaguarda de seus legítimos interesses. Isso só se obterá através do progressivo desenvolvimento das instituições internacionais sob o comando da ONU e mediante a criação de uma força de paz das Nações Unidas que assegure a paz, a medida que se desenvolve o processo de desarmamento.

Objetivos gerais e específicos do desarmamento

O objetivo global dos Estados Unidos é criar um mundo livre, seguro e pacífico de estados independentes com critérios comuns sobre justiça e conduta internacional, sujeitos ao mandato da lei; um mundo que tenha conseguido um desarmamento completo e geral sob um efetivo controle internacional; e um mundo no qual a adaptação à mudança se leve a cabo de acordo com os princípios das Nações Unidas.

Para fazer possível tal objetivo geral, o programa estabelece os seguintes objetivos específicos para os que as nações deveriam dirigir seus esforços:

- A dissolução de todas as forças armadas nacionais e a proibição de seu restabelecimento em qualquer forma, a exceção do necessário para garantir a ordem interna do país contribuir à força de paz das Nações Unidas.
- A eliminação dos arsenais nacionais de todo tipo de armamento, incluídos as armas de destruição maciça e os meios para sua distribuição, à exceção das requeridas pela força de paz das Nações Unidas e para a manutenção da ordem interna do país.
- A instituição dos meios efetivos para assegurar o cumprimento dos acordos internacionais, a resolução de disputas internacionais e a defesa dos princípios das Nações Unidas.
- O estabelecimento e funcionamento efetivo de um Departamento de Desarmamento Internacional, dentro do marco das Nações Unidas, para assegurar o cumprimento, em todo momento, do compromisso de desarmamento.

Princípios de atuação

À medida que os estados renunciem a suas armas, as Nações Unidas devem reforçar-se progressivamente para melhorar sua capacidade e assegurar a segurança internacional e a resolução pacífica de disputas.

Fases do desarmamento

O programa estabelece umas medidas progressivas de desarmamento que terão lugar em três fases, o qual permitirá o desenvolvimento simultâneo das instituições internacionais.

Primeira fase

A primeira fase contempla medidas que reduzirão significativamente a capacidade das nações para cercar guerras agressivas.

- Reduzir-se-ão os exércitos: as forças armadas dos Estados Unidos e da União Soviética estarão limitadas a 2,1 milhões de homens cada uma (com níveis apropriados, que não excedam dessa quantidade, para outros estados importantes em nível militar; os níveis de armamento serão reduzidos em correspondência, e sua produção limitada).
- Reforçar-se-á o poder da Força de paz das Nações Unidas: tomar-se-ão medidas para aumentar a capacidade das Nações Unidas para o arbítrio, para o desenvolvimento de uma lei internacional e para o estabelecimento da segunda fase de uma força de paz permanente da ONU.
- Estabelecer-se-á uma organização internacional para o desarme e a verificação efetiva do programa de desarmamento: ampliar-se-ão progressivamente suas funções a medida que avance o desarmamento. Certificar-se-á a todos os estados que as reduções acordadas terão lugar; que os exércitos e forças remanescentes não excederão os limites permitidos.
- Determinar-se-á a transição de uma fase a outra

- Levar-se-ão a cabo reduções ulteriores das forças armadas, armamento e meios militares dos estados, incluídos os veículos para as armas estratégicas nucleares e as armas de contra-ataque.
- Proibir-se-á a fabricação de armas à exceção dos tipos e quantidades que necessite a Força de Paz da ONU e as necessárias para a manutenção da ordem interna dos países. O resto de armamento será destruído, ou reconvertido para propósitos pacíficos.
- A capacidade das Nações Unidas para manter a paz será bastante forte e os compromissos de todos os estados suficientemente ambiciosos para assegurar a paz e a resolução justa de diferenças em um mundo desarmado.

Resumo dos objetivos de um programa de desarmamento completo e geral em um mundo pacífico:

a) A dissolução de todas as forças armadas nacionais e a proibição de seu restabelecimento em qualquer forma, à exceção do necessário para garantir a ordem interna do país e contribuir à Força de Paz das Nações Unidas.

b) À medida que os Estados renunciem à suas armas, as Nações Unidas devem reforçar-se progressivamente para melhorar sua capacidade; assegurar a segurança internacional e a resolução pacífica das disputas, assim para facilitar o desenvolvimento da cooperação internacional em tarefas comuns para o benefício da humanidade.

Trama da Operação Jardim

Plano anti-motins civis dos Estados Unidos 55-2

Embora descatalogada, sob a Lei da Liberdade de Informação de 30 de março de 1990, demorei mais de três anos em obter uma cópia completa da Trama da Operação Jardim do Governo dos Estados Unidos. A publicação original é de 1 de junho de 1984. Todos os materiais apresentados aqui foram desclassificados e, segundo o Plano de «Guia para a Classificação» das Forças Aéreas, este documento de 200 páginas «não se entrega sob a normativa de proteção de informação da Segurança Nacional, pois substitui ao Operations Plano 355-10 de 16 de julho de 1973».

A informação é facilitada pelas Forças Aéreas dos Estados Unidos (USAF) sob a supervisão do general Alexander K. Davidson, diretor do Departamento de Operações. Segundo as Forças Aéreas dos Estados Unidos, «embora o documento esteja desclassificado, está destinado somente a uso oficial segundo a normativa AFR 12-30. Este plano contém informação para uso interno do Departamento de Defesa e sua distribuição pública facilitaria a violação da lei».

Apêndice 5 do Anexo E do Plano 55-2 Anexo Z Anti-motins civis. Outras referências: 10 United States Codes 331, 332, 333, 8500, 1385, Marc 105-1, Marc 105-18, AR 115-10, AFR 105-3, PDD- 25.

Este documento desclassificado, mas extremamente difícil de conseguir, cujo fim é «controlar os distúrbios civis», é o plano principal pelo qual a Guarda Nacional de cada Estado dos Estados Unidos, elaborará seu próprio plano

operacional para enfrentar-se aos distúrbios de grande envergadura e levar a cabo detenções em massa.

Neste documento assinado pela Secretaria do Exército, atribui-se como agente executivo do Departamento de Defesa (DOD) para o controle de operações dos distúrbios civis. Sob o Plano 55-2 pode usar apoio logístico e aéreo para assistir aos comandantes militares dos cinquenta estados, do distrito de Colúmbia, do país associado de Porto Rico e das posses e territórios americanos, ou qualquer subdivisão política posterior.

O nome oficial deste projeto é Trama da Operação Jardim

O Anexo A, Seção B, da Trama da Operação Jardim, define aos grupos de milicianos, os cultos religiosos, os manifestantes pela redução de impostos e, em geral, qualquer um que dissinta com o Governo, como de «elementos perturbadores». Isso conduz ao uso da força contra qualquer extremista, ou dissidente que perpetre qualquer forma de desordem civil.

Sob a Seção D, uma Ordem Executiva Presidencial autorizará e indicará ao secretário de Defesa, que use as Forças Armadas, para restaurar a ordem nos Estados Unidos.

Apêndice 1 ao Anexo USAF do Plano 55-2 Anti-motins Civis pelo SGH, JCS Pub 6, Vol 5, AFR 160-5, pelo qual se proporciona um programa para a colaboração entre o Exército dos Estados Unidos e a Guarda Nacional junto com as Nações Unidas em tais operações. Isto vincula às unidades selecionadas da Guarda Nacional com os ministérios de Defesa da «Associação para a Paz». Este programa é um esforço por proporcionar apoio militar às autoridades civis em resposta a emergências civis.

Sob a Diretiva Presidencial Número 25, este programa serve para cimentar a relação entre os cidadãos dos Estados Unidos e o Exército Global das Nações Unidas das democracias emergentes dos países da Europa Central e do Este. Isto coloca todas as forças amadas sob jurisdição das Nações Unidas.

Planos secretos

Que relação real existe entre os fechamentos precipitados das bases militares americanas e canadenses (e reduções das forças armadas) e a Nova Ordem Mundial e esta Nova Polícia Mundial? Por que algumas destas bases americanas, destinadas ao fechamento, estão sendo submetidas agora à caras reformas e ampliações? Por que, de repente, o controle armamentístico é uma prioridade política, acelerada e generalizada a nível legislativo?

A resposta está em uma cópia do Volume 9 da edição de 93-94 1982 (não a edição atual substituída) do Código do EE.UU. (o conjunto de leis desse país).

Não precisa dizer que, sem os contatos apropriados dentro do mundo da espionagem seria absolutamente impossível decifrar as mudanças e implicações das omissões. Para decifrar esses dados contei com a ajuda de um conhecido de meu avô (ambos foram coronéis da KGB). Vá e à página 554, onde se encontrará o início da Lei Pública número 87-297 (1961). Esta informação adicional me foi confirmada independentemente pelo diretor da excelente página Web sobre

Inteligência com base em Toronto, New World Order Intelligence Update.

Infelizmente, esta pessoa sofreu um atentado e agora permanece escondida. Esta lei foi assinada pelo presidente Kennedy em 1962. Foi submetida a 18 emendas posteriores e, desde então, todos os presidentes aplicaram, gradualmente, suas disposições. A lei faz uma citação à eliminação das forças nacionais dos Estados Unidos. E declara que «ninguém pode possuir uma arma de fogo, ou letal, à exceção da polícia, ou o pessoal militar».

Os passos progressivos de sua aplicação são:

- A redução das Forças Armadas dos Estados Unidos a 2,1 milhões de efetivos.
- A irrevogável fusão com as forças chinesas e russas, em duas fases, para formar o Exército Mundial (50 % da força total de Estados Unidos se unirá na primeira fase; 50 % restante na segunda).
- A irrevogável rendição da autoridade dessas forças em favor do secretário geral das Nações Unidas (que já tem uma planilha de 80 generais trabalhando em questões de planejamento).
- O confisco de todas as armas de fogo que estão em mãos privadas. Esta lei se ensina e se explica no National War College e nas distintas academias militares das Forças Armadas dos Estados Unidos. A Nova Ordem Internacional requererá um exército e certamente, nós, as pessoas do mundo, nos veremos sujeitos à autoridade de tropas estrangeiras sob a bandeira da ONU, que adicionalmente terão o direito de deter-nos se não cumprirmos com as normas da Nova Ordem Mundial. Leitor, recorde-lhe novamente o artigo do doutor Wright de 1941 onde diz que: «...o sistema reservará o poder de castigar às pessoas em determinados casos». Segundo os acordos, o comandante deste exército deve ser sempre russo!

Veja-se mais abaixo a documentação que demonstra este fato insólito.

Recorde, que a Nova Ordem Mundial ama o socialismo, não porque Rockefeller e companhia sejam socialistas, mas sim, porque será sob um monopólio socialista que controlarão você e a todo mundo. Agora, deve dar-se conta de que os Rockefeller não planejam compartilhar seus bens com você, mas sim, melhor, que você compartilhe seus bens com eles, como verá no próximo capítulo sobre os Rockefeller e a Comissão Trilateral. O jogo consiste em unir em um Governo Mundial Único o capitalismo americano e o socialismo russo. John Whitley, diretor de New World Order Intelligence Update, que agora se vê obrigado a ocultar seu paradeiro, dirigiu-me a atenção às páginas e seções mais relevantes: a página 554; a página 555 (na parte direita da mesma define «desarmamento» como eliminação das forças dos Estados Unidos e faz uma citação à restrição absoluta das «armas mortais» em mãos privadas); a página 557, seções (a) e (d), onde de novo requer-se que os Estados Unidos eliminem suas Forças Armadas; a página 558 trata da «formulação das medidas políticas» (por exemplo, do cumprimento desses objetivos). George Bush disse que o transpasse de autoridade ao secretário geral da ONU estava «em transição»; a Corte Suprema opinou que a constituição do

EE.UU. e suas disposições estivessem sob o foro da ONU e das resoluções das Nações Unidas. E as Forças Armadas do EE.UU. estão atuando, no ínterim, como «Polícia Mundial».

As disposições desta lei acham-se explicadas com mais detalhe na Publicação 72-77 do Departamento de Estado, também especificadas de forma completa no documento de 35 páginas que leva por título «Programa para a carreira para a paz» da Agência para o Controle das Armas e o Desarmamento (Publicação N.º. 4, Série Geral N.º. 3, maio de 1962).

Pode parecer tudo incrível, mas ali está, preto sobre branco!

As implicações são impressionantes, e o contínuo fechamento das bases militares por todo EE.UU. adquire uma nova perspectiva quando se vê a agenda a seguir que dita a lei ao governo dos EUA (uma lei canadense de 1995 requer que no Canadá se registrem os 7 milhões de rifles e demais armas antes de 2004). Segundo o último relatório público da Comissão de Armas de Fogo do Canadá, isto é, o de 2003, registraram-se já 6.818.073 armas de fogo restringidas, não restringidas e proibidas, de acordo com a Lei de Armas de Fogo. A pessoa que não cumprir com esta obrigação terá cometido um grave delito. Muitos canadenses e americanos vêem, acertadamente, este fato como o prelúdio ao confisco de armas em grandes quantidades.

Desde sua criação, o North American Free Trade Agreement (Tratado de Livre Comércio, TLC ou NAFTA em suas siglas em inglês) entre o EE.UU., México e Canadá, pelo qual as três nações constituem uma união alfandegária a imagem e semelhança do que foi a Comunidade Econômica Européia durante suas três primeiras décadas de existência, foi uma pequena, mas vital, parte de algo muito maior, primeiro da União Continental e depois do Federalismo Mundial! (Vejam-se os apêndices sobre as reuniões do Clube Bilderberg).

John Whitley advertiu-me que não me deixasse confundir pelo termo Formulação de Políticas da página 558, do volume 9, do Código do EE.UU. de 1982.

Segundo Whitley e várias fontes independentes dentro da CIA, «foi reescrito em 1963 para pacificar aos impedimentos e proibir a retirada de armas de fogo à população, ou a redução da força armada nacional "a não ser que se leve a cabo, conforme o tratado ao qual chegue o presidente, ou seja, autorizado pelo Congresso!"».

Os foros da ONU são considerados como um tratado vinculante, assim que tudo o que se requer é uma resolução da ONU, ou uma lei do Congresso, que proíba o armamento dos «cidadãos». O pai do George Bush, Preston, ajudou para que o Congresso aprovasse esta lei (87-297).

Quando Alger Hiss que em 1945 foi à Conferência de Yalta, onde trabalhou na negociação do que seriam as Nações Unidas e exerceu, como secretário geral temporal das Nações Unidas, e como presidente da Fundação Carnegie para a Paz Internacional, uma organização que esteve presente em todos os encontros Bilderberg, depois de passar 44 meses na prisão, condenado por atividades de espionagem soviética, foi posto em liberdade, em novembro de 1954, montou as Nações Unidas com seus colegas do Departamento de Estado dos EE.UU.; criou o

Departamento de Assuntos sobre Segurança e Política da ONU, que teria jurisdição sobre todas as operações militares futuras da ONU; o qual se pode ver escrito nas pequenas letras das leis e regulações (veja-se <http://www.un.org/Depts/dhl/landmark/pdf/apv35.pdf>) que governam a ONU.

Durante os últimos 45 anos, uma intensa propaganda a favor da ONU convenceu a muitos americanos (e a muitas outras pessoas) de que as palavras «Paz» e «Nações Unidas» são virtualmente intercambiáveis.

O paradoxal é que nela se acha a norma, de que o chefe deste departamento da ONU, será sempre um cidadão soviético, militar ou pessoa designada pelos soviets.

E assim foi durante os primeiros 53 anos. Desde 1946, quando no 35º Encontro Plenário que teve lugar na quinta-feira 24 de outubro de 1946, fora escolhido Arkady Sobolev; os seguintes 14 comunistas presidiram este posto vital na ONU, isto é, o de vice-secretário geral do Departamento de Assuntos de Política e Segurança:

1944-1949 Arkady Sobolev
 1949-1953 Konstantin Zinchenko
 1953-1954 Ilya Tchernychev
 1954-1957 Dragoslav Protitch
 1960-1962 Georgy Arkadev
 1962-1963 E. D. Kiselyv
 1963-1965 V. P. Suslov
 1965-1968 Alexei E. Nesterenko
 1968-1973 Leonid N. Kutakov
 1973-1978 Arkady N. Shevchenko
 1978-1981 Mikhail D. Sytenko
 1981-1986 Viacheslav A. Ustinov
 1987-1992 Vasily S. Safronchuk
 1992-1997 Vladimir Petrovsky
 1997- Kieran Prendergast (Reino Unido)

Todos eram cidadãos soviéticos, exceto Kieran Prendergast, membro do Clube Bilderberg (Tumberry, Escócia, 1998). «E se pensa que o exército da ONU será benigno - advertiu-me John Whitley - mudará rapidamente de opinião quando as tropas da ONU, em última instância, sob uma direção russa, implantem-se em sua vizinhança para suprimir qualquer oposição ao sistema, deter os dissidentes ou "restaurar a ordem" sob a Nova Ordem Mundial».

Isso não é tudo, entretanto!

Segundo um relatório da Environmental Conservation Organization de janeiro/fevereiro de 1996, «a Comissão sobre o Governo Global acredita que os eventos mundiais, da criação das Nações Unidas em 1945, junto com os avanços da tecnologia, a revolução da era da informação e a nova consciência sobre o meio-ambiente global, criarão um clima no que a gente de todo o mundo reconhecerá a necessidade e os benefícios de um Governo Global.

O Governo Global segue um procedimento concreto e tem objetivos concretos para os quais emprega toda uma variedade de métodos, nenhum dos quais oferecem ao governado a oportunidade de votar "sim" ou "não" ao que se decide. As decisões tomam os corpos administrativos, ou os corpos de delegados "atribuídos", ou as organizações civis secretas "creditadas" e, de fato, já estão aplicando muitas das recomendações publicadas pela Comissão. O Governo Global se apóia na crença de que o mundo está preparado para aceitar "uma ética civil global", apoiada em "um conjunto de valores fundamentais que podem unir às pessoas de todas as procedências culturais, políticas, religiosas, ou filosóficas".

Para uma leitura impressionante sobre o tema veja-se *Our Global Neighborhood* (Nossa vizinhança global), Oxford University Press, 1995, 410 págs.

«Dar-se-ão algumas afirmações particulares da identidade nacional que serão, em parte, uma reação contra a globalização, a homogeneização, a modernização e a secularização. Sejam quais fossem as causas, o selo comum que as caracteriza é a intolerância». A responsabilidade pessoal e o lucro individual enfrentam o valor do «respeito mútuo», conforme sugere *The Robert Muller School World Core Curriculum Manual*, escrito pelo Robert Muller, reitor da Universidade da ONU e ex-vice-secretário geral de três secretarias gerais da ONU. Muller diz: «A idéia de criar esta escola surge do desejo de proporcionar aos estudantes experiências que lhes permitam converter-se em cidadãos autenticamente planetários através de uma educação de enfoque global». O primeiro princípio do currículo é: «Promover o crescimento das idéias grupais, de tal maneira que o bem-estar, a boa vontade, o entendimento e a inter-relação grupal substituam todos os objetivos limitados e centrados às pessoas; para chegar a uma consciência grupal.» O que significa que nesse futuro global não haverá lugar para aqueles que não se adiram às idéias grupais; isto é o mesmo que dizer que só haverá escravos, novilhos e nenhuma pessoa livre. Mas, ainda fica pior a coisa; na Conferência Global de 1998 sobre o Governo Global, a Comissão fez públicas umas propostas que tinham que se aplicar por volta do ano 2000 (com um prazo ampliado até 2007). Entre essas recomendações se contam propostas específicas para ampliar a autoridade das Nações Unidas sobre:

- impostos globais;
- um Exército da ONU (conseguido: Kosovo, Nigéria, missões na África Ocidental, etc);
- um Conselho de Segurança Econômica;
- uma Autoridade sobre Assuntos Globais comuns;
- a anulação do direito de veto por parte dos membros permanentes do Conselho de Segurança;
- um novo Corpo Parlamentário de representantes da chamada «sociedade civil» (ONG), aprovado em um relatório provisório sobre «Novas Disposições Institucionais», tema do Fórum do Milênio do ONG de dezembro de 1999, William Pace, World Federalist Movement; [4]
- um novo Conselho de Demandas, cujo papel será reforçar a participação das ONG;

- um novo Tribunal de Justiça Criminal (um corpo que dirima as disputa entre nações, conseguido em julho de 1998 em Roma);
- o estabelecimento de um Tribunal Criminal Internacional, um tribunal permanente que persiga àqueles que cometam genocídios, delitos contra a humanidade e crimes de guerra (conseguido em 2002);
- acatamento dos veredictos vinculantes do Tribunal Internacional de Justiça;
- ampliar a autoridade do secretário geral.

Estas propostas refletem o trabalho de muitos anos de dúzias de diferentes agências e comissões, mas é agora, quando a Comissão para o Governo Global está avançando mais nelas, como se aprecia em seu relatório, *Nossa vizinhança global? Acerca do futuro papel da ONU como Super-governo Global*.

Nossa vizinhança global apresenta este eufemisticamente revolucionário princípio: «A soberania e a inviolabilidade territorial dos Estados-nações foram firmes premissas do Sistema Mundial. Os Estados tiveram-nas por fundamentais para a proteção de sua independência e sua legitimidade. Os estados pequenos e menos poderosos, em particular, viram nestes princípios sua principal defesa contra países mais poderosos e depredadores e pediram à comunidade mundial que preserve estas normas. Em um mundo cada vez mais interdependente, no qual as velhas noções de territorialidade, independência e intervenção perderam parte de seu significado, estes princípios tradicionais necessitam adaptar-se. As nações vêm-se forçadas a aceitar, que em certos campos, a soberania tem que ser exercida coletivamente, especialmente em relação a assuntos comuns. O princípio da soberania deve ser adaptado de maneira que harmonize os direitos dos estados, com os direitos das pessoas e os interesses das nações, com os interesses da Comunidade Global.»

Começa a ver qual é a pauta aqui? Os governos já não exercerão o controle de nada significativo, a não ser que a ONU os permita compartilhar a governança.

Antes, se alguém invadissem, podia esperar que a Comunidade Mundial viesse em seu resgate; mas, agora, se tenta sair do novo Sistema Globalizador ou defende posturas diferentes, será a mesma comunidade mundial a que levará a cabo a invasão. Isso é o que significa soberania exercida coletivamente! Por que? Porque você forma parte de um Estado Global que só responde a um poder, o das Nações Unidas. E, os estados, debilitados até o ponto da não resistência, estarão ocupados explicando à seus cidadãos que as pessoas são mais importantes que os estados, qualificando-se a si mesmos de meras «nações». Oh, bem-vinda seja a Comunidade Global!

Junto com suas recomendações de desarmamento global - exceto para a ONU, que manterá uma impressionante, leal e fortemente armada Força de Reação Rápida, leia-se Novo Exército Mundial, que deixará aos estados militarmente indefesos frente às agressões internacionais, que se perpetrem sob o disfarce de «Polícia do Mundo» —, encontramos em *Nossa vizinhança global* a seguinte tranqüilizadora recomendação: «Devemos lutar para assegurar que a Comunidade Global do futuro se caracterize pela lei e não pela carência de leis; por leis que todos devemos respeitar... que ninguém, nem sequer o mais poderoso, esteja por cima da lei. A ausência de um Tribunal Criminal Internacional desacredita a lei...

nós gostaríamos que se instituísse com a máxima prioridade um Tribunal Criminal Internacional. Também devem reforçar os poderes de segurança do Sistema Legal Internacional. Nos últimos anos se fez evidente a necessidade de um seguimento eficiente do cumprimento da lei. Um passo adiante é fazer que a lei internacional possa aplicar-se em tribunais locais. Em nossa Vizinhança Global todos devem viver segundo uma nova ética escorada na cultura da lei. Se, por alguma razão, se descumpre a lei, o Conselho de Segurança da Corte Mundial aplicará as medidas legais internacionais correspondentes.»

E, leitor, não haverá possibilidade de sair do sistema, porque: «Em um mundo ideal, a aceitação da jurisdição obrigatória da Corte Mundial será um requisito para ser membro da ONU.»

E se você for um dissidente, um rebelde, um «fora da lei» em nossa nova Comunidade Global, recorde que, «poderá correr, mas não se poderá esconder. No próximo IV Reich, dedicar-se-ão todos os esforços necessários para a comprovação e obtenção da conformidade em todo lugar!».

E, quem pagará por tudo isso? É óbvio, você. Nada é gratuito nesta formosa nova comunidade, à exceção de muitas novas responsabilidades impostas à força, em troca de um escasso punhado de direitos que, de fato, já desfrutávamos antes de que o Governo Mundial nos arrebatasse isso, como se diz explicitamente em Nossa vizinhança global: «Devemos começar a trocar o funcionamento do financiamento global para propósitos globais, entre os quais se incluem o uso de recursos globais como as rotas de vôo, as marítimas, as zonas de pesca e a arrecadação de impostos globais. Tudo sob acordos globais, que se aplicarão por meio de tratados. Devemos estudar a possibilidade de um imposto internacional sobre as transações da moeda estrangeira e a criação de um imposto internacional para empresas multinacionais. É hora de desenvolvermos um consenso sobre os impostos globais para satisfazer as necessidades da Comunidade Global.»

Justo quando pensávamos que já havíamos visto o suficiente, aparece outra surpresa na aldeia global definida pelos estatutos de Nossa vizinhança global. A idéia de propriedade privada é excessiva para a Nova Ordem Mundial. A riqueza deve compartilhar-se com o resto do planeta. Exatamente que riqueza você acredita que os Rockefeller e companhia vão compartilhar? Certamente, não a deles.

O que é dele, é dele; e o que é seu, é de todo o mundo! Nossa vizinhança global é agora a autoridade absoluta em temas globais, outro passo significativo na criação de uma nova forma de governo. De acordo com o relatório da Environmental Conservation Organization de janeiro/fevereiro de 1996, «The Commission on Global Governance» vemos que um «membro da sociedade civil devidamente qualificado» significa um representante de uma ONG creditada. O status da ONG é elevado inclusive mais acima, conforme recomenda a Comissão. Como se verá a seguir, o objetivo último é suprimir a democracia. Entre as atividades das ONG se inclui a agitação em nível local; o agrupamento por interesse em nível nacional; a elaboração de estudos, para justificar os impostos globais, através de certas organizações da ONU, como Plano Global. A estratégia é avançar para o Objetivo do Governo Global com programas para desacreditar a

indivíduos e organizações que provoquem «pressão política interna» ou «ações populistas», que não apoiem à nova ética global.

«Aqui, entretanto, pela primeira vez, dá aos ativistas ambientalistas, escolhidos a dedo, uma posição de autoridade governamental na agência que controla o uso da atmosfera, o espaço exterior, os oceanos e, em geral, a biodiversidade. Este convite de participação da “Sociedade Civil” no Governo Global se descreve como uma ampliação da democracia».

No número de janeiro/fevereiro de 1996 da revista *Ecologic* explica-se que «o programa do meio-ambiente das Nações Unidas, junto com todos os tratados do meio-ambiente sob sua jurisdição, serão, em último extremo, governados por um corpo especial de ativistas ambientalistas, escolhidos só entre certas ONGs creditadas. Estas ONGs serão selecionadas por delegados da Assembléia Geral que, por sua vez, serão escolhidos pelo presidente dos Estados Unidos». A Comissão diz: «O passo mais importante que se deve tomar é conceptual. Chegou a hora de que nos demos conta de que a segurança do planeta é uma necessidade universal que deve atender o sistema das Nações Unidas.»

Para assegurar-se de que a participação das ONGs converte-se numa vantagem, a Comissão recomenda a criação de «um novo "Direito de Petição" disponível para a sociedade civil internacional». Esta recomendação sugere a criação de um Conselho de Petições, que se define como «Um grupo de alto nível de cinco a sete pessoas, independentes de governos e selecionados por sua capacidade pessoal. Serão nomeados pela Secretaria Geral com a aprovação da Assembléia Geral. Deve tratar-se de um Conselho que mantenha em fideicomiso a "segurança da gente" e faça recomendações à Secretaria Geral, ao Conselho de Segurança e à Assembléia Geral». Um relatório de janeiro/fevereiro de 1996 da Organização para a Conservação do Meio ambiente afirma que «este novo mecanismo proporciona uma via direta de comunicação entre os afiliados de base das ONGs nacionais e internacionais e os níveis mais altos do Governo Global». E conclui com este exemplo: «A Greater Yellowstone Coalition, um grupo de ONGs filiadas, fez recentemente a petição ao Comitê do Patrimônio da Humanidade da Unesco, de intervir nos planos, de uma empresa privada, para explorar uma mina de ouro, em terrenos privados, perto do parque de Yellowstone. O comitê da Unesco interveio e imediatamente qualificou ao parque do Yellowstone de "Patrimônio Mundial em Perigo". Sob os términos da convenção do Patrimônio Mundial, os Estados Unidos têm que proteger o parque, inclusive além dos limites do mesmo, sobre terrenos privados se for necessário.»

Esta informação foi confirmada, independentemente, por três fontes que não se conheciam mutuamente; um trabalha para o Human Rights Watch; outra tinha trabalhado na administração Clinton; e a terceira, um jornalista com contatos nas Nações Unidas.

Só se permitirá participar da adoção de estratégias as ONG «creditadas» e seus afiliados. E, mais importante ainda, só 10 serão os delegados nomeados pelo presidente dos Estados Unidos, controlados pela Associação Rockefeller-CFR-Bilderberg.

As conclusões do relatório da Environmental Conservation Organization de janeiro/fevereiro de 1996 são impressionantes: «A maquinaria do Governo Global das ONG já está em funcionamento nos Estados Unidos. Sua atividade inclui a agitação em nível local, o agrupamento por interesses em nível nacional, a elaboração de estudos para justificar os impostos globais e o pagamento de anúncios de televisão que elevem a imagem da ONU.» A estratégia para acelerar o Governo Global inclui programas para desacreditar a indivíduos e organizações que provoquem uma «pressão política interna» ou «ações populistas», que não apóiam a nova ética global. Os meios de comunicação nacional, controlados pelo CFR/Bilderberg, estiveram pintando, sistematicamente, às vozes críticas, como extremistas de extrema direita e fanáticos das tropas. «As vozes que falam agora representando todos os americanos ante as Nações Unidas apóiam as forças que querem acabar com a soberania nacional e fazer da liberdade individual e dos direitos de propriedade privada relíquias do passado. Se as vozes que, neste momento, estão representando aos Estados Unidos continuam trabalhando com êxito pelo Governo Global, o mundo estará exposto, sem remédio, a uma transformação social mais radical que a Revolução Bolchevique em Rússia.»

O parágrafo final do artigo põe os cabelos em pé a qualquer amante da liberdade: «As recomendações da comissão sobre o Governo Global se se aplicarem, levarão todos os povos do mundo a uma Comunidade Global dirigida por uma burocracia de amplitude universal, sob a autoridade direta de um punhado de sujeitos nomeados a dedo, com um braço executor formado por milhares de indivíduos pagos por umas ONG creditadas, que apóiem determinado sistema de crenças, por mais incrível e inaceitável que resulte para muita gente.» O objetivo último de tudo isso é suprimir a democracia.

Como se sente agora que conhece os planos futuros da associação Rockefeller-CFR-Bilderberg-ONU? E, por certo, não se olvide de que a água e o ar são «Recursos Globais», como o é o espaço vital; nestes momentos os obtém de forma gratuita, ou virtualmente gratuita. Mas, prepare-se para o dia em que tenha que pagar um imposto por cultivar tomates em seu próprio jardim: esse chão é um «Recurso Global»; pertence ao planeta, não a você! A natureza dos impostos é crescer e crescer, embora seu efeito seja o empobrecimento de todos. Se pensar que seu nível de vida já abaixou, espere que esses novos impostos golpeiem seu bolso. Muito em breve estará pagando um aluguel, através de uma pletera de impostos globais, só por viver sobre a Terra.

«Todavia - deve estar pensando -, se as coisas ficarem realmente maus, haverá uma revolução. E antes que chegue à conclusão de que qualquer programa como esse seria, veementemente, rechaçado por um eleitorado americano muito enfadado, recorde que, no momento em que se aplique o programa, a ONU terá um exército preparado para saquear os Estados Unidos.»

«A importância da segurança da gente requer que o mundo estude o tema da cultura da violência na vida cotidiana, o qual é uma importante fonte de insegurança para as pessoas de todo o planeta. A cultura da violência, tão patente na vida cotidiana, especialmente contra as mulheres e crianças, ou nas telas da televisão, é uma autêntica infecção, tanto nos países industriais, como nos que estão

em vias de desenvolvimento; sejam ricos ou pobres, embora se efetue de diferente maneira. Devemos realizar um importante esforço, em nível local e internacional, para inverter esta tendência e cultivar as sementes de uma cultura da não violência.

Portanto, recomendamos, fervorosamente, que se levem a cabo iniciativas para proteger a vida individual, animando ao desarmamento dos civis, criando uma atmosfera de segurança em todas as vizinhanças.» Gary Alien, em O expediente Rockefeller, explicava assim o que aconteceu há mais de quarenta anos: «No mesmo mês que saiu à luz a Publicação 72-77 do Departamento de Estado, o Congresso criou a Agência para o Desarmamento e o Controle de Armas. Em 48 horas, a nova-agência apresentou seu Plano de Desarmamento às Nações Unidas.

Naturalmente, era uma cópia carbono da proposta soviética-CFR apresentada um ano antes a ONU pelos comunistas. Enquanto a televisão e os periódicos estiveram cacarejando incessantemente sobre o desarmamento, não se disse nenhuma palavra sobre a outra cara da moeda: todas estas propostas foram dirigidas à criação de um Exército das Nações Unidas!»

Em outubro de 1968, a Agência para o Desarmamento publicou uma revisão da proposta intitulada: «Controle armamentístico e segurança nacional», que declarava: «Desde 1959, o objetivo final das negociações foi o desarmamento geral e completo, por exemplo, a eliminação total de todos os exércitos e armamento, a exceção do necessário para manter a ordem interna dentro dos estados e dotar às Nações Unidas de uma Força de Paz [...] enquanto se efetue a redução de armas, estabelecer-se-á e desenvolverá uma Força de Paz da ONU que, no momento em que se completar o plano, será tão poderoso que nenhuma nação poderá ameaçar.» Note-se que o documento diz «desde 1959». A Agência para o Desarmamento e o Controle de Armas não foi criada até setembro de 1961. Mas foi em 25 de novembro de 1959, quando se elaborou o Estudo N° 7 do CFR, «que descreve os verdadeiros objetivos da organização, transmitindo seu conteúdo aos soviets é que dizia: «...construir uma Nova Ordem Internacional [que] dê resposta às aspirações mundiais de paz [e] traga uma mudança social e econômica [...] uma ordem internacional [...] que inclua os estados que se chamam a si mesmos socialistas».

Por que? Porque o objetivo do CFR, desde sua criação, foi debilitar a capacidade defensiva dos Estados Unidos, permitindo que os soviéticos os «alcançassem». Isto criará as condições favoráveis para um monopólio, propriedade da mistura Bilderberg-CFR-Rockefeller, com suas lideranças entrelaçadas e seus benefícios acumulativos.

Segundo uma pessoa que foi membro do CFR durante 15 anos, o contra-almirante Chester Ward, antigo juiz da Marinha, advogado de 1956 a 1960 e autor do livro de 1975 Kissinger on the Couch, os objetivos globais do Bilderberg-CFR são:

«Os camarilhas mais poderosos desses grupos elitistas têm um objetivo em comum: querem acabar com a soberania e a independência nacional dos Estados Unidos [...]. A maior parte dos membros do CFR são ideólogos do Governo Mundial Único, cujos objetivos, a longo prazo, foram resumidos no Documento 72-77 do Departamento de Estado de setembro de 1961: [...] a eliminação total de todos os exércitos e armamento, à exceção dos necessários para manter a ordem

interna dentro dos estados e dotar às Nações Unidas de uma Força de Paz [...] no momento em que se completar o plano, [o Governo Global da ONU] será tão poderoso que nenhuma nação poderá ameaçar. Esse objetivo de conseguir o desarmamento e a perda de soberania e independência nacional dos Estados Unidos, para estabelecer um governo mundial todo-poderoso, é o único objetivo revelado aos 95 % dos 1.551 membros do CFR [em 1975]. Existem outros dois propósitos ulteriores do CFR, mas é improvável que saibam mais de 75 membros, ou que esses propósitos tenham sido nunca postos por escrito.»

Secretários de defesa do CFR

A Lei de Segurança Nacional de 1947 estabeleceu o escritório do Secretário de Defesa. Desde 1947 houve 14 secretários de defesa pertencentes ao CFR e/ou a Comissão Trilateral.

Desde 1940, todos os secretários de estado do E.U.A. (exceto o governador James Byrnes da Carolina do Sul) foram membros do CFR e/ou seu irmão menor, a Comissão Trilateral. Também desde 1940, todos os secretários de Guerra, ou de Defesa, foram membros do CFR. Virtualmente, há oitenta anos, todos os conselheiros chave de Segurança Nacional e Assuntos Exteriores dos Estados Unidos foram membros do CFR. [6]

Entre outros, foram ou são membros do CFR:

Candidatos presidenciais: John W. Davis (1924), Herbert Hoover (1928, 1932), Wendell Wilkie (1940), Thomas Dewey (1944, 1948), Adlai Stevenson (1952, 1956), Dwight Eisenhower (1952, 1956), John F. Kennedy (1960), Richard Nixon (1960, 1968, 1972), Hubert Humphrey (1968), George McGovern (1972), Gerald Ford (1976), Jimmy Carter (1976, 1980), John Anderson (1980), George Bush (1980, 1988, 1992), Howard Baker (1980), Reuben Askew (1984), John Glenn (1984), Alan Cranston (1984), Walter Mondale (1984), Michael Dukakis (1988), Bill Clinton (1992, 1996).

Diretores da CIA (membros do CFR): Richard Helms (1966-1973, Johnson), James R. Schlesinger (1973, Nixon), William E. Colby (1973-1976, Nixon), George Bush (1976-1977, Ford), Stansfield Tumer (1977-1981, Carter), William Casey (1981-1987, Reagan), William H. Webster (1987-1991, Reagan), Robert M. Gates (1991-1993, Bush), R. James Woolsey (1993-1995, Clinton), John Deutch (1995-1996, Clinton), George Tenet (1997-2004, G. W. Bush).

Secretários de Defesa (CFR): 1957-1959, McElroy; 1959-1961, Gates; 1961-1968, McNamara; 1969-1973, Laird; 1973, Richardson; 1973-1977, Rumsfeld; 1977, Brown; 1981-1987, Casper Weinberger; 1987-1989, Richard Cheney; 1989-1991, 1993-1994, Les Aspin; 1994-1997, William J. Perry; 1997-2001, William Cohén; 2001, Donald Rumsfeld.

Lista secreta de membros do CFR no Exército: [Nota: as implicações da seguinte lista são assombrosas. Dá-se você conta de que quase todos os generais, almirantes, vice-almirantes, coronéis e capitães da Junta Geral de Mandos do Exército, o grupo de veteranos de guerra cujo conselho o presidente decide todas as iniciativas militares, está em mãos e sob controle da organização associada ao

Clube Bilderberg, o CFR?]. O general David Jones, o vice-almirante Thor Hanson, o lugar-tenente general Paul Gorman; o major general R. C. Bowman, o brigadeiro general F. Brown; o lugar-tenente coronel W Clark; o capitão Ralph Crosby, o almirante Crowe, o coronel P. Dawkins, o coronel W. Hauser, o coronel B. Hosmer, o major R. Kimmitt, o capitão F. Klotz, o general W. Knowlton, o vice-almirante J. Lee, o capitão T. Lupter, o coronel D. Mead, o major general Jack Merritt, o general E. Meyer, o coronel E. Odom, o coronel L. Olvey, o coronel K. Osborn, o major general J. Pustuay, o capitão P. A. Putignano, o lugar-tenente general E. L. Rowny, o capitão Gary Sick, o major general J. Siegal, o major general Dewitt Smith, o brigadeiro general Perry Smith, o coronel W. Taylor, o major general J. N. Thompson, o vice-almirante C. A. H. Trost, o almirante S. Tumer, o major general J. Welch.

O secretário do Tesouro é o principal conselheiro econômico e financista do governo e é nomeado pelo presidente dos Estados Unidos.

Os seguintes secretários do Tesouro são membros do CFR: Robert B. Anderson (Eisenhower), Douglas C. Dillion (Kennedy/Johnson), Henry Hamill Fowler (Johnson), David M. Kennedy e George P. Schultz (Nixon), William Edward Simon (Nixon/Ford), W Michael Blumenthal (Carter), G. William Miller (Carter), James A. Baker III(Reagan), Nicholas F. Brady (Reagan/Bush), Lloyd M. Bentsen (Clinton), Robert E. Rubin (Clinton), Paul H. O'Neill (G. W. Bush), John W Snow (G. W. Bush).

O secretário do Tesouro confia, em grande medida, na informação classificada que recebe do Conselho de Segurança Nacional. Dita informação classificada permite ao Departamento do Tesouro contribuir «à consecução dos objetivos da Segurança Nacional e a gerar o clima de opinião que os Estados Unidos pretende conseguir no mundo», explica o doutor Richard J. Boylan, cientista condutista, professor associado (emérito) e investigador no número do verão de 2001 do True Democracy.

O falecido Gary Alien, um dos melhores jornalistas de investigação americanas, escreveu em O expediente Rockefeller: «Os Rockefeller fizeram do Departamento do Tesouro uma autêntica sucursal do Chase Manhattan Bank.»

Todos os membros da Corte Suprema foram, ou nomearam por presidentes membros do CFR, ou presidentes cujas decisões estavam influenciadas por cem ou mais membros do CFR de seu gabinete que trabalhavam juntos (no que se chamou «O Grupo Especial» ou «A Equipe Secreta»). Quando se retira um juiz do Tribunal Supremo, o presidente designa uma pessoa para substituí-lo. Como regra geral, o designado reflete as crenças políticas e religiosas do presidente que o nomeia.

Certamente, surpreenderá, uma vez mais, ao público em geral, que embora aparentemente seja um presidente republicano, ou democrata, quem escolhe ao juiz, com a aprovação do Congresso dos Estados Unidos, a realidade é muito distinta. E se lhe dissessem que o presidente não escolhe em realidade ao juiz, mas sim lhe indicam claramente a quem pôr no cargo, você confiaria no sistema judicial americano? Que opinião mereceria uma instituição como a Corte Suprema, a última garantia de seus direitos individuais, se soubesse que seus membros trabalham para os interesses do CFR? Através dos juízes escolhidos pelo Executivo do Governo

dos Estados Unidos, controlado pelo CFR, a Corte Suprema proporciona as decisões que vão a favor do CFR e a opinião geral que querem impor no mundo. O decisivo caso de Roe contra Wade que permitiu o direito ao aborto das mulheres foi decidido por nove juízes escolhidos por presidentes pertencentes a CFR. [7]

O CFR e as operações psico-políticas

Segundo o Volante número 525-7-1 do Departamento de Defesa, «a arte e a ciência das operações psicológicas», o «secretário de Defesa é o principal assistente do presidente em todas as matérias relacionadas com o Departamento de Defesa e exerce a direção, a autoridade e o controle do Departamento. O secretário de Defesa é membro do Conselho Nacional de Segurança. Entre os assistentes militares e conselheiros civis do secretário, encontra-se seu assistente para Assuntos de Segurança Internacional, que tem responsabilidades sobre as operações psicológicas (PSYOP)». (Headquarters Department of the Army, DA Pam 525-7-2, Volante número 725-7-2, *The Art and Science of Psychological Operations: Case Studies of Military Application*, Washington, DC 1 de abril de 1976, preparado pelo American Institutes for Research (AIR), 3301 New México Avenue N.W., Washington, DC, 20016, sob o Department of the Army Contracts, Project. Diretor Daniel C. Pollock, Vol. 1, pág. 99.).

Hadley Cantril, um bem-sucedido sociólogo e investigador da década de 1940 explicou em seu livro de 1967, *The Human Dimension: Experiences in Policy Research*, publicado pela Rutgers University Press, o seguinte: «As operações psicopolíticas são campanhas de propaganda que usa o CFR e o Clube Bilderberg e que estão desenhadas para criar tensões perpétuas e manipular aos diferentes grupos de pessoas para aceitar o particular clima de opinião que querem imprimir no mundo.»

«O que a maioria dos americanos acredita que é a "opinião pública" é, em realidade, uma propaganda cuidadosamente elaborada e orquestrada para provocar determinada resposta de conduta no público»; explica Ken Adachi, editor da excelente página Web www.educate-yourself.org; isto é, conseguir que a gente se comporte da maneira que a um interessa, convencendo de que tudo isso é em seu interesse. Pesquisas de opinião pública são estudos qualitativos que investigam em profundidade as motivações, os sentimentos, as reações de determinados grupos sociais com respeito a sua aceitação dos programas planejados pelo CFR. A aplicação da propaganda e da manipulação da opinião pública (com técnicas de controle mental) é executada nos Estados Unidos por mais de 200 think tanks (grupos geradores de idéias políticas) como a Corporação RAND, a Corporação de Investigação para o Planejamento, o Instituto Hudson, o Instituto Internacional para as Ciências do Comportamento Aplicadas, a Fundação Heritage e o Instituto Brookings, «fiscalizados e dirigidos pela principal organização de controle mental da Nova Ordem Mundial nos Estados Unidos, o Instituto de Investigação Stanford (Sri) de Menlo Park, Califórnia», explica Ken Adachi, fato que confirma, independentemente, o doutor John Coleman, um ex-agente secreto do MI6 com acesso a material secreto e autor do *Conspirators Hieranhy: The store of the Committee of 300*.

Isto é o que o doutor John Coleman escreve: «O Instituto Tavistock opera na atualidade através de uma rede de fundações no Estados Unidos que dirige 6 bilhões de dólares ao ano. Todo esse dinheiro procede dos impostos dos contribuintes americanos. Existem dez instituições sob seu controle direto, com 400 sucursais e 3.000 grupos de estudo e think tanks, que dão lugar a muitos tipos de programas para incrementar o controle da Ordem Mundial sobre o povo americano. O Instituto de Investigação Stanford, junto com o Instituto Hoover, é uma instituição de 3.300 empregados e um orçamento de 150 milhões de dólares ao ano. Leva a cabo programas de vigilância para Bechtel, Kaiser e outras 400 empresas e importantes operações de inteligência para a Cia. É a instituição maior da Costa Oeste no campo do controle mental e das ciências da conduta.»

O Instituto RAND, apoiado pelo Rockefeller, e o Instituto Tavistock (na Inglaterra: 30 Tabernacle Street, London EC2A 4DD), financiado pelo Rockefeller, investigam a «dinâmica da evolução», isto é, a lógica atrás do porquê as pessoas de diferentes procedências culturais, interesses, lealdades e níveis informativos mantêm certa opinião. Os elitistas do poder chamam-no «a Engenharia do Consentimento».

Como diz claramente o doutor John Coleman em seu livro chamado: «Todas as técnicas das fundações americanas e o Tavistock têm um único objetivo: acabar com a força psicológica do indivíduo e fazê-lo incapaz de opor-se aos ditadores da Ordem Mundial.»

Em 1991, B. K. Eakman publicou Educando para a Nova Ordem Mundial, do Halcyon House, um livro surpreendentemente revelador que desmascara às forças que moldam a educação americana para levar todos, em última instância, a um futuro orwelliano. No livro, Eakman escreve: «As diversas políticas específicas do RAND, que chegaram a ser operativas, incluem medidas sobre assuntos nucleares, análise de empresas, centenas de projetos militares e programas para alterar a mente, mediante drogas como o peyote e o LSD» (A encoberta operação MKULTRA, criação do Richard Helms, que mais tarde seria diretor da CIA, é o nome codificado do programa de investigação de controle mental da CIA, da década de 1950 à década de 1970. Os «médicos», comandados pelo psiquiatra Ewen Cameron e ex-cientistas nazistas, usaram algumas das técnicas investigadas pelos «doutores» nazistas, como o eletrochoque, a privação do sono, a implantação de lembranças, a extirpação de lembranças, a modificação sensorial e os experimentos com drogas psicoativas. O mais irônico do caso é que o doutor Cameron foi membro do tribunal de Nuremberg contra os médicos nazistas, que durou 20 anos).

O doutor Byron T. Weeks, coronel retirado da Força Aérea americana, em uma investigação excepcional [www.educateyourself.org], meticulosamente documentada, explica que: «A ideologia das fundações americanas foi criada pelo Instituto Tavistock de Relações Humanas de Londres. Em 1921, o duque de Bedford, marquês do Tavistock, cedeu um edifício ao Instituto para estudar o efeito dos bombardeios, nos soldados britânicos, durante a Primeira guerra mundial. Seu propósito era estabelecer o ponto de ruptura dos homens sob o

estresse, sob a direção do British Army Bureau of Psychological Warfare, comandado por sir John Rawlings-Reese.» [8]

Em *Conspirators' Hierarchy: The Store of the Comite of 300*, o doutor John Coleman explica que «uma rede de grupos secretos, a Sociedade Mont Pelerin, a Comissão Trilateral, a Fundação Ditchley e o Clube de Roma seguem as instruções da rede Tavistock.

Na edição de fevereiro de 1971 de uma revista russa com base em Moscou, *International Affairs*, publicou-se um artigo intitulado «Ways and Means of US Ideological Expansion» (Meios e maneiras de expansão ideológica americana), onde se explicava o significado dessas operações: «As operações psico-políticas se subdividem em operações estratégicas psico-políticas, que enfocam a propaganda em pequenos grupos de pessoas, como acadêmicos, ou peritos capazes de influenciar a opinião pública; e operações táticas psico-políticas, que elaboram propaganda para as massas através dos meios de comunicação (por exemplo, periódicos, rádio, televisão, livros de texto, material educacional, arte, entretenimento, etc).» [9]

«Ambas as formas de propaganda são utilizadas para manipular à opinião pública e obter objetivos de política externa em um período dado», escreve um grupo de peritos em um panfleto intitulado «A arte e a ciência das operações psicológicas: casos práticos de aplicação militar, volume 1»*, publicado em 1976 por Headquarters Department do Exército Estadunidense. [10]

* [Título original: «The Art and Science of Psychological Operations: Case Studies of Military Application Volume One.»]

Thomas R. Dye, um dos autores americanos mais prolíficos sobre os mesentérios do EE.UU. moderno, escreve em *Who's Running America? Institutional Leadership in the United States* que «esta opinião é formulada pelos membros dominantes do CFR, que pertencem a um círculo mais estreito chamado "Grupo Especial", que planeja e coordena as operações psico-políticas, utilizadas para manipular a opinião pública americana. Utilizam uma infra-estrutura oculta intragovernamental chamada "Equipe Secreta", que inclui funcionários legislativos, executivos e judiciais da secretaria do Estado, a secretaria de Defesa, a secretaria do Tesouro e a direção da CIA; às pessoas que controlam a televisão, a rádio e os periódicos; aos presidentes dos grandes, gabinetes de advogados; aos diretores das universidades e think tanks mais prestigiosos; aos presidentes das fundações privadas e das empresas públicas mais importantes»!!

A «Equipe Secreta» do CFR segue as mesmas pautas organizativas que todas as sociedades secretas. O organograma da organização se estrutura em Círculos dentro de Círculos e a capa exterior (a «Equipe Secreta») sempre protege aos membros do Círculo dominante (o «Grupo Especial») que coordena as operações psico-políticas. Os objetivos, as identidades e os rôis desempenhados pelos membros de uma «Equipe Secreta» permanecem ocultos, inclusive entre eles, e assim o «Grupo Especial» do CFR protege a si mesmo de hipotéticas acusações simplesmente negando sua participação na operação. Para maior segurança, o CFR

não revela a todos os membros do Conselho que operações psico-políticas tem preparadas, ou qual é seu papel exato em cada operação. O Clube Bilderberg, mais exclusivo, opera sob os mesmos critérios.

O [CFR] está convencido de que «...é iminente o controle absoluto da conduta [...] sem que o gênero humano se dê conta de que há uma crise a cair. [12]

A Associação para a Supervisão do Desenvolvimento, do currículo da Associação Liberal de Educação Nacional, elogia a eficiência da sofisticada versão atual do antigo processo dialético hegeliano, o tutano do sistema de lavagem de cérebro soviético. Existem três grandes regra na prática da influência sobre a conduta: primeiro, o engano cuidadosamente elaborado deve conter algo de verdade; segundo, deve ser suficientemente arresado para fazer impossível achar provas e fatos tangíveis. Isto se pode conseguir ocultando informação chave ao público. «A parte que se decidiu evitar oculta a informação chave que poderia fazer que a opinião pública se opusesse aos planos do Conselho. Na operação psico-política do Plano Marshall, Kennan apoiava o plano e Lippmann estava contra. A parte do Kennan ganhou, mas anos depois, em suas memórias, este diria que, em retrospectiva, Lippmann estava certo», escreve Dale Keiger, um escritor da revista Johns Hopkins Magazine que cobre temas de humanidades, política internacional; e terceiro, o uso do engano não deveria desacreditar uma fonte que pode ter um valor potencial no futuro, o que significa que os meios, em grande medida, propriedade de empresas controladas pelo CFR, devem jogar a carta da credibilidade. Com a ajuda dos meios de comunicação, por exemplo, o CFR persuadiu já elites de todo o mundo de que «o ressurgir do nacionalismo, o crescimento dos fundamentalismos e a intolerância religiosa» é uma ameaça global.[13]

O CFR cria e põe em marcha operações psico-políticas manipulando a realidade das pessoas, através da «tática do engano», e colocando membros do Conselho em ambas as partes de uma discussão. O engano é completo quando o público chega a acreditar que se trabalha por seus interesses quando, de fato, o que se leva a cabo é simplesmente a política do CFR.

Posto que o CFR controla os sistemas legais, legislativos e judiciais, não tem nada a temer de nenhuma «investigação oficial». Portanto, não tem nenhum problema para fazer acreditar no público geral, incapaz de perceber a magnitude do engano, que se cumpre a lei. Os funcionários de justiça e os legisladores escolhidos, apoiados e protegidos pelo Conselho, estão cometendo descaradas ilegalidades para que os objetivos do CFR cheguem a bom porto, ou para ocultar suas incorreções.

Sabem perfeitamente que, se tais manejos saíssem à luz pública, o público poderia ficar contra os desejos do CFR.

Segundo o Resumo Executivo da Investigação sobre o caso Irã-Contra do governo dos Estados Unidos, disponível no US National Archives & Records Administration para os anos 1986-1993: «Em outubro e novembro de 1986, o Governo do EE.UU. levou a cabo duas operações secretas com atividades ilegais que implicavam a funcionários da Administração Reagan: a assistência militar às operações do Contra-nicaragüense durante o período de outubro de 1984 a outubro de 1986, quando estava especificamente proibida a ajuda e a venda de

armas americanas ao Irã, transgredindo a política do EE. UU. sobre a matéria de exportação de armamento. Essas operações receberam o nome do assunto Irã-Contras.» A Operação do Irã consistiu na venda, em 1985 e 1986, de armas americanas ao Irã, apesar do embargo sobre tais vendas, para obter a liberação de reféns americanos retidos no Oriente Médio. As operações do Contra, desde 1984 e a maior parte de 1986, consistiram no apoio secreto às atividades militares e paramilitares do Contra na Nicarágua, apesar da proibição expressa do Congresso.

As operações no Irã e na Nicarágua confluem porque os recursos produzidos pela venda de armas no Irã se dedicaram ao apoio à Contra mas, embora este «desvio de dinheiro seja a parte mais espetacular do caso Irã/Contra, é importante destacar que ambas as operações, separadamente, violavam a política e a lei dos Estados Unidos, isto é, a Lei de Controle e Exportação de Armas». No final de novembro de 1986, funcionários da Administração Reagan anunciaram que «alguns dos benefícios da venda de armas ao Irã tinham sido desviados à Contra». Segundo a informação do US National Archives & Records Administration para os anos 1986-1993, disponível para o público, o relatório do The Office of Independent Counsel, responsável pela investigação, diz que «é importante sublinhar que as duas operações, Irã e Contra, separadamente, violaram as leis e política dos Estados Unidos».

Em 26 de novembro de 1986, o Fiscal Geral ordenou ao FBI abrir uma investigação sobre o episódio Irã/Contra. Em 19 de dezembro de 1986, Lawrence Walsh foi eleito Conselheiro Independente para efetuar a investigação. Mas minha pergunta é: Fez Lawrence Walsh seu trabalho como Conselheiro Independente ou ele também formava parte de uma conspiração muito maior? Em 1969, Walsh se integrou na equipe do Kissinger durante as conversações sobre Vietnã que tiveram lugar em Paris. Em 1981, Walsh trabalhou para os escritórios de advocacia mais antigos de Oklahoma, Crowe e Dunlevy, apoiado em 1902 para representar as companhias petrolíferas e seguradoras dirigidas por membros do CFR.

Os membros do «Grupo, Especial» do CFR, George H. W. Bush (vicepresidente), Donald T. Regan (Chefe do Gabinete do presidente), Elliot Abrams (assistente do secretário de estado para Assuntos Exteriores), John Poindexter (conselheiro de Segurança Nacional de EUA), Casper Weinberger (secretário de Defesa), Robert M. Gates (subdiretor da CIA), William J. Casey (diretor da CIA), e Robert C. McFarlane (assistente do presidente para Assuntos de Segurança Nacional) aconselharam ao Reagan seguir com o Plano Irã-Contra. Em 24 de dezembro de 1992, conforme informa Associated Press, seis anos depois de que estourasse o assunto Irã-contra, aproveitando as Natividades e a conseqüente falta de atenção dos meios de comunicação, o presidente George H. W. Bush indultou aos membros do CFR, Weinberger, McFarlane, Abrams, e aos três chefes da CIA, Fiers, George e Clarridge. Ninguém se dá conta de que há um conflito de interesses nesta desculpa e de que os membros do CFR, que pertencem ao Departamento de Segurança Nacional, influíram na decisão do presidente dos Estados Unidos da América, para desobedecer as leis de um país, com o objetivo de seguir os planos secretos do CFR, através de uma enorme infra-estrutura oculta intra-governamental chamada «Equipe Secreta»? Por que a «imprensa livre» não

levou este travestismo da justiça aos lares da América? A resposta pode estar, como veremos, em que a imprensa forma parte da operação, parte do sistema do governo na sombra.

Como nota à parte, depois de sete anos de investigação que custaram milhões de dólares aos contribuintes americanos, só uma pessoa, ninguém de segunda classe, foi inculcado e enviado a prisão... por não pagar seus impostos.

Uma terceira «tática do engano» que usou o CFR para conseguir seus propósitos é financiar e «fiscalizar» estudos legítimos, levados a cabo por organizações respeitadas, com o propósito rápido de manipular a opinião pública mediante o uso inteligente da linguagem.

O CFR usa fundações, livre de impostos, como principal conduto para financiar seus processos de manipulação. Graças a Thomas R. Dye, sabemos que quase 40% dos ativos destinados à fundações estavam controlados pelas 10-11 fundações mais importantes, as quais, a sua vez, estavam controladas pelo CFR.[14]; e continua: «Os diretores ou síndicos têm uma grande liberdade na hora de usar o dinheiro da fundação, para financiar investigações sobre problemas sociais, criar think tanks, ajudar a museus, etc.» [15]

Uma quarta «tática do engano» é o uso orwelliano do duplo discurso.

Rene Wonnser escreveu em *Foundations: Their Power and Influence* que «o Instituto RAND para a Investigação da Defesa Nacional é um think thank do CFR patrocinado pelo Escritório do Secretário de Defesa e dirigido pelo membro do CFR, Michael D. Rich. Entre seus clientes se inclui o Pentágono, AT&T, Chase Manhattan Bank, IBM, o Partido Republicano, as Forças Aéreas Americanas, o Departamento de Energia dos EUA e a Nasa. As relações entre os síndicos do Randy as fundações Ford, Rockefeller e Carnegie é um exemplo clássico do modus operandi do CFR-Bilderberg. A Fundação Ford doou um milhão de dólares ao Rand em 1952, em uma época em que o presidente da Fundação Ford era simultaneamente o presidente do Rand». [16] E dois terços da investigação do RAND estão relacionados com temas de segurança nacional e são, conseqüentemente, classificados como secretos. O terço restante da investigação da Corporação Rand está dedicada ao estudo do controle de populações (demografia aplicada). Uma das áreas chave do trabalho do Rand está relacionada em como desinformar e manipular grandes quantidades de pessoas.

Em julho de 1992, influenciado pela incerteza da dissolução da União Soviética e alarmado pelas crescentes mudanças na Europa do Este, o Instituto RAND reuniu aos melhores peritos mundiais para debater sobre os problemas no novo ambiente mundial. O documento resultante foi «revisado» para moldá-lo aos objetivos do RAND e publicado no relatório de verão do instituto com o título «Peace-keeping and Peacemaking After the Cold War». Segundo o relatório, o secretário geral da ONU «define a construção da Paz como uma ação posterior aos conflitos... O secretário geral vinculou a diplomacia preventiva ao desdobramento de forças militares preventivas». RAND sublinha que, «a Secretaria Geral, em sua Agenda pela Paz [...] sublinha a necessidade de que os governos compartilhem informação sobre situações políticas ou militares e, ao fazê-la assim, está pedindo uma maior comunicação entre os Serviços de Inteligência...». Uma vez mais, devo

assinalar que uma das qualidades mais importantes de RAND é sua capacidade para desinformar e manipular grandes grupos de pessoas.

No artigo da revista Johns Hopkins Magazine, «Uma forma diferente de capitalismo», o escritor sobre temas internacionais e política pública, Dale Keiger, escreveu: «Em 1947, os membros do CFR, George Kennan, [17] Paul Nitze [18] e Dean Acheson [19] participaram de uma operação psico-política para que o público americano aceitasse o Plano Marshall. O PSYOP incluía uma carta "anônima" dirigida ao Mr. X, que apareceu na revista Foreign Affairs do CFR. A carta abriu a porta para que a Administração Truman, controlada pelo CFR, tomasse sérias medidas contra a ameaça da expansão soviética. O público não chegou a saber que o autor daquela carta era George Kennan. O Plano Marshall deveria ser denominado o Plano do CFR. O chamado Plano Marshall e a subsequente OTAN, definiram o papel dos Estados Unidos na política mundial para o resto do século.»

O CFR e o Plano Marshall

O Plano Marshall recebeu seu nome em honra ao discurso que deu em 5 de junho de 1947, o então secretário de estado, general Marshall, na Universidade de Harvard. Marshall propôs uma solução à desintegração econômica e social a que enfrentavam os europeus na pós-guerra da segunda guerra mundial. Sob seu programa, os Estados Unidos proporcionariam ajuda para evitar a fome em grandes zonas do continente, reparariam a devastação no menor tempo possível e convidariam aos países europeus a integrar-se em um plano cooperativo para sua reconstrução econômica. Segundo o folheto disponível na livraria do Congresso dos Estados Unidos, «América também se beneficiou do plano desenvolvendo uns valiosos sócios comerciais e uns aliados de confiança entre as nações da Europa Ocidental. E mais importantes foram os muitos laços de amizade individual e coletiva que se desenvolveram entre os Estados Unidos e Europa».

O que se desconhece do Plano são suas implicações econômicas. Quer dizer, os requerimentos explícitos de que os Estados Unidos se aderisse a um liberalismo comercial e a um incremento da produtividade, «para assegurar a americanização da Europa, já que as elites políticas e econômicas européias ficaram ligadas a seus homólogos americanos, o qual tornava impossível nenhum desenvolvimento econômico, ou político significativo sem a aprovação do EE. UU.», explica o jornalista político britânico Richard Greaves em seu ensaio *Who really runs the world?*

A Foreign Assistance Act de 1948 pôs em pé a Agência para a Cooperação Econômica (ECA) que administraria o Programa de Recuperação Européia (PRE).

Entre os anos 1948-1951, nos quais funcionou o Plano, o Congresso atribuiu 13,3 bilhões de dólares em ajudas à 16 países da Europa Ocidental.

O comentarista político Mike Peters, em um artigo da revista *Lobster* 32 intitulado «The Bilderberg Group and the project of European Unification», escreve: «Este exercício de generosidade internacional sem precedentes (qualificado pelo Churchill como "o mais nobre ato da história") beneficiava diretamente aos propósitos econômicos das empresas americanas, orientadas internacionalmente, que o promoveram.

William Clayton (CFR), por exemplo, o subsecretário de Economia, cujos giros pela Europa e as cartas que enviava à Washington desempenharam um papel fundamental na preparação do Plano, e quem o defendeu ante o Congresso, tirou um proveito pessoal de 700.000 dólares ao ano; e sua própria companhia, Anderson, Clayton & CO., conseguiu 10 milhões em pedidos até o verão de 1949 (Schuman 1954; pág. 240). General Motors também obteve, de forma similar, 5,5 milhões de dólares em pedidos entre julho de 1950 e 1951 (14,7 % do total) e a Ford Motor Company, 1 milhão (4,2 % do total)».

Kai Bird, editor e colunista da reconhecida revista *A Nação*, descreve em *The Color of Truth: McGeorge Bundy and William Bundy: Brothers in arms* os aspectos ocultos do Plano: [Em 1949] «McGeorge Bundy, ex-presidente da Fundação Ford, iniciou um projeto com o CFR em Nova Iorque, para estudar o Plano Marshall de ajuda à Europa [...] O grupo de estudo do conselho incluía algumas das autoridades em política internacional do establishment. Trabalhando com Bundy no projeto estavam Alien Dulles, David Lilienthal, Dwight Eisenhower, Will Clayton, George Kennan, Richard M. Bissell e Franklin A. Lindsay [...] que em pouco tempo se converteram em funcionários de alta classe da nova Agência Central de Inteligência [...] seus encontros eram considerados tão delicados que a habitual transcrição off the record não se distribuía aos membros do Conselho. Havia uma boa razão para esse secretismo. Esses eram provavelmente os únicos cidadãos particulares que sabiam que havia uma parte encoberta no Plano Marshall. Concretamente, CIA [controlada pelo CFR] apropriou-se de parte dos 200 milhões de dólares anuais dos recursos, em moeda local, dos receptores do Plano Marshall. Esse dinheiro não justificado foi usado pela CIA para financiar atividades eleitorais anticomunistas na França e Itália e apoiar aos jornalistas, líderes sindicais e políticos amigos.»

Origens do Plano Marshall

As origens do Plano Marshall encontram-se nas redes de formação política instituídas pelo CFR em 1939, antes da segunda guerra mundial. Michio Kaku e Daniel Axelrod explicam em «To win the Nuclear War. The Pentagon's Secret War Plans,» que «as atas dos encontros secretos que mantiveram o Departamento de Estado e o CFR, que começaram em 1939, detalham explicitamente o papel do EE. UU. Como força invasora e uma substituição do Império Britânico» [20] Mike Peters, em um dos poucos livros que mencionam em seu título ao terrorífico Clube Bilderberg, *The Bilderberg Group and the project of European Unification*, escreveu: «O plano que Marshall apresentou em seu discurso de Harvard tinha sido previamente traçado por um Grupo de Estudo do CFR de 1946 dirigido pelo advogado Charles M. Spofford e David Rockefeller, que inclusive elaborou um projeto intitulado "Reconstruction in Western Europe.» [21]

Através do Comitê para o Plano Marshall, formado em 1947, explica G. William Domhoff no *The Powers that Be*, publicado por Vintage Books em 1978, levou-se a cabo outro esforço «para combater aos isolacionistas americanos de direitas. Presidindo o comitê se achava Henry L. Stimson, ex-secretário de Defesa e

de Estado, membro do CFR da década de 1920. Cinco dos sete membros do comitê executivo estavam filiados ao CFR.

O movimento para formar uma Europa unida era parte de um plano mais amplo para estabelecer um Governo Mundial. Carroll Quigley, professor de História da Foreign Service School da Universidade de Georgetown em *Tragedy and Hope*, livro que explica a evolução do establishment (diz do futuro da Nova Ordem Mundial no século XX), afirmou que «a integração da Europa Ocidental começou em 1948 motivada precisamente pelo Plano Marshall [...]. Estados Unidos tinha devotado a ajuda do Plano Marshall com a condição de que a recuperação européia se efetuasse sob um esquema de colaboração. Isto conduziu a Convenção para a Cooperação Econômica Européia [...] assinada em abril de 1948 e o Congresso de La Haya para a União Européia, que teve lugar no mês seguinte».

O Congresso de La Haya apostava por uma União Européia e elaborou sete resoluções sobre diferentes aspectos dessa união política. A sétima dizia: «A criação de uma união européia deve ser entendida como um passo essencial para a criação de um Mundo Unido», conforme escreve Dennis Behreandt no número de 6 de setembro de 2004 da revista *The New American*, em um artigo intitulado «Abolishing Our Nation-Step By Step».

Behreandt segue explicando que «o Plano Marshall, além de ajudar a levantar a Europa, conduziu em 1950 ao Plano Schuman quando o ministro dos Assuntos Exteriores francês, Robert Schuman, propôs que toda a produção de carvão e aço da França e Alemanha fosse posta sob a autoridade de um corpo supranacional, que, por sua vez, conduziria à Comunidade Européia do Carvão e do Aço (CECA) e depois à Europa e ao Mercado Comum».

O professor Quigley afirmava que «se tratava de uma organização autenticamente revolucionária; que tinha poderes soberanos, entre os quais se incluía a autoridade para arrecadar recursos fora do poder do Estado, controlar preços, canalizar investimentos, atribuir fornecimentos de carvão e aço durante épocas de escassez e deter a produção em tempos de abundância». Em resumo, «a CECA (Comunidade Européia do Carvão e Aço) era um governo rudimentar».

Firmado em 1951, o acordo uniu os recursos desses materiais de seis nações (França, Alemanha Ocidental, Itália, Bélgica, Luxemburgo e Holanda) sob uma única autoridade, levantando toda restrição sobre importações e exportações, criando um mercado trabalhista unificado, adotando uma política econômica conjunta e harmonizando os níveis de vida dos estados membros, o qual poderia ajudar a prevenir outra guerra.

Oculto pelo general Marshall e gente do CFR estava o fato de que a CECA era o primeiro passo concreto para uma unificação política, a primeira pedra na construção de um Império, o Império do Governo Único Mundial. Com a assinatura do Tratado de Roma, que facilitaria o estabelecimento da Comunidade Econômica Européia em 1957, deu-se o seguinte passo para o futuro Governo Mundial. O tratado de Roma começou a funcionar em 1 de janeiro de 1958.

Novamente, no artigo de 6 de setembro de 2004 de Dennis Behreandt para a revista *The New American*, pode ler-se: «As organizações regionais intergovernamentais e os corpos reguladores mundiais são o produto de um

planejamento, a longo prazo, e o trabalho de um esforçado grupo de internacionalistas...» O qual coincide com os pensamentos do Ambrose Evans-Pritchard, em seu artigo de setembro de 2000, do *Telegraph of London*: «...a Inteligência do EE. UU. [Alien Dulles (CIA, ao serviço de Rockefeller) e o general Walter Bedell Smith (CIA), ambos membros influentes do CFR] dirigiram uma campanha, durante a década de 1950 e 1960, para criar o ambiente propício, para a futura União Européia. De fato, fundaram e dirigiram o movimento federalista europeu.» Assim, não seria aventurar-se muito dizer que o Governo Europeu atual foi facilitado pelo CFR através do Comitê Americano, para uma Europa Unida, dirigido pelo William Donovan, antigo diretor da OSS, precursora da CIA.

Por que o papel do CFR na história foi deliberadamente oculto e gradualmente substituído por uma versão completamente falsa dos fatos? Por que não há universidades, os centros do liberalismo americano, que ofereçam créditos para estudar numa das organizações privadas mais influentes do país, que trabalhe tão estreitamente com o Governo para moldar a política externa detrás de seus objetivos privados? Como é possível que jornalistas de investigação, ganhadores de Prêmios Pulitzer, professores universitários, historiadores, escritores, homens de estado, políticos e investigadores não se precaveram do que acontece?

O fim

Uma curiosidade concernente ao CFR tem a ver com o fato de que as pessoas acham difícil acreditar que uma organização secreta como o CFR ofereça uma cópia de seu relatório anual que contém uma lista de todos os seus membros.

Não estarei exagerando sobre o secretismo, a falta de piedade e os objetivos a longo prazo dessa organização?

O CFR permitir-lhe-á ver seu relatório anual, revisar a lista de seus membros, ler sua página Web e assinar sua publicação *Foreign Affairs*.

Diferentemente do Clube Bilderberg, tem uma secretaria que educadamente responde a maior parte de nossas perguntas. Sem embargo, tudo é um engano. A tradução literal de suas autênticas intenções pode encontrar-se dentro das páginas do mesmo relatório anual que tão cortesmente oferecem ao público. A Tradução, como acontece com o Clube Bilderberg é: «Será melhor que não diga nada a ninguém sobre o que fazemos, ou dizemos aqui.»

No Relatório Anual do Council on Foreign Relations de 1992 diz-se claramente, em 20 lugares diferentes e com distintas palavras, que os membros não devem falar do que acontece lá dentro. [22]

O Comitê Assessor Internacional do CFR, segundo a própria página Web do CFR, «está convidado a comentar os programas institucionais, as instruções estratégicas e as oportunidades práticas de colaboração entre o CFR e as instituições estrangeiras»; consiste em 44 membros escolhidos da Europa, EE.UU., América do Sul, África, Ásia e Oriente Médio. 90 % dos mesmos, «surpreendentemente», pertencem à CT (controlada por Rockefeller), ao CFR, ou ao Clube Bilderberg. Se não se trata de uma organização secreta, então por que dar tanta importância, citando de vinte maneiras diferentes, a não-atribuição (tradução: melhor não dizer nada) em seu próprio relatório anual?

O Título 50 do Artigo 783 sobre a Defesa Nacional dos Estados Unidos diz: «Irá contra a lei qualquer pessoa que conspire, acesse, ou se associe com qualquer outra pessoa para efetuar qualquer ato que contribua substancialmente ao estabelecimento dentro dos Estados Unidos, de uma ditadura totalitária, cuja direção e controle seja exercida por, ou sob, a dominação de um governo estrangeiro.»

O CFR, por manipular secretamente o processo do eleitorado em Estados Unidos; planejar a rendição da soberania dos USA. ao Governo Mundial; usar grupos de debate e de estudo para fazer avançar suas políticas diabólicas de conquista e escravidão mundial; planejar o desarmamento dos Estados Unidos contra o desejo rápido dos Pais Fundadores, aos quais um comerciante globalizador como Bill Clinton chamou radicais; situar, com conhecimento de causa, forças militares sob o mando da ONU, o qual vai contra a constituição do EEUU.; usar operações subversivas psico-políticas, com o objetivo de criar tensões perpétuas e manipular diferentes grupos de pessoas para que aceitem sua visão da Ordem Mundial, é culpado de todos os cargos.

CAPÍTULO 3

A conspiração dos Rockefeller e a Comissão Trilateral

Independentemente de seu preço, a Revolução da China teve um êxito evidente não só na hora de criar uma administração mais eficaz e dedicada, mas também na hora de fomentar uma moral alta e um propósito comum [...] o experimento social efetuado na China sob o mandato do presidente Mao é um dos êxitos mais importantes da história da humanidade.

DAVID ROCKEFELLER (1973)

Toronto, lar de mais de cinco milhões de pessoas, é o maior centro financeiro do Canadá e o quarto maior da América do Norte. Só Nova Iorque, Chicago e Los Angeles são mais importantes em nível financeiro. É a sede da Bolsa de Toronto, a terceira de América do Norte em valor negociado, a nona do mundo e a única da América do Norte com um sistema de cotação e comércio, completamente computadorizado. As leis de Toronto e Canadá se apóiam na lei britânica e no sistema parlamentar inglês. A menos de uma hora de carro de Toronto, encontra-se a maior concentração de indústria e fabricantes automobilísticos de todo o Canadá. Toronto conta além, com o único castelo de verdade de toda a América do Norte, uma construção magnificamente ereta sobre uma colina com vistas ao centro da cidade, conhecido como o castelo Casa Colina.

O Canada Trust Tower, no centro do distrito financeiro de Toronto, uma versão reduzida do famoso Wall Street de Nova Iorque, é um dos arranha-céus mais característicos da cidade, uma estrutura de cinquenta e três pisos; duzentos e sessenta e um metros de altura, construída em 1990, pelo famoso arquiteto espanhol Santiago Calatrava.

A trinta e cinco quilômetros a noroeste do centro de Toronto está o CIBC Leadership Centre, em King City, a sede da conferência Bilderberg de 1996. O centro CIBC está, de fato, fora de King City, no King Township, uma região de grandes e exclusivos criadores de cavalos, na qual se acolhe aos membros da família real britânica, quando visitam o Canadá. Este maravilhoso centro, propriedade de um dos maiores bancos canadenses - Canadian Imperial Bank of Commerce - localiza-se sobre cinco quilômetros de atalhos naturais, que atravessam bosques e colinas. Não é de surpreender que os bilderbergers se decidissem por este seletivo lugar.

Os meios e agências de notícias de Toronto foram postos sobre aviso desta reunião por uma série de faixas, chamadas e memorandos que mandamos, Jim Tucker e eu mesmo, especialmente depois que soubemos, por fontes internas à reunião, que a conferência de 1996 utilizaria como cenário para tratar a iminente fragmentação do Canadá, através de uma Declaração Unilateral de Independência, em Quebec, a princípios de 1997. O objetivo era fracionar o Canadá para facilitar uma União Continental com os Estados Unidos por volta do ano 2000. Este objetivo teve que se pospor até 2005 e depois até 2007. Como regra geral, as reuniões Bilderberg jamais se mencionam na imprensa, pois a imprensa generalista

é propriedade dos bilderbergers. Este véu de secretismo foi rasgado em 30 de maio de 1996, o primeiro dia da conferência, por um artigo na primeira página de um dos periódicos de maior circulação e prestígio do Canadá, o Toronto Star.

Sob o título «Black acolhe a líderes mundiais», John Deverell, um jornalista da seção de negócios do periódico, sublinhou que não só o editor canadense, lorde Conrad Black, tinha devotado duzentos noventa e cinco milhões de dólares para fazer-se com o controle da maior cadeia de periódicos canadenses, mas, além disso, «... agora é o anfitrião de uma reunião de quatro dias, fortemente protegida por guardas, a que acodem líderes mundiais e monarcas ao norte de Toronto». Deverell nomeou a alguns dos 100 assistentes escolhidos a dedo de todo o mundo, extraídos da lista que Tucker e eu lhe subministramos.

Esta foi a primeira vez, na história das conferências Bilderberg, em que um periódico importante lhes dedicou sua atenção. Habitualmente as reuniões Bilderberg nem sequer se mencionam nos grandes meios. Os bilderbergers não estão acostumados a ter que dar explicações a ninguém, especialmente dado que alguns de seus membros controlam importantes periódicos, cadeias de periódicos e agências de notícias.

Mas a conferência de 1996 não foi uma conferência comum, nem o Canadá é um país qualquer. Quando os principais meios começaram a confirmar a informação através de suas fontes privadas e governamentais, ficou imediatamente claro que o Canadá, um dos estados mais ricos e belos do mundo, seria sem piedade trociscado pelos bilderbergers e pela Nova Ordem Mundial. Os bilderbergers deveriam ter sabido que, quando o que está em jogo é a própria liberdade, a mera posse dos meios não pode impedir que os editores, corretores, articulistas, assistentes e jornalistas de investigação da televisão, rádio e da imprensa escrita difundam a verdade entre o público. O que os bilderbergers tinham considerado meramente uma fuga se converteu rapidamente em uma inundação e logo em uma avalanche que se levou a todo o mundo dali por diante. Só na conferência de 1999 em Sintra, Portugal, relaxaram os bilderbergers as extremas medidas de segurança que impuseram atrás de sua maior derrota: a conferência de Toronto. Às 7:45 da manhã de 30 de maio de 1996, o legendário locutor de 680-NEWS Dick Smythe, o mais seguido na área metropolitana de Toronto, emitiu o seguinte relatório, que foi irradiado, a intervalos regulares, como parte de suas notícias: «Bem, isto parece o roteiro de um filme de conspirações, no qual os importantes e poderosos do mundo se reúnem em segredo. Conrad Black celebra sua conferência Bilderberg anual. Passo à Karen Parons, repórter de 680... "em torno de cem notáveis, entre eles os reis da Holanda e Espanha, Henry Kissinger, o secretário de Defesa dos Estados Unidos, William Perry e nosso Primeiro-ministro reuniram-se para a conferência. Também vieram os presidentes da Ford, da Xerox, do Bank of Commerce e Reuters.

Black diz que estão proibidos os jornalistas para que os debates sejam íntimos e sinceros. Diz que "as discussões podem ser bastante acaloradas". Exige-se aos participantes que prestem voto de silêncio. A conferência do ano passado se celebrou em três hotéis de luxo nos cumes das montanhas suíças. Este ano se celebra em um balneário de luxo de sessenta milhões de dólares no King City.»

A imprensa canadense também distribuiu um breve relatório sobre o até então secreto encontro, que foi publicado hoje, entre outros periódicos, pelo Toronto Sun, que conta com mais de trezentos e cinquenta mil assinantes. A liberdade e sua perda... às vezes não penso nela durante os intervalos de nosso destino. O que estou fazendo perseguindo a essa gente por todo mundo? O que é o que procuro?

Tem que haver uma forma mais simples de ganhar a vida... mas o devo a meu pai. Em 19 de abril de 1975 foi a última vez que vi meu pai vivo, um homenzarrão em bata e sapatilhas. Da fotografia olham-me meus olhos desesperados, os olhos de um menino de nove anos, assustado, incapaz de imaginar, de compreender, não suficientemente grande, para me pôr no lugar deste homem barbudo, que só umas horas antes me abraçava, mas que agora se foi.

Os médicos opinaram pela morte clínica de meu pai dezessete dias depois, em 6 de maio de 1975. Foi um cientista famoso, um homem de grande dignidade e honra; que passou a vida inteira lutando, pelo direito dos homens de dizerem o que pensam. Possivelmente isso não pareça algo extraordinário, em qualquer país em que a liberdade de expressão forme parte fundamental da estrutura básica da sociedade, mas não era assim na velha ditadura da União Soviética. Meu pai sobreviveu dezessete dias de tortura brutal, dezenove horas de dores diárias cada um desses dias. Trezentas e vinte e três horas de sofrimento desumano provocadas pela Polícia Secreta soviética. Esmagaram-lhe os testículos, romperam-lhe a mão direita em oito locais e sofreu uma perfuração em um pulmão, como consequência dos golpes que lhe davam cinco bestas que o surraram. Eu gostaria de dizer que se manteve firme, que não se ouviu nem um suspiro, que riu de seus torturadores, que...

Será que minha obsessão é um eterno e fútil esforço de mudar a direção em que avanço no tempo, de caminhar para trás ao passado entrincheirado, em lugar do mutável futuro, com a intenção de liberar aquele homem daquele sofrimento injusto? Mas, por mais que o tente, não conseguirei lhe alcançar.

Em 1 de junho, «Big» Jim Tucker e eu, junto com um pequeno grupo de ativistas em tempo parcial, celebramos o que se convertia em um êxito extraordinário. Todos os grandes periódicos do país queriam entrevistar-nos, as cadeias de televisão procuravam constantemente novas notícias e as cadeias de rádio seguiam-nos por toda a cidade. Reuníamos-nos na Horseshoe Tavern do Queen Street.

Antes, nesse mesmo dia, recebi uma chamada, de uma de minhas fontes, que me pediu que nos víssemos urgentemente antes das reuniões do dia seguinte. Ficamos na Galeria de Calatrava, junto ao Trust Tower, um dos lugares menos suspeitos de toda Toronto, devido a sua imensidão e às enormes quantidades de turistas que passam por ali, fotografando e gravando em vídeo a principal atração arquitetônica de Toronto.

Cheguei ali cruzando o Mercado de Kensington, equivalente ao que seria em Madrid o Rastro. Ao dobrar a esquina vi meu contato folheando os periódicos, em um quiosque, com uma bolsa de plástico na mão esquerda e uma revista enrolada na direita. Depois de um breve cruzamento de olhares e sem que déssemos

amostras de reconhecer ao outro, movi-me silenciosamente para a entrada da torre, onde um amigo, que trabalhava no mercado imobiliário, conseguira-me uma sala, em um dos últimos pisos do edifício, com uma vista maravilhosa à cidade. Subi em um elevador, olhando nervosamente atrás de mim. Meu contato me seguiu cinco minutos depois. Tínhamos conseguido muito nos últimos dias. Por uma vez, tínhamos ganho claramente a mão aos Bilderbergers. A cobertura mediática tinha sido tremenda e Kissinger estava muito zangado, o que era bom sinal. Os planos para a iminente desagregação de meu país de adoção foram temporariamente postergados. Que mais se poderia ter obtido em tão pouco tempo? Mesmo assim, eu sabia que se tratava só de uma vitória temporária. Aquela gente voltaria e teria aprendido a lição, queria esmagar toda resistência, reger o mundo sem o consentimento deste, pela força das armas ou do pão.

A duzentos e quarenta metros sobre o chão, a cidade estava quieta. As janelas me isolavam dos sons da urbe. Nesse momento me senti como se olhasse de dentro para fora. Serviria para algo tudo aquilo? Compreenderíamos que nos enfrentávamos um perigo iminente?

Um discreto golpe na pesada porta de madeira interrompeu meus pensamentos.

— Passe - disse, apenas elevando a voz.

Minha fonte, que levava luvas de pele, cruzou lentamente a soleira, que separava o nu corredor da decoração art deco da suíte. Moveu-se instintivamente para a janela, contemplando momentaneamente a extraordinária vista da área em que o centro de Toronto se encontra com o lago.

— Desta vez lhes pararam - disse a fonte, sopesando cada sílaba como se uma pequena alteração no registro pudesse mudar o significado. - A desagregação do Canadá segue em marcha. Só é questão de tempo.

— Possivelmente - disse - ou por hora tudo está bem e assim seguirá até o próximo encontro. Possivelmente, para então uns quantos deles morram de velhos ou por acidentes ou causas fortuitas.

— Fortuitas? Fortuitas para quem? - respondeu a fonte. Da revista que mantinha ferreamente agarrada tirou uma série de notas manuscritas, garranchos que eu depois seria capaz de decifrar sozinho.

— Acreditei que não se permitia tomar notas - disse, sorrindo de orelha a orelha.

— Tomar notas não se recomenda, amigo - Corrigiu-me.

Dei uma olhada à página. Poderia decifrá-la. Conhecia muito bem essa letra: os «t» apenas riscados e os «r» retorcidos, tudo diligentemente escrito nos limites de um papel pautado. Refleti um instante sobre o que aquele valente arriscava ao reunir-se comigo e me entregar essa valiosíssima informação. Por que não havia mais pessoas como ele no mundo? Possivelmente haja, só que não sabemos da luta que mantêm silenciosamente a milhares de quilômetros de nós.

— Devo ir - disse-me lentamente a fonte sem levantar o olhar.

Estendi mecanicamente minha mão aberta em direção da fonte. Justo quando ia encaixar sua mão na minha, equilibrei-me sobre ele e dei-lhe um abraço de urso.

— Não lhe farei perder tempo agradecendo-lhe, porque nenhum agradecimento será suficiente para compensar o que tem feito por nós.

A fonte levantou o olhar.

— Devo ir.

— Iremos como entramos - disse - Com um intervalo de cinco minutos.

Eu irei primeiro.

— Não se preocupe. deixei meu carro no estacionamento subterrâneo.

Podemos descer juntos no elevador.

A fonte ajustou suas luvas de pele e apertou o botão do elevador. A luz azul brilhou através da superfície transparente. Pude ouvir o som sibilante do elevador hidráulico acelerando desde as vísceras do edifício a seis pisos por segundo.

— Quando voltarei a lhe ver?

Soou a campainha e as portas se abriram. Dei um passo adiante para entrar no elevador.

— Cuidado! - Gritou a fonte, agarrando-me com força o braço e atirando-me para trás.

Olhei mecanicamente para o elevador. Em frente a mim se abria o assustador vazio do vão do elevador, duzentos metros de queda e a morte seria o meu destino se a fonte não me houvesse afastado do abismo. Estremeci-me. Um calafrio subiu pela minha coluna vertebral.

— O chão - murmurei - onde está o chão?

— Temos que sair daqui agora mesmo! - disse a fonte - Alguém manipulou o sistema. Esperavam-lhe! Escute. Não tome o elevador. Não é seguro. Desça pelas escadas e chame à polícia. Quando chegarem aqui, aproveitarei o momento e descerei pelo elevador até a garagem. Rápido! Vá agora mesmo!

Desci os degraus de dois em dois agarrando-me ao corrimão e aproveitando a inércia para girar mais rapidamente. Meu coração pulsava alocadamente, como conseqüência de ter estado a beira da morte e de tratar de descer duzentos metros o mais rápido possível. Num dos andares de baixo pude ouvir a travada voz de um guarda de segurança imigrante que subia as escadas em minha direção.

— ... er, ...ter, ...o senhor, está bem? O que aconteceu? Chamaram-me pelo intercomunicador do segundo andar... alguém fez com que o elevador parasse manualmente... só se pode fazer isso numa emergência...

Agarrei-lhe pelo braço.

— Por favor, chame à Polícia, o mais rápido possível - disse-lhe.

O homem tirou seu walkie talkie e pude ouvir que alguém lhe respondia. Continuei correndo. Cinco, quatro, três, dois, um... cheguei ao solo. Abri as pesadas portas de metal que conduziam ao vestíbulo principal do edifício. Fora já tinham estacionados dois carros de polícia e começavam a reunir os primeiros curiosos do outro lado das portas giratórias.

— É você o homem que ficou preso no elevador? - perguntou o oficial de polícia de Toronto apontando-me com o indicador no coração.

— Não exatamente - murmurei, sacudindo a cabeça com incredulidade - Eu estive a ponto de entrar num elevador ao qual faltava uma parte, quer dizer, o chão.

O policial deixou escapar uma exclamação. Seu companheiro, baixo, de traços marcados, bigode recortado e pulso peludo se interessou:

— Sabe, filho, tem muita sorte de estar vivo. Só os cegos sobrevivem a estas situações. Um cego jamais entraria em um elevador sem assegurar-se primeiro de que o piso estivesse ali. Nós, entretanto, supomos sempre que está. Por isso é um milagre que tenha sobrevivido. Quando a máfia quer encarregar-se de alguém, este é um de seus métodos favoritos.

Era 1 de junho de 1996. Estava a ponto de fazer trinta anos. Era muito jovem para morrer. Dei ao agente, que me olhava incrédulo de vez em quando, todos os detalhes. O guarda de segurança me perguntou outra vez se estava bem. Várias pessoas na calçada recordaram ter visto um homem robusto, de uns quarenta anos, sair do edifício cinco minutos antes de que chegasse a polícia.

Chegou uma caminhonete de polícia e dois agentes em motocicletas. O espetáculo tinha começado.

Sem dúvida, o Clube Bilderberg é o foro à sombra do poder mais importante que existe, mas também a Comissão Trilateral, uma entidade pouco entendida, desempenha um papel fundamental no esquema da Nova Ordem Mundial e sua vontade de conquista global, como vou explicar neste capítulo.

A Comissão Trilateral foi criada em 1973. Seu fundador e principal impulsor foi o financista internacional David Rockefeller, por longo tempo presidente do Chase Manhattan Bank, instituição controlada pela família Rockefeller. O primeiro encontro teve lugar em Tóquio, de 21 a 23 de outubro de 1973. Sessenta e cinco pessoas pertenciam ao grupo americano. Deles, 35 tinham relações entre cruzadas com o CFR.

Retorno ao futuro

Durante o primeiro ano e meio, a comissão produziu seis informes chamados «Informes do Triângulo». Estes informes converteram-se no selo característico da CT e serviram como diretrizes do desenvolvimento de seus planos e como parâmetro para avaliar a opinião do público: dois deles no encontro de Tóquio de outubro de 1973; três no encontro de Bruxelas em junho de 1974; e um no encontro de Washington de dezembro de 1974. Gary Alien, em *O Expediente Rockefeller*, publicado em 1975, escreveu o seguinte: «Se os "documentos do triângulo" são indicação de algo, podemos dizer que existem quatro eixos principais no controle da economia mundial: o primeiro, na direção de criar um renovado sistema monetário mundial», algo já conseguido: o Clube Bilderberg, a TC e o CFR criaram três blocos econômicos regionais: o CE, a União das Américas e a União Monetária Asiática, que se está formalizando na atualidade; «o segundo, na direção do saque de nossos recursos para uma ulterior radicalização das nações despossuídas», também conseguido: Rockefeller e companhia enviaram bilhões em tecnologia americana à URSS e à China como requisito do futuro Governo Mundial Único e seu Monopólio; «o terceiro, na direção de um comércio escalonado com os comunistas», conseguido: distensão com os chineses e os russos; e «o quarto, na direção de explorar a crise energética para exercer um maior controle internacional», conseguido: a crise energética de 1973 e o subsequente

temor à escassez energética, os movimentos de defesa do meio ambiente e a guerra do Iraque. [1]

A Comissão Trilateral - exclusivamente dedicada a tornar realidade a visão da ordem mundial do David Rockefeller, a conseguir a uniformidade ideológica do mundo e ao compromisso com o internacionalismo liberal - está composta pelas três regiões chaves em nível comercial e estratégico do planeta: América do Norte, Japão e Europa Ocidental. Normalmente tem ao redor de 325 membros que trabalham durante um período de três anos. Holly Sklar afirma em *Trilateralism: The Trilateral Commission e Elite Planning for World Management* que «seu propósito é dirigir a interdependência global entre essas três grandes regiões, de maneira que os ricos protejam os interesses do capitalismo ocidental, em um mundo explosivo, provavelmente desalentando o protecionismo, o nacionalismo e qualquer resposta que pudesse pôr a elite contra a elite. A pressão econômica será desviada para baixo, em vez de lateralmente». Paul Volcker, membro da CT e ex-presidente da Reserva Federal, disse mais claramente se couber: «O nível [de vida] do americano médio tem que diminuir.» Volcker, por certo, procede do próprio Chase Manhattan Bank do Rockefeller. [3]

Rockefeller introduziu pela primeira vez a idéia da Comissão Trilateral em um encontro do Clube Bilderberg em Knok-ke, Bélgica, na primavera de 1972, depois de ter lido o livro *Between Two Ages*, escrito pelo professor Zbigniew Brzezinski da Universidade de Colúmbia. O livro coincidia com a visão do Rockefeller de que «as pessoas, os governos e as economias de todas as nações devem servir às necessidades dos bancos e das empresas multinacionais».

Dois meses mais tarde, em julho de 1972, David Rockefeller, membro do Clube e presidente do CFR, emprestou sua famosa residência de Pocantico Hills, nos subúrbios de Nova Iorque, como quartel general dos primeiros encontros organizativos da Comissão Trilateral. O propósito aparente da CT desde seu início foi «criar e manter a associação entre as classes dirigentes da América do Norte, Europa Ocidental e Japão», como se vê um propósito de índole trilateral, porque segundo os homens doutos que dirigiam a CT, «o público e os líderes da maior parte dos países continuam vivendo em um universo mental que já não existe, um mundo de nações separadas, e têm [...] dificuldades para pensar em [...] perspectivas globais... »

A Comissão Trilateral está composta por presidentes, embaixadores, secretários de estado, investidores da Wall Street, banqueiros internacionais, executivos de fundações, membros de think tanks (geradores de idéias), advogados de lobbies (grupos de interesses), líderes militares da OTAN e do Pentágono, ricos industriais, dirigentes de sindicatos, magnatas dos meios de comunicação, presidentes e importantes professores de universidade, senadores e congressistas, assim como empreendedores enriquecidos. Alguns deles em funções, outros retirados. Holly Sklar acrescenta que «a participação de representantes dos trabalhadores ajuda a controlar o isolamento popular e a reduzir a distância que separa os membros da CT das massas de gente ordinária». [4] A diferença entre o Clube Bilderberg e a CT é que o Clube, muito mais antigo, limita-se aos membros da OTAN, quer dizer, a Europa Ocidental, Estados Unidos e Canadá. Agora, com

a ampliação da UE e da OTAN, os ex-representantes do pacto de Varsóvia estão sendo admitidos no Clube.

É interessante resenhar como anedota que em 1998, no jantar do 5º aniversário da Comissão Trilateral, Henry Kissinger revelou como e quem a tinha criado: «Em 1973, quando era secretário de Estado, David Rockefeller veio um dia a meu escritório, para me dizer que tinha pensado que eu necessitava de um pouco de ajuda. Devo confessar que, naquele momento, eu não via tão claramente. Assim, propôs criar um grupo de americanos, europeus e japoneses que vissem o futuro com antecipação. E lhe perguntei "E quem vai dirigir esse assunto, David?" Rockefeller respondeu, "Zbig Brzezinski". Sabia o que queria dizer. Tinha dado com algo importante. Quando refleti sobre isso, vi que havia uma necessidade real.» [5]

Entretanto, em suas memórias, Rockefeller não menciona os objetivos-chaves da formação da Comissão Trilateral - além do óbvio, que tampouco Kissinger mencionou em seu discurso: criar um novo corpo global que incluísse o CFR, debilitado pela divisão de seus membros por causa da guerra do Vietnã - tais como «tomar as rédeas da administração Nixon, que se havia aproveitado das divisões do establishment para rechaçar o programa internacionalista liberal, e finalmente, fomentar a unidade dos poderes industrializados como uma alternativa temporária às Nações Unidas, crescentemente dominadas pelos estados radicalizados do Terceiro Mundo, de maneira que juntos pudessem conseguir seu objetivo de "uma política global e uma estrutura econômica mais integrada». [6] Rockefeller estava muito aborrecido com a Nova Política Econômica (NPE), que Nixon pôs em marcha em 1971, e que se encaminhava a impor a direção governamental dos elementos mais básicos do mercado através do controle dos preços e dos salários e do incremento das tarifas.

A NPE congelou temporariamente, durante um período de 90 dias, os salários e os preços para controlar a inflação. A posição de Nixon enfrentava a de Rockefeller, como este sublinha em suas próprias memórias e como bem aponta John B. Judis em sua revista, *The Wilson Quarterly*: «O governo deve permitir que os mercados tenham muito mais rédea solta.» [7] Conforme afirmam os autores Daniel Yergin e Joseph Stanislaw, em *The Commanding Heights*, o establishment, representado pela CT, pelo CFR e pelo Clube Bilderberg, estava indignado com que «os funcionários do governo ficassem agora a estabelecer os preços e os salários». Enquanto isso, o intento de Rockefeller de meter em vereda a um «errático» Nixon, mediante um encontro privado, para discutir a «visão do comércio e da economia internacional», foi rechaçado pelo chefe de Gabinete do Nixon, H. R. Haldeman. Joan Hoff, em *Nixon Reconsidered*, explica que depois de finalmente conseguir esse encontro com o presidente, a postura do Rockefeller foi rechaçada por um dos funcionários do governo por «não ser especialmente inovadora». [9] Isto devia ser a humilhação definitiva e a gota que encheu o copo. Nixon e sua heterogênea equipe já estavam de patinhas na rua. A maior parte da NPE foi finalmente abolida em abril de 1974, depois de 17 meses de vida. Quatro meses mais tarde Nixon se demitiria de seu cargo.

Comissão Trilateral, uma organização particularmente sofisticada

«Como se explica a sutil interdependência que mantém o Norte industrial com o Terceiro Mundo?», pergunta Holly Sldar. [10] Em 1991, o economista Doug Henwood, colaborador da importante publicação americana *The Nation*, disse em *Left Business Observer*, um boletim informativo fundado por ele em 1986: «Cada membro da tríada reuniu sob seu seio um punhado de países pobres que lhe proporciona mão de obra barata, assentamentos e minas para explorar: os Estados Unidos tem a América Latina; o CE, a África e a Europa do sul e do este; e Japão, ao sudeste da Ásia. Em alguns poucos casos, dois membros de tríadas diferentes compartilham um país: Taiwan e Singapura estão divididos entre o Japão e Estados Unidos; Argentina, entre os Estados Unidos e a Comunidade Européia; Malásia, entre a Comunidade Européia e o Japão; e a Índia, entre os três...»

Will Banyon acrescenta, no periódico de investigação australiano *Nexus*, que «a estratégia do Rockefeller também revela algo fundamental a respeito da riqueza e do poder: não importa quanto dinheiro se tenha; o poder real de uma grande fortuna não sai à luz até que se empregue para seqüestrar e controlar às organizações, ou às pessoas, que produzem as políticas e as idéias que guiam aos governos». [11]

David Rockefeller, presidente do Chase Manhattan Bank, escreveu em 20 de agosto de 1980 uma carta ao editor do *New York Time* explicando que «a Comissão Trilateral é, em realidade, um grupo de cidadãos responsáveis, interessados em gerar uma mais ampla compreensão e colaboração entre aliados internacionais».

O leitor terá outra impressão, entretanto, ao ler as palavras do senador dos Estados Unidos, Barry Goldwater, sensivelmente menos eufemísticas. Em seu livro, *With No Apologies*, qualificou à Comissão Trilateral da última conspiração internacional de David Rockefeller, e acrescentou: «Seu objetivo é consolidar, em nível multinacional, os interesses comerciais e financistas das grandes empresas através do controle da política do Governo dos Estados Unidos.»

O senador Barry Goldwater acrescenta: «David Rockefeller e Zbigniew Brzezinski encontraram em Jimmy Carter a seu candidato Ideal. Ajudaram-no em sua designação e em sua presidência.» Efetivamente, a candidatura de Carter tinha só 4% de apoio do Partido Democrata e, da noite para o dia, da Geórgia se converteu no candidato à presidência. «Para conseguir, mobilizaram o dinheiro necessário tocando à porta dos banqueiros da Wall Street, conseguiram a influência intelectual da comunidade acadêmica (sempre dependente dos recursos das grandes fundações livres de impostos) e deram ordens aos meios de comunicação membros do CFR e a CT.»

A crônica dos fatos foi concretamente a seguinte: em 1973, Carter foi convidado ao Tarrytown, no estado de Nova Iorque, propriedade do David Rockefeller. Zbigniew Brzezinski, fazendo o papel de caça-talentos de Hollywood, ajudava ao Rockefeller a procurar perfis com boa imagem pública para a Comissão Trilateral. O encanto sulino de Carter causou uma impressão muito positiva nos dois «cavalheiros». Tanto Brzezinski como Rockefeller «estavam impressionados de que Carter tivesse aberto escritórios comerciais do estado da Geórgia em Bruxelas e

Tóquio. Isto parecia encaixar perfeitamente no conceito da Trilateral». [12] Jimmy Carter se converteu assim em membro fundador da Comissão Trilateral e, pouco depois, no seguinte presidente dos Estados Unidos.

Como anedota, cabe mencionar que os discursos da campanha de Carter para as presidenciais de 1976 diziam principalmente que «chegou o momento de substituir a política de equilíbrio de poder com a política da Ordem Mundial» e «procurar uma sólida associação entre os Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão». [13] Soa familiar, verdade?

O fato de que Jimmy Carter fosse eleito presidente a dedo ilustra, magnificamente, o grande poder que possui o Clube Bilderberg, a Comissão Trilateral e o CFR, desconhecidos para a maior parte do mundo. Estes grupos de poder, super-secretos e estreitamente vinculados, podem colocar ou defenestrar a qualquer presidente, ou candidato à presidência. Não surpreende, pois, que cada um dos presidentes e candidatos à presidência «pertencam» às sociedades secretas que os promoveram. Eles construíram a figura do Jimmy Carter (da mesma forma que fizeram à Ford, Mitterrand, Felipe González, Clinton, Karzai, etc) e abortaram as pretensões de chegar à presidência do senador Barry Goldwater, um confesso caluniador da globalização, da mesma forma que arremeteram contra Margaret Thatcher. Tanto John Kerry como George W. Bush pertencem à mesma combinação de associações: o CFR e o Clube Bilderberg. Realmente não importa quem ganhe. O verdadeiro poder sempre segue em mãos dos globalizadores, aos quais os guia uma só missão chamada Governo Único Mundial.

Não deveria nos surpreender, à luz de toda a evidência que mostramos até o momento neste livro, que desde sua fundação essa tríada globalizadora chamada Comissão Trilateral esteve trabalhando para ver o final da soberania dos Estados Unidos. A seguinte seleção de entrevistas do Between Two Ages mostra a cerca do pensamento do Brzezinski e do fundador do CFR, o marxista Edward Mandell House.

Na página 72, Brzezinski escreve: «O marxismo é simultaneamente uma vitória do homem ativo sobre o homem passivo, da razão sobre a crença.» Na página 83 afirma: «O marxismo, espalhado a nível popular em forma de comunismo, representa o maior avanço na habilidade do homem para conceptualizar sua relação com o mundo.» E na página 123 encontramos: «O marxismo proporciona a melhor compreensão da realidade contemporânea.»

Na primeira parte de seu livro, *The Insiders: 1979 The Carter Years*, John McManus do *The John Birch Society* (uma organização dedicada a restaurar e preservar a liberdade que propugna a constituição dos Estados Unidos) escreve: «Em nenhum lugar diz o senhor Brzezinski à seus leitores que o marxismo "em forma de comunismo", o qual ele elogia, foi responsável pelo assassinato de, aproximadamente, 100 milhões de seres humanos, durante o século XX, da escravidão de um bilhão mais e da necessidade, privação e desespero de todos seus cidadãos, à exceção de uns poucos criminosos que dirigiram as nações comunistas.» [14]

A completa convergência entre os planos da Comissão Trilateral e da administração do presidente Carter para pôr fim à soberania dos Estados Unidos fica ainda mais clara no seguinte conjunto de citações incriminatórias.

Na página 260 do livro do Brzezinski, seu autor propõe: «A direção deliberada do futuro dos Estados Unidos [...] com o [...] planejador como legislador e manipulador social chave.» Quer dizer, o monopólio e o controle de massas, as práticas habituais da família Rockefeller.

John D. Rockefeller, o pai do David, odiava a competência. Ensinou que a única competência que valia a pena ter era aquela em que você controla as duas partes da equação. Desde aí o amor do John e David pelo monopólio globalizador como, por exemplo, os planos do Rockefeller de que a CT unisse aos blocos econômicos da Comunidade Européia, o norte e o sul da América e da Ásia sob o guarda-chuva de um governo mundial controlado por Rockefeller e companhia.

Finalmente, na antepenúltima página do livro, Brzezinski nos diz o que significa tudo. O objetivo da Comissão Trilateral (os objetivos do Rockefeller) são «conseguir o Governo Mundial».

Assim, enquanto muitos biógrafos, através de mudanças, alterações, meias verdades e mentiras completas falaram que a fabulosa riqueza da família Rockefeller, de seu virtualmente ilimitado poder econômico e político, que segundo a propaganda oficial emprega-se em alimentar aos famintos dos países do Terceiro Mundo; em educar aos pobres, através de uma miríade de benevolentes fundações e sociedades; na construção da infra-estrutura das nações subdesenvolvidas e devastadas por causa das guerras, muito poucos autores deram com o aspecto mais destacável da família: sua resolvida intenção de destruir aos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, reconstruir o poder dos soviets (se lhe parecer incrível siga lendo) como país independente, como explica Eustace Mullins, em seu surpreendente trabalho *Murder By Injection: The Medical Conspiracy Against America*, que acontece através de seu «plano de fomento do monopólio, com o estabelecimento de fundações para ganhar poder sobre os cidadãos americanos» [15]; e, finalmente a subjugação de todo o mundo ao poder da ditadura mundial unindo ao mundo sob o estandarte de um Governo Mundial.

De fato, embora os paralelismos entre os Rockefeller e os soviets há muito que foram suprimidos, o segredo maior de todos, que o financiamento da revolução bolchevique procedeu dos super-capitais americanos, segue enterrado porque a família Rockefeller, através de suas organizações, a CRF, a CT, o Clube Bilderberg, etc, possuem os principais meios de comunicação e empresas editoriais dos Estados Unidos.

O doutor Anthony Sutton, em *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, explica: «Não se tem escrito virtualmente nada a respeito da estreita relação que tiveram, no século passado, os Rockefeller com seus supostos arquiinimigos, os comunistas. Existiu uma aliança contínua, embora escondida, entre os capitalistas e os revolucionários socialistas por seu mútuo benefício.» [16] Sutton efetua um trabalho muito destacável, documentando a insidiosa traição da elite americana dos arquimilionários, entre os que se encontravam John D. Rockefeller e os banqueiros da Wall Street, ao financiar a Revolução e ao Governo mais brutal de todos os

tempos. Se alguma vez se perguntou por que os mais ricos desejaram ter relações com o comunismo, aqui está a resposta que procuravam. Gary Alien; em *O expediente Rockefeller*, ecoa se dos descobrimentos e sentimentos do Sutton, quem afirma: «e o mais surpreendente é a quantidade de provas públicas que já existe a respeito.»

Por que multimilionários como os Rockefeller financiam e colaboram com uns comunistas e marxistas que juraram publicamente acabar com eles?; perguntas e o jornalista de investigação Gary Alien em seu já citado livro. As vantagens dos comunistas são óbvias. Mas, que benefício tiraria o Ocidente, o caudilho do capitalismo e da liberdade, de tudo isso?

A palavra mágica é monopólio, «um monopólio que abrange tudo, não só o controle do governo, o sistema monetário e todas as propriedades, mas também um monopólio que, como as empresas que emula, se autoperpetua e é eterno». [17]

Gary Alien segue falando da existência «de evidentes influências» detrás dos comunistas quando diz: «Enquanto que o objetivo do J. P. Morgan era o monopólio e o controle da indústria, a finais do século XIX, J. D. Rockefeller, a alma mater do Wall Street, entendeu que a melhor maneira de conseguir um monopólio inamovível era pela via geopolítica; fazer com que a sociedade trabalhasse em favor dos monopolistas com a desculpa do interesse público.»

Frederick C. Howe explica em *Confessions of a Monopolist* (1906) como funciona a estratégia na prática: «Estas são as regras dos grandes negócios: consiga um monopólio e faça com que a sociedade trabalhe para você. Enquanto acreditarmos que os revolucionários e os capitalistas internacionais estão à grenha, deixaremos de ver um ponto crucial [...] a associação entre o capitalismo monopolista internacional e o socialismo revolucionário para seu mútuo benefício.»

O plano Marburg

O plano Marburg - o diabólico plano dos bancos para controlar entre bastidores o socialismo internacional -, desenvolvido no início do século XX, foi financiado pelo Andrew Carnegie, da Fundação Carnegie, hoje sob controle do Clube Bilderberg. Estes financeiros internacionais, apolíticos e amorais, conforme explica o doutor Anthony Sutton em *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, «procuravam negociadores que pudessem explorar monopolisticamente sem medo da competência». [18] Sutton não deixa pedra por remover quando afirma que em 1917 os banqueiros puseram seu olhar sobre a Rússia, seu «mercado cativo de eleição».

O objetivo do plano, escreve Jennings C. Wise em *Woodrow Wilson: Disciple or Revolution*, era unificar aos «financistas e socialistas internacionais em um movimento que desse lugar à fundação de uma liga [a Liga das Nações, a precursora da ONU] para reforçar a paz [...] e controlar as organizações governamentais [e assim] achar um remédio para todas as enfermidades políticas da humanidade». [19] Isto coincide com as palavras do Zbigniew Brzezinski: «A direção deliberada do futuro dos Estados Unidos [...] com o [...] planejador, como legislador e manipulador social chave.» Quantos milhões morreram no processo? A palavra chave é monopólio. Pense simplesmente na antiga União Soviética, onde o

estado controlava e fiscalizava tudo. Como planejadores sociais, os soviéticos tinham problemas trabalhistas, já que a legislação social estava controlada pelo estado central. Isso é exatamente o que Rockefeller, e por extensão seu cão mulherengo Brzezinski, anseiam.

Não é demais dizer que, para «garantir a paz» se necessita o prerequisite da guerra (Agora já sabe por que os globalizadores necessitavam da Revolução Russa).

Como explica o doutor Sutton, «Rússia era então, e é agora, sem explorar, o maior mercado do mundo.

A Rússia então, a partir deste momento, constituía a ameaça potencial mais importante para a primazia industrial e financeira americana. Wall Street teria calafrios quando a Rússia fosse o segundo gigante industrial mundial. Mas, por que permitir que a Rússia se converta em um competidor e ponha em perigo a supremacia americana? No final do século XIX, Morgan, Rockefeller e Guggenheim já tinham demonstrado sua preferência pelo monopolismo. Em *Railroads and Regulation 1877/1916*, Gabriel Kolko demonstrou que eram os proprietários da ferrovia, e não os granjeiros, que queriam que o estado controlasse a ferrovia com a intenção de preservar seu monopólio e acabar com a competência.

Assim que a explicação mais simples com nossos dados é que tudo foi obra de um sindicato de financistas de Wall Street, que decidiram ampliar suas ambições monopolistas em escala global. O gigantesco mercado russo tinha que se converter em um mercado cativo e numa colônia a explorar por uns poucos financistas americanos e pelas empresas sob seu controle. O que não podiam conseguir a Comissão Interestadual do Comércio e a Comissão Federal do Comércio nos Estados Unidos, podia obtê-lo um governo socialista no estrangeiro, com o apoio e os incentivos de Wall Street e Washington D.C».

A Revolução Russa

Segundo um testemunho do Congresso dos Estados Unidos de outubro de 1919 [20] o apoio financeiro do John D. Rockefeller (à Lenin e Trotsky) provocou a (fracassada) Revolução Comunista de 1905. A biografia do Rockefeller omite um detalhe «insignificante», isto é, a afirmação feita em público por parte do banqueiro investidor da família Rockefeller e presidente da empresa de investimentos de Nova Iorque, Kuhn, Loeb & CO, o jesuíta Jacob Schiff, também fundador da Reserva Federal, de que sem sua influência financeira a revolução russa nunca teria êxito.

Quer dizer, segundo os documentos do Congresso do doutor Sutton, na primavera de 1917, Jacob Schiff começou a financiar ao Trotsky com o propósito de que prosperasse a Revolução Socialista na Rússia. A maneira em que Sutton descobriu esses incríveis documentos é realmente surpreendente! Esses preciosos documentos se encontraram em um expediente a mais do Departamento de Estado dos Estados Unidos (861.00/5339). O documento mais importante data de 13 de novembro de 1918.

Entretanto, o que é mais incrível ainda é o fato de que em privado Schiff estava contra o apoio ao Regime Bolchevique, como se demonstrou, e de novo, documentos reservados, descobertos pelo doutor Sutton (como o Documento nº

3), demonstram que Jacob Schiff, do Kuhn, Loeb e Company, também tinha financiado secretamente aos japoneses em sua guerra contra a Rússia.

Outro fato omitido é que o emissário pessoal do John D. Rockefeller, George Kennan, passou vinte anos promovendo a atividade revolucionária contra o czar da Rússia segundo o livro *Rape of the Constitution: Death of Freedom* de Gyeorgos C. Hatonn. Quem financiou ao Kelman e por que? A que custo? Além do desejo de criar um monopólio globalizador tinha, John D. Rockefeller, alguma razão pessoal para desejar a queda do czar e apoiar a revolução? Depois, Rockefeller já não era nenhum adolescente idealista.

A resposta segue hoje tão atual como há cem anos: pelo petróleo! Antes da Revolução Bolchevique, a Rússia sucedeu aos Estados Unidos como o maior produtor de petróleo do mundo. [21] Em 1900, os campos de azeite de Bakú, na Rússia, produziam mais petróleo cru que todo os Estados Unidos e em 1902 mais da metade das extrações mundiais eram russas.

O caos e a destruição da revolução destruíram a indústria petrolífera russa. Em seu livro, *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, o doutor Sutton escreve: «Por volta de 1922 a metade dos poços estavam parados» [22] e a outra metade apenas funcionava devido a falta de tecnologia para fazer os produtos.

A outra razão, que tampouco se menciona na biografia de Rockefeller, é a concorrência. Como afirma Gary Alien, «a revolução eliminou durante vários anos a concorrência russa de Standard Oil nos quais a empresa americana pôde mover as peças e fazer-se com parte do negócio do petróleo russo».

Movendo as peças do tabuleiro

Quando a revolução de 1905 fracassou, os banqueiros reagiram. Em seu livro, *Rape of the Constitution; Death of Freedom*, Gyeorgos C. Hatonn explica como «Lenin foi "armazenado" na Suíça até 1907 [fora de perigo]. Trotsky foi levado aos Estados Unidos, onde viveu sem pagar aluguel em uma propriedade da Standard Oil em Bayonne, Nova Jersey» [24] Como anedota, o doutor Anthony Sutton explica em *Wall Street and the Bolshevik Revolution* que Leon Trotsky visitou a Espanha depois de ser expulso da França, em setembro de 1916, por escrever artigos «incendiários» em um periódico parisiense escrito em russo. Foi, segundo Sutton, «escortado educadamente até a fronteira espanhola».

Alguns dias depois, a polícia de Madrid deteve-o para interná-lo em uma «cela de primeira classe» a um preço de uma peseta e meia ao dia. Depois, Trotsky foi trasladado ao Cádiz e depois à Barcelona, «onde finalmente subiu a bordo do Montserrat, um vapor da Companhia Transatlântica Espanhola. Trotsky e sua família cruzaram o Atlântico e desembarcaram em Nova Iorque em 13 de janeiro de 1917.

Quando o czar abdicou em 1916, Trotsky - com dez mil dólares de Rockefeller para gastos de viagem - foi conduzido ao Kristianiafiord (deixou Nova Iorque em 26 de março de 1917) com trezentos revolucionários comunistas de Nova Iorque. De onde tirou Trotsky seu passaporte? Quem o pagou? Quem lhe arrumou o trâmite e por que? Foi o mesmo Rockefeller quem conseguiu um

passaporte especial para o Trotsky através de Woodrow Wilson, o presidente dos Estados Unidos, e enviou Lincoln Steffens, um comunista americano a serviço de

Rockefeller, «com ele para assegurar-se de que retornaria são e salvo à Rússia». [25]

Segundo arquivos desclassificados do Governo canadense, em 13 de abril de 1917, quando o navio se deteve no Halifax, funcionários do Serviço Secreto canadense e pessoal da marinha britânica levaram imediatamente ao Trotsky (sob instruções oficiais recebidas por cabograma de Londres em 29 de março de 1917) para confiná-lo em Amherst, Nova Escócia, como prisioneiro de guerra alemão.

O cabograma advertia da presença de Trotsky em «Kristianiafjord [dizendo que deveria ser] retido à espera de mais instruções, [já que] esses socialistas russos viajam com o propósito de começar uma revolução contra o atual governo russo, em razão do qual, Trotsky levava consigo 10.000 dólares doados pelos socialistas».

Mas por que foi detido? «Porque o serviço secreto fora informado que Trotsky tiraria a Rússia da guerra, liberando assim aos exércitos alemães para atacar às tropas (...) da frente ocidental», matiza Eustace Mullins. [26]

O que aconteceu depois, assemelha-se ao clima político atual no erroneamente chamado o «Canadá Livre». Como no Canadá de hoje - a influência dos Rockefeller está atrás dos movimentos separatistas de Quebec, os políticos de então estavam sob a influência da família Rockefeller.

Gyeorgos C. Hatonn no já citado livro *Rape of the Constitution; Death of Freedom* explica: «O primeiro-ministro Lloyd George enviou ordens urgentes, por cabo, de Londres ao Serviço Secreto canadense para que liberassem imediatamente ao Trotsky, mas aquele fez caso omisso. Trotsky foi finalmente liberado graças à intervenção de um dos escravos mais fiéis ao Rockefeller, o ministro canadense Mackenzie King, um antigo "especialista em laborismo" dos Rockefeller. King obteve pessoalmente a liberação de Trotsky e destacou-o como emissário dos Rockefeller com a missão de ganhar a Revolução Bolchevique. Portanto, o doutor Annand Hammer, que proclamava em voz alta sua influência na Rússia, como amigo do Lenin, teve um papel insignificante, em comparação com o respaldo que deu Rockefeller ao comunismo mundial.»

Por que o implacável John D. Rockefeller apoiou ao Trotsky? Porque Trotsky, o revolucionário bolchevique, como John D. e o resto de sua família advogava pela «revolução e pela ditadura mundial, por sua uniformidade ideológica e seu compromisso com o internacionalismo liberal. Os bolcheviques e os banqueiros, então, têm algo em comum: o internacionalismo», explica uma e outra vez Anthony Sutton. Tanto Alien como o doutor Sutton chegam a mesma conclusão: a revolução e as finanças internacionais têm os mesmos objetivos comuns: a erradicação dos poderes descentralizados, muito mais difíceis de controlar, e o estabelecimento de um Governo Mundial Único, um monopólio do poder que se perpetue no tempo.

Graças ao heróico trabalho das outras impressionantes obras do doutor Sutton, as provas da implicação dos Rockefeller na «organização, patrocínio e apoio à revolução bolchevique são tão inumeráveis e avassaladoras que simplesmente não admitem discussão». [27]

Possivelmente, poderia resumir o grau de crueldade com um exemplo: «Para os Rockefeller o socialismo não é um sistema para redistribuir a riqueza (e muito menos para redistribuir sua própria riqueza), a não ser um sistema para controlar às pessoas e à concorrência. O socialismo, põe todo o poder nas mãos do governo. E como os Rockefeller controlam os governos, isso significa que eles têm o controle de fato, mesmo que você não saiba, não significa que eles não saibam!» [28] Como curiosidade, Trotsky se casaria depois com a filha de um dos banqueiros mais ricos, Livotovsky, quem também respaldou a Revolução Bolchevique.

Tecnologia americana nas mãos dos comunistas

Em 1926, a Standard Oil de Nova Iorque, do Rockefeller, e sua subsidiária, a Vacuum Oil Company, através do Chase National Bank, [29] «fechou um acordo para vender petróleo soviético nos países europeus». [30] Nesse momento se informou que John D. Rockefeller fazia um empréstimo aos bolcheviques de 75 milhões de dólares, «parte do preço do acordo». Como resultado do trato, diz Alien, «em 1927, o sócio secreto da Rússia, a Standard Oil de Nova Iorque, construiu uma refinaria de petróleo na Rússia». Portanto, John D. Rockefeller, conclui o autor, o caudilho do capitalismo, ajudou «à recuperação da economia bolchevique». O Governo dos Estados Unidos não reconheceu oficialmente o Estado soviético até 1933. Como é possível que cidadãos privados, por mais ricos e influentes que sejam, tenham colaborado com o regime soviético assassino, quando isso ia, explicitamente, contra da lei, segundo o Congresso dos Estados Unidos? Além disso, não eram só cidadãos privados os que colaboraram na criação do monopólio soviético, mas sim, mesmo o presidente Wilson aprovou tal colaboração. O doutor Sutton acrescenta em seu livro, «este foi, o primeiro investimento dos Estados Unidos na Rússia da revolução».

Isto é o que o congressista dos Estados Unidos Louis McFadden, presidente do Comitê Bancário da Câmara de Representantes, que se opôs corajosamente aos manipuladores do sistema da Reserva Federal na década de 1920 e 1930, tinha que dizer em um discurso aos congressistas em 10 de junho de 1932: «Abram os livros do Amtorg, a organização comercial do Governo soviético em Nova Iorque; os do Gostorg, o escritório geral da Organização do Comércio Soviético; e os do Banco Estatal da URSS, e se surpreenderão de quanto dinheiro americano saiu do Tesouro dos Estados Unidos em benefício da Rússia. Averiguem que transações se efetuaram entre o Banco Estatal da URSS e o Chase Bank de Nova Iorque.» Como nota à parte cabe assinalar que a persistente oposição do McFadden à Reserva Federal, uma entidade ilegal que controla o Tesouro dos Estados Unidos, custou-lhe três atentados.

Finalmente, morreu em condições ainda não esclarecidas.

Como se sentiria se lhe dissessem que os Estados Unidos financiaram e ajudaram a construir o imponente poder dos soviets, o mesmo estado comunista que assassinou a uns setenta milhões de seus cidadãos? E que o poder na sombra responsável por isso era também a primeira família banqueira dos Estados Unidos que representa os ideais da sociedade capitalista? Que os Estados Unidos

transferiram secretamente à Rússia a tecnologia mais sofisticada e cara do momento, para assim criar um inimigo visível, para justificar os novos métodos de coerção e terror; e agora o fazem com a China, as custas de seus próprios compatriotas?

Tristemente, tudo isso forma parte do grande desenho da Nova Ordem Mundial. Para conseguir o Governo Mundial Único, controlado pelos globalizadores, devem unir-se diferentes nações. Para que o público geral aceite inicialmente os «benefícios» do Governo Mundial Único/CE, deve vender a idéia de que tal união tem vantagens e benefícios, como que o bloco de comércio livre não suportará uma perda de soberania. O problema é que já hoje perdemos nossa soberania. O CE invadiu todos os aspectos de nossa vida, atando-nos uns tratados desconhecidos, umas leis e umas regulações obscuras, muito difíceis de compreender. O Tratado de Maastricht é muito complexo e para entendê-lo minimamente deve ler-se em conjunção com o Tratado de Amsterdam, o Tratado de Roma e a Lei Única Européia.

Será que os membros das Cortes tiveram tempo e os conhecimentos necessários para estudá-los? Quantos sabem realmente o que implicam? Como ilustração, só direi que no debate parlamentar, que houve na Inglaterra, a respeito dos tratados mencionados (um passo que supunha, nada menos, que subtrair as liberdades aos cidadãos, para transferí-las ao organismo europeu), deu aos membros do Parlamento britânico um resumo de duas páginas de ditos tratados e supõe-se que deveriam tomar uma decisão que se baseasse nesse único material.

Como se crê nessa cacarejada igualdade entre nações e simultaneamente se converte aos Estados Unidos em uma província mais da Nova Ordem Mundial?

Em primeiro lugar, usando o dinheiro dos contribuintes, o saber tecnológico e, tal como explica Gary Alien, «o equipamento do que só a gente dispõe, para alimentar à concorrência, e ao mesmo tempo, usar todas as matreiras estratégias imagináveis para debilitar e empobrecer a seu país» [31]; ao mesmo tempo, que se fortalece ao inimigo, assusta-se à população dizendo-lhe que a cooperação é necessária porque sem acordos bilaterais o inimigo atacar-nos-á.

Agora já sabe por que, da Revolução Russa - que não foi um levantamento espontâneo - [32] os defensores da Ordem Mundial defenderam e efetuaram as políticas dirigidas a incrementar o poder da União Soviética. Em essência, a Comissão Trilateral de Rockefeller foi fundada para acelerar a consecução do objetivo globalizador.

O professor Anthony Sutton, o maior perito no estudo da contribuição da tecnologia ocidental à criação do Estado Soviético, oferece uma evidência irrefutável, [33] de que a capacidade industrial e militar soviética plasmada em «caminhões, aviões, petróleo, ferro, petroquímicas, alumínio, ordenadores e demais, foi construída, às custas dos contribuintes americanos, para benefício da União Soviética, o mesmo país que tinha jurado destruir aos Estados Unidos. Tudo com o propósito de fabricar um inimigo e criar a paridade que permitiria, eventualmente, a convergência em um Superestado, conhecido como Governo Mundial Único».

Como diz Gary Alien, «ninguém tentou sequer refutar as fortes palavras desse estudioso chamado Sutton». [34]

Em *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, Surton, afirma: «A tecnologia soviética não existia na realidade. 90-95 % procedia direta, ou indiretamente, dos Estados Unidos e seus aliados.» Quantos bilhões gasta os Estados Unidos para defender-se contra um inimigo fantasma, criado, alimentado e mantido por eles mesmos? Os custos justificam os meios? Supostamente sim! Recorde, a Grande Fusão será controlada pelo mesmo Grupo Bilderberg-CFR-CT que está orquestrando entre os bastidores os blocos regionais e as uniões monetárias «temporárias».

«Embora pareça estranho - reflete Surton - parece que os Estados Unidos querem que o inimigo continue inimigo.» Sem um inimigo visível e justificável, nenhuma população, apesar da manipulação, cederá voluntariamente seus direitos e liberdades individuais. Sutton oferece milhares de provas documentadas de seus achados. Por exemplo, a Marinha Mercante Soviética, no momento de escrever seu livro, era a maior do mundo, com 6.000 navios. Anthony Sutton declarou em 1972 ante um subcomitê do Partido Republicano para dizer: «Uns dois terços foram inteiramente construídos fora da União Soviética e quatro de cada cinco motores desses navios foram construídos também fora do país.

E continua Sutton, «todos os automóveis, caminhões, [armas, tanques, aviões] e tecnologia soviética procede do Ocidente. A organização Gorki, construída pelas empresas Ford e Austin, produziu a maior parte dos caminhões utilizados para levar o armamento subministrado pelos soviéticos ao Ho Chi Minh. As empresas de automóveis também podem utilizar-se para construir tanques. A mesma organização Gorki, sob o disfarce de um "comércio pacífico", produziu em 1964 o primeiro sistema antitanque guiado. Os soviéticos têm a maior montadora de ferro e aço do mundo. Foi construída pela Corporação McKee. É uma cópia de uma fábrica de aço de Indiana, nos Estados Unidos». [36]

Sutton sustenta que o governo dos Estados Unidos é responsável direto pelo assassinato de 100.000 soldados americanos, mortos por meio de tecnologia americana, como afirma de maneira cortante: «A única resposta de Washington e da Administração [dos Estados Unidos] é esforçar-se para esconder o escândalo.» [37]

Nada do que digo tem sentido, se acreditarem nas mentiras propagadas pelo poder a respeito dos «malvados» comunistas. A não ser, é óbvio, que o comunismo seja um chamariz necessário, a ferramenta de uma conspiração muito maior para deixar o mundo nas mãos de multimilionários ávidos de poder, então tudo aparece perfeitamente lógico. [38]

Rockefeller, entretanto, não é absolutamente um poder independente. Como explica Eustace Mullins em *Murder by Injection: The Medical Conspiracy against America*, «os Rockefeller operam sob esferas de influência claramente definidas. As organizações "caridosas", as empresas e os grupos de influência política, trabalham sempre conjuntamente. Nenhum departamento do Grupo toma iniciativas por si mesmo ou formula uma política independente. Não há justificação para isso, porque tudo funciona sob o controle da estrutura financeira mundial, o que significa que, qualquer dia, toda a abundância de uma pessoa ou organização pode ver-se reduzida a zero, mediante uma hábil manipulação financeira. Este é o controle final que assegura que ninguém possa sair da organização. Não só lhe

retirariam todos os seus recursos, mas também, entraria imediatamente na lista de um capanga». [39]

O congressista Larry McDonald, em seu prólogo ao livro *O expediente Rockefeller*, escreveu: «Esta é uma exposição concisa e arrepiante, da que foi certamente a história mais importante de nosso tempo: a idéia dos Rockefeller e seus aliados de criar um Governo Único Mundial que combine o super-capitalismo e o comunismo sob um mesmo teto, tudo sob seu controle [...] os Rockefeller e seus aliados levam ao menos cinqüenta anos seguindo um cuidadoso plano para controlar os Estados Unidos e o resto do mundo; fazendo-se com o poder político através de seu poder econômico.» Em 31 de agosto de 1983, McDonald morreu em um «acidente» a bordo de um avião comercial do Korean Airlines 007 em espaço aéreo soviético.

Os membros da Comissão Trilateral de 2004

Quando se fundou a Comissão Trilateral, a idéia era que houvesse o mesmo número de membros em cada uma das três regiões. Mas logo esse número começou a crescer e, por volta de 1980, impuseram-se uns limites. Estes limites variaram à medida que foram entrando novos países em cada um dos grupos. O grupo europeu tem agora um limite de 150 membros. O limite do grupo americano é de 110 e inclui 15 membros canadenses, 10 membros mexicanos e 85 membros americanos. No ano 2000, o grupo japonês de 85 membros se ampliou para formar o Grupo Asiático do Pacífico, com 117 membros: 75 deles do Japão, 11 da Coreia, 7 da Austrália e Nova Zelândia e 15 dos cinco países da Associação de Países do Sudeste Asiático. O novo Grupo Asiático do Pacífico também inclui a alguns participantes da China, Hong Kong e Taiwan.

Na Comissão Trilateral de 2004 há nada menos que oito ex-presidentes e dois ex-diretores da Cia. Todos formam parte das altas esferas da elite política, econômica e mediática (veja o Apêndice A para uma lista completa dos membros da Comissão Trilateral):

Diretores executivos: 135.

Membros do Congresso Americano e parlamentos europeus: 35.

Membros da Comissão Européia: 11

Embaixadores: 17.

Vice-presidentes: 7.

Presidentes de empresas: 14.

Ex-presidentes europeus, americanos e canadenses: 8.

Ministros e secretários de administrações européias e americanas: 51.

Ex-diretores da CIA (Agência Central de Inteligência): 2.

Editores de revistas e periódicos líderes: 11.

Como nota final, 200 membros da Comissão Trilateral tiveram um encontro de vários dias de duração, no fim de março de 1993, em Washington, no qual discutiram e acordaram a criação de um Novo Exército Mundial e a soberania das Nações Unidas nas decisões políticas de imigração dos Estados individuais.

Durante a noite de 28 de março, seus representantes jantaram com funcionários-chaves do Governo Americano e apresentaram suas «recomendações». No dia seguinte, fizeram o mesmo em um café da manhã com o Bill Clinton, segundo uma informação publicada pela excelente página de Toronto, New World Order Intelligence Update. [40] Este encontro chave aplainou o caminho à Cúpula do Milênio das Nações Unidas que teve lugar em setembro do ano 2000 e que (surpreendentemente) apenas recebeu a atenção dos meios de comunicação.

Uma das propostas mais sinistras, que jamais se fez, é a de estabelecer um exército permanente da ONU, instalações para suas tropas e a criação de uma Unidade de Inteligência completamente operativa. Apesar de que os meios de comunicação de massas não se ecoaram disso, segundo o artigo do Richard Greaves, «Who really runs the world?», a proposta demandava suficiente capacidade militar «para derrubar qualquer Governo nacional que não tratasse a seu povo em conformidade com os critérios da ONU sobre Direitos Humanos e Justiça Social».

«Direitos humanos» e «Justiça Social» são as palavras-chaves que os globalizadores usam para referir-se ao recorte de liberdades individuais e ao maior controle que deveriam exercer as Nações Unidas. Nenhuma nação será capaz de trabalhar por conta própria, nem ser independente, porque a independência será vendida às massas como a incapacidade de um governo «para tratar a seu povo em conformidade com os critérios da ONU». Esta lógica não é nenhum oximóron.

Quando uma nação resistir à agressão da ONU e sua pretensão de roubar a liberdade e a independência em nome do Governo Global, a ONU lhe imporá umas sanções atroz para vencer a resistência. As sanções tomarão a forma de retirada de créditos, fornecimentos, status de comércio preferenciais e demais.

Como resultado direto dos castigos impostos pela ONU, as dificuldades sofridas pelos cidadãos aumentarão, como no caso de Kosovo em 1999. Então, o poder global arremeterá sem piedade contra aqueles que não queiram passar pelo aro, como já passaram: Iraque, Afeganistão; Yugoslavia e outros. A ONU intervirá em nome de uma «missão humanitária», através da OTAN, ou a força de reação européia, num esforço para eliminar todo vestígio de resistência. Este plano, elaborado pelo Clube, foi posto em prática em 1999 quando a OTAN declarou que tinha o direito de intervir sobre Kosovo, porque a comunidade internacional «achava» que o Estado iugoslavo não respeitava os Direitos humanos. Os membros do Clube Bilderberg levam muito tempo pedindo que a ONU desempenhe um maior papel militar, com a esperança de convertê-lo em um Policial Global, conforme nos explica Jim Tucker em um artigo da revista Spotlight.[41]

Os membros do Clube Bilderberg planejam usar, como passo intermediário, a ONU como Polícia Global com o propósito de erodir ainda mais a independência e a soberania nacional na Europa. No portal da Internet www.european-defence.co.uk, explicam-se as linhas gerais do projeto. Esta propaganda promocional diz que é de fundamental importância para os globalizadores que Áustria, Suíça, Finlândia e Irlanda acessem a participar da força da União Européia, porque isso lhes permitirá adquirir um status maior ao de observador da VE ou

membros da Sociedade para a Paz da OTAN, sem comprometer-se completamente com a defesa coletiva e pôr em perigo seu status neutro.

Em segundo lugar, sua participação cria um marco, que mais tarde será utilizado, para aprovar seus emaranhados acordos com o deliberado propósito de evitar o debate público. Trata-se, uma vez mais, de outro passo para o Governo Mundial Único. A Áustria destinou 2.000 soldados para «Missões de Paz» da ONU; Finlândia, 2.000; Suécia, 1.500; e Irlanda, 1.000. [42]

Acredito que é apropriado acabar este capítulo dedicado a descrever a Comissão Trilateral e seu abraço mortal sobre o mundo e a visão sinistra da globalização do David Rockefeller com a seguinte citação do clérigo do século XIX, Edwin H. Chapin: «Nenhum exército e nenhuma nação fez avançar à raça; mas aqui e lá, no transcurso do tempo, sempre houve um indivíduo que se levantasse e projetasse sua sombra sobre o mundo.»

CAPÍTULO 4

Para uma sociedade sem dinheiro em papel-moeda

Não faz muito tempo, tanto filósofos como profanos consideravam insondável o conceito aterrador de um mundo futurista, divulgado através de uma miríade de livros e filmes de ficção científica, onde os humanos - assinalados pela «marca da besta» - convertem-se em escravos, e cuja dignidade, humanidade e honra vêem-se confiscados em nome da Nova Ordem Mundial, e «seu acérrimo individualismo sacrificado em altares de uma harmonia universal anestesiada». [1]

Logo, na década de 1960, os globalizadores se deram conta de que o mundo não estava mudando suficientemente rápido para seu gosto e decidiram atuar. Em 1962, Nelson Rockefeller apelou à criação de uma Nova Ordem Mundial: «Os temas da atualidade exigem a gritos uma nova ordem mundial, porque a antiga caiu; uma ordem nova e livre luta por emergir à luz... Antes de que pudéssemos nos dar conta, estabeleceram-se as bases da estrutura federal para um mundo livre.»

Se a informação dos capítulos anteriores foi alarmante, o que vem a seguir lhe produzirá um calafrio nas costas, porque nos aproximamos das etapas finais da Escravidão Total.

A sociedade sem dinheiro em papel-moeda não é um «novo» conceito, mas, algo antigo, recuperado pela elite globalizadora para exercer um controle absoluto sobre todos os indivíduos. Em agosto de 1975, o senador americano Frank Church declarou que «o Governo tem capacidade tecnológica para impor uma "tirania total" no caso de que um ditador tomasse o poder. Não existiria um só lugar para ocultar-se».

O dinheiro em espécie nos garante intimidade e anonimato ou, o que é o mesmo, liberdade. Também nos garante independência.

Todos nós poderíamos conseguir que os bancos do mundo quebrassem apenas tirando simultaneamente o dinheiro que temos depositado neles. O dinheiro em papel-moeda também é sinônimo de descentralização. O governo sabe que para controlar, vigiar e seguir a pista da população deve suprimir o dinheiro em efetivo.

Na década de 1960, segundo meu avô - um oficial do Serviço de Contra Espionagem da *KGB* idealizou um plano que consistia na introdução de um cartão de crédito no sistema para assim poder efetuar com facilidade um seguimento, tanto das pessoas, como do dinheiro. Para sua desgraça, embora felizmente para o resto da população, havia um inconveniente de caráter prático em todo este assunto.

Naquela época as lojas russas, se se caracterizavam por algo, era por sua falta de mercadorias. Embora cada cidadão russo dispusesse de um sofisticado cartão de crédito, o governo não poderia seguir a pista de ninguém, excetuando um reduzidíssimo grupo de clientes, geralmente aqueles que tinham contatos, aqueles que conheciam alguém em alguma parte e podiam trocar seus bens e favores pelos de seus amigos. Isto me recorda uma anedota de minha juventude: uma vez, em pleno inverno, meu pai e eu, enquanto retornávamos à casa, depois de esperar duas horas em um supermercado local, encontramos-nos com uns amigos da família. Antes de partimos meu pai trocou doze rolos de papel higiênico por um par de

sapatos, que eram muito estreitos para seu amigo. Conforme me explicou meu pai mais tarde, as pessoas sempre levavam consigo alguma coisa que lhes fosse imprestável e que pudessem trocar por algo de que pudessem tirar proveito.

Como já assinalei no capítulo 3, o objetivo da Nova Ordem Mundial é erradicar os poderes descentralizados, portanto devem suprimir os territórios independentes, que são mais difíceis de controlar, e criar uma comunidade européia dependente, a fim de estabelecer um Governo Mundial Único (autoridade universal, monopólio) que se auto-perpetue.

Na década de 1980, o professor B. A. Hodson, diretor do Centro Informático da Universidade da Manitoba, recomendou gravar uma marca identificadora na frente de cada indivíduo. Num primeiro momento, a idéia consistia em tatuar com um fluido permanente e não tóxico sobre a carne humana, visível com a ajuda de raios ultravioleta ou infravermelhos. [2]

Em 20 de setembro de 1973, a capa do *Senior Scholastics* - uma publicação especializada (agora desaparecida), orientada aos centros de ensino médio e superior - mostrava um grupo de meninos com números tatuados na frente e divulgava um artigo de fundo intitulado «Necessidades sociais e direitos privados. Quem lhe vigia?». Em tal artigo se especulava o seguinte: «Sem moeda, sem mudança e sem cheques. No programa pretendia-se que fosse atribuído um número a todas as pessoas, número este a ser tatuado no pulso ou na frente. Do mesmo modo todos os artigos de bens de consumo seriam também marcados digitalmente. Num ponto de controle, graças a um ordenador situado na saída da loja, captar-se-ia o número de artigos selecionados para compra, assim como o número da pessoa, e automaticamente o ordenador somaria o preço e descontaria a importância da conta do cliente.»

O Prêmio Nobel de Química de 1954, Linus Pauling, propôs que se tatuasse nos pés ou na frente de todos os jovens, o código de seu respectivo genótipo.

Em 1974, um professor da universidade pública de Washington, o doutor R. Keith, inventou uma pistola laser que se empregaria para numerar peixes em menos de um segundo. Farrell disse que tal arma também poderia utilizar-se para registrar numericamente as pessoas.

O assessor do Serviço de Inteligência, McAlvany, declarou que «a era do dinheiro em papel moeda está chegando a seu fim e uma nova era com uma sociedade sem dinheiro está amanhecendo. Se os modernos cartões eletrônicos de crédito e débito podem trocar-se por dinheiro em espécie, então cada transação econômica de sua vida pode ser catalogada e armazenada como uma futura referência e, aqueles com o poder de interromper seu acesso ao dinheiro eletrônico podem estrangulá-lo no tempo que dura um batimento cardíaco. O potencial do totalitarismo para chantagear e controlar é incrível, mas a maioria das pessoas nem sequer parece dar-se conta». [3]

Michael Journal, do Canadá, lançou uma advertência sinistra sobre os perigos dos cartões de débito: «Enquanto você puder tirar dinheiro dos caixas automáticos mediante cartões, estes parecer-lhe-ão bastante práticos, já que eliminam a necessidade de levar dinheiro em papel-moeda. Em tal caso, o sistema do cartão de débito se converterá em um instrumento para exercer um controle absoluto sobre o

ser humano. O objetivo é conseguir uma sociedade sem dinheiro; em que toda transação econômica deva fazer-se, obrigatoriamente, através de um sistema bancário informático, para utilizá-lo se por qualquer razão, você é classificado como "pessoa indesejável"». Tomem como exemplo ao autor deste livro. Quanto tempo pensa você que a Nova Ordem Mundial me deixará conservar meu dinheiro eletrônico em minha conta eletrônica que «são só números na tela», antes de decidir suprimir cada euro duramente ganho, só pressionando a tecla e apagando tudo do ordenador? Ou, realmente você crê que após escrever este livro, deixar-me-ão seguir atuando a meu bel-prazer? Convertido em «inimigo do Estado» pelo Governo, só terão que apagar seu número do ordenador central e você já não poderá comprar nem vender e deste modo o condenarão a desaparecer pouco depois. De Boris Illinietz - um dissidente soviético exilado no Ocidente na década dos setenta e que atualmente vive em Paris - o Estado confiscou seu dinheiro antes de apartá-lo, mediante a imposição de um exílio permanente no estrangeiro por atividade anti-soviética, uma frase chave para a «pessoa indesejável».

O contínuo fluxo de notícias procedentes da imprensa mundial ao longo dos anos setenta e oitenta, apontou questões preocupantes sobre as implicações da tecnologia do Grande Irmão sob nossa pele.

Em 1980, reportagens anônimas de investigação aparecidas em U. News e World Report assinalavam que o Governo Federal estava considerando implantar «carteiras de identidade nacional sem as quais ninguém poderia trabalhar nem dirigir um negócio».

Em 1981, The Denver Post Sun perguntava-se em voz alta o que aconteceria se um dia os implantes de microchip substituíssem às carteiras de identidade. O artigo, com data de 21 de julho de 1981, dizia em uma passagem: «O chip [...], aproximadamente, do tamanho do diâmetro de uma ponta de um lápis [...] coloca-se em uma agulha, que se encaixa em uma simples seringa de injeção esterilizada com uma solução anti-bactérias [...] pode injetar-se mediante uma simples seringa de injeção - do tipo que se utiliza para injetar o medicamento de insulina nos doentes - em um ser humano (ou animal) [...] codifica-se um chip com um número exclusivo de doze dígitos. A agulha é cravada, injeta o objeto sub-cutaneamente e se faz possível identificar algo ou alguém para sempre.»

Uma ilustração de página inteira em um exemplar de 1993 do London Daily Mail, mostrava donas-de-casas européias realizando compras somente colocando as mãos sobre a tela do ordenador na caixa registradora. A título de comparação histórica, quando Sylvan Goldman inventou o primeiro carro de compras em 1937, teve que contratar modelos para ensinar como se usava exatamente o novo artefato. Em Oklahoma, os clientes costumavam ir às compras nas lojas com pesadas cestas de metal e não sabiam o que fazer com os cômodos carros de rodas. As revistas daquele ano estavam cheias de imagens sensacionais de donas-de-casa empurrando os novos e «cômodos» carrinhos de supermercados pelos corredores da loja. Hoje em dia, outros tipos de imagens enchem as capas das revistas: as de donas-de-casa com um «cômodo» microchip inserido sob a pele. A história só não se repete para aqueles que desconhecem os fatos. Em 7 de maio de 1996, o Chicago Tribune expôs problemas preocupantes em torno das implicações da

tecnologia sub-cutânea inventada pelo Grande Irmão. Em agosto de 1998, a BBC informou a respeito da primeira implantação humana de microchips.

The Sunday Oregonian uniu-se a crescente lista dos meios de comunicação preocupados com as tecnologias alfa-numéricas de identificação sanitária, capazes de seguir aos indivíduos, que «reduziriam [as liberdades pessoais] e o direito à intimidade». O artigo de fundo do periódico mostrava humanos com códigos de barras na frente.

A usurpação do Grande Irmão

Enquanto falamos, está-se criando um perigoso sistema de bases de dados inter-conectadas internacionalmente e que, como demonstrarei ao longo deste capítulo, podem chegar a armazenar os dados de toda nossa vida em sofisticados arquivos informáticos, contribuindo para uma substituição gradual de seu dinheiro real por dinheiro virtual ou eletrônico, representado por um conjunto de números numa tela de computador.

Para cúmulo, o uso de cartões e de dinheiro eletrônico se converte, pouco a pouco, em obrigatório na maioria das nações do mundo desenvolvido, tais como, Canadá, Estados Unidos, Austrália, França e Alemanha para toda operação em dinheiro efetivo que comporte mais de alguns poucos milhares de dólares. A desculpa que alegam os bancos é que, com o movimento de grandes quantidades de dinheiro, tais medidas drásticas servem para facilitar o reconhecimento do dinheiro procedente do negócio da droga, posto que a lavagem de dinheiro se dá dentro do próprio sistema. Nem temos o que dizer, só um idiota daria crédito a esse argumento.

Desgraçadamente a grande maioria submeteu-se a uma lavagem cerebral para acabar acreditando nisso. Não movemos um dedo para protestar quando os bancos nos exigem justificar qualquer operação à vista de uns milhares de euros. Em Committee of 300, John Coleman explica que os verdadeiros multi-milionários dirigem seu dinheiro mediante o sistema CHIPS, acrônimo de Câmara de Compensação do Sistema de Pagamentos Internacionais. Vinte dos maiores bancos utilizam este sistema. Um deles é o Banco de Hong Kong e Shanghai. Outro é o Crédit Suisse. Em combinação com o sistema SWIFT (acrônimo de Sistema Internacional de Operações Financeiras de Alcance Mundial, criado pela comunidade econômica internacional em 1973 para garantir a segurança, a rapidez e a eficácia na transmissão de dinheiro), com base em Virgínia, o dinheiro sujo procedente do negócio da droga torna-se invisível. Só os casuais descuidos provocam os êxitos do FBI, e isso unicamente quando não se lhe ordena olhar para outro lado. Como resultado, só apanham dinheiro derivado do negócio de droga nas mãos dos traficantes de pouca monta. As transações das elites, através de instituições como Drexel Burnham, Crédit Suisse, ou o Banco de Hong Kong e Shanghai, passam totalmente despercebidas.

Portanto, o fato dos bancos pedirem a seus clientes para justificar uma transação financeira de uns milhares de dólares ou euros, não é mais que uma farsa. Seguir com este jogo para supostamente velar pela honestidade do cliente, só é equiparável à farsa nos aeroportos depois do 11/09: devido a esta montagem e, de

acordo com as medidas acordadas, já não podemos passar ao interior do avião com os objetos mais rotineiros e inofensivos, no caso de que possam comprometer a segurança dos passageiros, quando o 11/09 foi na verdade uma operação do Governo dos Estados Unidos. Existem vários livros excelentes sobre o tema, como o do Michael Ruppert *Crossing the Rubicon* que o demonstra de maneira inequívoca e faz recair todo o peso da culpa diretamente sobre as costas do Bush e do vice-presidente Cheney.

Não obstante, todo o «espetáculo» contribui para fazer boa televisão.

Microchips

Para preencher o vazio deixado pela «sociedade sem dinheiro», os globalizadores precisarão desenvolver um sistema paralelo de compra ou, colocando-se em forma de pergunta: como conseguirão fazer que a gente instale os chips? Fazendo pois as pessoas acreditarem, mediante o uso dos meios de comunicação controlados, que isto é necessário, convencendo-as assim de que levem para casa um dos aparelhos desenvolvidos pelo Instituto Tavistock de Relações Humanas. O argumento, em estágio de prova nos Estados Unidos, efetivar-se-á da seguinte maneira:

«Em primeiro lugar - escreve Texe Marrs em *Millennium: Peace, Promises, and the Day They Take Our Money Away* - o mundo ver-se-á obrigado a utilizar um novo sistema de identificação internacional informatizado que permitirá um acesso imediato aos dados pessoais digitalizados, como detalhes bancários, classificação creditícia ou situação trabalhista. Todas as pessoas disporão de novos cartões de identificação pessoal para que o novo sistema funcione. Pouco depois disso todos os cartões de identificação pessoal, cartões de débito, carteiras de motorista e cartões de crédito aglutinar-se-ão em um só Cartão Inteligente Multiuso de tecnologia avançada, com um circuito integrado de sistemas embutidos capazes de armazenar tanto dinheiro eletrônico como informações referentes à identidade pessoal. Quase simultaneamente a este acontecimento o mundo ficará sem dinheiro e a moeda se ilegalizará para que tudo o que precisemos comprar e vender seja feito mediante operação informatizada, quer dizer, simplesmente uma série de números flutuando no ciberespaço.» [4]

Uma vez o dinheiro tenha desaparecido, e a população em geral aceite os cartões inteligentes e se consolide o sistema de chips eletrônicos, a Nova Ordem Mundial inventará um sem-fim de problemas no sistema dos cartões eletrônicos, como por exemplo, o fato de que as pessoas às vezes terão que encarar a perda de seu dinheiro devido a infelizes mas inevitáveis falhas informáticas. Isto evidencia o fato óbvio que “erros informáticos” podem ocultar o que existe. Da mesmíssima maneira, poderão fabricar o que não existe. Se devemos acreditar que tudo isto conduz indevidamente ao objetivo final, o Microchip implantável, então o cenário que descrevi é bastante plausível. Depois de meses de atraso, muitas chamadas telefônicas e algumas desgastantes ações legais, os bancos «devolverão» a soma de dinheiro a seu legítimo dono, importância esta que se “encontrou repentinamente”. Informar-nos-á que nossos novos cartões podem ser roubados ou perdidos com

facilidade e, se isto acontecer, não poderemos operar nossos créditos ou efetuar transações de um modo seguro.

Segundo a empresa de pesquisas de mercado Ipsos-Reid, em março de 2003 mais de um terço (35 %) dos canadenses deixaram em aberto informações pessoais sensíveis. Em junho de 2001, o número somava 21 %. Em dezembro de 2000, era só 18 %. 95 % daqueles cujos dados se viram comprometidos tinham registrado, sem dar-se conta, em um correio fraudulento e outros 29 % disse ter vendido, ou transferido a um terceiro seus dados pessoais. 43 % dos pesquisados afirmaram acreditar que sua informação estava protegida.

Uma empresa de pesquisas de mercado, cujo nome é Allied Business Intelligence, estima que o mercado global dos microchips do cartão inteligente crescerá em mais de cento e três milhões de dólares por volta do ano 2008.

Na atualidade, 850.000 consumidores utilizam regularmente cartões inteligentes na França. No Japão estão em circulação 650.000 moedeiros eletrônicos conhecidos como cartões «Edy». O cartão francês Moneo (um cartão inteligente que se pode carregar como dinheiro eletrônico e se utiliza para pagar no parquímetro, nas máquinas vendedoras e nos comércios. Os protocolos criptográficos protegem a transferência de dinheiro entre o cartão inteligente e a máquina que a aceita) incorporou-o em seus cartões de crédito já existentes, algo que nunca se tentou fora da França. De fato, acrescentou-se automaticamente 25 milhões de cartões de crédito que deviam renovar-se sem que os proprietários o soubessem. [5]

Na etapa final, o Grande Irmão nos dirá que tem a solução última para acabar com todos os problemas: unir às pessoas pessoalmente a seus cartões. Essa será a razão que esgrimirá para que todos recebamos um Transpondedor Biochip de Identificação Pessoal injetável sob a pele, que substituirá nossas carteiras de identidade. Sem ele, não se permitirá a ninguém comprar ou vender nada. [6]

E aqui o tem: um microcomputador chip pode implantar-se sob sua pele, e as estatísticas demográficas podem ser acessadas com um leitor eletrônico. Dispor-se-á tudo para um Governo que deseja controlar os movimentos de todos e de cada um de nós, até que se saiba tudo sobre você. [7]

Um plano para implantar microchips na humanidade

Atualmente, a implantação de microchips apresenta-se como um procedimento voluntário. Entretanto, Elaine M. Ramish escreveu em uma reportagem para o Franklin Pierce Law Centre [8] que «o sistema (obrigatório) de identificação nacional mediante a implantação de microchips pode alcançar-se em duas fases: com sua introdução como sistema voluntário, já em funcionamento no rastreamento de animais, em cujo caso a implantação do microchip parecerá aceitável. Depois de um período de familiarização com o procedimento e o conhecimento de seus benefícios, a implantação seria obrigatória».

Em WorldNetDaily.com, [9] John E. Dougherty cita George Getz, diretor de comunicações do Partido Libertário Americano: «Depois de tudo, o governo nunca obrigou ninguém a obter uma carteira de motorista (nem a dispor de um número da Segurança Social, hoje obrigatório), mas tentar viver sem um deles

quando todo mundo - do empregado de seu banco ao agente do escritório de aluguel de carros, ou o agente de reservas de um hotel ou na loja de comestíveis – o exigem para que vc possa beneficiar-se de seus serviços, isto será categoricamente uma necessidade inescapável. Se o Governo pode exigir suas impressões digitais para conseguir uma carteira de motorista (algo obrigatório na Espanha para obter-se carteiras de identidade nacional; e onde, no passado só os criminosos tinham que deixar a estampagem de suas digitais) por que razão não poderiam obrigá-lo a implantar um chip eletrônico?»

O objetivo último é provocar uma rede de controle em uma sociedade sem dinheiro que permita seguir o rastro de cada uma de suas compras, controladas por um Governo Mundial, vigiados por um Exército das Nações Unidas, financiado em sua maior parte pelos contribuintes americanos, regulados economicamente por um Banco Mundial mediante uma única Moeda Global, povoados por uma Humanidade desorientada, com microchips implantados e conectados a um coordenador global.

Isto não é um ensaio geral do Apocalipse. Tampouco uma prova. Esta é a nova realidade que gente como os bilderbergers projetou, preparada pelo Tavistock e executada pelos meios de comunicação, com um benevolente esforço de colaboração por parte das corporações multinacionais (as quais «por razões de segurança» optaram por empregar cartões de inteligência para seguir os passos de seus empregados dentro dos limites de seus escritórios corporativos).

Por hora, para fazer que a população em geral aceite o produto, já lhes impõem literalmente chips a grupos inteiros de pessoas dentro da sociedade: pedófilos, assassinos, violadores, traficantes de droga, delinqüentes comuns, doentes mentais, agressores de mulheres, pessoal militar, serviços secretos.

«As etiquetas eletrônicas poderão colocar-se aos pedófilos», em 11/17/2002, no <http://www.timesonline.co.uk/article/0,2087-483510,00.html>, Sunday Time, de Londres, «Esperanza Aguirre apresenta o bracelete contra os maltratadores», O Mundo, 29/06/2004.

A presidenta de Madrid, Esperanza Aguirre, apresentou o primeiro protótipo de bracelete eletrônico que se desenhou na Espanha para detectar quando um maltratador viola a ordem judicial de afastamento e participou, desempenhando o rol de vítima, nas provas demonstrativas de seu funcionamento. [10] A título de anedota, Esperanza Aguirre é membro do Clube Bilderberg. «Chip implantado nos empregados judiciais no México», lê-se em Associated Press, 14 de julho de 2004. Desde novembro, 160 dos mais relevantes fiscais e investigadores do México começaram a receber implante nos braços para acessar áreas restritas no interior das dependências do Ministério de Justiça. Segundo e conforme à entrevista que transcrevi de Televisa, só dezoito funcionários judiciais receberam implantes de microchip, mas o Washington Post, USA Today, AP, NBC, CNN, Business Week e outros 37 meios de canais internacionais principais informaram que o número de implantes era de 160.

Quiçá você se pergunte, o que tem que mau nisso? Inclusive poderia sentir-se mais seguro ao saber que todo indivíduo delituoso está sendo vigiado. O problema é que nunca parará aí. A elite, o Governo Mundial Único, não pode lhe

implantar um microchip, amparando-se em um processo obrigatório, até que toda a população mundial aceite que isto será uma progressão natural para um futuro «melhor», como demonstrarei ao longo deste capítulo. Recorde, nenhuma ditadura pode funcionar sem um controle absoluto sobre cada pessoa em seu campo de ação. Bem, se você fosse ditador por um dia, como poderia controlar a cada um de nós simultaneamente? A seguinte história apareceu no periódico inglês *Independent*:

«Vigiar-se-á via satélite a 5000 dos piores criminosos na Inglaterra.» A inovadora tecnologia desenvolvida nos Estados Unidos permitirá aos organismos de segurança do estado assinalar com precisão a localização de criminosos que tenham sido postos em liberdade antes do tempo, e lhes implantarão etiquetas eletrônicas.»

Em um futuro muito próximo, colocar um chip será visto como algo positivo socialmente graças a uma diversidade de técnicas manipulativas ativadas pelos meios de comunicação. Como no caso de uma operadora espanhola de telefonia móvel, cujo principal diretor é um assíduo das reuniões Bilderberg, e que utiliza uma publicidade agressiva para seduzir à juventude espanhola, principal público a que destinam seus produtos. A posteriori e com modificações de pouca importância, a publicidade utilizada para «atrair» os clientes jovens a seus telefones móveis é a mesma que se utilizará para convencer a essa mesma juventude a injetar-se um novo e «atraente» microchip dentro do corpo. Parece-lhe pouco provável? Olhe só a seu ao redor. Mesmo porque, os piercing na cara e na língua são já muito populares entre os adolescentes que querem “ser diferentes”. O que esses jovens não compreendem é que ainda lhes falta identidade própria, e que o uso generalizado de piercing e tatuagens apenas os tornam “igualmente diferentes”, formam parte de um grupo. O plano publicitário do Bilderberg/Tavistock sacudirá com a mesma eficácia a mesma juventude quando o tempo «mostrar», a fim de exercer pressão pelo grupo paritário, as vantagens de ter implantado um chip. Além disso, quando todos os seus amigos e os amigos de seus amigos tenham implantado um chip, como poderá resistir? Ver-se-á como algo moderno e atrevido, e os atraentes membros do sexo oposto disporão de uma vasta coleção de artigos de chips diferentes para escolher. Por exemplo, *USA Today* informa que «se está levando a cabo um importante experimento científico entre os clientes do Baja Beach Club Barcelona, Espanha, que rapidamente, em trajes apropriados, sigam ao local ultra-mauricinho, caso eles tenham inseridos sob a pele cartões de crédito eletrônicos. As atraentes e assíduas freqüentadoras do local encontram um problema: vestidas com um top sem costas, nem mangas e com uma minissaia, não têm espaço para levar a carteira. E quem quer carregar um moedeiro quando o propósito de ir ali foi para dançar? Por sorte, este ano uma companhia chamada VeriChip achou a solução em uma tecnologia de identificação por radio-freqüência (RFID). Dentro de um fina cápsula de vidro de aproximadamente 2 cm. Coloca-se um chip digital, que armazena um código exclusivo que permite identificar um indivíduo, algo similar ao número eletrônico da Segurança Social. A cápsula também contém uma antena metálica que pode transmitir por rádio esse código ao comerciante pouco depois do cliente entrar no local. No Baja Beach Club

Barcelona, na terça-feira é o dia da implantação dos VeriChips. Uma "enfermeira" - termo usado pelo Clube - utilizará uma seringa de injeção para injetar-lhe uma cápsula VeriChip sob a pele». [11]

Em maio de 2004, NewScientist.com indicava: «O Baja Beach Club Barcelona permite a seus clientes escolher entre um chip RFID, ou um cartão normal, para registrar-se como membros VIP. Estes podem evitar as filas da entrada, reservar uma mesa e utilizar o salão VIP de tal clube noturno.» [12]

Assim é como VeriChip proporciona seu “maravilhoso novo produto”. Um de seus gerentes, conhecido de um amigo meu, que vive no Sitges desde 1960, falou-me sobre o «público alvo» do Baja Beach Club Barcelona.

O Mercado Objetivo: os jovens, os estudantes universitários, os yuppies em ascensão social, os adolescentes.

IMPLANTE UM CHIP: PROGRAMA DE REGISTRO AO VERICHIP

VeriChip, a primeira tecnologia mundial de identificação pessoal sob a pele, anuncia um programa especial de lançamento para a inscrição preliminar. Registre-se para ser um dos primeiros no mundo a «implantar um chip.»

Convidamos-lhe a preencher o formulário de pré-inscrição que encontrará abaixo, para ter direito a esta oferta de lançamento especial, da qual se beneficiarão as primeiras 100.000 pessoas que se registrarem e todos os titulares acionistas do ADS.

Desconto de 50 %: Todos os acionistas ADSX receberão um desconto de 50 % no momento de implantar o chip.

Desconto de 50 %: As primeiras 100.000 pessoas que se registrarem conseguirão uma economia inicial no momento de implantar o chip.

Registre-se hoje!!!

Por puro azar, IBM, a companhia que está por trás do VeriChip e o maior comerciante de chips implantáveis, também se encarregou do sistema de catalogação utilizado pelos nazistas para armazenar informação sobre os judeus na Alemanha de Hitler.

Esta impressionante descrição procede do próprio site Web da companhia: “VeriChip TM – Ali, quando você necessitar.

Visão geral.

O sistema de identificação miniaturizado VeriChip de radio-frequência (RFID) é o núcleo de todas as aplicações VeriChip. Do tamanho de um grão de arroz, cada VeriChip contém um número de identificação pessoal que se pode utilizar para acessar a uma base de dados inscritos e abastecida de informação pessoal. E a diferença das formas convencionais de identificação, VeriChip não se perde, não pode ser roubado, esquecido, extraviado ou falsificado.

Processo.

Uma vez implantado sob a pele do paciente mediante um processo rápido e indolor (muito parecido a uma injeção), o VeriChip pode escanear-se, quando

necessário, pelo proprietário de um scanner VeriChip. O número de inscrição VeriChip permite um acesso imediato ao Registro Global de Inscritos VeriChip (GVS); acesso à Web, por meio de uma contra-senha segura e que protege a informação dos inscritos. Estes dados se mantêm mediante os centros de Operações de Registro GVS, mais pontos situados em Riverside, Califórnia e Maryland.

O futuro.

O emprego da tecnologia avançada VeriChip significa reduzir substancialmente, ou eliminar o risco de roubo, perda, duplicação, ou falsificação de dados. Os produtos VeriChip desenvolvem-se ativamente para uma variedade de funções como segurança, defesa, segurança nacional e aplicações de acesso seguro, tais como, o controle de acesso autorizado ao Governo, ou facilidades do setor privado, laboratórios de investigação e recursos para o transporte confidencial, incluindo a área de segurança nos aeroportos.

No âmbito financeiro, VeriChip tem um potencial enorme como tecnologia de identificação pessoal, que pode ajudar a frear os roubos e prevenir o acesso fraudulento às contas bancárias e dos cartões de crédito. VeriChip obtém isto sem baterias, ou qualquer fonte de energia interna. Mantém-se inativo sob sua pele até que o proprietário de um leitor VeriChip o ative. Então o VeriChip transmite seu número de identificação pessoal, em milésimos de segundo, ao leitor externo.

Os meios

(insinuação de êxito, normalidade e aceitação em função da cobertura da imprensa dos Estados Unidos).

Desde seu anúncio, em 19 de dezembro de 2001, VeriChip conquistou uma enorme atenção nos meios de comunicação dos Estados Unidos, assim como em todo mundo. Apareceram artigos sobre tecnologia nas principais publicações, entre elas: Time Magazine, People Magazine, The Washington Post, The Los Angeles Time, The Chicago Tribune, The Associated Press, Reuters.

Os diretores da companhia discutiram e demonstraram esta tecnologia em: NBC's Today Show, ABC's Good Morning America, CBS Early Show, CBS Evening News, ABC's World News Tonight, CBS Eye on America, The View, CNN com a Paula Zahn, CNN Headline News, ABC Family/CBN, The O' Reilly Factor on Fox News, National Public Radio, The BBC, CBS Radio, ABC, CBS e os afiliados da NBC em todo o território nacional.”

Dão-se conta de que todos os meios que acabo de citar pertencem ao Clube Bilderberg, à Comissão Trilateral e ao Council on Foreign Relations (CFR)?

O novo segmento da população que se fixará objetivamente são as crianças estadunidenses. Falaram-me sobre o próximo plano dos bilderberger de converter o espantoso tema dos seqüestros infantis em tema de domínio público (ajudados pelo necessário frenesi dos meios de comunicação). Este não é um fenômeno novo. Segundo as estatísticas do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, só

no último ano seqüestraram 358.000 crianças. Mas os meios de comunicação querem guardar em silêncio este impressionante dado, por enquanto.

Para implantar microchips nas crianças, será necessário convencer aos pais de que este crime horrível alcançou proporções epidêmicas. Contra quem clamarão os pais e a sociedade quando os seqüestros saírem à luz? Contra o Governo por não fazer o suficiente? Contra os criminosos? Mas, quais e onde estão?

Os bilderberger utilizam os meios de comunicação como veículo para provocar turbulências. E quando as terríveis cenas de assassinato e tragédia se apresentarem frente ao mundo inteiro, a sociedade sentirá a necessidade de reagir. No Committee of 300, John Coleman escreve: «Terá que destacar três fases distintas na resposta e reação mostradas pelos grandes grupos sociais. Em primeiro lugar, a fase da superficialidade; a população ante ataques defenderá a si mesmo com lemas (leia-se «Não aos crimes», «Mais amparo policial já», «Deus queira que isto não aconteça em nosso tranqüilo e agradável bairro»...) Isto não identificará a origem da crise e, portanto, não haverá nada concreto contra o que se dirigir, daí que a crise persistirá. Em segundo lugar, a fase da fragmentação. Terá lugar enquanto a crise continuar e a ordem social se desmoronar (leia-se que chegados a esse ponto, os cidadãos se organizarão por si mesmos como vigilantes, dentro de seus bairros, para defender seu território, pouco seguros de quem é o inimigo).

Então, entrará em jogo a terceira fase em que a população se radicalizará e se desviará da crise induzida, ao que seguirá uma reação de inadaptação acompanhada de um ativo idealismo sinóptico e dissociação (leia-se: contra os resultados, como no 11/09 e não contra a causa, como no interrogante suspenso, faz muito tempo: como um recluso árabe, podia ter os meios, com um walkie talkie, para dirigir uma operação logística tão complicada, de seu esconderijo remoto, perdido entre as montanhas do Afeganistão. E se não, quem poderia ter sido e por que?). O Instituto Tavistock, que estuda o comportamento humano, e principal órgão de lavagem cerebral da Nova Ordem Mundial, chamado «Penetração de Longo Alcance».

Durante mais de meio século, os bilderbergers, apoiados por Tavistock e sua «jóia» americana - o Instituto de Investigação de Stanford —, ocasionaram um trauma de penetração a longo prazo e de lavagem cerebral em nossa sociedade. Coleman explica que «os conspiradores podem criar e capitanear quaisquer elementos desequilibradores que lhes agradem.» [13] Por exemplo, assinala «as misteriosas guerras de bandos» que irromperam em Nova Iorque, Los Angeles, Filadélfia e Chicago na década de 1950... e que foram «cuidadosamente planejadas no Stanford, desenhadas deliberadamente para ludibriar à sociedade e provocar uma onda de perturbação». Até a década de 1980 não se descobriu os «que controlavam das sombras os assim chamados fenômenos sociais». Seus promotores pertenciam (trabalhando de costas à sua fonte) ao conselho do Stanford-Tavistock-Bilderberg. Depois de servir a seu propósito intencionado de criar um elemento perturbador na sociedade, as turmas desapareceram repentinamente em 1966. A questão é o que sabia o Departamento de Polícia de Los Angeles, LAPD, que contava entre seu pessoal com os melhores e mais brilhantes agentes de Polícia; o Departamento da Polícia de Chicago, que tem maior mão dura nos Estados Unidos

e é célebre por sua luta contra Capone e outros gângsters; o Departamento de Polícia da Filadélfia, com seus agentes de polícia acostumados a lutar com traficantes e delinqüentes, que se movem nos guetos dos carentes bairros centrais, cuja visão recorda-me a condição da cidade de Dresde, em 1945, após receber uma chuva de bombas.

Que fazia o legendário Corpo de Polícia de Nova Iorque quando surgiu a primeira turma pela primeira vez e pouco depois se estendeu e multiplicou rapidamente? Por que o aparelho de segurança dos Estados Unidos e as forças de Proteção Civil podem controlar meio milhão de homens durante uma manifestação e, entretanto, não são capazes de lutar contra um pequeno bando de valentões? Por que não intervieram os militares americanos com seus tanques, helicópteros, exércitos, marines, rangers para ajudar a derrubar esta situação e proteger aos aterrorizados cidadãos contra esta ameaça? A menos que toda a operação estivesse dirigida pela mesma gente que organizou o 11/09, aqueles que dirigem nossa firme marcha para a escuridão de sua desejada ditadura de uma Única Ordem Mundial...

Fixem-se no que acontecerá aos casos de seqüestro na América, assim como, suas terríveis conseqüências (a violação e o assassinato de uma pessoa inocente, com toda riqueza de detalhes, criando em seu lar a sensação de que a sociedade não é segura) a serem divulgadas pelos meios de comunicação controlados pelo Grupo Bilderberg. Os acontecimentos apresentar-se-ão da mesma maneira que se apresentou a violência entre os bandos para uma sociedade desconcertada, durante a década recente de 1960, devido à ação sub-reptícia dos bilderbergers.

Depois da reunião secreta do Clube Bilderberg na Suécia me inteirei, através de uma fonte de Inteligência extremamente confiável, de que os bilderbergers estavam planejando «um ensaio geral na primavera e no verão (de 2002) pelo que, em pouco tempo, se converteria em uma tragédia de proporções epidêmicas (de seqüestros infantis)». Por desgracia, minha fonte (com uma bem-sucedida percentagem de 94% em sua predição) estava certa.

Os casos recentes abalaram os pais porque a maioria das vítimas seqüestrada estava em sua própria casa, ou justo na soleira da porta. Por exemplo, durante as horas em que se informou que Cassandra Williamson tinha desaparecido da casa de seus vizinhos, situada nos subúrbios de St. Louis, a busca foi transmitida diretamente pelos canais de notícias de televisão a cabo por todo Estados Unidos. Estes são alguns das manchetes desse fatídico 2002:

«Elisabeth Smart, de quatorze anos e natural de Utah, desapareceu de seu dormitório em 5 de junho e ainda continua com paradeiro desconhecido», *The Oregonian*, 5 de junho de 2002.

«Encontrou-se o corpo sem vida de uma menina, cujo paradeiro era desconhecido... Após semanas de busca, Danielle van Dam, de sete anos de idade, foi achada morta», *CNN.com*, fevereiro de 2002.

«Samantha Runnion, de cinco anos, raptada perto de sua casa», *PRWeb.com*, 15 de julho de 2002.

«Samantha Runnion, de cinco anos de idade, foi encontrada morta em Riverside, Califórnia», *CNN.com*, 16 de julho de 2002.

«Percepção de perigo: apesar da cobertura das mídias, continua a onda de estranhos seqüestros.»

Os recentes seqüestros são descarados e transpassaram os limites sociais e econômicos, São Francisco Chronicle, 28 de julho de 2002.

«Erica Pratt, de sete anos, seqüestrada na calçada de uma favela da Filadélfia», São Francisco, Chronicle, 24 de julho de 2002.

«Cassandra Williamson, que desapareceu da cozinha da casa de uns vizinhos, foi achada morta». Fax News, CBS News, 26 de julho de 2002.

Outra vez, depois de servir a um fim determinado, os seqüestros se evaporaram da opinião pública no início de 2003.

Como no caso das guerras de bandos «o público reagiu de acordo com o esperado e projetado pelo Stanford» (leia-se: indo contra as conseqüências visíveis em lugar de procurar a causa invisível); porque a sociedade em conjunto não reconheceu os sintomas da etapa de um processo dirigido por eles. Os meios de comunicação, em cooperação com o Stanford, centraram a atenção de milhões de americanos nos preocupantes casos de seqüestros, seguidos de violações e amputações que gelaram o sangue da população, devido a sua intensidade, sadismo e crueldade.

Todo o acontecimento se desenvolveu como uma cópia exata das guerras dos bandos da década dos sessenta, dirigidas por Stanford, com fases em que o grupo responsável por investigar se equivoca ao identificar a origem da crise, e logo chega a «fragmentação» («Graças a Deus que isso não passa em nosso bairro»). Posteriormente, os que não foram afetados pelos seqüestros se isolam para defenderem a si mesmos, entrando no período de dissociação denominado “de má adaptabilidade».

Qual era o propósito da guerra dos bandos e da avalanche de seqüestros nos Estados Unidos em 2002? Inocular em cada lar a idéia de que a sociedade, em geral, não está segura:

“A ordem social se desmoronou”.

“Estamos indefesos”.

“Graças a Deus que não passou a nosso filho”.

“O que deveríamos fazer?”

“Devemos procurar amparo. Podemos obter que essa proteção seja completa?”

“Só podemos nos sentir seguros se soubermos, todas as horas do dia, onde estão nossas crianças.”

“Como?”

O seqüestro na América: necessitam um chip?

Como se desenvolverá o cenário nestas alturas do que parece ser uma ampla campanha de terror? Acontecerão casos de crianças desaparecidas que saltarão à primeira página da imprensa diária, até que descubramos que «alguns pais tiveram a precaução de implantar um chip em seus filhos».

«Os pais recorrem a inserir microchips em seus filhos», CNN.com, 3 de setembro de 2002. Este título apareceu na CNN no momento de maior apogeu de seqüestros nos Estados Unidos.

«Um microchip poderia garantir a segurança de seu filho?» Um mês depois de acharem, numa sarjeta remota, os corpos de Holly Wells e Jessica Chapman (espetacular caso de duas garotas de Manchester assassinadas, que chocou à nação inteira), um professor de cibernética propôs um plano para implantar microchips nas crianças e assim acautelarem-se de sofrer um seqüestro. BBC News Online Magazine, 18 de dezembro de 2003.

Os meios de comunicação controlados pelo Clube Bilderberg começarão a promover os chips pessoais de uma maneira frenética. A CNN, a CBS, a ABC, a NBC, a FOX sabem o que agora se espera delas. O plano mestre do Clube Bilderberg decide o que a imprensa deve fazer para se efetivar o objetivo.. A imprensa televisiva não regulará esforços para entrevistar aos afortunados pais, que se reencontraram com seus felizes brotos. Os programas de entrevistas insistirão exaustivamente na natureza maravilhosa da tecnologia, e os políticos destacarão a necessidade de inserir microchips em segmentos cada vez mais amplos da sociedade, em seu esforço coordenado para «proteger» os cidadãos dos males do terrorismo internacional.

A princípio, ficarão à margem os inconformistas, os anarquistas, os revolucionários, os hippies, etc; aqueles que se oponham a que o governo mundial os persiga e controle; que operarão fora da lei e subsistirão, graças ao comércio de uma variedade de mercadorias, que já não poderão comprar com papel moeda. Num primeiro momento, o Governo Mundial Único deixará de lado este segmento da população. Mas, como a implantação de chips converter-se-á em um fenômeno natural (como é a atual campanha para erradicar o tabaco, pela qual os que se atrevem a fumar, são denegridos e olhados com desprezo), o Governo porá em marcha sua segunda etapa, a erradicação da atividade ilícita.

Graças à ajuda da população com o microchip implantado e a lavagem cerebral (a assim chamada «maioria moral», (como hoje em dia nos Estados Unidos, mais de 50 % da população, segundo algumas sondagens, ainda culpa a Saddam Hussein pelo 11/09 ou, outro exemplo, a Alemanha nazista, onde «agradáveis e educados» cidadãos alemães apoiaram a loucura de Hitler) e, com os bilderbergers movendo os fios invisíveis atrás do cenário, qualquer um que se recuse ser tratado como rebanho, será obrigado a viver às margens da sociedade; impedir-lo-ão de seguir com sua vida, ter amigos; sua família o rechaçará e a população «ultrajada» irá a sua caça.

Recordam a Rússia do Stalin? (Então, a Cheka, posteriormente reconvertida em KGB, matou um de meus tios, porque alguém da família alcaguetou que tinha contado uma piada sobre Stalin).

O Governo Mundial Único, entretanto, não atuará diretamente contra os inconformistas, mas fará a lavagem cerebral da população para que esta nos alcagete e nos entregue ao Governo Mundial Único.

Note-se novamente a campanha antitabaco.

Os cidadãos «sensibilizados» sentem-se no dever de meter os narizes em sua vida; de aconselhar-lhe assistir palestras sobre os perigos do tabaco, seja no metrô de Madrid, ou em qualquer lugar público. E o que há de perigoso em se converter em um conformista e um verme inculco, parte do rebanho que nem sabe que o é? Ninguém parece preocupar-se com disso.

No jantar dos embaixadores das Nações Unidas, David Rockefeller disse: «A atual janela aberta à oportunidade para a possibilidade de que uma ordem mundial interdependente e verdadeiramente pacífica se construa, não estará aberta durante muito tempo. Estamos a beira de uma transformação global. Tudo o que precisamos é uma grande crise e as nações aceitarão a Nova Ordem Mundial.»

Agora, me diga, queremos ser os guardas da prisão, os detentos, ou melhor, queremos encontrar uma saída? Lembre-se, não será uma prisão se nunca tentar abrir a porta.

Os bancos, a ameaça da segurança e os microchips

Michael Journal, do Canadá, escreve: «Atualmente os bancos estão capitaneando uma campanha para inculcar o medo das pessoas aos ladrões, e oferecem toda classe de conselhos para ajudar às pessoas a proteger seus cartões de débito... Mas os bancos mantêm vivo esse medo aos ladrões por uma razão: querem que a opinião pública aceite a injeção de microchips para substituir os clássicos cartões de débito.» [14]

Muitos analistas financeiros estiveram predizendo um colapso global do mercado de valores. [15] Uma das vantagens de uma crise financeira global é que permitiria, definitivamente, a eliminação do dinheiro em papel-moeda e o estabelecimento de uma ordem mundial econômica mais escravizante. O dólar dos EE.UU. não se mantém pelo padrão ouro, nem prata, mas sim, pela fé das pessoas em que é estável e seguro. Se as gentes perdessem essa fé no dólar, no euro ou no yen, poderiam desejar retirar o dinheiro de seu banco e transferí-lo a um valor mais seguro, como o ouro, ou a prata.

A quebra financeira estaria assegurada se pessoas suficientes fizessem isso. A Nova Ordem Mundial quer ver essa quebra financeira, mas apenas quando eles estiverem preparados e nunca quando as gentes façam valer sua força.

Em seu livro *Delicate Balance: Catastrophic Changes on Planet Earth**, John Zajak explica que «paralisar o sistema econômico é tão simples como compreender que o papel moeda é só papel, que não tem nenhum valor e que não sustenta nenhuma garantia segura. Se se produzir um choque global do mercado de valores, terá sido planejado nos bastidores pelas mesmíssimas organizações e seus representantes que estão à frente da Nova Ordem Mundial: os bilderberger, a Comissão Trilateral, o Council on Foreign Relations. E poderiam “reter” tudo o que você possui, todos seus bens, benefícios e direitos, apenas pulsando alguns botões na Secretaria de Fazenda, ou quem sabe onde. [16]

*[Não é possível tradução literal para o português. O título, numa aproximação, poderia ser:)

«O Equilíbrio Delicado: as mudanças catastróficas vindouras no Planeta Terra».

«Depois de anos de planeamento, investigação e desenvolvimento as instituições financeiras mundiais anunciam, com muita previsão, a sociedade global sem dinheiro. A capacidade de realizar toda ordem de mudança de moeda agora se substitui pela tecnologia do microchip e a moeda eletrônica», explicava Chris Berad em www.geocities.com em 12 de setembro de 2004. [17]

E agora uma corporação multinacional com sede em Londres, Inglaterra, assegura que os canadenses estão preparados para conformarem-se em uma sociedade sem dinheiro, como verá na seguinte seção. [18]

Mondex Internacional é uma companhia global de pagamentos, cujo 51 % pertence ao MasterCard Internacional; 49 % restante à 27 companhias da América do Norte, Europa, Sudeste Asiático, Austrália e Nova Zelândia, que proporciona um sistema sem dinheiro em espécie e que já outorgou a concessão a 20 importantes nações. Este sistema, apoiado na tecnologia de cartões inteligentes que empregam microchips ocultos em um cartão de plástico, foi criado em 1993 pelos banqueiros de Londres, Tim Jones e Graham Higgins, do National Westminster Bank/Courts, o banco pessoal da rainha Elizabeth II.

Nota: MON-DEX é uma palavra composta por outras duas: monetário e destro. Webster os define como monetário = que pertence ao dinheiro, e destro, que pertence a, ou está na mão direita.

Conforme lemos no sítio Web do MasterCard, este sistema elimina a necessidade para os usuários de cartões de ter que manusear bilhetes e moedas, enquanto que também permite pagamentos à vista que se produzem em novos ambientes de aceitação. Comporta-se exatamente como dinheiro em papel-moeda. Como tal, Mondex apresenta uma nova e poderosa oportunidade a sua instituição para reclamar sua ação no mercado global do dinheiro em espécie.

Note como em uma linguagem de amplo espectro, a imprensa controlada por Bilderberg manipula sagazmente as pessoas para persuadí-las a aceitarem SmartCard como a via do futuro, sem no entanto, mencionar os perigos presentes em seu uso.

Este sistema sem dinheiro se provou sobejamente na cidade de Guelph, Ontario e em Sherbrooke, Quebec, Canadá, Reino Unido e nos Estados Unidos. Todos os bancos canadenses assinaram um contrato com Mondex e o promoveram ativamente. A escolha do Canadá é um caso curioso. Os canadenses são, em segundo lugar, os maiores usuários per capita de cartões de plástico no mundo, incluindo mais de 30 milhões de cartões de crédito em circulação num país com 30 milhões de habitantes. Já em 1997, os canadenses somaram quase tantas transações com o cartão de débito como os estadunidenses. [20] Isso em termos absolutos.

A Associação de Banqueiros do Canadá (CBA) estimou que no exercício econômico do ano que terminava, em 30 de junho de 2003, mais de 85 % das transações bancárias do consumidor se fizeram eletronicamente. [21]

A estatística do IDP (Interac Direct Pay) aponta que uma sociedade sem dinheiro é uma realidade inevitável. Um estudo recente mostra que 71 % dos canadenses utiliza o IDP como método de pagamento, em oposição com 27 % de

canadenses que utilizam o dinheiro em espécie para os pagamentos comerciais. [22] Mais de 150 corporações em 20 países estão empenhadas na inserção do Mondex no mundo e muitas nações já obtiveram a concessão para utilizá-lo: Reino Unido, Canadá, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Israel, Hong Kong, China, Indonésia, Macau, Malásia, Filipinas, Singapura, Tailândia, Índia, Taiwan, Sri Lanka, Costa Rica, Guatemala, Nicarágua, Panamá, Honduras, El Salvador e Belize. [23]

Então, o que é exatamente um Cartão Inteligente Mondex?

Barbara Brown, em um artigo escrito para o Hamilton Spectator explica que o cartão «parece simplesmente um cartão de plástico convencional, mas com uma diferença significativa. Em vez de uma tarja magnética ao lado, tem um pequeno chip de ouro embutido, com a capacidade de armazenar informação (o que significa que armazena dinheiro eletrônico, identificação, outras informações e realiza operações). Os clientes podem sacar dinheiro de suas contas bancárias, com seus cartões inteligentes, inserindo o cartão nos caixas automáticos. Por isso pode-se gastar esse dinheiro eletrônico em pequenas quantidades, nos comércios integrados nesse sistema e em restaurantes, telefones públicos e ônibus municipais». [24]

O problema do Mondex era que as transações não eram anônimas, posto que a identidade do dono se codifica no vale. Cada cartão tem um número de identificação exclusivo relacionado à pessoa a quem se emitiu dito cartão. A diferença dos cartões telefônicos pré-pagos, que se apóiam também em cartões inteligentes, é que não se pode comprar um Cartão do Mondex sem revelar sua identidade. [25] (Não é assim com o Cartão Inteligente Octopus, o cartão anônimo número um no mundo, que não requer identificação, como explicarei nos parágrafos seguintes. Se um proprietário o perde, só se perde o dinheiro armazenado. No cartão não se armazena nenhuma informação pessoal, nem contas bancárias, ou cartões de crédito.)

Adiante as tarjetas inteligentes da nova geração.

Desde Dexit, com base em Toronto, (32.000 usuários) até o super avançado Cartão Eletrônico Moneo (850.000 consumidores utilizam os cartões agora com regularidade em 80.000 lojas de comestíveis, estacionamento, ou nas máquinas vendedoras. A característica do cartão inteligente se acrescentou automática e secretamente à 25 milhões de cartões de crédito que se deviam renovar, mas seus donos nem sempre sabem disso), ou os cartões Edy do Japão (sabe-se que há 650.000 moedeiros eletrônicos em circulação e que se podem utilizar em 2.100 lojas). [26]

Um dado: em escala mundial o campeão indiscutível é o Cartão Inteligente Octopus de Hong Kong, criado em 1997. Em sua classe é o sistema mais bem-sucedido do mundo, com mais de 12 milhões de cartões em circulação (quase duas vezes o dobro da população de Hong Kong) e com mais de oito milhões de transações por dia. [27] O cartão Octopus utiliza um chip de identificação com radio-frequência Sony 13.56 MHz FeliCa (RFID). Os dados se transmitem acima dos 212 kbit/s (a velocidade máxima dos chips do Sony FeliCa), comparados com os 9,6 kbit/s para o Mondex e o Visa Cash. Octopus está especificamente desenhado para que as transações retransmitam-se segundo um protocolo de

armazenagem e envio; sem nenhum requisito de unidades de leitor, para ter-se comunicações de ida e volta em tempo real com uma base de dados ou com o computador central. Não é assim para um cartão de crédito, ou débito onde se requerem sempre comunicações de ida e volta em tempo real. A partir de 2005, a Oracle Corporation proporciona os sistemas de base de dados. Como apontamento, a Mondex se retirou do lucrativo mercado de Hong Kong, esgrimindo como razão a popularidade do Octopus e a aceitação geral da população. Além disso, o Cartão Mondex necessitava 5 segundos para processar uma transação, contra os 0,3 segundos requeridos pelo cartão Octopus. [28]

A União Européia espera adotar o sistema dos cartões inteligentes como solução para sua moeda unificada em 2005. Não é surpreendente. Em geral, estas decisões tomam-se na reunião anual do Grupo Bilderberg, dando-lhe então legitimidade pública nos foros internacionais como o G8, ou o Foro Econômico Mundial de Davos. Os comissionados da União Européia e vários membros influentes do Parlamento europeu pertencem ao Clube Bilderberg, à Comissão Trilateral, ou vários grupos de peritos que participam de mais de um grupo. Então os bilderbergers ditam à imprensa (que eles controlam) a propaganda necessária destinada a influenciar o público na criação de uma opinião favorável. Como já pôde observar, os bilderbergers familiarizaram gradualmente à sociedade com a idéia de um sistema sem dinheiro. Primeiro tivemos cheques, depois os cartões de crédito, depois os cartões de débito com acesso aos caixas automáticos; mais tarde os Cartões Inteligentes e, finalmente, farão público o Transpondedor Implantável (ou um dispositivo semelhante). O que vem em continuação, e que trago de novo a sua atenção, é um anúncio do Mondex que procede do próprio site Web do MasterCard: «Acabou-se a necessidade para os usuários de cartões de ter que manusear bilhetes e moedas, enquanto que também permite pagamentos à vista que se produzem em novos ambientes de aceitação. Equivale exatamente ao dinheiro em papel-moeda. Como tal, o Mondex apresenta uma nova e poderosa oportunidade à sua instituição para reclamar sua ação no mercado global de dinheiro em espécie.» [29]

«O microchip da marca Infopet injeta-se de forma indolor no pescoço do animal, justamente sob a pele, antes da adoção. O número exclusivo do chip se escreve junto do nome do dono, de seu endereço e número de telefone. Esta informação registra-se na base de dados do centro de acolhida e também se envia à sede do Infopet onde se mantém uma lista informatizada em escala nacional. Cada animal que cruza nossas portas, morto ou vivo, é escaneado com uma varinha portátil que percebe o chip e permite visualizar o número de identificação pessoal.»

O sistema Infopet permite levar uma estreita vigilância de mais de um trilhão de animais domésticos mediante satélites e torres celulares, simultaneamente. Deixa a descoberto um sinal criado pelo localizador digital, em intervalos específicos, assim como, informação essencial sobre o animal. Há alguma razão pela qual isto não possa acontecer conosco, nós, os novilhos humanos?

Há um lado positivo da história. A Motorola desenvolveu os biochips implantáveis para humanos - BT952000 – criados a partir da tecnologia médica e implantados em pessoas por razões médicas, tais como a enfermidade de

Alzheimer, por exemplo, que transmite ao satélite, continuamente, por raios curtos de alta frequência ultra. Não obstante, se a tecnologia pode implantar-se para controlar às pessoas que padecem de Alzheimer, por que não poderia ser implantada para controlar criminosos, pedófilos, forças especiais em missões secretas de governo, drogados, violadores, maltratadores – ou, por que não - esses elementos indesejáveis da sociedade, capazes de instigar e cooptar pessoas decentes a seu intento de derrocar a ameaça de usurpação por parte da Única Ditadura Mundial?

O biochip da Motorola mede 7 mm de longitude e 0,75 mm de largura, e tem aproximadamente o tamanho de um grão de arroz. Contém um transpondedor e uma bateria recarregável de lítio. A bateria se carrega por um circuito termopar (ou par térmico) com 250.000 componentes eletrônicos em que se produz a voltagem de flutuações da temperatura corporal.

A bateria de lítio se carrega através de uma variação máxima na temperatura corporal. A título de anedota, os investigadores gastaram 1,5 milhões de dólares do dinheiro dos contribuintes para analisar as duas melhores partes do corpo onde implantar esse elemento, para aproveitar os graus máximos da variação da temperatura. Depois de meses de investigação, determinaram que os dois melhores lugares para implantá-lo seriam, em primeiro lugar a mão direita, e depois a frente.

Segundo minhas fontes do Ministério de Defesa dos E.U.A., o microchip para humanos armazenará nove elementos: o nome e o retrato digital; os dados digitalizados das impressões digitais; a descrição física; seu endereço atual e os precedentes; o histórico familiar; a profissão e os ganhos atuais; informação fiscal e todas as dívidas; seus antecedentes penais se tiver algum e seu novo número de segurança social constituídos em 18 dígitos. Os primeiros cinco [5] de seu código postal, com o adicional quatro [4], depois da guia e seu número de segurança social [9]. Estes 18 dígitos se agruparão em três seções de seis números cada uma.

O nome em chave para este projeto era Tessera.

«Tessera» era o emblema romano de propriedade colocado em seus escravos e que, ao ser retirado, imprimia-lhe uma marca indelével.

O que segue está extraído diretamente do escritório de patentes dos EE. UU., em <http://www.uspto.gov>:

Número de patente dos Estados Unidos 5.629.678: Sistema de recuperação e seguimento de pessoas. Patente de um chip GPS «suficientemente pequeno para poder implantar-se em um ser humano» (citação literal). Permite encontrar pessoas mediante satélites GPS em qualquer parte da Terra. Data de registro: 10 de janeiro de 1995. Inventor: Paul A. Galgano, Belmont, Mass.

Patente número 5.878.155 emitida em 12 de março de 1999: Código de barras tatuado sobre um indivíduo.

Na realidade, método de verificação da identidade pessoal durante as transações de vendas eletrônicas. Emitido em Houston pelo inventor Thomas W. Heeter descrito como «resumo» da patente do Heeter: «Apresenta-se um método para facilitar as transações de venda eletrônicas mediante meios eletrônicos. Um código de barras ou um desenho se tatuam no indivíduo. Antes de que se efetive a venda, a tatuagem é registrada com um scanner. As características do scanner

registrado se comparam com as características de outras tatuagens armazenadas em uma base de dados informatizada para verificar a identidade do comprador. Uma vez comprovada, o vendedor pode ser autorizado a cobrar a importância na conta bancária eletrônica do comprador para efetuar a transação. A conta bancária eletrônica do vendedor se atualizará de maneira similar.»

O invento do Heeter está orientado para o comércio eletrônico mediante a rede.

WorldNet Daily reconhece que «o comércio eletrônico mediante a rede cresce em espiral ascendente, e o mercado europeu espera superar à comunidade americana "online" em um par de anos; as vendas potenciais em linha se projetaram para alcançar quase 1 trilhão de dólares por volta do ano 2003». [30]

Recorde o experimento do Baja Beach Club Barcelona, a companhia que, subministra a seus clientes chips implantáveis chamados VeriChip.

É uma mera coincidência que IBM, a companhia que está detrás de VeriChip, fora a encarregada do sistema de catalogação utilizado pelos nazistas para armazenar informação sobre os judeus na Alemanha. E já sabemos o que se passou ali.

Os diretores do Applied Digital, a companhia que produz o microchip, acredita que «o mercado para tais dispositivos poderia ser enorme futuramente, a longo prazo alcançaria uma cifra tão alta como cem bilhões de dólares ao ano com o uso adicional do VeriChip em marca-passo implantável, desfibriladores e juntas artificiais como meio de identificação. Visite seu sítio Web para ver o que se parecerá seu futuro, em www.adxs.com».

O transporte público de Londres

BBC News Online informa que «com o novo sistema (o Cartão Inteligente Oyster), a companhia de transportes londrino poderá rastrear os movimentos dos viajantes, planejando além disso reunir informação das viagens feitas durante "um certo número de anos". Cada cartão tem um número exclusivo de identificação pessoal relacionado com o nome do dono registrado, que se registra junto à localização e o tempo, a cada vez que se usa o cartão».

Segundo a companhia de Transportes de Londres, tal como informou a BBC, «os dados, retidos para propósitos comerciais, poderiam ser facilitados aos organismos de Segurança do Estado em algumas circunstâncias. Todo aquele que queira utilizar um abono mensal ou anual terá que registrar seus dados pessoais no Transporte de Londres».

Como funciona?

«Uma pequena quantidade de dados sobre o viajante possuidor da cartão, incluindo um número exclusivo de identificação, armazenam-se em seu interior. Quando o cartão é apresentado em uma estação de metrô ou em um ônibus, o número de identificação, junto à informação que inclui a situação e o tempo da transação, são enviados do leitor de cartões à base de dados central. Com o tempo, a companhia de Transportes de Londres acumulará uma base de dados com os movimentos exatos de um significativo número de pessoas que vivem ou trabalham em Londres».

Segundo a Comissão de Informação do Transporte de Londres: «Os organismos de Segurança do Estado podem ter acesso aos dados eletrônicos armazenados desta natureza, e admitimos que é provável que a informação se use como evidências ante um tribunal.» Entretanto, quem pode afirmar que os organismos de Segurança do Estado não usarão a mesma base de dados contra aqueles entre nós que nos opusermos aos planos da Escravidão Total? Se a lei tiver acesso a nossa base de dados, as nossas compras, chamadas telefônicas, relações de parentesco, histórico médico, quem pode dizer que para nos apanhar e nos eliminar não manipularão essa informação confidencial para seu benefício? Uma vez que os bilderbergers nos marquem como criminosos a imprensa obediente verterá rios de tinta para converter a pessoa em Inimigo Número 1 da nação. Os novinhos do rebanho - quer dizer a maioria, essas obedientes pessoas que trabalham duramente e que não pararam para refletir se o que se diz é verdade ou apenas um magistral engodo orquestrado pela Nova Ordem Mundial - seguir-lhes-ão o jogo e dar-lhes-ão u'a mão. Como exemplo digno de menção: há anos minha ex-sogra - uma bem-sucedida mulher de negócios de uma das maiores corporações do mundo - no calor de uma discussão respondeu que não acreditaria no que eu lhe dizia, até que o visse nas notícias televisivas da noite (!!!), C.Q.D.

O Sistema de Transporte público de Washington

Entra em vigor em 28 de junho de 2004: os Cartões SmarTrips são a única forma de pagamento aceito nos transportes metropolitanos e nos estacionamentos de Washington. [31]

A publicidade difunde: «Compre em linha com seu Visa, MasterCard ou Discover Card. O custo total da compra em linha é de 25 dólares. Isto se deve a que lhe enviaremos seu cartão de fidelidade SmarTrip com 20 dólares de valor integrados ao cartão.»

O Cartão de Fidelidade

O Cartão de Fidelidade está desenhado para ajudar o comerciante a «recompensar os clientes (mais) valiosos com melhores preços». Não há nada mau nisso. Salvo que ninguém mencionou que essa não é a principal razão de ser para que os comerciantes emitam esses cartões. A expressão «clientes valiosos» é a palavra chave da indústria para referir-se a quais compradores gastam a maior parte de seu dinheiro em nossas lojas».

Para que se utilizam?

O Cartão de Fidelidade é formatado para reunir uma grande quantidade de dados a respeito de seus hábitos de compra. Uma vez que os dados se acumulam e os hábitos do cliente são identificados, os comerciantes utilizam a informação para subir estrategicamente os preços e aumentar seus lucros. Este é o modo por que trabalham: quando você compra um artigo, um caixa passa o cartão por um scanner que grava a informação da compra em um arquivo informatizado, conectado aos dados de seu uso de cartão.

Posto que os Cartões de Fidelidade estão projetados para recompensar aos clientes «fiéis» que compram com frequência, o resultado que surge a partir de seus hábitos de compra e das características de sua casa é um retrato minucioso. Além disso, cada corredor está equipado com uma câmara de vídeo de segurança que permite aos comerciantes seguir a pista de cada um de seus movimentos na loja.

O objetivo último dos comerciantes é conseguir que você compre. Como? Por exemplo, apresentam-lhe um novo refrigerante oferecendo-o a baixo custo e passam a rastrear seus hábitos aquisitivos semanalmente; se você segue comprando o produto, aumenta-se o preço gradualmente. Se você continuar comprando é por estar “enganchado” ao produto. Você foi vigiado e observado. Este é um método muito similar ao que utilizam os traficantes de drogas para que seus clientes se convertam em viciados.

Interessante, não é?

O futuro

Nos programas-pilotos - super secretos! - para comerciantes, se introduzem novos cartões inteligentes com um chip integrado que se ativam automaticamente sem seu conhecimento quando você entra no supermercado.

Em maio de 2004, Wal-Mart, a maior empresa do mundo em venda ao público, pôs em marcha uma Experiência Piloto com etiquetas de Identificação pela Rádio-frequência (RFIDs) em seu centro de distribuição do Sanger Texas e em um número de pontos de venda em pequenas quantidades ao longo dos Estados Unidos. Devido ao êxito da prova, Wal-Mart obrigou seus cem primeiros fornecedores, a implantar chips em todas suas caixas e plataformas com etiquetas RFID por volta de 1 de janeiro de 2005.

O Ministério de Defesa dos Estados Unidos também utiliza os chips do mesmo modo que alguns dos comércios maiores do mundo, como Carrefour, Tesco e Ahold.

A Gillette, fabricante americana de lâminas de barbear e de bens de consumo, encomendou 500 milhões de etiquetas de Identificação Pessoal. [32] Marks & Spencer, uma cadeia britânica de lojas de roupas, levou a cabo uma prova secreta em seis de suas lojas durante os Natais (o período natalino de 2004). Mas outras empresas parecem estar ficando para trás. O gigante têxtil italiano Benetton pensava colocar chips de localização em sua roupa, que pudessem ser lidos à distância e utilizados para controlar movimentos de pessoas que a levasse. Assim foi até que o jornalista especializado em tecnologia da Associated Press Jim Krane fez pública a notícia, em 11 de março de 2003, e os planos secretos de Benetton ocuparam as primeiras páginas dos periódicos de âmbito internacional:

«A roupa de Benetton levará diminutos transmissores de localização», Associated Press, Jim Krane, 11 de março de 2003.

A roupa vendida nas lojas Benetton logo conterà transmissores microchip que permitirão que o comerciante italiano siga a pista de suas peças de vestuário desde o ponto de manufatura até o momento de serem vendidas, em qualquer de suas 5.000 lojas.

Frente ao boicote de grupos que defendiam o direito à intimidade, a companhia se retratou publicamente de seus planos de equipar com chips diminutos de vigilância remota e de localização 100 milhões de objetos de vestir, segundo o comunicado de imprensa emitido em 4 de abril de 2003. (Para ler o comunicado de imprensa, visite: «Os microchips não estarão presentes em nossos objetos de vestir; não se tomou a decisão sobre seu uso industrial», www.benetton.com/press/sito/media/pressreleases/rfiding.pdf)

«Benetton considera seus projetos com chips. O fabricante de roupa ainda pensa em empregar em seus produtos chips de identidade por radio-frequência,» Winston Chai, CNET da Ásia e Richard Shim, 7 de abril de 2003.

O fabricante de modas Benetton deixou claros seus projetos em relação às etiquetas de radio-frequência, em resposta às notícias que informavam que estão preparando utilizar milhões destes dispositivos em seus produtos, para poder seguir a pista do inventário. Na segunda-feira, o porta-voz da empresa declarou que a empresa só comprou até a data 200 chips identificadores por radio frequência e que ainda estão estudando se utilizarão ou não a controvertida tecnologia para controlar seus produtos. O porta-voz Federico Sartor disse que se interpretou mal o emprego dos RFID por parte de Benetton e, embora a empresa não considerasse que este fosse um tema importante, entretanto, a preocupação nos mercados financeiros quanto ao custo da tecnologia e suas vantagens fizeram que a empresa deixasse clara sua posição: «Neste momento não usamos nenhum RFID em nenhuma de nossos mais de cem milhões de objetos de vestir», declarou.

Em seu relatório de novembro de 2003, A.T. Kearney estimava que os gastos alcançariam 100.000 dólares por loja e 400.000 dólares por centro de distribuição para incorporar um sistema de RFID. Segundo o mesmo relatório, a redução de artigos fora de stock só gerará 700 milhões de dólares de créditos anuais à companhia, contra o trilhão de dólares que se conseguem com as vendas anuais. [33]

Agora bem, se Wal-Mart pode localizar ou acompanhar um pacote quando este estiver em um depósito, em suas prateleiras ou nas Nações Unidas, o que impediria ao ditador mundial, ou ao próprio Wal-Mart, ou ao Carrefour, ou à Benetton, ou às Nações Unidas que espiem permanentemente a nós, os novinhos humanos?

Em 13 de dezembro de 2004, em um artigo publicado no periódico norueguês www.digi.no. os «Mapas do Maurader» do RFID com motor/impulsado estão de volta na esquina. Nas novelas do personagem Harry Potter existe um mapa mágico que mostra o paradeiro da gente mediante pontos que trocam de lugar sobre um pedaço encantado de pergaminho...

A empresa noruega Wavedancer (www.wavedancer.no) está desenvolvendo um sistema de segurança RFID a partir de etiquetas de acesso, ou de vantagens com possibilidade do RFID e um mapa do plano do edifício apoiado na vigilância da entrada/saída até as instalações.

Para o RFID, o objetivo último é criar «um mundo fisicamente unido no qual cada artigo do planeta esteja numerado, identificado, catalogado e localizado». Como pode ver no sítio Web de Wavedancer, a tecnologia existe para tornar isto

realidade. Descrito como «um problema mais político que tecnológico», a criação de um sistema global «...implicaria a negociação e o acordo geral entre diferentes países». [36] Até que ponto seria mais fácil tudo isto se os diferentes países estivessem sob o guarda-chuva «protetor» de um Governo Mundial Único?

As Carteiras de motorista nos EE.UU.

A invasão da Nova Ordem Mundial mediante seu programa de Vigilância Total alcançou dimensões epidêmicas. A última vítima é a Carteira de Motorista nos Estados Unidos, que usará códigos de barras e tarjas magnéticas melhoradas e realçadas.

Lembra-se do lobo feroz da Chapeuzinho Vermelho?, «Por que tem esses olhos tão grandes, vovozinha?», perguntou a menina. «Para ver-te melhor», respondeu o lobo, antes de comê-la. Para que necessitamos um código de barras de metal dilatado e uma tarja magnética nas carteiras de motorista? Para que o Estado possa controlar cada um de nossos movimentos, armazenando uma quantidade significativa de dados de nossa vida! Em Um número em lugar de um nome: O Estado onipresente (A Number, Not A name: Big Brother By Stealth), Claire Wolfe, ex-responsável por comunicações corporativas e publicitária para a empresa Fortuna 100, que se converteu em escritora dissidente em prol da liberdade e com a vontade de advertir sobre os perigos de uma Nova Ordem Mundial, explica: «O cartão converte-se em um diminuto banco de dados que contém toda a informação eletronicamente legível como carteira de motorista, emprego, idade, sexo, raça, número da segurança social e antecedentes penais. Os cartões mais sofisticados (quando toda a tecnologia esteja finalmente encaixada nos chips se converterá em rentável) terão capacidade para conter muito maior quantidade de dados, que poderiam incluir seu histórico clínico, títulos e certificados de estudos, histórico trabalhista, explorações de DNA e, virtualmente, algo que o governo decida autorizar, ou um burocrata (não eleito) decida regular, para obter sua permissão.» [35]

Bem-vindos ao pesadelo! As leis que vão a seguir são da 104 sessão do Congresso (1995-1996) dos Estados Unidos.

Lei pública 104-208 e Lei pública 104-193 [leia-se Lei da reforma de bem-estar de 1996, desconhecida para todos, exceto os mais perseverantes e tenazes.

Perguntei a vários membros do Congresso se podiam me explicar a lei. Nenhum deles tinham nem idéia do que eu lhes estava falando, apesar de que eles mesmos tinham votado a favor de tal lei! Não é de estranhar. Com a quantidade assombrosa de legislações que existem, ninguém tem tempo de ler as milhares de páginas entre as quais parece haver uma lei insignificante que afeta a um pequeno segmento da população. Mas esta é extremamente importante.) As previsões que se recolhem na lei requerem o desenvolvimento de cartões da Segurança Social que se possam escanear. Para compreender totalmente a importância do elemento oculto na PL 104-208, deve ler-se conjuntamente com a Divisão C, o Título IV, o Subtítulo A, e o documento das seções 401-404, deste modo aprovados durante a 104 sessão do Congresso em 1995-1996:

A Divisão C, o Título IV, o Subtítulo A, e as Seções 401-404 ordenam programas piloto onde as pessoas que procuram trabalho necessitarão da permissão do Governo Federal, antes de obter a permissão para trabalhar. Aí é onde os cartões da Segurança Social Escaneáveis entram em jogo! As «insignificantes» leis públicas 104-108 e 104-193, votadas favoravelmente pelos estúpidos congressistas, serão usadas para transmitir a identificação pessoal do empregado potencial a Washington e receber um visto bom por parte da Administração da Segurança Social.

Em outras palavras, o número da Segurança Social, que nos Estados Unidos nunca tinha sido obrigatório, já o é hoje em dia. Paulatinamente se está convertendo em um número de identificação pessoal extra-oficial que, com as mais recentes modificações, pode armazenar uma quantidade incrível de dados pessoais. E para fazer modificações a toda prova, o governo americano contratou dois dos personagens mais insólitos...

A conexão KGB/Stasi*

*[Nome popular da Staatssicherheitsdienst (Serviço de Segurança do Estado) da República Democrática da Alemanha.]

O tenente comandante aposentado da Marinha dos EE.UU. Al Martin relatou, em 17 de março de 2003, que o Departamento de Segurança do Estado contratou na qualidade de assessor, o antigo chefe da KGB, general Yevgueni Primakov, último general da KGB antes do desmoronamento da União Soviética. Em 6 de dezembro de 2004, PrisonPlanet.com divulgou que, além de Primakov, a Segurança do Estado contratou o antigo diretor da Stasi, Markus Wolff, o homem que com eficácia construiu o Aparelho de Inteligência Estatal na Alemanha Oriental. A maior ironia de todo o assunto é que os ex-funcionários da KGB e da Stasi são pagos com dinheiro dos contribuintes americanos. Para que contrataria o Governo dos Estados Unidos aos antigos chefes do Serviço Secreto Soviético e da Alemanha Oriental?

Tanto Al Martin como Alex Jones do PrisonPlanet.com, junto aos principais dissidentes da corrente principal estabelecida, divulgaram que o Departamento de Segurança do Estado dos USA contratou aos dois ex-espões como assessores para pôr em prática o CAPPS II (leia-a Vigilância do Governo Mediante a Identidade do Passageiro) e o Sistema de Carteiras de Identidade Nacional que Primakov chamou «Passaporte Interno». O antigo general de contra-espionagem da KGB Oleg Kalugin, filho de um membro da polícia secreta do Stalin, hoje empregado no Fox News como comentarista, também confirmou a informação (quer dizer, que os dois antigos espões tenham relação com o Departamento de Segurança do Estado [DHS] é uma patranha da Administração Bush, uma desinformação muito eficaz para ocultar o fato de que o que ocorre é que é o almirante John Poidexter, do Escritório de Informação [OIA], quem contratou tanto ao Primakov como Wolf, os quais desenvolveram uma armadilha para espiar os americanos).

Segundo o general Primakov, ambos são autorizados a conduzir o CAPPS II, este já munido de características novas para a melhoria dos instrumentos de

identificação. O objetivo de dita prática é nos acostumarmos «aos novos tipos de documentação e a levar os novos tipos de carteiras de Identidade Pessoal, conforme à política formal de passaportes internos que instituiu os Estados Unidos». As letras entre aspas põem de relevo as palavras exatas do general Primakov. Um artigo aparecido em 10/11/04 no The New York Times cita um analista político do Consumer Alert, James C. Plumer, que utiliza as mesmas palavras para descrever a permissão de conduzir: «Basicamente está se considerando ter um sistema de passaportes internos.»

Em 11 de outubro de 2004 o New York Time também publicou um artigo intitulado «O Congresso está a ponto de aprovar a normativa para as carteiras de motorista», no que se afirmava que «a Casa Branca e o Senado avançam no consenso sobre o regime para os estados que padronizariam a documentação requerida para obter uma carteira de motorista, e os dados que a permissão deveria recolher».

Al Martin explica como funcionaria o sistema: «Você dá (às autoridades) seu cartão de crédito e, como você está registrado em uma base de dados, depois de clicar um botão o monitor lê: CAPPs II, SS, CTF. SS CTF o que significa "Arquivo de Ameaça de Cidadãos (não se explica o que é tal ameaça) da Segurança do Estado.» A informação vai diretamente a uma nova divisão estabelecida entre a Brigada de Investigação Criminal, o Departamento da Segurança do Estado e a Agência Central de Inteligência (Cia) e outras várias agências federais, que se referem ao Escritório de Segurança Interna, o qual coordena os esforços para estabelecer arquivos de ameaça sobre cada cidadão americano.

Desde janeiro de 2005 funcionários do Governo americano negaram-se a comentar exatamente a quais e a quanta informação se tem acesso ou que tipo de informação se incluirá no "Arquivo de Ameaça" de cada cidadão. Será uma enorme base de dados que incluirá arquivos de crédito, arquivos médicos, filiação política e religiosa, histórico militar, a assistência, atos antigovernamentais, etc.»

Entretanto, isso não é tudo. Por que desejaria o Governo americano contratar um super espião da Alemanha Oriental, um destacado membro da Stasi como Wolff? Martin declarou que «Wolff converteria metade da população em informadores. Essa é sua verdadeira especialidade, tomar uma população, construindo várias divisões estatais, mecanismos de controle, para recrutar e organizar informadores dentro da população». E é, precisamente, o que Primakov deu a entender numa entrevista concedida à BBC, que «misteriosamente» desapareceu. O plano consiste claramente em ampliar a vigilância do governo e os poderes de detenção. A desculpa da investigação contra o terrorismo valerá para recolher o DNA de qualquer indivíduo, ampliar as autorizações para realizar escutas em segredo ou vigiar Internet. O regime sabe que, uma vez que todo o programa do Patriot Act II se plasme na lei, poder-se-á começar a trabalhar na Patriot Act III. Entre os elementos que se consideram nesta lei está o emprego de tortura em grande escala como meio de investigação.

Embora Bush e companhia não advoguem publicamente pela tortura, a idéia foi acolhida e acobertada pela imprensa «confiável» e obediente. Entretanto, conforme a pesquisa da CNN, 45 % dos americanos não se oporia à tortura de

alguém se isso proporcionasse informação sobre o terrorismo. Agora bem, como se sentiriam estes agradáveis e amáveis cidadãos quando algum de seus próximos se convertesse em um «terrorista» porque assim o marcou o Estado? Seu delito... negar-se a delatar àqueles que o rodeiam. Stalin era um mestre em confrontar um membro da família com outro. Dessa maneira controlava ambos os membros e podia confiar na valiosa informação procedente de duas fontes. A partir daqui começarão a estabelecer o mecanismo interno para coordenar - como uma função oficial de estado - um Sistema de Informadores. A especialidade do Wolff foi converter a Alemanha Oriental no maior e mais eficiente estado de informadores jamais criado.

Fontes próximas à Al Martin disseram de forma confidencial à Alex Jones, o produtor executivo e apresentador do PrisonPlanet.com, que um deputado americano também havia confirmado a nomeação do Wolff.

Em uma entrevista no show do Alex Jones, Martin resumiu a agenda imediata: «A parte restante das recomendações da Comissão de Inteligência 11/09, que inclui a introdução de uma Carteira de Identidade Nacional, seria passada e posteriormente à Patriot Act III, que incluiria o estabelecimento formal de uma organização de espionagem de tipo Stasi, a qual teria objetivos parecidos com o programa TIPS (Informação de Terrorismo e Sistema de Prevenção)».

O Programa de Informação de Terrorismo e Sistema de Prevenção (TIPS) tem como objetivo recrutar milhões de cidadãos dos Estados Unidos como informantes domésticos. Na primeira etapa do programa o governo usará um milhão de pessoas como informantes domésticos «organizados», cujos empregos lhes permitam o acesso aos lares particulares, como carteiros, trabalhadores do serviço público, trabalhadores sociais, etc. O programa usaria um mínimo de 4 % dos americanos para informar sobre «atividades suspeitas». A operação TIPS é uma parte do novo programa de Voluntariado Civil do presidente Bush que instiga os americanos estarem alertas contra o «terrorismo». Mas a palavra terrorismo é um eufemismo para designar a qualquer um que esteja contra a Nova Ordem Mundial. O programa está descrito no site Web do Governo norte-americano www.citizencorps.gov.

«Estados Unidos planeja recrutar um de cada 24 americanos como espões cidadãos», The Sunday Morning Herald, Austrália, 15 de julho de 2002.

«Ashcroft (ministro da Justiça) quer que forme: parte do Exército de espões cidadãos», American Free Press, 12 de abril de 2004.

«O espião que lê sua mente», TomPaine.com, 26 de agosto de 2002.

Com a aprovação da Patriot Act III, Wolff e Primakov proporcionariam seu conhecimento inestimável para converter a América do futuro em um Estado Policial.

O surpreendente artigo publicado em American Free Press de 21 de abril de 2002, intitulado «Prepare-se para a "sovietização" da América», citava extensamente ao Primakov. Primakov continuava dizendo aí que «o contrataram como assessor e, como tal, estava levando em conta outras questões "de segurança", uma política em desenvolvimento em várias agências do Governo (alguns: destes escritórios não foram criados ainda) para encurtar sistematicamente os direitos dos americanos e

estender o poder do governo. Primakov declarou não saber a razão de tudo aquilo, fora admitir que isso não tem muito a ver com a luta contra o terrorismo».

O verdadeiro perigo

Por que deveria você preocupar-se?

Porque, tomadas juntas, estas bases de dados, o Sistema de Identidade Pessoal para controlar aos cidadãos e às leis, não revelam nada de bom para os amantes da liberdade. Eles supõem que toda informação sobre sua vida é propriedade do governo. Eles entendem que nos têm que tratar como um rebanho, não como seres humanos independentes e iguais, uns em relação aos outros.

Escravos e não pessoas livres.

Claire Wolff em «Um número em lugar de um nome: O Estado onipresente» escreve: «Você deveria estar preocupado porque, por causa de enganos inocentes, ou de uma corrupção deliberada, você pode perder tudo aquilo pelo qual trabalhou.» Por exemplo, uma vez que os programas-pilotos se convertam em Política Nacional, se seu Cartão de Segurança Social não é lido pelo scanner você não poderá encontrar trabalho em nenhuma parte, seja na Espanha, na Comunidade Européia, ou no mundo, quando os arregimentarem para formar parte de uma Sociedade Global.

Na antiga União Soviética totalitária muitos dissidentes enfrentaram este mesmo problema. Uma vez que fossem marginalizados pelo Estado como inimigos do povo e como agentes da «decadência ocidental», (seus crimes não eram outros que lutar pelos direitos elementares, tais como, a liberdade de expressão); já não lhes permitiam ter um trabalho, nem sustentar a sua família. Pessoas corajosas como Vladimir A. Kozlov, Serguéi V. Mironenko, ou Boris Illinietz, acabavam convertendo-se em indigentes; sem dinheiro; eram separados da sociedade, junto com suas mulheres e filhos; sem que seus amigos pudessem fazer nada para ajudar; atemorizados pela temível perseguição do Estado. Freqüentemente suas famílias, obrigadas a compartilhar um espaço de 60 m² para cinco ou seis membros, não podiam lhes dar alojamento durante mais de dois ou três dias, isso para aqueles que tinham a sorte de ter um apartamento próprio.

Já se vê que com o socialismo um indivíduo não podia possuir nada e além disso, devia compartilhar com outros qualquer bem em usufruto. A Nova Ordem Mundial tem planos parecidos para nós. A meu pai e a minha mãe, que também defenderam a liberdade de expressão, o Estado obrigou-os a viver em 47 casas diferentes, em um período de dois anos (1964-1966). O que Claire Wolff descreve em Um número em lugar de um nome: o Estado onipresente provoca-me uma terrível sensação de déjà vu.

Se alguém quisesse deliberadamente opor-se à próxima etapa de Escravidão Total resultaria difícil, tendo em conta que as redes de controle foram-se colocando, uma após outra, durante muito tempo. «Esta atual janela de oportunidade, durante a qual se poderá construir um mundo de paz e interdependente, não se manterá aberta durante muito tempo. Estamos a beira de uma transformação global. A única coisa que precisamos é uma grande e conveniente crise internacional e as nações aceitarão a Nova Ordem Mundial.»

Obrigado, senhor Rockefeller!

A título de anedota, teremos que dizer que em fins de 2004 só existiam oito países no mundo que usavam um Sistema de Licença de Cartão Inteligente: Argentina, China, El Salvador, Ghana, Guatemala, Índia, Malásia e México. E nenhum desses países é o que um chamaria «uma verdadeira democracia».

Uma Carteira de Identidade Pessoal Universal

O periódico britânico *The Telegraph*, em um artigo publicado em 29 de setembro de 2001, reconhecendo os perigos de uma Carteira de Identidade Universal, fez soar o alarme: «Isto é inevitável porque a carteira de identidade moderna não é um simples pedaço de plástico, mas sim o componente visível de uma rede de tecnologia interativa, que funde as mais íntimas características do indivíduo com a maquinaria do Estado.»

É o meio através do qual os poderes de Governo serão racionalizados e ampliados. Quase todos os sistemas de carteiras de identidade pessoal, introduzidas nos últimos quinze anos, contêm três componentes capazes de devastar a liberdade das pessoas e sua intimidade.

Em primeiro lugar, obrigam todos os cidadãos a deixar impressa suas digitais, ou uma impressão da retina, em uma base nacional de dados. Esta informação se combina com outros dados pessoais como a raça, a idade, o estado em que se reside. Uma fotografia completa o dossiê.

Além disso, a introdução deste sistema deverá acompanhar um aumento substancial no poder de polícia. Depois de tudo, as autoridades quererão poder exigir o cartão em uma ampla gama de circunstâncias e as pessoas terão que obedecer.

O elemento mais significativo, e ainda mais sutil, é que o cartão e seu sistema de numeração permitirão que se conecte à informação de todos os departamentos do Governo. O número é, em última instância, o elemento mais poderoso do sistema.

As autoridades podem obter mais informação pessoal armazenada no chip para confirmar a identidade de seu possuidor. Este processo de validação pode efetuar-se em qualquer lugar - na rua, aeroportos, bancos, piscinas, ou edifícios de escritórios.

Você não ouvirá que algum Governo revele estes aspectos. Ao contrário, dirão que os novos Sistemas de Identificação Pessoal são bondosamente oferecidos como «Cartões Cidadãos» que garantem o direito às vantagens e serviços.

Faz cinco anos o Governo britânico enterrou silenciosamente algumas propostas para carteiras de identidade quando descobriu que custando bilhões de libras além do esperado, serviriam muito pouco para prevenir o crime e podiam tornar-se em amplamente impopulares.

Até que ponto de impopularidade poderiam chegar quando a gente soubesse que seria necessário escanear uma parte de nosso corpo?

Se a carteira de identidade pessoal era virtualmente inviável há cinco anos, por que funcionaria agora? A resposta rápida é que exigiria que se acrescentasse a

biometria e todo o sistema se verificasse mediante uma base de dados nacional. Isso não é uma carteira: é uma infra-estrutura de vigilância nacional.

Se este projeto se apresentar no clima atual, três conseqüências serão inevitáveis. Em primeiro lugar, um cartão de alta segurança se converterá em um passaporte interno, exigido em um número ilimitado de situações (não saia de casa sem isso).

Em segundo lugar, milhões de pessoas se verão em sérios apuros a cada ano por cartões perdidos, roubados, ou danificados, ou devido a avaria do sistema informático, ou da maquinaria de leitura biométrica.

Finalmente, os funcionários abusarão indevidamente dos cartões que usarão como um mecanismo de preconceito, discriminação ou perseguição.

Ninguém foi capaz de identificar nenhum país onde os cartões tenham dissuadido aos terroristas. Para conseguir isso, um governo requereria medidas inconcebíveis em uma sociedade livre. [37]

A Biometria

A Tecnologia de Segurança conhecida como Biometria, em que se apóiam os cartões inteligentes, foi desenvolvida por Tecnologias Keyware. [38] A Tecnologia Biométrica se combinou com a Tecnologia dos cartões inteligentes do Keyware para lançar o Próton CEPS (nome específico do moedeiro eletrônico comum). A companhia disse: «Os dados biográficos do titular do cartão se armazenarão no chip do cartão eletrônico, o qual proporcionará o mais alto nível de segurança para o banco, em casa e no comércio eletrônico.» [39]

Desde fãs da Superbowl (no final do campeonato da liga de futebol americano) com suas caras escaneadas, até o polegar de um menino escaneado na hora de comprar o almoço na cafeteria da escola, as pessoas se verão obrigadas a renunciar a sua intimidade e independência, em troca da «segurança» das Tecnologias Biométricas. [40]

Trate de imaginar as crianças da escola primária obrigadas a imprimir sua impressão digital para conseguir um lanche. Isto é verídico! Ocorreu na Pennsylvania com meninos de sete anos da escola do distrito de Lakeside! [41]

Entretanto, segundo um lobby canadense a favor dos usuários dos cartões bancários, «os programas-pilotos demonstraram que os resultados mais prometedores de aplicação se davam no valor armazenado em espécie, em recintos de identificação do campus, valor armazenado, máquinas vendedoras, biblioteca, refeitórios, centros comerciais e aeroportos». [42]

De um só golpe os governos americano e canadense impuseram uma rede de vigilância à sociedade sem dinheiro e ensinam às crianças que, com o dinheiro em papel-moeda, não conseguirão nunca mais hamburgues. [43]

Alex Jones do PrisonPlanet.com nos faz ver um aspecto extremamente importante. Acima de tudo, treinam as crianças para aceitarem uma sociedade sem dinheiro onde se registram toda as suas transações e, ainda mais importante, esta informação é arquivada em base de dados federais e estatais.

A empresa Indivos, com sede em Oakland, obteve uma patente em agosto de 2002 pelo processamento eletrônico de transações econômicas, como cartões de

débito em linha, mediante o uso de impressões digitais dos clientes para sua autenticação. Conhecida anteriormente como Veristar Corp. Indivos permite aos clientes acessar suas contas correntes, de crédito e fidelidade sem cartões de plástico, papel, contra-senhas, ou números de identificação pessoal. [44]

Mas o pior não é isso: Kroger e as lojas de mantimentos HEB, no Texas, estão tirando os caixas, que saíram de moda, e substituindo por sistemas de scanner e auto-serviço. [45]

Wells Fargo pôs em prática câmaras que escaneiam a cara em bancos de Dallas. [46] Wells Fargo possuía a metade de uma companhia hoje desaparecida que se chamava Inno Ventry nos subúrbios de São Francisco que utilizou a tecnologia de reconhecimento da face para cobrar cheques. Segundo o sítio Web do Inno Ventry, «a companhia tem mais de 850 máquinas, situadas nas principais lojas varejistas de vinte estados. Mais de um milhão de clientes associaram-se para utilizar as máquinas e estes clientes cobraram mais de 3,5 milhões de cheques. As máquinas de revoluções por minuto utilizam uma avançada Tecnologia Biométrica de reconhecimento facial para identificar um cliente, que elimina a necessidade de usar cartões, ou números de identificação pessoais». [47]

Não obstante, para emparelhar as caras e as impressões digitais com os nomes e os números da segurança social, necessitar-se-ia uma sofisticada base de dados? Como consegue uma empresa privada ter em suas mãos uma tão ampla base de dados de uma nação acessível só para os empregados do governo autorizados? Obviamente, comprando-a. Nos últimos oito anos, 38 estados americanos recolheram fotografias digitais, impressões digitais e assinaturas de confiantes titulares de carteiras de motoristas. Isso não é tudo. Em agosto de 2001, o prefeito de Washington anunciou que de todos os alunos seriam escaneados os rostos e as impressões digitais e então se carregaria na base de dados dos titulares de carteiras de motoristas. [48]

Bem-vindos à Matrix.

A Microsoft comprometeu-se a aplicar a Biometria em um futuro lançamento do Windows. COMPAQ Computer construiu um PC com um scanner de impressões digitais instalado no teclado. Visa, MasterCard e Discover estão realizando projetos piloto onde na impressão digital coloca-se o código de barras, o comerciante passa o cartão no leitor, você põe seu dedo sobre um scanner e sabem que o cartão é seu. [49]

Então, deveríamos nos surpreender de que Microsoft, COMPAQ e Oracle sejam membros regulares do Grupo Bilderberg? Em 2004, a Microsoft foi representada na reunião anual do Bilderberg por Craig Mundie (diretor técnico de Estratégias Avançadas e Política). Larry Ellison, presidente da Oracle e Eckhard Pfeiffer, presidente da COMPAQ, assistiram a uma reunião em Sintra, Portugal, em 1999 com o Bill Gates, da Microsoft, e Lou Gerstner, presidente da IBM, onde a Tecnologia Biométrica era, casualmente, a ordem do dia da reunião secreta.

Como apontamento, Oracle está trabalhando na implantação de um sistema (conjuntamente com a CIA e o FBI) para criar uma base de dados, primeiro nos Estados Unidos e, posteriormente, em escala planetária, para incluir nela todos os

dados de qualquer pessoa, desde seu número de passaporte, ou de filiação, à Segurança Social até suas referências bancárias e demais.

Tecnologia não confiável

Entretanto, a Tecnologia Biométrica é muito menos eficaz do que geralmente se crê. [50]

Um matemático japonês (não um engenheiro, um programador, ou um perito em falsificações, mas um matemático) conseguiu enganar a onze leitores de impressões digitais investindo menos de dez dólares em material de fácil obtenção.

Tsutomu Matsumoto duplicou uma impressão digital ressaltando sua impressão sobre cristal (por exemplo, um copo, ou uma janela) mediante adesivo de cianoacrilato (comercialmente distribuído por marcas tão conhecidas como Super Glue) e fotografando o resultado mediante uma câmara digital. A imagem resultante melhorou mediante Photoshop e imprimiu em uma folha de papel transparente.

Matsumoto utilizou tal papel como máscara para gerar um circuito impresso com a imagem da impressão digital (para proporcionar «relevo»). Tal circuito impresso, o material para fixá-lo, revelá-lo e as instruções detalhadas do processo, podem conseguir-se em qualquer loja de eletrônica por menos de 3 euros.

Em seguida obteve um dedo de «gelatina», empregando o circuito impresso, para lhe proporcionar o relevo que imita a impressão digital original.

No total, menos de 10 euros gastos e uma hora de trabalho. O resultado: um «dedo» que passa a prova de um scanner digital com uma precisão de 80 %.

Proibirá o EE.UU. a fabricação e venda de gelatina alimentar por seu possível uso como ferramenta para enganar aos leitores de impressões digitais? Qual será o impacto da divulgação destes problemas nas intenções de realizar pagamentos eletrônicos com uma simples autenticação biométrica? [51]

A Biometria na imprensa

Ao leitor leigo na matéria pode parecer que a Biometria é um tema «obscuro», que rara vez aparece nas notícias. Entretanto, um olhar rápido aos enlaces que estão a seguir bastará para convencer a qualquer crítico de que a Biometria gera notícias suficientes para encher um pequeno tomo. A lista que vem em continuação é uma amostra do que se pode encontrar sobre Biometria apenas arranhando um pouco na superfície.

O projeto de lei em dandamento para a reforma do visto em passaportes pede informação biométrica em «Cartões Inteligentes» para seguir a pista de visitantes estrangeiros. [52]

Que sistema tão maravilhoso! Perseguem-nos como a ratos! Você quer comida? Você quer água? Você quer cruzar a rua? Deve ser escaneado! Ah, e a propósito, entregue-nos suas armas! Identificador pessoal com um abrir e fechar de olhos!

Intervenções policiais e governamentais com a Biometria

Entretanto, tão preocupante como a Tecnologia Biométrica pode ser o emprego que a polícia faça dessa tecnologia para usurpar nossas liberdades; é suficiente para pôr os cabelos em pé. O que encontrará a seguir é só uma lista parcial e muito direta sobre os usos governamentais desta tecnologia.

Anjo Digital

Por outra parte, a Tecnologia da Biônica (ou Eletrônica Biológica) tenta também criar material orgânico (células humanas) relacionadas com chips biométricos para a implantação humana. Os cientistas também trabalham em chips que são metade matéria orgânica e a outra metade silicone. [53]

Enquanto isso, no momento de escrever este livro nos achamos no quinto ano do terceiro milênio. Em razão do choque de civilizações, desde o terrorismo até as guerras, o extremismo, o racismo ou a intolerância, acompanhados de catástrofes naturais, há muitas pessoas dispostas a sacrificar suas liberdades. O «Anjo Digital» toma a substituição na etapa dianteira.

Uma empresa que cota no Nasdaq, Applied Digital Solution Inc. revelou seu dispositivo de rastreamento «Anjo Digital» em miniatura, amplamente anunciado com antecedência e extremamente polêmico. Um dispositivo similar ao que Esperanza Aguirre apresentou em junho de 2004 contra os maltratadores, e que está destinado à implantação subcutânea em um grande número de seres humanos. [54] Por causa da pressão exercida por organizações em prol do direito a intimidade, assim como de organizações cristãs preocupadas com a profecia da Bíblia, «a marca da Besta», todas as referências à implantação subcutânea retiraram-se do sítio Web da empresa comercializada por Nasdaq, www.adxs.com.Dehecho.la.

A empresa declarou publicamente que, definitivamente, o dispositivo de rastreamento não se implantaria sob a pele mas, em troca, poderia ser levado no pulso como um relógio, ou um bracelete.

O que é ainda mais fastidioso é que Applied Digital Solutions adquiriu em 1999 o direito de outorgar a licença do desenvolvimento de aplicações específicas a outras entidades e a procurar coparticipes para desenvolver, ampliar e comercializar ditas tecnologias. [55] A «sociedade conjunta» do ADS pode, em potência e sem muitos ajustes, utilizar-se para perseguir e controlar os cidadãos e os criminosos (há alguma diferença?). Ou possivelmente a gente é um cidadão só até que essa gente imponha-nos a desumanização proposta pela Nova Ordem Mundial. Isto é, quando lhe pendurarem a etiqueta de criminoso e inimigo do Estado, o termo utilizado nos Estados Unidos para referir-se a alguém que está contra o Governo do Bush filho. Os soviéticos empregaram as mesmas táticas nos bons tempos do comunismo, igual fazem os chineses atualmente, e aplicam-se a indivíduos indesejáveis investigados, como eu, o autor deste livro. ADS antecipa um «Mercado Global Comercial [...] que superará os 100 bilhões de dólares». ADS inclusive recebeu um prêmio especial, «Pioneiros da Tecnologia», do Foro Econômico Mundial (em 31 de janeiro de 2000) por suas contribuições «ao desenvolvimento econômico mundial e o progresso social mediante os avanços da tecnologia». [56]

Vál Um mercado global potencial que excederá os 100 bilhões de dólares! Bem-vindos ao Mundo da Vigilância Total. Agora, se você pensar nisso, para alcançar estas cifras astronômicas teria que implantar um microchip a todos os seres humanos de todo o mundo e a uns quantos bichinhos domésticos. O sonho feito realidade para o Governo Mundial Único!

Segundo a página Web do Foro Econômico Mundial, tal organização «é uma organização independente, comprometida em melhorar o estado do mundo [...]; em proporcionar um marco de colaboração com os líderes mundiais, para dirigir questões globais, contratando particularmente a seus membros corporativos na cidadania global». Isto será possível com «a criação da principal sociedade coletiva global de empresários, políticos, intelectuais e outros membros destacados da sociedade para definir e tratar temas chaves da agenda global».

Por que uma organização que trabalha em estreita colaboração com agências como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, a Fundação Rockefeller; com indivíduos como George Soros, Bill Gates, Bill Clinton e companhia (que estão trabalhando pela convergência mais que pela divergência, para uma base de poder centralizada, para um Governo Global), outorga um Prêmio de Tecnologia reconhecendo o trabalho de uma empresa arrivista que acaba de adquirir a patente de um sofisticado microchip implantável? Confiarei um segredo: objetivo principal do Foro Econômico Mundial é a vacinação de cada novilhão humano que povoa o planeta.

Agora imagine, por um lado você tem a tecnologia implantável que deseja «aplicar» em seis bilhões de pessoas que habitam o mundo e ganhar uma dinheirama nesse processo. Por outra parte, você tem uma organização que deseja controlar esses seis bilhões de pessoas. Bem, como poderiam os dois objetivos combinar-se e criar um único objetivo comum? Implantando-o em cada ser humano do mundo. E, como poderia se efetuar isto? Quando formos nos vacinar, é óbvio.

O que vem a seguir está extraído da reunião anual do Foro Econômico Mundial do ano 2000: «Uma nova e ambiciosa iniciativa, que une o setor público com o privado para imunizar todas as crianças do mundo, lançou-se em Davos. GAVI, a Aliança Global para Vacinas e Imunização, tem como objetivo salvar a vida de três milhões de crianças ao ano, assegurando-se de que estejam vacinados contra enfermidades previsíveis. A proposta em marcha da campanha de vacinação chamada "o desafio das crianças" tem-se financiado com a subvenção de 750 milhões de dólares americanos procedentes da Fundação Bill e Melinda Gates (nota do autor: em 2004, Melinda Gates assistiu à conferência secreta do Bilderberg em Stresa, Itália). O presidente do GAVI, Gro Harlem Brundtland, secretário geral da Organização Mundial de Saúde, assinalou que 30 milhões de crianças ainda não têm acesso às vacinas básicas.»

Entra em cena o presidente Clinton, o último globalizador. Em seu discurso sobre o estado da União de 2000, o presidente pediu a ação consertada internacional para combater enfermidades infecciosas em países em vias de desenvolvimento [...] e construir sistemas de distribuição eficazes para outros serviços de saúde básicos.

«O presidente Clinton revela iniciativas para promover a distribuição de vacinas existentes em países em vias de desenvolvimento e acelerar o desenvolvimento de novas vacinas», comunicado do secretário do Gabinete de Imprensa da Casa Branca, 28 de janeiro de 2000.

Isto é o que o comunicado de imprensa da Casa Branca disse:

«A administração Clinton propõe um crédito fiscal de 1 dólar para vacinas que se doarão a uma companhia farmacêutica de um país em vias de desenvolvimento. A proposta do orçamento da Administração Clinton para proporcionar créditos fiscais à companhias farmacêuticas que doem vacinas a países em vias de desenvolvimento é um incentivo suficiente [...] assim asseguramos um mercado futuro para aqueles que necessitam com urgência das vacinas.»

«Lança-se uma campanha de vacinação para todas as crianças do mundo no Foro Econômico Mundial», Foro Econômico Mundial, reunião anual, 31.01.2000.

Assim, aqui o tem. O primeiro passo: eliminação das moedas e do papel moeda. A Nova Ordem Mundial não terá controle total sobre nós até que se eliminem todas e cada uma das moedas e notas da face da Terra. Primeiro tivemos países independentes que pagavam por suas mercadorias e serviços com seu dinheiro. Para aproximar mais o mundo a uma Única Ordem Mundial, estes países se fundiram em uma União dependente. Sua moeda, um símbolo de independência, eliminou-se e se substituiu por uma única moeda. É o estádio em que nos encontramos hoje, quase na metade do ano 2005. O seguinte passo é a eliminação da moeda e substituída por cartões inteligentes. Isto é o que ocorrerá antes de 2010, segundo diversas fontes do Council on Foreign Relations (CFR) e do Clube Bilderberg. O seguinte seria a adoção de «cartões inteligentes» e por último «gente inteligente» com microchips identificadores implantados. Os bilderbergers estão se impacientando; os patriotas americanos os estão fazendo passar mal. A Inglaterra segue sem deixar-se convencer, a União americana e canadense é um sonho impossível, graças aos esforços de pessoas como Jim Tucker, John Whitley ou Michel Chossudovsky, o que significa que o resto de seus diabólicos planos terão que ser adiados. Eles terão um Governo Mundial Único como David Rockefeller declarou em tantas ocasiões. Terão que ver: se mediante meios pacíficos ou mediante o uso de violência abjeta. Não obstante, para a criação de «gente inteligente» o Governo Mundial Único precisará eliminar o dinheiro, adotar os cartões inteligentes como um método viável de compra, eliminar depois os cartões inteligentes à força de convencer à população de que não são de confiar, para acabar substituindo por um microchip permanente e confiável que se converterá em algo tão aceitável para a maioria de vocês como é hoje a Internet. Agora, recorde o ano de 1992. Quantos de vocês poderiam ter imaginado que a Internet se converteria em um modo de vida? Muito trabalho para tão pouco tempo? Não para o David Rockefeller e companhia. Desde 1989, estas pessoas introduziram o Tratado de Livre Comércio, o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio, acordos que triunfaram em seu propósito de destruir a independência dos países como expliquei neste livro e como demonstrei de novo na seção sobre minha investigação do encontro secreto do ano passado, em Stresa, Itália.

Foram eles que tramaram uma falsa queda do Muro de Berlim, ensejando a aproximação das facções da Guerra Fria para um objetivo final: um monopólio global controlado pela Nova Ordem Mundial. Criaram a União Européia, destruindo assim com eficácia a independência dos países que formam a União. Tiraram o dinheiro das mãos dos países independentes e fundiram-no em um dinheiro dependente de muitos. Estão em vias de criar três blocos regionais, o passo penúltimo para obter um Governo Mundial Único: a União Européia, o bloco comercial da América do Norte e do Sul (Mercosul), e em um futuro próximo a União Americana e a União Asiática sob o mando do Japão. Isto é só a ponta do iceberg, os pontos culminantes do que são capazes os bilderbergers e companhia.

Bem, continua acreditando que cinco anos é um período muito curto para esta gente?

A seguinte informação procede da página Web do Applied Digital Solutions www.digitalangelcorp.com: a corporação do Anjo Digital (AMEX: DOC), uma empresa de tecnologia avançada no campo da identificação rápida e precisa, em 24 de maio de 2004, anuncia que está em boa posição para participar do Programa de Passaportes para Animais Domésticos sob mandato da União Européia, disposto para sua proposta em marcha em 1 de outubro de 2004.

A normativa emitida pelo Parlamento Europeu e o Conselho da União Européia, em 26 de maio de 2003, definindo técnicas de identificação obrigatórias para cães, gatos e furões que viajem entre países membros da União Européia, estipulam que durante um período de transição de oito anos só se considerarão identificados aqueles animais que levem uma tatuagem claramente legível, ou um sistema eletrônico de identificação (transpondedor).

«Por conseguinte, embora alguns cidadãos de países membros da União Européia possam viajar agora entre alguns estados da União Européia sem verificação de passaportes, desde 1 de outubro seus animais de companhia requererão um passaporte que levará o microchip do animal ou um número tatuado, assim como, os registros das vacinas, tratamento contra os carrapatos, exames clínicos e outros dados.»

O que a Corporação de Anjo Digital não mencionou é que a tecnologia do passaporte para animais de companhia é facilmente regulável para o emprego em seres humanos. WorldNetDaily, uma das primeiras fontes de informação sobre avanços tecnológicos (segundo algumas pessoas, esta publicação de Internet se financia secretamente graças a elementos renegados da CIA comprometidos a tirar a luz os planos secretos da Nova Ordem Mundial, o qual é bastante provável, porque freqüentemente sua informação é muito boa para vir de fontes não confiáveis) informa em um comunicado exclusivo, em 1 de novembro de 2002, de que «uma companhia comercializada por Nasdaq revelou um projeto amplamente anunciado com antecedência e extremamente polêmico, o "Anjo Digital", um microchip implantável sob a pele concebido não só para introduzir etiquetas nos animais, mas também, para o emprego de localização e acompanhamento de seres humanos por todo o mundo».

Entretanto, leitor, não se engane. A Corporação de Anjo Digital e sua tecnologia não é o problema. O problema é que esta tecnologia esteja em mãos da atual elite de poder. Continuando encontrará alguns títulos de artigos que falam sobre a tecnologia de rastreamento e o mau uso que se planejou para ela:

— «Sai à luz Anjo Digital: uma tecnologia implantável sob a pele para o rastreamento de seres humanos.»

— «Applied Digital Solutions (ADS) propõe implantar aos viajantes com microchips.» [57]

— «Applied Digital Solutions (ADS) impulsionam uma promoção especial incitando aos americanos a adquirir microchips (as primeiras 100.000 pessoas desfrutarão ao subscrever-se de um desconto de 50 dólares).» [58]

— «Apresentação de um microchip que pode tanto implantar-se como levar-se estreitamente preso ao corpo. Prevê-se um mercado de duzentos bilhões.» [59]

— «Provas em humanos com Anjos Digitais Beta. A partir do 15 de julho de 2001, Applied Digital Solutions começará a experimentar em humanos com implante tecnológicos capazes de permitir a seus usuários emitir uma luz buscadora, que possui funções vitais no corpo que fiscalizam e confirmam a identidade nas transações de comércio eletrônico.»

— «A Unidade do Anjo Digital de Applied Digital Solutions passa em um programa piloto, que durará um ano, para controle direto dos detentos em liberdade condicional, no condado de Los Angeles», Applied Digital Solutions, Inc., 7 de novembro de 2001.

— «A etiqueta eletrônica implantável pode rastrear terroristas suspeitos.»

— «Este dispositivo do Grande Irmão expõe sérias perguntas a respeito das liberdades civis, e de como os governos poderiam utilizá-lo para perseguir pessoas inocentes.» American Free Press, 21/9/2001

— «O chip injetável abre a porta ao código de barras humano», 7 de janeiro de 2002.

— «Um professor disposto a conectar um chip em seu sistema nervoso, levando-nos um passo adiante a converter-se em um cyborg - parte humano, parte robô - implantando um chip de silicone que se comunica com seu cérebro» (CNN, 7 de dezembro de 2000).

— «Holanda catalogará sua população seguindo um «número de serviço de cidadão"» Dmeurope.com, 24 de maio de 2004.

— «Uma empresa americana lança a venda no México de um microchip que pode implantar-se nas pessoas». [61]

— «Em 14 de fevereiro de 2003, a Corporação de Anjo Digital anunciou que recebeu dois pedidos de compra por um total de 6.000 de seus GPS pessoais Anjo Digital FM, novidades de conectividades móveis de seu distribuidor exclusivo no México Corporativo Guardian Digital. Furtivamente se evitou mencionar que os microchips se implantarão na segurança e na polícia mexicana.»

— Códigos de barra humanos: chegou o momento de implantar às pessoas com chips identificadores. «O procedimento indolor em apenas 15 minutos. Em seu escritório do sul da Flórida, o doutor Harvey Kleiner aplicou anestesia local no

tríceps de meu braço direito, e logo cravou uma agulha grossa profundamente sob minha pele. [62]

— Implantação de chips aos meninos: uma menina se injetou um localizador para aliviar os temores de seus pais. [63]

— Depois do 11/09 se dá luz verde às implantações de chips. [64]

— A polícia terá o poder de deter e escanear os suspeitos para obter dados biométricos sob seu requerimento».

O Governo desenvolverá uma enorme base de dados automatizada para uns cartões que se requererão para se poder acessar uma gama de serviços públicos, entre eles os Serviços Sanitários. A base se chamará Registro de Identidade Nacional e conterá detalhes de 60 milhões de pessoas que habitam no Reino Unido. [65]

CHAMADA À AÇÃO

Segundo o exposto neste livro, poderia parecer aos que acreditam que há algo de verdade no que digo que tudo está perdido, que é só questão de tempo que sejamos escravizados e enviados a um campo de concentração.

Entretanto, não há nada mais longe da realidade. O movimento para nos livrar das opressivas garras da Nova Ordem Mundial é mais forte cada dia que passa. Não estou sozinho. Se eu fosse o único, ou só fôssemos uns poucos, eles, a Nova Ordem Mundial, teria nos destruído faz tempo. Não têm êxito, nem terão nunca. Os projetos dos globalizadores para conseguir o Poder e a Escravidão Totais enfrentam uma incrível resistência. Em 1996 tentaram destruir o Canadá e unir os Estados Unidos e o que ficasse do Canadá em um Superestado Norteamericano. Impedimo-los. A unânime consternação e os protestos públicos por todo o Estado canadense obrigaram os globalizadores a modificar seus planos, a postergar a data da destruição até o ano 2000. Não poderá ser. Os canadenses estão em alerta. Agora, estamos no ano 2005 e Bilderberg espera o desmembramento do Canadá para o ano 2007. Fracassarão, uma vez mais.

Na França e na Holanda, os membros sagrados da Comunidade Européia, os cidadãos rechaçaram de forma entristecedora a Constituição Européia, um passo mais para a criação do Governo Mundial. Inglaterra é um farol de esperança para nós, os europeus livres. Porque, por mais que os membros de Bilderberg, os políticos britânicos, os periódicos e os grandes capitais tenham empurrado a Inglaterra para a Comunidade Européia, referendun após referendun, pesquisa após pesquisa, os cidadãos dizem alto e claro que o país não quer tomar parte da usurpadora ameaça global. O reino do absurdo inclusive levou o primeiro ministro da Inglaterra, Tony Blair, a declarar publicamente que «é patriótico ceder a independência»!

Nos Estados Unidos, as notícias para os membros de Bilderberg são ainda piores. Uma das chaves da destruição americana é a iniciativa dirigida pelo Bilderberg de desarmar os americanos, algo que atenta claramente contra a Constituição e a Declaração de Direitos dos Estados Unidos, que concedem aos cidadãos dos Estados Unidos o direito a levar armas. Sem resistência armada, será muito fácil deter e matar aos que se oponham aos planos do Bilderberg de criar um Estado Global. Isto pode parecer um oxímoro. Acaso o objetivo não era, dirão, viver em um mundo sem violência? Não quando os membros de Bilderberg pretendem escravizar ao mundo inteiro, como demonstrei em várias partes deste livro. Nossas esperanças são as tropas dos Estados Unidos. Sim, assim é. Rockefeller disse há uns anos que se está acabando o prazo para criar uma Nova Ordem Mundial! Sabe o que diz. O que queria dizer é que cada vez resulta mais difícil convencer ao mundo para que entregue sua liberdade por meios pacíficos, porque cada dia milhares de pessoas se dão conta da terrível ameaça que supõe o Estado Global. Se os membros do Bilderberg não podem alcançar seu Governo Mundial por meios pacíficos, então, lutarão para obtê-lo pela força. Por isso as tropas dos Estados Unidos e as tropas canadenses são nossas redentoras! Enquanto estes homens e mulheres valentes estejam dispostos a defender os direitos que lhes

concederam os Pais Fundadores; enquanto estejam dispostos a morrer para defender a liberdade, estaremos a salvo. Segundo estimativas por baixo, as tropas e seus seguidores contam com milhões de pessoas segundo um estudo secreto levado a cabo pelo Governo dos Estados Unidos que, devida e imediatamente, deixou vaziar quantos patriotas lutam contra esta ameaça global.

Os membros do Bilderberg tinham planejado a criação de um Estado Global para o ano 2000. Agora, no ano 2005, cada vez têm mais frentes abertas e enfrentam uma população que não está disposta a ceder seu direito fundamental à liberdade. O Canadá não foi subjugado, nem Inglaterra, nem França, nem Holanda. Embora o presidente dos Estados Unidos, a maior parte de seu gabinete e uma grande parte do poder legislativo estejam nas mãos dos membros do Bilderberg, nunca suas intenções enfrentaram tanta dificuldade! Está se esgotando o prazo para resolver por meios pacíficos. E os membros de Bilderberg têm pânico de uma confrontação violenta porque há milhões de nós, armados e esperando-os do outro lado! Por isso querem desarmar às tropas.

Estão desesperados. Puseram-se em contato com agentes secretos, divisões do exército e agentes de polícia para lhes perguntar se, em caso de conflito armado (quer dizer, em caso de guerra civil), eles, os oficiais que juraram proteger a seus compatriotas, estariam dispostos a lutar contra eles. A maioria não o fará porque entre seus compatriotas que lutam pela liberdade encontram-se suas próprias famílias e amigos e amigos de seus amigos e parentes de seus amigos. Assim, os membros do Bilderberg usaram sua arma secreta: um palhaço convertido em diretor de cinema chamado Michael Moore. Moore não defende nossa causa, é um deles. Seu filme sobre a Associação Nacional do Rifle, *Bowlingfor Columbine*, é uma paródia da justiça. Se fosse um herói americano de verdade, Michael Moore defenderia as tropas e a Associação do Rifle. As armas não matam. Os membros de Bilderberg sim.

Preste atenção e atente para o descontentamento generalizado. As cidades apodrecem entre o crime, a prostituição e as drogas. As taxas de suicídio são mais altas que nunca. A conduta degenerada apresenta-se como arte New Age. Mas os membros do Bilderberg nunca experimentaram tanta dificuldades. Não estamos sozinhos, nem há nada perdido! Consulte na Internet, em qualquer buscador. Teclé ECHELON, PROMIS, BILDERBERG, MK-ULTRA, HAARP, NEW WORLD ORDER, ONE WORLD GOVERNMENT. Há dezenas de milhões de páginas dedicadas a estes temas, o que significa que há dezenas de milhões de pessoas contra a Nova Ordem Mundial. Lunáticos!, dir-se-á. Teorias da conspiração! A maior parte das páginas certamente se limitam a copiar material já publicado. Mas, vamos contar os números destas pessoas que se opõem aos projetos dirigidos por Bilderberg para impor uma Escravidão Global. Por isso são tão importantes estas cifras. Temos milhões, dezenas de milhões de aliados, entre a gente da rua. Isso não é tudo. Temos espões por toda parte. A maior parte dos associados menos importantes dos membros do Bilderberg são nossos olhos e ouvidos! A maior parte dos agentes secretos e serviços secretos de classe inferior como o MI6, CIA, o FBI, a Real Polícia Montada do Canadá, o Centro Nacional de Inteligência, ou o KGB também são dos nossos. Sabemos o que pensa Bilderberg e inclusive conhecemos

suas intenções. Por isso, apesar das extraordinárias medidas que tomam para se protegerem e para ocultar informação incriminatória por trás de um véu de segredo, saberemos imediatamente quais são suas intenções.

E os membros do Bilderberg sabem e não podem fazer nada por evitá-lo.

A situação é extremamente grave. Temos que enfrentar o esforço combinado de algumas das pessoas mais brilhantes da história da humanidade conspirando contra nós, com o objetivo de subjugar-nos. Mas a vontade humana é imortal. Os tiranos mataram milhões de pessoas, e mesmo assim a gente lutou e recuperou a liberdade. Durante os últimos 200 anos, desde o nascimento dos Illuminati em 1776, os mais poderosos do mundo planejaram nossa destruição. Controlam a Comunidade Européia, as Nações Unidas, o Governo dos Estados Unidos, as principais instituições bancárias do mundo...

O fato do Clube Bilderberg, uma organização secreta que reúne 120 convidados a cada ano em sua reunião anual, contar com todos os presidentes europeus, americanos e canadenses, com todos os delegados europeus, os principais banqueiros europeus, presidente do FMI, do Banco Mundial, do Banco Central Europeu e secretário geral da OTAN, é estatisticamente impossível em uma sociedade que consiste em quase 1.000 milhões de pessoas.

A liberdade move o coração humano e o medo o paralisa.

Entre a cacofonia ensurdecadora do silêncio patriótico, há vozes insurgentes que exigem atenção. A democracia tem seu fundamento moral na verdade, na tolerância, na liberdade e no respeito pela dignidade humana. Os membros do Bilderberg desprezam o patriotismo porque é a antítese da escravidão.

Entretanto, não basta só isso. A política do Bilderberg tem que ser perseguida na sociedade civil e nas instituições nas quais se infiltrou: povos e cidades pequenas, escolas primárias, organizações culturais, grupos de jovens, associações profissionais. Isto não podem fazer os partidos políticos, que são meras máquinas eleitorais. A moralidade humana deveria sustentar a segurança global e o impulso para esta nova moralidade deveria emanar de atores não governamentais.

Tem que haver um movimento, na sociedade e na política, apoiado na cooperação entre partidos progressistas, organizações da sociedade civil e intelectuais. Trata-se de um projeto a longo prazo. A globalização é uma ameaça histórica. Pretende destruir o legado do patriotismo e da própria modernidade. Só podemos lutar contra ela de maneira holística, sem meias palavras.

A Nova Ordem Mundial impôs um único governo totalitário, uma única moeda global e uma religião sincrética universal à população do mundo mediante mentiras e ofuscações.

Em uma sociedade cada vez mais dividida, há elementos que podem destacar o que compartilhamos, o que temos em comum, e fazê-la diretamente, com grande intensidade. A dignidade humana e a diversidade cultural, que se entendem no momento em todas as partes e não necessitam tradução, são alguns dos aspectos mais valiosos da tradição universal. Merecem todo o apoio que possam receber. Merecem a chance de lutar e, se necessário, morrer por esta liberdade.

APÊNDICE 1

Conversações das reuniões de Bilderberg

*Turnburry, Escócia, 14-17 de maio de 1998**

*[Publicados por James P. Tucker Jr.]

As seguintes conversações entre delegados de Bilderberg foram registradas por fontes presentes nas reuniões em Escócia (em 1998), em Toronto (Canadá, em 1996) e em Sintra (Portugal, em 1999) e publicadas pela primeira vez por James P. Tucker Jr. em um semanário independente enclausurado por ordem judicial, a revista *The Spotlight*. Supõem uma oportunidade única para entender como se negocia dentro do Grupo Bilderberg para alcançar o consenso no caso de decisões delicadas.

[Havia muitas discussões e otimismo entre os participantes da reunião de Bilderberg sobre uma reunião das Nações Unidas prevista para o mês de junho em Roma, em que se devia preparar um rascunho de tratado para o estabelecimento de um Tribunal Penal Internacional permanente. Diferente da atual Corte Internacional, o TPI deve ter capacidade de execução e poderia impor suas decisões em todo mundo.]**

**[Os textos entre colchetes são comentários do autor.]

DELEGADO EUROPEU: Causarão problemas ao Bilderberg os nacionalistas americanos com o tema do tratado de tribunal penal? - perguntou um DELEGADO AMERICANO: Acredito que não - respondeu um americano que poderia ser, embora não lhe identificasse com segurança, Casimeryost, diretor do Instituto para o Estudo da Diplomacia, da Faculdade da Escola Diplomática, na Universidade de Georgetown em Washington.

O americano advertiu que em 1994 uma votação no Senado americano deu como resultado 55 votos a favor e 45 contra o estabelecimento do TPI sob o auspício das Nações Unidas. O Senado o fez, indicou, sabendo perfeitamente que o tribunal global, com juízes da China (comunista) e de outras nações governadas por bandidos, pode julgar aos Estados Unidos e à cidadãos concretos.

DELEGADO AMERICANO: Houve algumas objeções por parte da opinião pública americana, mas não muita - disse o americano - . A maior parte das pessoas não sabe nada do tema e provavelmente nunca irá inteirar-se..

DELEGADO EUROPEU: A menos que o TPI os meta no cárcere - respondeu outro.

DELEGADO AMERICANO: SIM, esteja certo que se dará conta disto - disse o americano.

[A última frase foi irônica e desdenhosa.]

O Congresso dá marcha ré

[Os participantes na reunião do Bilderberg declaravam abertamente que as Nações Unidas devem converter-se em um Governo Mundial com seu próprio

exército que controle o globo para fazer cumprir sua vontade. Os fogaréus do Bilderberg expressaram sua indignação porque faz um ano o Congresso dos Estados Unidos não aprovou uma doação de 18 bilhões de dólares para o Fundo Monetário Internacional e tirando assim os grandes bancos de seus apuros.]

DELEGADO EUROPEU: Como puderam deixar que seu Congresso fizesse algo assim? - perguntou um francês a um americano durante uma pausa informal -. Antes nunca tinham causado problemas.

DELEGADO AMERICANO: Nosso Congresso tem um problema chamado votantes - respondeu.

DELEGADO EUROPEU: Isso passa porque agora temos uma comunicação menos direta - disse o francês.

DELEGADO EUROPEU: Os líderes de seu Congresso já não aceitam nossos convites para assistir às reuniões de Bilderberg.

DELEGADO AMERICANO: De novo, o problema são os votantes - explicou o americano —. Durante muitos anos tivemos uma privacidade quase total. Agora, os extremistas de direita agitam aos votantes e os membros do Congresso têm que responder a muitas perguntas.

[Durante décadas, alguns líderes do Congresso como o antigo porta-voz da câmara, Tom Foley (democrata por Washington), o antigo presidente do Banco do Senado, Lloyd Bentsen (democrata pelo Texas) e outros assistiram às reuniões do Bilderberg. Bentsen seguiu como secretário do Tesouro do presidente Clinton, mas não esteve entre os participantes deste ano.

Durante os últimos anos, os únicos legisladores que assistiram foram Sam Nunn (senador democrata pela Geórgia) e um membro do Congresso, mas só depois de ter anunciado sua retirada da política.]

DELEGADO EUROPEU: Necessitamos que voltem, como demonstra o problema do FMI - disse o francês.

Sobre a ampliação da OTAN, os participantes do Bilderberg estavam impacientes [«O caminho mais curto para conseguir uma paz permanente é incluir a todo mundo, inclusive a Rússia, tão rápido como for factível», disse um porta-voz europeu cujo comentário recebeu a aprovação geral. Expôs-se uma pergunta sobre os gastos.

«Pergunta pelos gastos? - respondeu o porta-voz - ou quanto custaram as duas guerras mundiais, Coréia, Vietnã e a guerra do Golfo aos americanos? A paz é muito mais barata.»

Assegurar «a paz permanente em todo o mundo requer um mecanismo de execução forte, o que significa manter intacta a uma OTAN ampliada, mas sob a direção das Nações Unidas, para o que há um precedente ao que ninguém se opôs exceto os nacionalistas furiosos», disse o porta-voz. O «precedente» de que falava-se era a presença de forças das Nações Unidas em Bósnia, onde os soldados americanos receberam o uniforme da ONU e serviram sob um comando estrangeiro que respondia diretamente ante o Conselho de Segurança, enquanto que o presidente americano e o Congresso não tinham nenhum papel em absoluto.

King City, Toronto, Canadá, 30 de maio-1 de junho de 1996*

*[Publicados por Daniel Estulin]

Sobre a disputa entre a Grécia e a Turquia sobre o Chipre

[A elite globalizadora tinha planejado uma guerra nas Balcãs que se converteria no «Vietnã dos 90», de maneira que, se não pudessem causar tal guerra provocando os sérvios mediante o emprego de «esquadrilhas de seqüestro» da OTAN para deter suspeitos de crimes de guerra e levá-los ante o tribunal de La Haya, seu plano consistia em utilizar Kosovo como paiol de pólvora para provocar um conflito regional que, em última instância, implicaria a Federação iugoslava, Bósnia, Rússia, Grécia, Turquia, Albânia, Macedônia, os poderes militares da Europa Ocidental, os Estados Unidos e, por extensão - como aliados da Turquia e Grécia - Israel e Síria.]

DELEGADO EUROPEU 1: Os russos preparam a entrega de mísseis aos gregos cipriotas.

DELEGADO EUROPEU 2: É uma boa maneira de criar um conflito entre a Turquia e a Grécia [sobre o Chipre] e dali ampliar as hostilidades [para a área das Balcãs].

DELEGADO AMERICANO: pode-se conseguir que o general [nome incompreensível, referindo-se a um general russo] adiante o envio até agosto deste ano?

DELEGADO EUROPEU 1 [Rindo]: Não é um bom verão para passar umas férias nas ilhas gregas!

DELEGADO AMERICANO: Já se pode ir esquecendo da ajuda da força aérea grega se estiver no Chipre; logo que possam levar combustível suficiente para chegar à ilha, farão um passe e voltarão muito contentes à suas bases no continente!

DELEGADO EUROPEU 3: Pángalos [o ministro grego de Assuntos Exteriores, Theodoros Pángalos] leva muito tempo jogando pestes sobre esta gente [os turcos], estranharia que eles [os turcos] não aproveitassem esta oportunidade para se vingar. [Theodoros Pángalos, ministro dos Assuntos Exteriores grego, assistiu à Conferência de 1996 do Bilderberg em Toronto, Canadá, e parece que sua política de insultar em público e ofender aos turcos começou realmente a sério a partir daquela data. Disseram-lhe naquela Conferência que a piora das tensas relações entre as duas nações mediante expressões tão grosseiras seria uma de suas principais responsabilidades no futuro?]

Outra conversaçãõ sobre o contrato de mísseis russos e os israelenses

DELEGADO AMERICANO: Os russos estão a ponto de assinar um contrato pelo valor de mais de 300 milhões de dólares para subministrar mísseis S300 também aos sírios.

DELEGADO AMERICANO 2: Terá que tomar cuidado com isto. Uma vez instalados, negarão a superioridade aérea israelense na região, igual a sua instalação no Chipre fará em relação aos turcos.

DELEGADO EUROPEU: Posuvalyuk (o vice-primeiro ministro russo Víctor Posuvalyuk estava a ponto de realizar uma visita de trabalho em Israel em 18 de maio) levará uma bronca dos israelenses.

DELEGADO AMERICANO 2: Não é provável que os russos se dêem por aludidos.

A admissão da Turquia na União Européia

Um DELEGADO CANADENSE, que poderia ser Comad Black mas a quem não se identificou com segurança: Os turcos estão de saco cheio com o rechaço [a última negativa do CE em admiti-los].

DELEGADO AMERICANO: Os gregos poderiam ter dispositivos de emergência para levar a cabo incursões militares com F 16 desde as bases aéreas sírias [no caso de que os turcos conseguissem anular as instalações de mísseis S300 cipriotas num primeiro ataque]

DELEGADO BRITÂNICO: Os políticos gregos são uma classe notoriamente corrupta.

DELEGADO AMERICANO: Seguro que estão dispostos a aumentar a tensão bélica com a Turquia para que a gente de seu país não sinta sua desastrosa gestão da economia e sua inépcia geral.

[Este refinamento do conflito sem dúvida satisfaz aos membros de Bilderberg já que não só enfrenta a um Estado cristão ortodoxo e a um Estado tecnicamente laico, mas, muçulmanos entre si, assim como, implica apor defeito aos árabes e aos israelenses em papéis secundários opostos.

Como provocar ao Exército iugoslavo colocando uma pequena força da OTAN com fornecimentos inadequados na fronteira entre a Jugoslávia e Albânia?]

DELEGADO CANADENSE: Jean [o primeiro-ministro canadense Jean Chretien] ofereceu-se a ajudar.

DELEGADO AMERICANO: Mitchell [o destacado membro canadense da Comissão Trilateral, Mitchell Sharp] pensa que, se pudermos conseguir que as Nações Unidas solicitem ajuda, o governo canadense não terá «mais remédio», a não ser aceitar.

DELEGADO AMERICANO 2: Temos que atuar com extrema cautela. O tiro poderia sair pela culatra.

DELEGADO CANADENSE: Transmitirei a mensagem ao primeiro ministro através de nossos canais habituais para que visite as tropas [1.200 militares destinados à Bósnia] e anuncie posteriormente a promessa do Canadá de mantê-los ali depois de que expire seu atual mandato em 1 de julho.

Impostos globais

DELEGADO PORTUGUÊS: Vito é um bom menino.

REPRESENTANTE DE UMA COMUNIDADE INTERNACIONAL:

Este tema [a proposta de impostos globais] foi discutido oficialmente em 13 de maio, no Centro Interamericano, [a 32ª Assembléia Geral do Centro

Interamericano de Administração Fiscal em São Paulo, Brasil, por Vito Tanzt, um especialista em temas fiscais e diretor do *FMI*].

DELEGADO AMERICANO: Acredito que isso [em referência à proposta do Tanzt de criar uma Organização Fiscal Mundial em um prazo de 10 anos com a capacidade, entre outras, de arrecadar um «imposto direto de 20 %» de qualquer transferência financeira internacional] e a idéia do Paul Martin podem fazer avançar este tema bastante bem [as recomendações públicas do ministro de Economia canadense Paul Martin de que o *FMI* tenha mais poder sobre as economias nacionais].

Sintra, Portugal, 3-6 de junho de 1999*

* [Publicados pelo Daniel Estulin.]

Guerra em Kosovo

Um DELEGADO EUROPEU, que se supõe que seja DOMINIQUE Moisi, diretor anexo do IFRI (Institut Francais des Relations Internationales): Foi um engano permitir que ocorresse a guerra em Kosovo. Devastamos a região que tentávamos salvar só para evitar descer em nossas filas. Duvido que se possa restaurar a estabilidade na região sem um considerável investimento, possivelmente, algo assim como 50 bilhões de dólares - o DELEGADO BRITÂNICO: Perguntou-me se se manterá unida a aliança depois do final da guerra. Haverá pouco entusiasmo popular sobre a cessão de recursos para solucionar os enormes problemas da região.

Um DELEGADO AMERICANO, que se supõe que seja Charles G. BOYD, diretor executivo do Grupo de Estudo sobre Segurança Nacional, EE.UU.: Uma guerra que conduz à destruição da região quando fora projetada para salvá-la não se pode considerar um triunfo da diplomacia. Seria melhor apoiar-se no acordo alcançado em setembro passado entre os negociadores e Milosevic. Permitimos que a agenda marcasse os grupos de pressão locais, o que dificultou o final da guerra. E estabelecemos um princípio que o resto do mundo não aceita.

Um DELEGADO DINAMARQUÊS identificado convincentemente como TOGER SEIDENF ADEN, redator chefe do Politiken: Isto inclui o ressentimento da Rússia (combinado com o sentimento de que agora a Rússia tem carta branca para intervir na Chechenia) e a possibilidade de que o próximo regime na Sérvia seja inclusive pior que o que havia.

Um DELEGADO EUROPEU, que se supõe que seja DOMINIQUE Moisi, diretor anexo do IFRI: Em 1995 havia-se prometido à população americana que suas tropas só ficariam na Bósnia durante um ano (e seguem ali cinco anos mais tarde. Facilmente poderiam permanecer um quarto de século em Kosovo).

DELEGADO BRITÂNICO: Kosovo é agora uma terra baldia, um desastre humanitário comparável com o Camboja; a região que a rodeia se viu profundamente desestabilizada e a Sérvia corre o perigo de explodir.

Um DELEGADO EUROPEU, que se supõe que seja DOMINIQUE Moisi, diretor anexo do IFRI: Não podemos resolver o problema das Balcãs sem a

ajuda da Sérvia, que projeta sua sombra sobre toda a região, igual a Alemanha projeta sua sombra sobre a Europa. .

DELEGADO BRITÂNICO: Os problemas com a pacificação serão enormes. A guerra não terminou nem muito menos nas mentes dos participantes. O desarmamento do KLA será quase impossível.

O impacto social e político sobre os mercados emergentes dos recentes acontecimentos econômicos

[Um tema que saiu logo nas discussões era o destino da globalização como ideologia. O problema da Rússia despertou muitos comentários. Havia um acordo geral sobre a razão pela qual os países têm dificuldades para incorporar-se à economia de mercado. Não tem a ver com motivos ideológicos - a ideologia anti-mercado está desaparecendo do mundo e quase já não existe na América Latina - a não ser com a falta de capacidade, em particular na hora de criar um sistema financeiro e legal que funcione. Entre os delegados havia quem defendesse a idéia de que o Ocidente tinha direito a exigir padrões mais rigorosos.]

Um DELEGADO SUECO que poderia ser PERCY BARNEVIK: A confiança é a chave. Na maioria dos países há muito capital privado disponível. Mas ninguém investirá seu capital, a não ser, que confie no marco institucional dos países nos quais se investe.

DELEGADO FRANCÊS: O Ocidente é responsável, em grande medida, pela situação da Rússia. Animou a Rússia a incorporar-se a um sistema de livre mercado, que à Europa Ocidental custou-nos quarenta anos para estabelecer. Possivelmente deveríamos reconhecer que não necessitamos de um mundo perfeito para fazer negócios.

Um DELEGADO SUECO que poderia ser PERCY BARNEVIK: Esbanjou-se a maior parte do dinheiro enviado à Rússia. O estado da indústria do carvão, por exemplo, não é principalmente um problema social, mas um problema de crime organizado.

DELEGADO AMERICANO: Poderia chegar a um ponto no qual o Ocidente decidisse deixar de emprestar dinheiro à Rússia?

DELEGADO FRANCÊS: Sim, o Ocidente deu um basta em agosto de 1998; mas, o Ocidente continua tendo interesse em vincular a Rússia ao sistema financeiro internacional.

Um DELEGADO FINLANDÊS identificado claramente como MATII VANHALA, presidente do Conselho do Banco da Finlândia: Durante anos foi uma prática comum na comunidade acadêmica ter em conta fatores sociais e políticos.

Um DELEGADO SUECO, que poderia ser Tom C. Hedelius, presidente do Svenska Handelsbanken: Em minha profissão, o estado do sistema legal simplesmente faz parte do risco de crédito.

A política externa russa

[A reunião celebrou-se quando as relações entre a Rússia e o Ocidente eram muito tensas devido ao conflito em Kosovo. Todo mundo estava de acordo que

ocupar-se da Rússia exporia a enormes problemas. Sua política externa é errática, reflexo de suas dificuldades na hora de adaptar-se à perda de seu status como superpotência; certamente, já não existe uma política externa russa, só as políticas de grupos políticos rivais e de blocos regionais. Um grupo de participantes expressou um certo otimismo, indicando que algumas reformas funcionam e que as relações com a União Européia são melhores que com os Estados Unidos. Mas ninguém acreditava que «o problema russo» fosse se resolver num futuro imediato.]

APÊNDICE 2

A sombra do Governo Mundial

Minhas reportagens exclusivas e mundiais desde Stresa, Itália, 2004, e Rottach-Egern, Alemanha, 2005, sobre o conteúdo da reunião do Grupo Bilderberg.

Grand Hotel et Des Lies Borromées, Stresa, Milão, Itália, 3-6 de junho

Dados os tumultuosos acontecimentos no Oriente Médio e as graves tensões nas relações franco-americanas, seria de esperar que os acontecimentos em Stresa, onde uma manada de oficiais americanos e europeus reunidos com os presidentes e os conselheiros delegados do mundo financeiro e empresarial, chamariam uma considerável atenção dos meios de comunicação. Entretanto, enquanto que Bilderberg 2004 era uma reunião extraordinária da elite mundial, passou quase despercebida, com apenas meia palavra nos principais periódicos do mundo.

No histórico do Grand Hotel et Des lies Borromées, os indivíduos que encabeçam as principais empresas petrolíferas e financeiras do mundo foram citados durante quatro dias, de forma totalmente genérica, juntamente com os líderes políticos eleitos e os proprietários dos principais meios de comunicação.

O que continha a agenda do Bilderberg em 2004?

A zona de Livre Comércio

Um dos principais temas da reunião do Bilderberg 2004 estava relacionado com a iniciativa da ampliação da zona americana de livre comércio. A Zona de Livre Comércio das Américas, modelada segundo o padrão do CE, converter-se-á em lei e incluirá o hemisfério ocidental por completo, com exceção de Cuba até que Fidel Castro esteja morto.

A criação de uma grande área econômica americana esteve presente na política do Grupo Bilderberg dos anos 70. O primeiro passo foi a criação do Tratado de Livre Comércio (TLC, ou NAFTA, suas siglas em inglês) entre o EE.UU., México e Canadá, pelo qual as três nações constituem uma união alfandegária, a imagem e semelhança do que foi a Comunidade Econômica Européia durante suas três primeiras décadas de existência. Uma vez obtido o acordo, o então presidente americano, Bill Clinton, pôs em sua agenda o que denominou Iniciativa pelas Américas, cujo fim era, nas palavras do Rockefeller, «constituir uma união econômica que abrangesse desde o Alaska até a Terra de Fogo».

O objetivo secreto do Bilderberg é unir os países através de emaranhados tratados econômicos como GATT e TLC (este último promovido pelos E.U.A. Business Roundtable conjuntamente com seus homólogos canadenses do Business Council on National Issues).

O GATT, o acordo mais ambicioso do livre comércio da história, destrói sutilmente as economias nacionais submetendo-as aos imperativos do comércio mundial e ao controle da elite plutocrata.

Com o GATT, por exemplo, os estados membros não podem impor multas ou impostos sobre os bens importados, inclusive se forem produzidos sob as condições desesperadoras de trabalho escravo, ou danificando o meio ambiente de terceiros. Outra coisa é que os preços dos produtos e os «desejos» do consumidor são definidos e moldados pela elite corporativa cujos CEOs e conselheiros delegados formam parte do ultra-secreto Clube Bilderberg.

Organizações como GATT, OMC, TLC podem ser vistas como proto-ministérios do comércio, finanças e desenvolvimento para o mundo globalizado. Os temas internos de qualquer país livre e independente no passado estiveram «fora do alcance» da comunidade mundial. Agora, os princípios de «intervenção humanitária» que nos venderam os meios de comunicação mundiais controlados pelos bilderbergers, estão se fazendo realidade e ganhando adeptos. Devemos ter em conta que organizações como a Associação Mundial de Federalistas levam décadas defendendo-os como fundamento do futuro Governo Mundial. O presidente da Associação Mundial de Federalistas, John Anderson, participou como candidato à presidência americana em 1980 e é um dos fundadores da Comissão Trilateral, a irmã pequena dos bilderbergers.

Três moedas universais

Os bilderbergers levam já algum tempo apostando nas três moedas universais - o euro para a Europa, o dólar para a futura União das Américas e a outra moeda, ainda sem determinar, para a União Pacífico-Asiática, que será um dos temas da reunião de Bilderberg em 2005 —. A possibilidade de que no mundo só coexistam três moedas - o dólar, o euro e o yen - foi aventada nas duas últimas décadas por vários teóricos monetários, como CE. Fred Bergsten, um economista de Washington com vínculos estreitos com a Casa Branca, ou Victor Halberstadt, professor de Economia da Universidade de Leiden, ou Michael H. Armacost da Universidade de Stanford. Todos pertencem ao Bilderberg, Comissão Trilateral (TC) ou Council on Foreign Relations (CFR), as três organizações secretas que controlam as alavancas da política mundial. Estes professores universitários consideravam que, inevitavelmente, o mundo acabaria dividido em três áreas monetárias como consequência de um processo natural de integração, planejado há anos pela elite globalista, no qual os investimentos internacionais jogariam um importante papel de catalisador.

Em finais da década de noventa, o FMI tratou de passar da teoria à prática. A desculpa proporcionou a crise financeira asiática de 1997, considerada por muitos como a primeira crise financeira global, que veio reforçada pela crise da dívida da Rússia do verão de 1998. No outono deste último ano, na assembléia anual conjunta do FMI e do Banco Mundial, ambos membros venerados do Bilderberg, o Fundo apresentou um documento sobre as crises financeiras internacionais no mundo da globalização e as vias para as erradicar ou minimizar

seus efeitos, em que advogava pela criação de três grandes áreas monetárias em torno do dólar, do euro e do yen.

Coincidindo com as declarações públicas do FMI, Kenneth Clarke, anterior ministro da Fazenda britânico reconheceu na reunião do Grupo Bilderberg de 1999 em Sintra, que a consolidação das moedas é uma estratégia idônea para a comodidade administrativa da elite bancária e corporativa.

Os britânicos e o CE

É o terceiro ano em que a aura de congenialidade absoluta entre os bilderbergers europeus, britânicos e americanos foi dissolvida pelas tensões e pelas hostilidades. Os bilderbergers, entretanto, permanecem unidos em seus planos de fortalecer, a longo prazo, o papel da Polícia Mundial que joga a ONU na regulação das relações e dos conflitos globais.

Além disso, na reunião de Stresa 2004, os britânicos foram severamente criticados por apoiar a invasão do Iraque. Além disso, foram criticados com veemência por fracassarem ao adotar o euro, apesar da promessa de fazê-lo por parte do Tony Blair na reunião de 1998 de Bilderberg, em Tumburry, Escócia. Os bilderbergers, além disso, expressaram seu mal-estar e frustração pela crescente e insistente demanda dos cidadãos ingleses em deixar a Comunidade Européia, como obstáculo a sua consolidação como supra-estado.

Os bilderbergers europeus disseram a seus homólogos ingleses que tinham de perseverar no CE, apesar da crescente oposição doméstica.

Assim não nos surpreendemos que Tony Blair tenha nomeado seu homem de confiança, Peter Mandelson, como próximo comissário europeu britânico. Como comissário, Mandelson «ajudará a preparar os rascunhos de propostas, a converter em lei as leis européias» e representará um papel chave na apresentação da nova e controvertida Constituição Européia. (Tradução: Mandelson é um bilderberger, cuja verdadeira missão será promover a integração britânica no CE contra a vontade da grande maioria dos ingleses e a substituição da libra britânica pelo euro.)

Segundo informação por O País em 14 de agosto de 2004, «José Manuel Durão Barroso (comissário europeu) mostrou grande capacidade na formação de uma equipe eficaz nas áreas de Competência, Mercado Interno, Comércio e Economia que ocuparão, respectivamente, a holandesa Neelie Kroes, o irlandês Charlie McCreevy, o britânico Peter Mandelson e o espanhol Joaquim Almunia». Este jornal sugeria também, no mesmo artigo, que Javier Solana estaria preparado para unir-se à equipe de Barroso em 2007 como vice-presidente da Comissão Européia.

Barroso, Solana, Almunia e Mandelson são bilderbergers.

Prevejo que Kroes, considerada na Holanda a mulher mais poderosa e o irlandês McCreevy, ambos globalistas entusiásticos, serão os convidados privilegiados na reunião do Clube Bilderberg de 2005.

A harmonização tributária

Segundo Cecilia Moretti, coordenadora da conferência Bilderberg em Stresa, que nos facilitou com tanto carinho a seguinte informação: «Este ano, sentiram-se culpados os americanos por não gastar suficientes dólares dos obtidos em seus impostos no mundo. Isto reflete o compromisso singular dos bilderbergers europeus de envergonhar os americanos por seu alto nível de vida em vez de elevar o nível do resto da população mundial, até que todos sejam iguais na plantação mundial.»

Bilderberg quer a «harmonização tributária», para que os países com um alto nível de impostos possam competir com os países nos quais a tributação é muito menor - tal e como é o caso dos Estados Unidos - para investimentos estrangeiros. Os bilderbergers têm como objetivo «harmonizar» a fiscalização, forçando o nível tributário nos EE.UU. e de outros países para que se incrementem e assim permitir que os impostos de 58 % na Suécia socialista seja «competitivo».

Com o controle da opinião pública assegurado através dos meios de comunicação, a estratégia dos bilderbergers é criar tensões entre nações que se neguem perder sua identidade nacional, costumes e cultura, de maneira a conduzi-las a estado de guerra e hostilidades perpétuas, algo que os amos utilizam para justificar medidas de emergência nacional em tempo de paz e monstruosos orçamentos militares. Um dos objetivos principais do Clube Bilderberg consiste em maximizar os benefícios industriais de seus membros vendendo ao mesmo tempo as armas e a manteiga.

Aceitas as petições dos bilderbergers europeus, a campanha nos meios de comunicação americanos para convencer seus cidadãos a aceitar mais impostos pelo bem das Nações Unidas começará antes do verão e se prolongará até as eleições americanas em novembro de 2004. Como todos os meios principais de comunicação também formam parte do Clube Bilderberg, não será muito complicado orquestrar a pressão midiática contra a cidadania.

A arma que se utilizou na reunião «impenetrável» - atrás de portas fechadas e custodiadas - do Hotel Grand des lies Borromées, foi o relatório realizado pelo Centro para o Desenvolvimento Mundial. Seu «Compromisso com o índice de Desenvolvimento» mede o comportamento das principais 21 nações ricas com seus homólogos pobres e não desenvolvidos. O Centro para o Desenvolvimento Mundial está dotado de funcionários, ex-banqueiros e globalistas, e recebe a maioria de seus recursos da Fundação Rockefeller, Citigroup, do Banco Mundial e da ONU. Tanto a Fundação Rockefeller como Citigroup, o BM e a ONU estão muito bem representados nas reuniões anuais dos bilderbergers.

Tal relatório saiu na recente edição da Revista Política externa, que publica a Fundação Carnegie para a Paz Internacional, uma organização que sempre assiste às reuniões secretas do Grupo Bilderberg. Este ano, Carnegie esteve representada na Stresa pelos americanos Jessica T. Mathews, sua presidenta e Robeli Kagan, associado senior e editor do The Weekly Standard que, além disso, é o diretor do Projeto do Novo Século Americano (Project for New American Century [PNAC]).

O objetivo final do PNAC é estabelecer o império universal americano para poder dobrar a vontade de todas as nações.

Ao longo do tempo, segundo Rockefeller, os meios corporativos cooperaram com este «plano para o mundo» com a «discrição» do silêncio público, pelo qual lhes está muito agradecido: «Seria impossível para nós desenvolvermos um plano para o mundo se tivéssemos submetidos às luzes da publicidade durante todos estes anos.»

Estas são palavras arrepiantes para aqueles de nós que amamos a democracia e nosso país. Entretanto, quantos há que se preocupem com estas trivialidades?

David Rockefeller é o cérebro do Chase Manhattan, o banco americano que está disposto, de forma subreptícia, a utilizar o poderio de 350 bilhões de dólares para fins políticos. Um memorando filtrado do Chase demonstra que eles utilizaram o endividamento mexicano para persuadir ao governo «eliminar» os zapatistas, em vez de negociar com eles.

Chase Manhattan Bank despediu-se de Riordan Roett, o autor do famoso memorando de 13 de janeiro de 1995, que continha este alarmante parágrafo: «Embora Chiapas, em nossa opinião, não suponha uma ameaça fundamental para a estabilidade política do México, muitos dentro da comunidade financeira o percebem assim. O governo precisará eliminar os zapatistas para poder demonstrar sua eficácia no território nacional e na política de segurança.»

Desde seu nascimento os bilderbergers são ensinados a orientar-se para o poder e o enriquecimento, pedagogia pouco habitual para o público em geral que, por sua natureza humana, é de bom coração: pessoas que de maneira nenhuma provocaria uma guerra sangrenta para beneficiar-se dela.

Transparência das contas bancárias e cartões de crédito

Uma parte da agenda do Clube Bilderberg clama pela «transparência» das contas bancárias e dos cartões de crédito e sua vinculação a uma agência da ONU ainda sem determinar. Esta «transparência» suporia que um organismo internacional, com um simples apertado do botão de computador, poderia examinar nossas contas bancárias, cartões de crédito e qualquer outra informação financeira. A Fazenda também teria acesso direto a esta informação.

Em fevereiro de 2004 visitou a Espanha o presidente da Oracle e membro dos bilderbergers, Larry Ellison. Numa conferência em Madrid advogou pela implantação de um sistema no qual estava trabalhando sua companhia (conjuntamente com a CIA e o FBI) para criar uma base de dados, primeiro em nível nacional nos Estados Unidos e, posteriormente, em escala planetária, para incluir nela todos os dados de qualquer pessoa, desde seu número de passaporte ou de filiação, a Segurança Social até suas referências bancárias, etc.

Economias internacionais

A agenda das reuniões cobre os temas considerados de interesse vital para a segurança estratégica e econômica do mundo ocidental.

A ênfase dos bilderbergers na economia internacional não é por completo desinteressada. O problema recente para os países pobres, endividados em dólares, é que a elevação das taxas de juros nos Estados Unidos encarece o pagamento do principal e dos juros dessas dívidas, majoritariamente anexados a juros variáveis. Além disso, novos financiamentos que venham a conseguir no exterior serão feitos a juros mais elevados que o ano passado.

O FMI foi o instrumento favorito dos bilderbergers para emprestar impressionantes quantidades de dinheiro - majoritariamente dos contribuintes americanos - aos países pobres, para que, endividados, se responsabilizassem pelos exagerados pagamentos de juros às principais entidades bancárias, cujos membros também formam parte do Clube Bilderberg.

Em 1998, o Governo americano aprovou uma medida para subministrar 18 bilhões de dólares ao FMI. Esta medida suporta inerentemente «reformas» macroeconômicas na nação receptora (como a redução da inflação e o déficit público, que permitem a queda das taxas de juros, a melhoria do funcionamento da economia e a possibilidade de confrontar melhor a dívida externa); acrescenta outras exigências «políticas» como a privatização de empresas públicas, a abertura de seus mercados às empresas estrangeiras, etc., como modo de reduzir a soberania nacional, a pedra angular dos objetivos do Domínio Mundial do Bilderberg.

Imposto da ONU

Um tema muito debatido foi a idéia de impor aos cidadãos do mundo um imposto para a ONU, através da taxa da gasolina. Será a primeira vez que uma agência não governamental se beneficie diretamente da tributação dos cidadãos do mundo.

Como no caso do imposto de renda no EE.UU., um imposto da ONU seria tão pequeno ao princípio que o consumidor apenas se daria conta. Mas estabelecer a norma de que a ONU pode sobrecarregar diretamente aos cidadãos do mundo é imprescindível para os bilderbergers. É outro grande passo para o governo mundial. Os bilderbergers sabem que promover publicamente um imposto a favor da ONU seria recebido com fúria. Mas sua virtude é a paciência: propuseram pela primeira vez um imposto direto faz muitos anos e hoje em dia celebram o fato de que já forma parte do diálogo público com pouca atenção ou preocupação por parte da cidadania.

Este ano, os bilderbergers ditarão artigos aos meios de comunicação mundial a respeito de como «um cêntimo» pago no posto de gasolina alimentará os famintos do Terceiro Mundo, como o pão e os peixes do milagre de Cristo fez há dois mil anos.

Dorint Sofitel Seehotel Überfahrt, Rottach-Egern, Munich, Baviera, 5-8 de maio

A reunião secreta anual do Grupo Bilderberg determina muitos dos títulos e dos acontecimentos que encherão os periódicos nos meses seguintes. Mas os meios

de comunicação mais importantes escondem essa informação. À exceção de meia dúzia de membros de alta classe da imprensa que juraram manter o segredo, pouca gente ouviu falar alguma vez do exclusivo e reservado grupo chamado Bilderberg. As agências de notícias mais conhecidas, que alardeiam independência em suas investigações, curiosamente se mostraram pouco dispostas a desvelar um acontecimento de grande magnitude: a reunião anual secreta do Clube Bilderberg, em que participam os personagens mais poderosos do mundo das finanças, da indústria e da política.

2005 foi um mau ano para o Bilderberg e seu futuro se apresenta pouco promissor. Os enormes esforços para manter o segredo das reuniões no Rottach-Egern fracassaram estrepitosamente. A desgraça do Bilderberg é a glória do mundo livre, e a esperança de controlar as garras do poder na alvorada do novo milênio.

Embora seja certo que o Grupo Bilderberg perdeu algo de seu passado de esplendor, celebra suas reuniões com seu habitual secretismo, tão rigoroso que, em comparação, faz a franco-maçonaria parecer um jogo de crianças. Fotografa-se o pessoal do hotel e se o controla de forma exaustiva. Dos porteiros até os gerentes, os empregados são advertidos (sob a ameaça de não voltar a trabalhar no país) das conseqüências de revelar à imprensa qualquer detalhe sobre os convidados.

Os meios de comunicação nacionais e internacionais só são bem-vindos quando prestam um juramento de silêncio e se responsabilizam os redatores se algum de seus jornalistas «se distrai» e informa sobre o que ocorre.

Enquanto Schroder, Blair, Chirac, Berlusconi e companhia assistiam às cúpulas do G8 dos principais líderes do mundo escolhidos democraticamente, sendo acompanhados por numerosos jornalistas dos meios de comunicação mundiais, as idas e vindas nas reuniões do Bilderberg têm lugar sob a proteção de um verdadeiro pacto de silêncio.

Os temas que se discutam este ano, p.ex., decidir como se deveria ocupar o mundo das relações euro americanas, o paiol de pólvora de Oriente Médio, a guerra de Iraque, a economia global ou como prevenir a guerra no Irã e os acordos que se alcancem, influirão no curso da civilização ocidental e no futuro do planeta. Esta reunião se celebra a portas fechadas, em total segredo, protegida por uma falange de guardas armados.

Que temas estavam na agenda do Bilderberg para 2005?

Depois de três anos de hostilidades e tensão entre os membros europeus, britânicos e americanos do Bilderberg causadas pela guerra no Iraque, recuperou-se a auréola de completa congenialidade entre eles. Os membros do Bilderberg reafirmaram suas posições e permanecem unidos em seu objetivo a longo prazo de reforçar o papel das Nações Unidas na regulação dos conflitos e das relações globais. Entretanto, é importante entender que os americanos não estão mais a favor da guerra que os membros do Bilderberg europeus. Os europeus apoiaram a invasão do Iraque em 1991 por parte do presidente Bush pai e celebraram o final da «Síndrome do Vietnã dos Estados Unidos». Os europeus também apoiaram a

invasão da Jugoslavia do ex presidente Bill Clinton, incorporando a OTAN a operação.

Um tema muito discutido em 2005 no Rottach-Egern foi a idéia de impor um imposto direto à população mundial a favor das Nações Unidas, taxando diretamente o petróleo na boca do poço. Será a primeira vez que um organismo não governamental se beneficie diretamente de um imposto sobre os cidadãos das nações livres ou escravizadas.

Como o imposto federal sobre a renda dos Estados Unidos, uma exação das Nações Unidas seria tão pequena ao princípio que o consumidor apenas o notaria. Mas estabelecer o princípio de que as Nações Unidas podem cobrar diretamente os impostos aos cidadãos do mundo é importante para o Bilderberg. Este é outro passo gigantesco para o estabelecimento de um Governo Mundial. Os membros do Bilderberg sabem que defender publicamente um imposto das Nações Unidas sobre toda a gente da Terra geraria um grande rechaço, mas são pacientes; faz anos propuseram pela primeira vez a criação de um imposto direto mundial e celebram o fato de que este tema forme parte das discussões públicas sem que gere muita atenção ou preocupação.

Bilderberg quer uma «harmonização fiscal», de maneira que os países com impostos elevados possam competir com os que sobrecarregam menos a seus cidadãos, incluindo os Estados Unidos, pelo investimento estrangeiro. Pretendem «harmonizar os impostos obrigando-se os EUA e outros países a aumentarem suas taxas de impostos, de maneira que o índice de 58 % da Suécia socialista resulte «competitivo».

As ONGs

O atual auge da influência das Organizações Não Governamentais é um fenômeno que o ex-presidente Clinton qualificou de repente (um dia depois de que se discutisse o tema no Rottach-Egern) como um «dos acontecimentos mais notáveis que se sucederam à queda do muro do Berlim». Ironicamente, a declaração do Clinton foi publicada pelo Wall Street Journal, um periódico sempre representado nas reuniões do Bilderberg pelo Robert L. Bartley, seu vice-presidente, e pelo Paul Gigot, responsável pela página editorial.

Os membros do Bilderberg discutiram energicamente, pela primeira vez, a necessidade de ter ativistas ecológicos - auto-proclamados e não escolhidos democraticamente - em uma posição de autoridade nos órgãos diretores das agências que controlam o uso da atmosfera, o espaço exterior, os oceanos e, em efeitos práticos, a biodiversidade. Este convite para que «a sociedade civil» participe do governo global é apresentado como democracia em expansão.

Segundo fontes dentro do Bilderberg, o status das organizações não governamentais se elevará mais no futuro. A atividade das ONG incluirá a agitação local, a pressão sobre autoridades nacionais e a elaboração de estudos para justificar o imposto global através de organismos das Nações Unidas como o Plano Global, um dos projetos favoritos do Bilderberg durante mais de uma década. A estratégia para fazer avançar os planos de governo global inclui expressamente, programa

para desacreditar aos indivíduos e às organizações que gerem «pressão política interna», ou «ação populista» que não apóie a nova ética global. O objetivo final, segundo a fonte, é suprimir a democracia.

O Programa das Nações Unidas para o meio ambiente, junto com todos os tratados ambientais sob sua jurisdição, será controlado em última instância por um corpo especial de ativistas ambientalistas, escolhidos entre as ONGs creditadas designadas pelos delegados da Assembléia Geral, nomeados pelo presidente dos Estados Unidos, sendo este controlado pelo mando conjunto do Rockefeller, o CFR e Bilderberg.

Este novo mecanismo proporcionaria uma rota direta das ONGs locais, que trabalham «sobre o terreno», filiadas às organizações não governamentais nacionais e internacionais, até os mais altos níveis do Governo Global. Por exemplo: Greater Yellowstone Coalition, um grupo de organizações não governamentais afiliadas, apresentou recentemente uma solicitação ante o Comitê do Patrimônio Mundial da Unesco, em que pedia a intervenção nos projetos de uma empresa privada que pretendia tirar ouro de uma área particular, perto do Parque de Yellowstone. O Comitê da Unesco interveio e imediatamente declarou Yellowstone como «patrimônio mundial em perigo». A Convenção do Patrimônio Mundial exige que os Estados Unidos protejam o parque, inclusive além dos limites do mesmo, intervindo inclusive na propriedade privada se for necessário.

As idéias que se discutem, caso sejam colocadas em prática, situarão toda a população do mundo em uma aldeia global dirigida por uma burocracia mundial, sob a autoridade direta de um punhado diminuto de indivíduos nomeados a dedo e controlada por milhares de indivíduos, pagos por organizações não governamentais creditadas, dispostas a apoiar um sistema de crenças, que a muita gente resulta incrível e inaceitável.

Eleições na Grã-Bretanha

Os membros do Bilderberg celebram o resultado que desejavam: o retorno de um humilhado Tony Blair ao número 10 da Downing Street com uma maioria parlamentar muito minguada. Os membros europeus do Bilderberg ainda estão zangados com ele por ter apoiado a guerra dos Estados Unidos no Iraque. Enquanto dão ao Blair uma lição muito útil sobre política internacional, os membros do Bilderberg sentem que é um candidato muito mais seguro para prosseguir o caminho da integração européia que seu rival conservador, Michael Howard.

Planos neoconservadores

A facção conhecida como os neoconservadores, os que determinaram que a segurança de Israel deveria assegurar-se às custas da segurança dos Estados Unidos e ser o eixo central de todas as decisões de política externa americana, está em plena ação.

O mais notável entre este grupo é o agente israelense Richard Perle, que foi investigado pelo FBI como suspeito de espiar para Israel. Perle teve um papel fundamental na decisão dos Estados Unidos de atacar o Iraque. Obrigaram-no a demitir-se do Conselho de Política de Defesa do Pentágono, em 27 de março de 2003, depois de que se descobriu que aconselhara ao Goldman Sachs International, presença habitual nas reuniões do Bilderberg, sobre como poderia tirar proveito da guerra no Iraque.

Outra figura neoconservadora à mão era Michael A. Ledeen, um «intelectual dos intelectuais». Ledeen trabalha para o American Enterprise Institute (AEI), um grupo de peritos fundado em 1943, que há muito associou-se a Richard Perle. O AEI e o Instituto Brookings administram um Joint Center for Regulatory Studies (Centro Conjunto de Estudos Reguladores [JCRS]) com o objetivo de exigir responsabilidades aos legisladores e reguladores «sobre suas decisões, mediante uma análise rigorosa e objetiva dos programas reguladores existentes e de novas propostas reguladoras». O JCRS defende a análise custo-benefício das regulações, encaixando-se com o objetivo final do AEI (e de Bilderberg) de uma completa desregulação.

O American Enterprise Institute é uma espécie do Comin-form da Nova Ordem Mundial. Seus «cientistas» são os inquisidores de um regime global. Os grupos de peritos de Washington não promovem o pluralismo, a não ser um dogmatismo de estilo estalinista com conformistas elogiados e hereges excomungados. Esta idéia de funcionar de cara para a galeria não resulta surpreendente, posto que o American Enterprise Institute une os sucessores ideológicos de McCarthy e dos esquerdistas renegados, com emigrantes educados no bloco soviético, enquanto o Departamento de Estado e a CIA executam seus veredictos.

Este ano, durante a reunião do Bilderberg, estes neoconservadores viram-se acompanhados por um punhado de políticos de alto nível de Washington e de publicitários conhecidos por suas simpatias por Israel, incluindo o antigo funcionário do Departamento de Estado e presidente do CFR, Richard N. Haas; o antigo subsecretário de Estado, Richard Holbrooke; mais Dennis Ross, do Instituto para a Política no Oriente Próximo de Washington, defensor de Israel e descendente do Comitê Israel-americano de Assuntos Públicos (AIPAC) e do JINSA, assim como ao recém eleito diretor do Banco Mundial, Paul Wolfowitz.

Dennis Ross, Richard N. Perle e companhia pressionam para «a transferência» - tradução: limpeza étnica - de tantos palestinos de Cisjordânia e Gaza. Israel efetuará esta “transferência” enquanto os Estados Unidos se entretêm matando iraquianos. «Israel deveria ter aproveitado a repressão das manifestações na China, quando a atenção mundial estava centrada naquele país, para realizar expulsões maciças de árabes dos territórios», disse o anterior primeiro-ministro Netanyahu à estudantes da Universidade de Barra-han em 1989. Pode ser que os residentes da Comunidade Européia não tenham nem idéia das intenções dos sionistas em relação aos palestinos, mas em Israel a limpeza étnica é um tema popular de discussão. 50 % ou mais dos israelenses pensa que a limpeza étnica é uma idéia boa. Em uma nação que supostamente lembra o Holocausto.

Ledeem e outros neoconservadores americanos há muito defendem que qualquer crítica à Israel ou ao sionismo, mesmo a crítica política ordinária, é equivalente ao anti-semitismo.

Segundo a definição israelense, as críticas à Israel, aos sionistas, ou a qualquer judeu, em qualquer lugar do mundo, podem ser consideradas um delito se algum judeu, em qualquer lugar do mundo afirmar que tais críticas lhe causaram, suponhamos, um transtorno emocional ou problemas mentais. Tudo isto se encontra publicado em Seco 13(b)(2) do Código Penal israelense, aprovado em 1994, que reclama a jurisdição extraterritorial dos tribunais israelenses em caso de delitos cometidos contra judeus em qualquer lugar do mundo.

Até o momento existe um obstáculo a este instrumento que poderia resultar muito eficaz para fazer calar os críticos da política israelense e do sionismo no mundo inteiro: a carência de «dualidade penal». Para que os tribunais israelenses possam solicitar a extradição de críticos de outros países, primeiro estas ações “de crítica” devem tipificar-se como delito em outros países. Da mesma maneira, se as críticas aos crimes de guerra israelenses nos Territórios Ocupados ou de Ariel Sharon, supostamente levam a comissão de um delito contra um judeu, ou inclusive entristece a um judeu, poder-se-ia abrir a porta à extradição. Assim, por ter escrito este artigo, em um futuro próximo posso me encontrar encarcerado em uma prisão israelense.

Energia

Um membro americano do Bilderberg expressou a preocupação pelo altíssimo aumento do preço do petróleo. Um dos presentes na reunião, que conhece bem a indústria petroleira, comentou que não é possível o crescimento sem energia e que, segundo todos os indicadores, o fornecimento mundial de energia se acabará muito antes do que tinham previsto os líderes mundiais. Segundo algumas fontes, os membros do Bilderberg estimam que as reservas mundiais de petróleo durarão no máximo 35 anos, segundo o desenvolvimento econômico e a população atuais. Entretanto, um dos representantes de um cartel do petróleo surpreendeu-se dizendo que na equação se devem incluir tanto a explosão demográfica como o crescimento econômico e a demanda de petróleo na China e Índia. Segundo estas condições revisadas, ao que parece tão somente há bastante petróleo para um período de 20 anos. O final do petróleo será o final do sistema financeiro mundial. Algo que já foi reconhecido pelo Wall Street Journal e pelo Financial Time, dois periódicos presentes de forma regular nas conferências anuais do Clube Bilderberg.

Conclusão: é de esperar uma severa retirada da economia mundial durante os dois próximos anos enquanto os membros do Bilderberg tentam proteger as reservas de petróleo existentes tirando o dinheiro das mãos da gente. Em caso de recessão ou, pior ainda, em caso de depressão, a população se verá obrigada a reduzir ao mínimo seus gastos, o que assegura a manutenção por mais tempo das reservas de petróleo aos ricos do mundo, enquanto eles tentam pensar o que fazer.

Durante o coquetel da tarde, um membro europeu do Bilderberg afirmou que não há alternativa plausível à energia dos hidrocarbonetos. Um infiltrado americano declarou que atualmente o mundo gasta entre quatro e seis barris de petróleo por cada novo barril que se encontra e que as perspectivas de conseguir uma mudança a curto prazo são escassas, no melhor dos casos.

Alguém pediu uma estimativa das reservas convencionais de petróleo ainda acessíveis no mundo. A quantidade se fixou em aproximadamente um trilhão de barris. Cabe destacar que o planeta consome um bilhão de barris de petróleo cada 11,5 dias.

Outro membro do Bilderberg perguntou sobre o hidrogênio como alternativa ao fornecimento de petróleo. O funcionário do Governo dos Estados Unidos afirmou, tristemente, que acreditar que o hidrogênio vai solucionar a iminente crise energética do mundo é uma fantasia. Isto confirma a declaração pública feita em 2003 pelo HIS, a consultora mais respeitada do mundo que cataloga as reservas e os descobrimentos de petróleo, em que se indicava que, pela primeira vez desde os anos 20, não se descobriu nenhuma jazida petrolífera superior a 500 milhões de barris.

A indústria petroleira esteve representada na conferência de Bilderberg de 2005 por John Browne, diretor executivo da BP; sir John Ken, diretor do Royal Dutch Shell; Peter D. Sutherland, presidente da BP, e Jeroen Van der Veer, presidente do comitê de diretores administrativos da Royal Dutch Shell.

Deveria recordar-se que, a finais de 2003, o gigante do petróleo, Royal Dutch Shell, anunciou que tinha calculado suas reservas por alto, com uma margem de engano de 20 %. A rainha Beatriz da Holanda, principal acionista do Royal Dutch Shell, é membro de pleno direito do Clube Bilderberg. Seu pai, o príncipe Bernardo, foi um dos fundadores do grupo em 1954. O periódico Los Angeles Time informou que «para as empresas do petróleo, as reservas não são mais que "o valor da empresa"». De fato, Shell reduziu as estimativas de suas reservas não uma vez, mas, três vezes, o que levou a demissão de seu co-presidente. Em Rottach-Egern, em maio de 2005, os principais executivos da indústria tentaram encontrar a maneira de impedir que a opinião pública descobrisse a verdade sobre a diminuição das reservas de petróleo. O conhecimento público da queda das reservas daria lugar a uma imediata redução dos preços, que poderia destruir os negociadores financeiros e provocar um desmoronamento da economia mundial.

Referendum sobre a União Européia na França

O tema de conversação que dominou o primeiro dia das reuniões secretas do Bilderberg em 2005 foi o referendum sobre a União Européia na França e se Chirac podia persuadir a França a votar SIM em 29 de maio. Um voto afirmativo, segundo fontes do Bilderberg, pressionaria Tony Blair a entregar finalmente a Grã-Bretanha aos braços impacientes da Nova Ordem Mundial, mediante seu próprio referendum sobre o tratado, previsto para 2006. Matthias Nass afirmou em voz alta que um voto negativo na França, indubitavelmente, poderia causar confusão política na Europa e escurecer os seis meses de presidência britânica da União

Européia, que começam em 1 de julho. Os membros do Bilderberg esperam que Blair e Chirac, cuja inimizade saltou à luz pública em mais de uma ocasião, possam colaborar para obter vantagens mútuas e sua sobrevivência política. Outro membro europeu do Bilderberg ajuntou que ambos os líderes devem esquecer, o mais rapidamente possível, discussões passadas sobre temas como Iraque, a liberalização da economia da Europa e o futuro da oferta do pressuposto que Grã-Bretanha recebe da União Européia, e lutar por uma completa integração européia, que poderia desintegrar-se se a população da França, freqüentemente «gente cabeçuda e obstinada», segundo palavras de um membro britânico do Bilderberg, não cumprisse com seu dever, o que significa abandonar voluntariamente sua independência a favor de um «bem maior», um Superestado Federal Europeu!

Um alemão que conhece bem os mesentérios do Bilderberg disse que o voto afirmativo da França perigava devido à «deslocalização de postos de trabalho. Os postos de trabalho da Alemanha e França são ocupados por asiáticos e letonianos» (para tirar proveito da mão de obra barata). Letônia é uma das antigas repúblicas soviéticas que foram admitidas na União Européia, o que elevou o número de sócios a 25. Um político alemão perguntou em voz alta como podia Tony Blair convencer os britânicos a aceitarem a Constituição Européia quando, devido à deslocalização de empregos, Alemanha e França sofrem uma taxa de desemprego de 10 %, enquanto a economia de Grã-Bretanha obtém bons resultados.

Criminosos dos Estados Unidos

Uma lei do EE.UU., chamada Lei Logan, declara explicitamente que é ilegal que os funcionários federais frequentem reuniões secretas com cidadãos privados para desenvolver políticas públicas. Embora na reunião de 2005 do Bilderberg faltasse um de seus sicários, o funcionário do Departamento de Estado norte-americano, John Bolton, que na ocasião prestava declarações ante o Comitê de Relações Exteriores do Senado, o Governo americano esteve bem representado no Rottach-Egern por Alan Hubbard, ajudante do presidente para política econômica e diretor do Conselho Econômico Nacional; William Luti, vice-subsecretário de Defesa; James Wolfensohn, presidente adjunto do Banco Mundial, e Paul Wolfowitz, vice-secretário de Estado, ideólogo da guerra do Iraque e novo presidente do Banco Mundial. Assistindo à reunião do Bilderberg de 2005, esta gente viola as leis federais dos Estados Unidos.

Aune Telecomunicações

Em um coquetel, num sábado de noite (em 7 de maio), no luxuoso Dorint Sofitel Seehotel Überfahrt, no Rottach-Egern, Baviera, Munich, vários membros do Bilderberg que compartilhavam a barra com a rainha Beatriz da Holanda e com o Donald Graham, diretor do Washington Post, falavam da futura venda de Aune, o gigante espanhol das telecomunicações e de tv a cabo. Aune controla serviços de telefonia fixa, uma rede de telefonia móvel, um sistema de televisão a cabo e, também, proporciona conexão a Internet. Um dos membros de Bilderberg que

conhece o tema (acredita-se que poderia ser Henry Kravis, segundo a descrição física da fonte presente na reunião) declarou que as operações de telefonia móvel de Aune poderiam gerar aproximadamente bilhões de euros, incluindo a dívida, enquanto que outro membro do Bilderberg, um homem alto com entradas na frente, ajuntou que seus ativos de telefonia fixa poderiam gerar dois bilhões e seiscentos milhões de euros aproximadamente. Fontes próximas aos membros do Clube Bilderberg declararam extra-oficialmente que Kohlberg Kravis Roberts & CO, uma companhia de capital privado, está interessada em comprar a Aune. Uma abundância de créditos baratos e baixos índices de lucros converteram a Aune num objetivo apetitoso para os compradores de capital privado.

Kohlberg Kravis Roberts & CO estava representada nas reuniões do Bilderberg pelo arquimilionário Henry Kravis e sua esposa Maria José Kravis, nascida em um povoado de Quebec e membro importante da organização neoconservadora Instituto Hudson.

Conclusões: É de esperar uma cobertura favorável e apoio à Kohlberg Kravis Roberts & CO por parte do Grupo Prisa, cujo conselheiro comissionado, Juan Luis Cebrian, sempre assiste às reuniões super-secretas do Bilderberg. No caso de que Kravis não consiga apresentar uma oferta competitiva, é de esperar a mesma publicidade a favor do Goldman Sachs Group, cujo membro, Martin Taylor, é o secretário geral honorário do Bilderberg e cujo presidente, Peter Sutherland, é membro do Bilderberg e presidente da Comissão Trilateral Européia. No passado, a revelação do discutido nas reuniões do Bilderberg supunha que conhecessem de antemão - meses antes de que aparecessem nos meios de comunicação majoritários - temas como a invasão americana do Iraque, os aumentos da pressão fiscal e a queda de Margaret Thatcher como primeira ministra de Grã-Bretanha.

Enfrentamento Indonésia- Malásia

Uma confrontação política e militar entre estas duas nações no mar das Celebes, rico em reservas de petróleo (ambas reclamam a área rica em petróleo do Ambalat como parte de seu território) foi objeto de uma animada discussão entre vários membros do Bilderberg, americanos e europeus, durante um coquetel pela tarde. Um membro americano do Clube Bilderberg, enquanto gesticulava com um puro na mão, sugeriu usar às Nações Unidas «para estender uma política de paz na região». De fato, todos os bilderbergs presentes na mesa estavam de acordo em afirmar que um conflito como esse poderia lhes proporcionar uma desculpa para enviar «forças de pacificação» das Nações Unidas à região e assegurar assim seu controle absoluto da exploração deste tesouro; quer dizer, das reservas de petróleo ainda por explorar.

China

Os membros europeus e americanos do Bilderberg, que se dão conta da urgente necessidade de crescer existente nos mercados em desenvolvimento para ajudar a manter viva a ilusão do crescimento contínuo, acordaram nomear Pascal

Lamy, um socialista francês fanático defensor de um Superestado europeu, como novo presidente da Organização Mundial do Comércio. Recordar-se-á que Washington apoiou a nomeação do Lamy em troca do apoio europeu à candidatura do Paul Wolfowitz como diretor do Banco Mundial. Segundo informações proporcionadas por conhecedores dos mesentérios do Grupo Bilderberg, Lamy foi eleito para ajudar a dirigir o sistema de Comércio Global num momento em que aumentam os sentimentos protecionistas em países ricos como França e Alemanha, países afetados por altas taxas de desemprego e pouco dispostos a cumprir as cada vez maiores exigências de avaliação de mercados das economias em desenvolvimento. Os Estados do Terceiro Mundo, por exemplo, insistem em que se devem reduzir os subsídios que a União Européia e os Estados Unidos pagam à seus agricultores. A onda de liberalização da OMC veio abaixo em Seattle em 1999 e outra vez em Cancun em 2003.

Os bilderbergs acordaram em segredo a necessidade de obrigar os países pobres a introduzir-se em um mercado globalizado de mercadorias baratas, enquanto, forçavam aos pobres a transformarem-se em clientes. A atual discussão com a China é um bom exemplo, porque os chineses alagaram os países ocidentais com mercadorias baratas, entre elas produtos têxteis, baixando os preços. Em compensação, os membros do Bilderberg introduziram-se num mercado emergente, amadurecido e vulnerável aos conhecimentos ocidentais. Como no caso do Haiti, por exemplo, que viu suas granjas domésticas de arroz arruinadas por causa das exportações americanas. Quando os granjeiros haitianos não puderam competir com o arroz americano nos mercados haitianos, abandonaram a terra e converteram-se em população urbana desempregada. Então, os americanos aumentaram os preços do arroz em níveis insustentáveis. Haiti e China são, pois, negociadores cativos, mas negociadores ao fim e ao cabo. Países em vias de desenvolvimento similares aumentam seu poder aquisitivo e o mundo industrializado consegue introduzir-se em suas economias convertendo-los em alvos de exportações baratas.

APÊNDICE 3

Lista dos participantes da reunião do Clube Bilderberg em 2005

(A primeira letra denota a nacionalidade do participante. Seguimos a convenção proposta pela oficina de comunicação da União Européia. No caso da Autoridade Nacional Palestina, que não tem código assinado, seguimos a proposta ISO. As siglas «INT» assinalam representação de organizações internacionais)

Presidente honorário

B, Davignon, Étienne, vice-presidente de *Suez Tractebel*

Secretário geral honorário

UK, Taylor, J. Martin, conselheiro internacional de *Goldman Sachs Internacional*.

NL, Aartsen, Jozias J. van, líder parlamentar do Partido Liberal (WD).

PISO, Abu-Amr, Ziad, membro do Conselho Legislativo Palestino; presidente do Conselho Palestino de Relações Exteriores; professor de Ciências Políticas na Universidade Birzeit.

D, Ackennann, Josef, presidente do comitê executivo do grupo *Deutsche Bank AG*.

INT, Almunia Amann, Joaquín, comissário europeu.

EL, Alogoskoufis, George, ministro de Economia e Finanças.

TR, Babacan, Ali, ministro de Assuntos Econômicos.

P, Balsemão, Francisco Pinto, presidente e diretor geral de *IMPRESA, SGPS.*; antigo primeiro ministro.

INT, Barroso, José M. Durão, presidente da Comissão Européia. S, Belfrage, Elik, vice-presidente primeiro do *Skandinaviska*

Enskilda Bank (SEB).

L, Bernabé, Franco, vice-presidente de *Rothschild Europa*. F, Beytout, Nicolás, redator chefe de *Le Figaro*. A, Bronner, Osear, editor e redator de *Der Standard*. UK,

Browne, John, presidente do grupo BPPLC. .

D, Burda, Hubert, presidente do conselho de direção de Hubert Burda Media.

IRL, Byrne, David, enviado especial da OMS para a revisão do Regulamento Sanitário Internacional; antigo comissário europeu.

F, Camus, Philippe, presidente da *European Aeronautic Defence and Space Company (EADS)*.

F, Castries, Hemi de, presidente do conselho de AXA

E, Cebrián, Juan Luis, presidente do grupo PRISA

US, Collins, Timothy c., diretor administrativo e presidente de Ripplewood Holdings, LLC.

F, Collomb, Bertrand, presidente do grupo *Lafarge*. CH, Couchepin, Pascal, ministro federal do Interior.

GR, David, George A, presidente de *Coca-Cola HBC, SA*.

F, Delpech, Thérèse, diretora dos estudos estratégicos da Comissão de Energia Atômica.

GR, Diamantopoulou, Arma, parlamentar.

NL, Docters van Leeuwen, Arthur W.H., presidente do conselho executivo da Comissão do mercado de valores holandesa.

US, Donilon, Thomas B., sócio de O'Melveny & Myers.

D, Döpfner, Mathias, presidente de Axel Springer AG. DK, Eldrup, Anders, presidente de DONG AIS.

Elkann, John, vice-presidente de Fiat, SpA E, Espanha, SM a Rainha de US, Feldstein, Martin S., presidente e diretor geral da Oficina Nacional de Investigação Económica.

US, Ford, Jr., William C, presidente e diretor geral de *Ford Motor Company*.

US, Geithner, Timothy E, presidente do Banco da Reserva Federal de Nova York.

TR, Gencer, Imregul, membro do conselho de *Global Investment Holding*.

IL, Gilady, Eival, conselheiro do primeiro ministro Sharo

IRL, Gleeson, Dennot, presidente do Grupo AIB.

US, Graham, Donald E., presidente e diretor geral de *The Washington Post Company*.

NO, Grydeland, Bjern T., embaixador ante a União Européia.

P, Guterres, Antonio, antigo primeiro ministro; presidente da Internacional Socialista.

US, Haass, Richard N., presidente do Conselho de Relações Exteriores.

NL, Halberstadt, Víctor, professor de Economia na Universidade de Leiden.

B, Hansen, Jean-Pierre, presidente de *Suez Tractebel, SA*

A, Haselsteiner, Hans Peter, presidente de *Baubolding Strabag SE (Societas Européia)*.

DK, Hedegaard, Connie, ministra de Meio-Ambiente.

US, Holbrooke, Richard C, vice-presidente de *Perseus. INT*,

Hoop Scheffer, Jaap G. de, secretário geral da OTAN.

US, Hubbard, Alian B., ajudante do presidente para política económica e diretor do Conselho Económico Nacional.

B, Huyghebaert, Jan, presidente da junta diretiva do Grupo KBC.

US, Johnson, James A, vice-presidente de *Perseus, LLC. INT*,

Jones, James L., comandante supremo aliado na Europa do Quartel General Militar da OTAN.

US, Jordán, Jr., Vemon E., diretor geral administrativo de *Lazard Frères & Co., LLC.* US, Keane, John M., presidente de GSI, LLC; geral do exército estadunidense, retirado.

UK, Kerr, John, diretor de *Shell, Río Tinto* e de *Scottish Investment Trust*.

US, Kissinger, Henry, presidente de *Kissinger Associates, Inc. D*,

Kleinfeld, Klaus, presidente e diretor geral de *Siemens AG*.

TR, Koc, Mustafa v., presidente de *Koc Holding AS*.

D, Kopper, Hilmar, presidente do conselho de supervisão de *DaimlerChrysler AG.* F, Kouchner, Bernard, cátedra «Santé et développement» do *Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM)*.

US, Kravis, Hemy R., sócio fundador de *Kohlberg Kravis Roberts & Co. US*, Kravis, Marie-Josée, conselheira *senior* do *Hudson Institute, Inc.*

INT, Kroes, Neelie, comissária europeia.

CH, Kudelski, André, presidente do conselho e diretor geral do *Grupo Kudelski*.

F, Lamy, Pascal, presidente de *Notre Europe*; antigo comissário europeu.

US, Ledeen, Michael A, *American Enterprise Institute.* FI, Liikanen, Erkki, governador e presidente do conselho do Banco de Finlândia.

- NO, Lundestad, Geir, diretor do Instituto Nobel noruego; secretário do Comitê Nobel noruego.
- US, Luti, William J., vice-secretário de Defesa para Oriente Médio e do Sudeste Asiático.
- DK, Lykktoft, Mogens, presidente do Partido Social democrata.
- CA, Manji, Irshad, autora/fundadora do «*Project Ijtihad*».
- US, Mathews, Jessica T., presidenta do *Carnegie Endowment for International Peace*.
- CA, Mau, Bruce, Bruce Mau Design.
- CA, McKenna, Frank, embaixador nos Estados Unidos. US, Medish, Mark C, Akin Gurnp Strauss Hauer & Feld, LLP. US, Mehlman, Kenneth B., presidente do Comitê Nacional Republicano. D, Merkel, Angela, presidenta da *Christlich Demokratische Union (CDU)*; presidenta da CDU/CSU Fraktion.
- SK, Mildos, Ivan, vice-primeiro ministro e ministro das Finanças.
- F, Montbrial, Thierry de, presidente do Instituto Francês de Relações Internacionais (IFRI).
- INT, Monti, Mario, presidente da Universidade Bocconi; antigo comissário europeu da competência.
- CA, Munroe-Blum, Heather, reitor e vice-conselheiro da Universidade McGill.
- NO, Myklebust, Egil, presidente da junta diretiva de SAS. D, Nass, Matthias, vice-redator de *Die Zeit*.
- RU, Nemirovskaya, Elena, fundadora e diretora da Escola de Moscou de Estudos Políticos.
- PL, Olechowski, Andrzej, líder da *Civic Platform*.
- FI, Ollila, Jorma, presidente do conselho e diretor geral de Nokia Corporation.
- INT, Padoa-Schioppa, Tommaso, membro do conselho executivo do Banco Central Europeu. NL, Países Baixos, SM a rainha dois.
- E, Palacio, Loyola de, presidenta do Conselho de Relações Exteriores, Partido Popular.
- GR, Papandreou, George A, presidente do Movimento Socialista Pan-helênico (PASOK).
- US, Pearl, Frank H., presidente e diretor geral de Perseus, LLC.
- US, Pearlstine, Nonnan, redator chefe de *Time Inc*.
- FI, Pentikäinen, Mikael, presidente de *Sanoma Corporation*.
- US, Perle, Richard N., professor enviado *American Enterprise Institute for Public Policy Research*.
- D, Pflüger, Friedbert, parlamentar da *Christlich Demokratische Union/CSU Fraktion*.
- B, Philippe, SAR o príncipe.
- CA, Prichard, J. Robert S., presidente de *Torstar Media Group* e diretor geral de *Torstar Corporation*.
- INT, Rato e Figaredo, Rodrigo de, diretor gerente do FMI.
- CA, Reisman, Brezo, presidente e diretor geral de *indigo Books & Music Inc*.
- US, Rockefeller, David, membro do Conselho *International de Jp Morgan*.
- US, Rodin, Judith, presidenta da *Fundação Rockefeller*.
- E, Rodríguez Inciarte, Matías, vice-presidente executivo do *Grupo Santander*.

- US, Ross, Dennis B., diretor do *The Washington Institute for Near East Policy*.
- F, Roy, Olivier, investigador *senior* do *Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)*.
- P, Sannentó, Nuno Moráis, antigo ministro de Estado e da Presidência; parlamentar.
- I, Scaroni, Paolo, diretor geral e diretor gerente de *Enel, SpA D*,
- Schily, Otto, ministro do Interior.
- A, Scholten, Rudolf, membro do conselho de diretores executivos do *Oesterreichische Kontrollbank AG*.
- D, Schrempp, Jürgen E., presidente do conselho de direção de *DaimlerChrysler AG*.
- D, Schulz, Eldehard D., presidente do conselho executivo de *ThyssenKrupp AG*.
- E, Sebastián Gascón, Miguel, conselheiro econômico do presidente do governo
- IL Sharansky, Natán, antigo ministro responsável de Jerusalém e da Diáspora.
- L, Siniscalco, Domenico, ministro de Economia e Finanças.
- UK, Skidelsky, Robert, professor de Economia Política da Universidade de Warwick.
- IRL, Sutherland, Peter D., presidente de *Goldman Sachs International*; presidente de BP PLC.
- PL, Sz wajcowski, Jacek, presidente de *Polska Grupa Fannaceutyczna*.
- FI, Tiilikainen, Teija H., diretor da Rede de Estudos Europeus da Universidade de Helsinki.
- NL, Tilmant, Michel, presidente do banco *ING N.V.*
- INT, Trichet, Jean-Claude, governador do Banco Central Europeu.
- TR, Ülsever, Cüneyt, colunista do diário *Hürriyet*.
- CH, Vasella, Daniel L., presidente e diretor geral de *Novartis AG*
- NL, Veer, Jeroen van der, presidente do Comitê de diretores gerentes do *Royal Dutch Shell Group*.
- US, Vinocur, John, correspondente *senior* do *International Herald Tribune*.
- S, Wallenberg, Jacob, presidente do conselho e investidor de AB; vice-presidente de SEB.
- US, Warner, Mark R., governador de Virgínia.
- UK, Weinberg, Peter, presidente de *Goldman Sachs International*.
- D, Wissmann, Matthias, parlamentar da *Christlich Demokratische Union/CSU Fraktion*.
- UK, Wolf, Martin H., redator associado e comentarista de economia do *Financial Times*.
- INT/US, Wolfensohn, James D., antigo presidente do Banco Mundial.
- INT, Wolfowitz, Paul, presidente do Banco Mundial.
- US, Zakaria, Fareed, redator de *Newsweek International*.
- D, Zumwinkel, Klaus, presidente do conselho de direção de *Deutsche Post AG*.
- UK, Mieldethwait, R. John, redator nos Estados Unidos de *The Economist*.
- UK, Wooldridge, Adrián D., correspondente no estrangeiro de *The Economist*.

Notas

Observação importante: à época desta versão de internet, todos os links indicados pelo autor mostraram-se inexistentes. A sugestão fica para que sempre se crie um espelho do site observado para futuras referências, evitando assim a nulidade de tais “documentos”, pois a Internet é um meio muito “volátil” de se difundir idéias.

Capítulo 1

1. Will Hutton, *The Observer*, 1 de fevereiro de 1998 .
2. Veja-se o artigo de Richard Creasy e Pete Sawyer «The World's Most Powerful Secret Society», no qual os autores descrevem em toda sua glória sua primeira experiência cara a cara com os *bilderbergers* no encontro da Escócia em 1998. Número 55 da revista britânica *Punch*; 23 de maio-5 de junho de 1998.
3. Veja-se *The Old Stables; Who runs the World?*, de Richard Greaves.
4. Will Hutton, *The Observer*, 1 de fevereiro de 1998.
5. *Guardian Unlimited*, sábado, 10 de março de 2001.
6. Jim McBeth, *Scotsman*, 05/15/1998.
7. Texto procedente de www.borromees.it. a página web do *Grand Hotel des lies Borromées*.
8. Outros participantes incluem a Denis Healy (ex-ministro de Defesa britânico), Manlio Brosio (secretário da OTAN), Wilfred S. Baumgartner (ex-governador do Banco da França e ex-diretivo da grande companhia multinacional francesa, *Rhône-Poulenc*), Guido Carli (ex-governador do Banco de Itália), Thomas L. Hughes (presidente do *Carnegie Endowment for International Peace*), William P. Bundy (ex presidente da Fundação Ford e editor do *Foreign Affairs Journal*), John J. McCloy (ex presidente de *Chase Manhattan Bank*), Lester Pearson (ex-primeiro ministro do Canadá), Pierre Trudeau (ex-primeiro ministro do Canadá), Jean Chrétien (ex primeiro ministro do Canadá), Dirk U. Stikker (secretário geral da OTAN), George F. Kennan (ex-embaixador dos Estados Unidos na União Soviética), Paul H. Nitze (representante de *Schroeder Bank*). Nitze desempenhou um importante papel nos acordos para o controle armamentístico, que sempre estão sob a direção de RIIA, Robert O. Anderson (presidente de *Atlantic-Richfield Co.* e diretor do *Instituto Aspen* de Estudos Humanísticos), Donald S. MacDonald (ministro de Defesa canadense), príncipe Claus de Holanda, Marcus Wallenberg (presidente de *Enskida Bank* de Estocolmo), John D. Rockefeller IV (governador da Virgínia Ocidental, agora senador dos Estados Unidos), Cyrus Vane (secretário de Estado com Carter), Eugene Black (ex-presidente do Banco Mundial), Joseph Johnson (presidente da Fundação *Carnegie* para a Paz Internacional), Hannes Androsch (ministro das Finanças austríaco), Paul van Zeeland (primeiro ministro da Bélgica), Pierre Cornmin (secretário do Partido Socialista Francês), Imbriani Longo (diretor geral do *Banco Nazionale del Lavoro* em Itália), Vimcomte Davignon (ministro de Assuntos Exteriores belga), Gen. Andrew J. Goodpaster (ex-comandante em chefe dos aliados na Europa e superintendente da *West Point Academy*), Zbigniew Brzezinski, general Alexander Haig (secretário geral da OTAN para Europa, ex assistente de Kissinger e secretário de Estado com Reagan), barão Edmond de

Rothschild, Pierce Paul Schweitzer (diretor do Fundo Monetário Internacional) e atto Wolfif (importantíssimo industrial alemão).

9. John Williams em *Atlanticism: The Achules' Heel of European Security, Self-Identity and Collective Will*.

10. (Veja-se Apêndice 3 para conversações secretas entre distintas facções do grupo.)

11. (Tradução: a revista *Spotlight* foi neutralizada pelo governo levando-a à juízo já que supunha um sério perigo para os planos globalizadores. Das cinzas da antiga *Spotlight* ressurgiu a *American Free Press*.)

12. Tony Gosling, crítico do *Club Bilderberg* e ex-periodista da *BBC*.

13. Gary Alien, *El Expediente Rockefeller*.

14. Gary Alien, *El Expediente Rockefeller*.

15. Outros convidados habituais, de máxima importância, são Donald E. Graham, editor do *Washington Post*; Jim Hoagland (participante habitual) e Charles Krauthammer, ambos colunistas do *Washington Post*; Andrew Knight, diretor do grupo mediático *Knight Ridder*; Osborn Eliot, ex-editor do *Newsweek*; Robert L. Bartley, vice-presidente de *Wall Street Journal* e membro do *Council on Foreign Relations* e da Comissão Trilateral; Jean de Belot, editor de *Le Figaro*; R. John Micklethwait de *The Economist*; Sharon Percy Rockefeller, presidente e diretor de *WETA-TV*; John Bernder, diretor geral de *Norwegian Broadcastihg Corp.*; Paul Gigot, editor do «conservador» *Wall Street Journal*; Gianni Riotta, subdiretor de *La Stampa*; Anatole Kaletsky de *The Times of London*; Peter Job, diretor do *Reuters*; Eric Le Boucher, editor chefe de *Le Monde*; Hedley Donovan,

Henry Grunwald e Ralph Davidson do *Time*; Joseph C. Harsch, ex-comentarista da *NBC* e membro do *Council on Foreign Relations*; Toger Seidenfaden, editor chefe de *Politiken* de Dinamarca e Kemleth Whyte, editor do *The National Post*, de Canadá; Conrad Black, proprietário de uma cadeia de periódicos presentes em muitos países (participante habitual); Mathias Nass, subdiretor de *Die Zeit*; Henry Anatole Grunwald, ex-editor chefe do *Time* e membro do *Council on Foreign Relations*; Mortimer B. Zuckerman, presidente e editor chefe de *E7.5. News and World Report*, *New York Daily News* e *Atlantic Monthly*, também membro do *Council on Foreign Relations*; Peter Robert Kann, presidente e diretor de *Dow Jones and Company* e membro do *Council on Foreign Relations*; Will Hutton, editor de *London Observer*; William F. Buckley, Jr., editor chefe de *National Review*, colaborador do programa «*Firing Line*» da produtora norte-americana de televisão *PBS* e membro do *Council on Foreign Relations*; os afamados colunistas Joseph Kraft, James Reston, Joseph Harsch, George Will e Flora Lewis; Donald C. Cook, ex-diplomático europeu e correspondente de *Los Angeles Times* e membro do *Council on Foreign Relations*; Albert J. Wohlstetter, correspondente de *Wall Street Journal* e membro do *Council on Foreign Relations*; Bill Moyers, diretor executivo de *Public Affairs TV* e ex-diretor do *Council on Foreign Relations*; Gerald Piel, ex-presidente de *Scientific American* e membro do *Council on Foreign Relations*, e William Kristol, editor da revista britânica *Weekly Standard*.

16. Rep. Bernie Sanders, *Sander's Scoop newsletter*, verão de 2002.

17. Rep. Bernie Sanders, *Sander's Scoop newsletter*, verão de 2002.

18. Rep. Bernie Sanders, *Sander's Scoop newsletter*, verão de 2002.
19. Roswell Gilpatric (*Council on Foreign Relations, Bilderberg*) do gabinete dos advogados *Kuhn, Loeb (Rothschild)*, Cravath, Swaine e Moore e ex-diretor do Banco da Reserva Federal de Nova York; Henry B. Schnacht, diretor do *Chase Manhattan Bank (Rockefeller/Rothschild; Council on Foreign Relations, Brookings Institution* e Comitê para o Desenvolvimento Econômico); James D. Wolfensohn (*Council on Foreign Relations, Comitê dos 300, Bilderberg*), ex-diretor de *J. Henry Schroder Bank*, com estreitas relações com os Rothschild e os Rockefeller, nomeado em 1995 diretor do Banco Mundial por Bill Clinton; Franklin A. Thomas (*Council on Foreign Relations*), diretor da *Fundação Rockefeller*.
20. William Shannon, «*Plans to destroy America are exposed!*», *www.bankindex.com*. 11 de agosto de 2002.
21. Dr. John Coleman, *Conspirator's Hierarchy: The Story of the Committee 300, America West Publishers, 1992*.
22. idem.
23. idem.
24. idem.
25. idem.
26. Citado em <http://freedomlaw.com/coffee.html>. Entre seus patrocinadores encontram-se o *Instituto Cato*, *Heritage* e o *Mackinac Centre for Public Policy*, todos de direita, ultraconservadores e pró-estado de Israel.

Capítulo 2

1. (*Who's Who of the Élite*, Robert Gaylon Ross Sr.) Como nota de grande interesse direi que Robert Gaylon Ross é *expert* no campo de cripto-análise (a decodificação de mensagens) e prestou serviço como lugar-tenente da Agência de Segurança Militar (*ASAM*), filial da Agência de Segurança Nacional (*NSA*), que depende, por sua vez, da Agência Central de Inteligência (*CIA*). De 1956 a 1957 serviu como comandante de companhia de uma unidade de Inteligência na zona desmilitarizada no vale de Chorwan, na Coréia do Sul. Depois de finalizar o manuscrito de seu primeiro livro, *Who's Who of the Élite*, contactou com numerosos editores para perguntar se estavam interessados no texto. Todos declinaram publicá-lo devido a sua temática, sendo assim, montou sua própria editora, *RIE*, e publicou o primeiro de seus quatorze trabalhos. Este livro, a propósito, explica as intenções da Nova Ordem Mundial de dominar o mundo inteiro, tanto política como economicamente, e coloca em suas mãos uns quantos homens que criaram várias organizações secretas para levar a cabo sua missão.
2. Continuando, o leitor encontrará uma limitada lista de organizações que, nos Estados Unidos, estão financiadas, ou dirigidas pela associação *Rockefeller/CFR* e que trabalham pela desapareição da independência desse país.
 - Associação Americana para as Nações Unidas
 - União Atlântica
 - Conselho de Educação Geral
 - *Council on Foreign Relations*
 - Federação de Governos Mundiais

- Conselho de Povoação
- Instituto para a Ordem Mundial
- A Comissão Trilateral
- Federalistas Internacionais Unidos

Dentre todas as organizações que controlam *CFR/Rockefeller*, vejamos com mais detalhes a organização dos Federalistas Internacionais Unidos (*UWF*), exemplo da interrelação entre seus membros com o *CFR* desde o mesmo dia de sua fundação. A *UWF* foi criada em 1947 por Norman Cousins e James P. Warburg, ambos veteranos membros do *CFR*. O primeiro acreditava que, para assegurar a paz mundial, era necessária a criação de um governo mundial eficiente. A primeira plataforma de promoção de seus ideais foi o rotativo *Saturday Review*, do qual era editor. Este periódico passou, em pouco tempo, de ser uma pequena revista literária a uma poderosa publicação semanal com uma circulação de mais de 600.000 exemplares. James P. Warburg era o mesmo Warburg que prometeu um Governo Mundial «com o consentimento do povo, ou por conquista». Federalistas Internacionais Unidos foi apoiada pelos dois partidos políticos, pela maior parte dos políticos de primeira linha e por quase todos os presidentes, desde Harry Truman a Clinton.

O primeiro presidente dos Federalistas Internacionais Unidos foi Cord Meyer Jr. quem, além de ser membro do *CFR*, era também agente da *CIA* (1951-1977). Meyer havia participado no programa secreto de manipulação mental *MK-Ultra LSD*. Sua ex-mulher, Mary Pinchot Meyer, foi a última amante de John Kennedy. Meyer escreveu um livro intitulado *Peace or Anarchy* (Paz ou anarquia) que promulgava a mesma linha de pensamento que a gente do *CFR*. Segundo ela, «os Estados Unidos deveriam estar dispostos a desarmar-se para convergir em um Governo Federal Mundial sob o controle das Nações Unidas». A paz de Meyer soa a película de terror à nossos ouvidos livres de hoje: «uma vez ingressada no Governo Federal Único Mundial nenhuma nação poderá afastar-se, ou rebelar-se porque com a bomba atômica em sua posse, o Governo Federal (do Mundo) a faria desaparecer da face da terra».

3. (*CFR*) = Empresa listada como membro atual do *Council on Foreign Relations*. *ABB Asea Brown Boveri Ltd.*, Percy Bamevik, Suíça. *American Standard Companies Inc.*, Emmanuel A. Kampouris, EE. UU. *AT&T Wireless Services Inc.*, Steven W. Hooper, EE. UU. *Banco do Brasil, S. A.*, Paulo Cesar Xione Ferreira, Brasil. *Barclays PLC*, Martin Taylor, Reino Unido. *Bechtel Group Inc.*, Riley P. Bechtel, EE. UU. *Bell Canadá*, John McLennan, Canadá. *Cisco Systems Inc.*, John T. Chambers, EE. UU. *Compaq Computer Corp.*, Eckhard Pfeiffer, EE. UU. *Deutsche Bank AG*, Michael Endres, Alemanha. *Electronic Data Systems Corp.*, Lester M. Alberthal Jr., EE. UU. *Emirates Bank International*, Anis Al Jallaf, Emiratos Árabes Unidos. *Ernst & Young LLP*, Philip A. Laskany, EE. UU. *Ford Motor Company*, Kenneth R. Dabrowski, EE. UU. *Goldman, Sachs & Co.*, Jon S. Corzine, EE.UU. *Honeywell Inc.*, Michael R. Bonsignore, EE. UU. *Hyundai Electronic Industries Co. Ltd.*, Young Hwan Kim, Coreia del Sur. *LEXIS-NEXIS*, Ira Siegel, EE. UU. *Lockheed Martin Corp.*, Peter B. Teets, EE. UU. *Mitsubishi Corp.*, Minoru Makihara, Japón. *NatWest Group*, Bernard P. Horn, Reino Unido. *NYNEX Corp.*, Ivan Seidenberg, EE. UU. *Philips Electronics N.V.*, Cor Boonstra,

Países Baixos. Price Waterhouse, EE. UU., Geoffrey Johnson, Reino Unido. Samsung Data Systems Co. Ltd., Suck Namgoong, Coreia del Sur. Siemens Nixdorf Informations systeme AG, Gerhard Schulmeyer, Alemanha. The Acer Group, Stan Shib, Taiwan. The Nasdaq Stock Market, Alfred R. Berkeley III, EE. UU. The New York Stock Exchange, Richard A. Grasso, EE. UU. The Royal Dutch/Shell Group of Companies, Mark Moody-Stuart, Reino Unido. United Parcel Service, John W. Alden, EE. UU. Universal Studios Inc., Frank J. Biondi, EE.UU. EE.UU. Department of the Navy, Richard Danzig, EE.UU. US Postal Service, Marvin T. Runyon, EE. UU.

4. É bastante anedótico como as mesmas organizações pertencentes ao combinado CRF-Bilderberg, como o *World Federalist Movement*, saem a reluzir quando há uma agenda globalizadora a aplicar.

5. Um extenso livro de *Oxford University Press*, publicado em 1995 que, desafortunadamente vendeu pouquíssimos exemplares, por que a gente, uma vez mais, desconhece o que os globalizadores planejam fazer conosco.

6. O *site web* oficial do CFR é: <http://www.cfr.org/>.

7. Burger (sob o presidente Nixon, 1969), Douglas (Roosevelt, 1939), Brennan (Eisenhower, 1956), Stewart (Eisenhower, 1958), White (Kennedy, 1962), Marshall (Johnson, 1967), Blackmun (Nixon, 1970), Powell (Nixon, 1971), Rehnquist (Nixon, 1971). *Roew. Wade*, 410 U.S. 113,93 S.Ct. 705, 35 L.Ed.2d 147 (1973).

8. Dr. Byron T. Weeks, 31/07/2001

<http://educate-yourself.org/nwo/nwotavistockbestkeptsecret.shtml>

9. *Ways and Means of US Ideological Expansion*, A. Valyuzhenich, *International Affairs* (Moscou). Fevereiro de 1991, págs. 63-68.

10. Pollock, Daniel C *Project Director & Editors De Mclaurin*, Ronald, Rosenthal, Cari E, Skillings, Sarah A., *The Art and Science of Psychological Operations: Case Studies of Military Application*. Volumen 1, Volante n 725-7-2, DA Pam 525-7-2, *Headquarters Department of the Army, Washington, DC*, 1 de abril de 1976. Vol. II, pág. 825.

11. *Whos's Running America? Institutional Leadership in the United States*, Thomas R. Dye, Prentice-Hall, 1976.

12. Esta declaração foi feita em 1970 pelo professor Raymond Houghton, em «*To Nurture Humaneness: Commitment for the 70's*».

13. Berit Kjos em seu livro *Finding Common Ground*.

14. As mais importantes são a *Ford Foundation*, *Lilly Foundation*, *Rockefeller Foundation*, *Duke Endowment*, *Kresge Foundation*, *Kellogg Foundation*, *Mott Foundation*, *Pew Mutual Trust*, *Hartford Foundation*, *Alfred P. Sloan Foundation*, *Carnegie Foundation*. Fonte: Dye, Thomas R., *Who's Running America?*, Prentice-Hall, 1976, págs. 103-107.

15. idem.

16. Rene Wormser, *Foundations: Their Power and Influence*, págs. 65-66, Sevierville TN: Covenant House Books, 1993.

17. Um influente periodista americano que compartia as degeneradas idéias dos conservadores straussianos de que a população não é mais que um punhado de borregos que tem que ser controlados por uma classe intelectual especialista.

18. Chefe de planejamento político para o Departamento de Estado (1950-1953) durante a administração Truman.

19. Vice-secretário de Estado na administração Truman e membro do grupo de trabalho que criou o *Plano Marshall*.

20. Michio Kaku e Daniel Axefrod, *To win the Nuclear War. The Pentagon 's Secret War Plans*, South End Press, 1987, págs. 63-64.

21. Mike Peters, *The Bilderberg Group and the project of Europea Unification*.

22. Página 21: «Em todos os encontros, funciona a Regra da Não Atribuição do Conselho. Isto assegura aos participantes que podem falar abertamente sem que outros, mais tarde, *atribuam-lhes suas afirmações*, tanto ante os meios de comunicação pública como ante pessoas que podem ter acesso à esses meios.»

Página 122: «À semelhança do Conselho, os comitês animam a que se fale abertamente mantendo *a premissa da não atribuição nos encontros*».

Página 169: O Artigo II da regulamentação diz: «É condição expressa do Conselho, a cujo cumprimento acedem todos os membros em virtude de sua pertença, que os membros observaram tais regras tal e como estão prescritas, de tanto em tanto, o Comitê de Diretores, em relação à conduta nos encontros ou à *atribuição de declarações feitas ali e que qualquer revelação, pública, ou outra ação nesse sentido, será entendida pelo comitê de diretores, com seu único critério, como motivo para a terminação ou suspensão da condição de membro, segundo o Artículo 1 da normativa.*»

Página 174: «Nos encontros do Conselho estimula-se a expressão de opiniões com total liberdade. Assegura-se aos participantes que podem falar abertamente, já que é tradição do Conselho que *não se atribuíram ou caracterizaram suas afirmações* em meios ou fóruns públicos nem se transmitirá informação à pessoas que possam fazê-la. Espera-se que todos os participantes cumpram com esse compromisso.»

Página 175: «Descumpriria a reformulada regra, sem embargo, qualquer participante que (i) *publicar em um periódico as afirmações de um porta-voz atribuindo-lhe a autoria*; (ii) *repetir essas palavras em televisão, rádio, ante um público ou numa classe*; ou (iii) fosse mais além de um informe de limitada circulação, por exemplo, o periódico de uma empresa, ou agência governamental. O espírito da Regra também implica que *nenhum participante pode transmitir uma afirmação atribuída à um periodista ou a qualquer pessoa que possa fazê-la circular, ou publicar*. A essência da regra pode formular-se de uma maneira simples: *os participantes nas reuniões do conselho não devem transmitir nenhuma afirmação atribuída em circunstâncias nas quais exista o risco de que tal informação circule ou publique-se amplamente ...* »

«Para promover o intercâmbio livre, franco e aberto de idéias nas reuniões do Conselho, o Comitê de Diretores prescreveram ainda: *Norma da Não-Atribuição*, as seguintes guias. *É de esperar que todos os participantes nas reuniões do "Conselho estejam familiarizados e adiram à estas guias ...* »

Página 176: «Os membros que tragam convidados devem completar a «tarjeta de notificação de convidados» e colocá-los ao corrente da *Norma da Não-Atribuição sobre o dito nos encontros.*»

Mais adiante, na página 176: «Como condição de uso, o pessoal do Conselho requererá às pessoas que usem registros ou documentos do Conselho que entreguem um compromisso escrito *de que não atribuíram à nenhuma pessoa viva, nem direta nem indiretamente, qualquer afirmação de fato, ou opinião baseada em*

nenhum documento ou registro do Conselho, sem obter primeiro o consentimento escrito de tal pessoa.»

Em «Uma carta do presidente», no Informe Anual de 1994 do CFR, Peter G. Peterson, afirma na página 7, que: «...os membros têm a ocasião de encontrar-se em sessões *off the record* com o secretário de Estado, [Warren] Christopher, com o conselheiro de Segurança Nacional [Anthony] Lake, com o secretário [de Estado emérito, George Pratt] Shultz, com o embaixador [Mickey] Kantor, com o vice-secretário do Tesouro [Lawrence H.] Summers, com a Junta de Chefes de Gabinete e outros funcionários de altos cargos. Um de nossos próximos objetivos é chegar também aos líderes do Congresso, uma oportunidade que criaremos como componente de um amplo Programa de Washington».

Capítulo 3

1. C. Fred Bergsten, Georges Berthoin e Kinhide Mushakoji, *The Reform International Institutions* (Triangle Paper No!) em *Trilateral Commission Task Forcé Reports: 9-14*, pág. 90.
2. Sklar, Holly, ed. *Trilateralism: The Trilateral Commission y Élite Planning for World Management*. Boston: South End Press, 1980.
3. O informe número 11, «*The Reform of International Institutions*», escrito por C. Fred Bergsten, Georges Belihoin e Kinhide Mushakoji, recomendava que para conseguir o «objetivo prioritário» de assegurar a «interdependência do mundo», colocasse-se «freio à intrusão dos governos nacionais no intercâmbio internacional dos bens econômicos e não econômicos» (1).
4. Em *Trilateralism: The Trilateral Commission e Élite Planning for World Management*. .
5. Kissinger, *Toasts to the Trilateral Commission Founder*. Por ocasião do 25 aniversário do grupo estadunidense, 1 de dezembro de 1998, em www.trilateral.org.
6. Will Banyon, «Rockefeller Internationalism», revista *Nexus*, Volume 11, número 1 (dezembro-janeiro de 2004).
7. Rockefeller, *Memoirs*, pág. 486; e John B. Judis, *Twilight de Gods, The Wilson Quarterly*, outono de 1991, pág. 47.
8. Daniel Yergin e Joseph Stanislaw, *The Commanding Heights*, Free Press; 1997 ed., págs. 60-64.
9. Joan Hoff, *Nixon Reconsidered (BasicBooks, 1994)*, págs. 168, 396 (incluindo citações). .
10. Em *The Trilateral Commission e Élite Planning for World Management*.
11. Will Banyon, «Rockefeller Internationalism», revista *Nexus*, Volume 11, número 1 (dezembro-janeiro de 2004).
12. *Trilateral Commission: World Shadow Government, informe «Running on Empty»*.
13. Carter cita a Laurence H. Shoup, *The Carter Presidency y Beyond: Power y Politics in the 1980s*, (Ramparts Press, 1980), págs. 50-51, e Jimmy Carter, *The Presidential Campaign, Volume One, Part One (US Government Printing Office, 1978)*, págs. 268, 683.
14. *The Insider, John McManus, The John Birch Society*.
15. *Murder by Injection: The Medical Conspiracy against America*, Eustace Mullins, *National Council for Medical Research, capítulo 10*.

16. DI. Anthony Sutton, *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, Arlington House, 1974.
16. Gary Alien, *El expediente Rockefeller*, 76 Pr, 1976.
17. Anthony Sutton, *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, capítulo XI: *The Alliance of Bankers and Revolution*, Arlington House, 1974.
19. Pág. 46 Jennings C. Wise, *Woodrow Wilson: Disciple of Revolution*, Nova York, Paisley Press, 1938, pág. 45.
20. U.S., *Senate, Congressional Record*, octubre 1919, págs. 6430, 6664-66, 7353-54;
21. Gary Alien, *El expediente Rockefeller*.
22. Anthony Sutton, *Wall Street and the Bolshevik Revolution*.
23. Gary Alien, *El expediente Rockefeller*, Capítulo 9, *Building the Big Red Machine*.
24. Hatonn, C. Gyeorgos, *Rape Of the Constitution; Death of Freedom, Tehachapi, California, America West Publishers, 1990*.
25. Anthony Sutton, *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, capítulo XI: *The Alliance of Bankers and Revolution*.
26. *Murder by Injection: The Medical Conspiracy against America*, Eustac Mullins, *National Council for Medical Research*, capítulo 10.
27. Gary Alien, *El expediente Rockefeller*, capítulo 9, *Building the Big Red Machine*.
28. idem.
29. O banco de Rockefeller desempenharia um papel fundamental na fundação da Câmara de Comércio Russo-americana em 1922 sob a direção de Reeve Schley, vice-presidente de *Chase National Bank*.
30. idem.
31. Gary Alien, *El expediente Rockefeller*, capítulo 9, *Building the Big Red Machine*.
32. Como o conhecido bolchevique John Reed nos quis fazer crer em seu trabalho *Dez dias que abalaram o mundo*. Reed foi um famoso escritor da época da primeira guerra mundial que colaborou com o periódico *Metropolitan*, controlado por J. P. Morgan. Reed morreu de tifo na Rússia em 1920.
33. Em *National Suicide* e em sua história em três volumes do desenvolvimento tecnológico soviético, *Western Technology* e *Soviet Economic Development* (para o qual usou como fonte principal documentos oficiais do Departamento de Estado).
34. Gary Alien, *El expediente Rockefeller*, capítulo 9, *Building the Big Red Machine*.
35. Testemunho de Anthony Sutton ante o Subcomitê VII de *Plataform Committee* do Partido Republicano em Miami Beach, Flórida, 15 de agosto de 1972.
36. idem.
37. idem.
38. Gary Alien, *El expediente Rockefeller*, capítulo 9, *Building the Big Red Machine*.
39. *Murder by Injection: The Medical Conspiracy against America*, Eustace Mullins, *National Council for Medical Research*, capítulo 10.
40. *New World Order Intelligent Update*, junho de 1993.
41. «Un Millennium Summit Promotes Global Army», *The Spotlight* 18/9/2000.
42. «A European Army?», <http://www.european-defence.co.uk/article9.html>, 16/10/2000.

Capítulo 4

1. *The Gods Who Walk Among Us*, Thomas Horn and DI. Donald

2. O processo provou secretamente com bebês nos Estados Unidos, os quais foram tatuados com o número da Seguridade Social.
3. *The Me Alvanly Intelligenee Advisor*, Donald S. McAlvany, Estados Unidos, julho, 1991.
4. *Millennium: Peaee, Promises, and the Day They Take Our Money Away*, Texe Matr, Living Truth Publishers, USA, 1990.
5. «Cashless Society gets mixed reviews» 8 de febrero de 2003, www.cnn.com/2003/TECH/ptech/02/08/cash.smart.ap/index.html.
6. *Millennium: Peace, Promises, and the Day They Take Our Money Away*, Texe Mans, LivingTruth Publishers, USA, 1990.
7. *Miebael Journal*, Canadá, Louis Even, maio-junho de 1996.
8. «Time Enough? Consequences of Human Microchip Implantation», Elaine Ramesh www.fplc.edu/rislt/vol18/fall/ramesh.html.
9. *Concem over microchip implants*, Jon E. Dougherty, *World-NetDaily.com*, 1999.
10. <http://www.elmundo.es/elmundo/2004/06/29/madrid/-1088490789.html>.
11. «Get chipped, then charge without plástic - you are the card», USA Today, Kevin Maney, 5/12/2004
12. «Clubbers choose chip implants to jump queues», *NewScientist.com*, Duncan Graham-Rowe, maio de 2004.
13. *Conspirator's Hierareby: The Committee Of 300*, John Coleman, *American West Pub & Dist*, 1992.
14. *Miebael Journal*, Canadá, Louis Even, maio-junho de 1996.
15. *Spotlight magazine*, USA, 13 de abril de 1998.
16. *Spotlight magazine*, USA, 13 de junho de 1994.
17. Chris Berad, setembro 25, 2004, <http://homepages.ihug.co.nz/~pcaffell>.
18. Barbara Brown, «Canadá poised on brink of the cashless society», *The Hamilton Speetator*, 1 de outubro de 1997.
19. *Globe and Mail*, 31 de outubro de 1998.
20. Barbara Brown, «Canadá poised on brink of the cashless society», *The Hamilton Speetator*, 1 de outubro de 1997.
21. http://www.interac.org/en_n2_31_statistics.html.
22. http://www.interac.org/en_n2_32_researchfacts.html.
23. http://legalminds.lp.findlaw.com/lis_tidccp/msg00225.html.
24. Barbara Brown, «Canadá poi sed on brink of the cashless society», *The Hamilton Speetator*, 1 de outubro de 1997.
25. «Mondex: A house of smart cards?» *The Convergence*, David Jones, sábado, 12 de julho de 1997.
26. «Cashless Society gets mixed reviews», 8 de fevereiro de 2003, www.cnn.com/2003/TECH/ptech/02/08/cash.smart.ap/index.html.
27. Westland, C, M. Kwok, I. Shu, T, Kwok e H. Ho. *Electronic Cash in Hong Kong, Electronic Markets*.
28. O comunicado de imprensa da *Mondex* no qual reconhece seu fracasso em Hong Kong pode ver-se em http://www.mondex.com.tw/news_releases/intro_press_center_20030807Jhtml (só em crianças).
29. www.MasterCard.net.

30. «An e-commerce barco de tattoo», WorldNet Daily, Jon E. Dougherty, 30 de setembro de 1999.
31. *Washington metropolitan Área Transit Authority*, www.wmata.com/riding/smartrip.
32. «Retailers eye tiny tracking chips», *Arab Times*, editorial, agosto 10, 2003.
33. *Wal-Mart RFID Tests Underway*, Jim Wagner, *Wireless News*, 30 de abril de 2004.
34. M. K. Shankar, *Algorithm Ensures Unique Object ID*, NIK-KEI ELECTRONICS ASIA, abril de 2001, <http://www.nikkeibp.asiabiztech.com/nea/200104/inet127161.html>.
35. *I Am Not a Number: Freeing America from the Id State*, Claire Wolfe, Loompanics Unlimited; 2nd Revised & Expanded 2nd edition, 2003.
36. *American Free Press*, 21 de abril de 2002, «Get Ready for the Sovietization of America», de Al Martin.
37. *The Telegraph*, 26/09/2001.
38. «Smart cards to contain biometric data», Laura Rohde, 9 de fevereiro de 2000, CNN.
39. idem.
40. «From face scan cameras to thumb scanners, biometric technology is the police state system of total control», Alex Jones, *Info-wars.com*, 16 de agosto de 2001.
41. idem.
42. ACT Canadá: www.actcda.com.
43. «From face scan cameras to thumb scanners, biometric technology is the police state system of total control», Alex Jones, *Info-wars.com*, 16 de agosto de 2001.
44. *Indivos wins patent for transactions technology*, *East Bay Business Times*, Staffwriters, 21 de agosto de 2001.
45. *Austin Business Journal*, 7 de março de 2001, edição on-line, *National Retail Federation*, 2 de maio.
46. *Scripps Howard News Service*, 1 de fevereiro de 2001.

